

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academic

N.º 5

COIMBRA — Sexta-feira, 1 de Janeiro de 1909

Director e proprietario

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Oficinas de composição e impressão

Largo da feira, 26, a 27.

A Nôra Rotativa

Após a execução do rei Carlos na tarde de 1 de fevereiro, quando os Conselheiros de Estado se acharam reunidos para orientar o novo Rei no caminho a seguir em face dos estranhos acontecimentos que tam inesperadamente e tragicamente o tinham levado ao trono, todos foram concordes em que o primeiro ministerio do novo reinado tinha de ser extra-partidário, já porque era absolutamente indispensável a união de todos em volta da Córda, já porque a política dos ultimos meses colocára cada um dos chefes de partido na impossibilidade de governar com a opinião.

Com efeito o ditador João Franco, embora com o propósito exclusivo de formar partido, conseguiu — e esse foi o unico serviço que o paiz lhe ficou devendo — mostrar ao povo portuguez quanto tinha sido perniciosa para a sua vida e para o seu futuro a existencia dos partidos rotativos, assim chamados porque alternadamente se banqueavam com os dinheiros publicos e alternadamente se absolviam dos crimes praticados.

Essa demonstração fizera-a o ditador, completa e clara, no dia em que precipitada e epilecticamente confessara ao paiz a existencia de adeantamentos ilegais à Casa Real.

Esses partidos portanto estavam completamente exauridos perante a nação no dia em que a nação pela carabina do Buiça expulsava do poder os tiranetes que á custa de tudo e de todos pretendiam ser cumplices de adeantadores e de adeantados, fazendo uma liquidação criminosa de tam criminosos factos.

Nenhum dos chefes se atreveu, por isso, a oferecer-se nessa histórica reunião do Conselho d'Estado para isoladamente arcar com as responsabilidades do poder, apresentando um programa ou um plano que desse ao novo rei a impressão que á sua volta estavam homens de inteligencia e dedicados ás instituições que elle, inesperadamente, agora representava.

Era cheio de interrogação o dia seguinte e nenhum delles queria isoladamente sacrificar as suas ambições e bem estar futuros ao problemático triunfo das instituições monarchicas — que acabavam de perder um dos seus maiores inimigos na pessoa do seu mais alto representante.

Foi por isso que todos concordaram em que o chefe do novo governo fosse alguém que não desse ao paiz a ideia de que estavam no poder os antigos devoristas, os antigos criminosos.

Esse homem que, com mil protestos de admiração e confiança, os conselheiros foram arrancar ás suas socegadas digestões de gastronomo, foi o sr. Ferreira do Amaral,

Tinha s. ex.ª fama de bom garfo e de possuir ideias liberaes.

Era o que bastava. Cancado por constantes e variadas emoções,

atadigado pela serie continua de sobresaltos em que a ditadura o fez viver durante longos meses, o povo portuguez aceitou de mão beijada esse governo que miraculosamente lhe aparecia a oferecer-lhe a liberdade tam desejada.

Tendo respirado desafogadamente após as descargas do Terreiro do Paço, como se com elas se tivesse purificado o ar, o povo portuguez essencialmente bom e sentimental, deu-se por satisfeito com abraçar de novo os que tinham defendido os seus direitos ameaçados e que a ditadura havia atirado para o fundo das prisões, com o propósito deliberado de os mandar para o degredo e para a morte.

Alguns meses passaram, e de novo esse povo acorda para a luta e se convence definitivamente que é impossivel a sua liberdade e o seu progresso com a existencia das instituições monarchicas. A monarquia reincidente e incorrigivel dá as provas do seu odio ao povo e da sua imoralidade em governar, ordenando os fusilamentos de 5 de abril e a condenação do capitão Thomaz Cabreira, e votando o artigo 5.º do projecto de lista civil do Rei que entregou a uma comissão extra-parlamentar e de homens suspeitos a resolução da melindrosa questão dos adeantamentos.

A opinião levanta-se novamente, e é embalde que se procura erguer o prestigio das instituições, fazendo a amostra do rei por terras de prvinci.

Ao mesmo tempo em cada um dos partidos monarchicos, cujas clientellas não podem consentir que o bolo seja repartido com a dos outros, deha muito que se vinha notandoum enorme, imenso desejo de ser poder e novamente recomeçar a antiga e regalada vida de, enquanto governo, ir acumulando bem estar e conforto para os tempos duros,

embora necessarios para haver moralidade, da revolucionaria oposição. Como sair, porem, do atual estado de coisas e bruscamente entrar no regimen antigo da nôra rotativa?

Era difícil. O sr. Ferreira do Amaral, talvez com o propósito de se segurar mais tempo na cadeira ministerial, fizera jurar ao Rei repetidas vezes o propósito em que estava de, houvesse o que houvesse, não dissolver as cortes, como era costume e vicio de seu paes, quando nellas via um obstaculo aos seus planos de rei absoluto.

Por outro lado nenhum dos partidos tinha isoladamente um numero de deputados suficiente para poder governar.

Esperar ainda dois annos era muito e por isso nós assistimos a essa intriga sem igual que tirou o governo das mãos do unico homem que era capaz de fazer viver algum tempo mais a já gasta e irremendavel monarchia portuguesa.

E para que o rotativismo voltasse de novo a desperdiçar o nosso dinheiro e a pôr no prego o pouco que nos resta, e para que não continuasse a forçada concentração dos partidos é que alguns dos elemen-

tos mais ambiciosos e irriquetos, do partido regenerador resolvem passar-se para o partido progressista levando com elles, o numero suficiente de deputados para que o glorioso partido dos Passos possa governar, sem ter de oorigar o Rei a faltar ao seu juramento, logo no primeiro anno do seu reino.

Tiveram sorte os progressistas em ser o partido regenerador aquele em que havia mais irredutibilidade entre os chefes.

Foram infelizes os regeneradores porque têm de esperar uns tempos para serem governo.

E' só o bastante para o alcatruz progressista encher.

Até lá, paciencia... e promessas de vir a governar com liberdade.

Carneiro Franco

COISAS & COISOS

Musa Alemtejana

Um livrito de rimas pandegas feito pelo processo do enchedo.

O auctor, com uma regionalidade caracteristica, meteu em tripla rimas sobre rimas, e depois d'um fumeiro aturado pôl'as á venda.

Há lá de tudo. Desde o paio gordo à morcelinha doce.

Para corações burguezes, pouco tratados, é uma leitura amena.

Não dá impressões, não arrepiá, não massa. E' uma especie de narcotic sulfureto, muito para desejar á cabeceira d'um doente de insomnias. Tem versos que levantam o bom humor até ao riso, como por exemplo: Os bebedos em que o auctor esmagado por uma rima, se vê forçado a descrevelos com as bocas em o.

E assim, diz:

Que sahem das tavernas
Etc, etc, e fazem dô
Incertos nas pernas
Com as bocas em o.

Mas tambem podia dizer:

Que sahem das tavernas
E voltam para lá
Incertos nas pernas
Com as bocas em H.

Ou ainda:

Que sahem das tavernas
E voltam para lá
Incertos nas pernas
Com as bocas em H.

E' claro, que isto só pode fazelo quem pela sua consagração já tem fôros d'artista, e o auctor da Musa Alemtejana tem-nos.

Ainda não ha muito, que a Direcção Geral d'Instrucção Publica, lhe incumbia a factura d'uns versos para o *Hymno Bischolar*, e em pleno Agosto, os estudantes primarios portuguezes cantavam ao ar livre esta perola litteraria

Nós somos a carne
Os nervos, o sangue
O bôfe e o intestino grosso
De Portugal

Eu bem sei que este hymno era mais adequado a uma associação de cortadores, mas arte está n'isso precisamente. O talento tambem pôde ser negativo, e nem por isso deixa de ser uma manifestação intensa, original e typica, capaz de merecer tambem uma consagração. Consagração negativa, mas consagração.

Na Musa Alemtejana ha prosas rimadas, com aquellas descripções batidas das

CELEBRES... DE BORLA



CONTRASTES...

Entre flores vivendo, angelisado
No seu ar recolhido em que esvoaça
O perfume das flores e a graça
Do seu farto bigode recurvado...

Como as flores subtil, divinisado
Entre thalos e troncos, quando elle passa
Nem sombra de maldade ou de desgraça
Baila no seu olhar extasiado...

Contam as chronicas, porem, que um dia,
Dia de sustos móres e má sorte,
Todo o seu ar do ceu se desfazia...

E no clauso silente, entre os mais lentes,
Julio Casto das Flores — deu á morte
As cabeças de sete impenitentes.

Dr. Brotero

charnecas do Alemtejo — cortiça, montados, bolota e guizeiras.

E' uma especie de roteiro em verso, muito util aos viajantes que pretendam conhecer a regiao.

Mas agora a serio: o auctor gastou muito dinheiro na impressão do livro — papel, composição, brochura e editor. Pois bem, não seria mais util ter dado esse dinheiro aos pobres? Não seria isto alguma coisa, em relação a um livro que não é nada?

Teria agora uma dezena de bocas a abençoá-lo, e assim tem uma dezena de espíritos a destruir-o.

Acredite Senhor Conde — para a outra vez dê antes o dinheiro aos pobres,

e conseguirá ser util como nunca o foi em toda a sua vida literaria.

E custa 800 réis a Musa Alemtejana!!! Valha-me Deus.

O Borda d'Agua a 10 réis e V. Ex. com ingenuidades d'esta ordem!

X.

EXPEDIENTE

Aos nossos assinantes pedimos desculpa de qualquer falta cometida pela administração do nosso jornal durante as férias, como pedimos tambem que nos sejam participadas as mudanças de residencia.

A REVOLTA

A questão religiosa

Noticiaram os jornaes a visita do governo ao nuncio logo apoz a volta do Paço. Tem razão a *Palavra* para estar satisfeita. O representante da curia romana não tem de nós apenas a falta de simpatia, que merece um poder que não reconhecemos e que afronta a nossa dignidade de homens, condonando a liberdade e os mais seguros princípios até hoje descobertos e demonstrados pela sciencia.

Não. Pessoalmente se tem envolvido nas nossas contendas, sendo o maior sustentaculo da reação agora vitoriosa. Com os jesuitas, executores fieis das suas ordens, tem ele estado á frente da campanha d'odios, movida contra uma parte dos portugueses por quem do estrangeiro parece receber indicações, e por educação e por tradições nada tem com que se recomende ao afeto dos que acima de qualquer convicção politica sempre colaram e sempre prezam a sua qualidade de liberares.

Nenhuma simpatia temos, pois, pelo visitado, mas nada teríamos que dizer das atenções com que o distinguiram, se um costume antigo, um precedente, um só, existisse, com que perante nós mesmos podessemos desvanecer um tal preito de vassalagem, relegando-o para a categoria daquelas praxes sem cér e sem sentido com que nesta terra de velharia somos assediados.

Mas o precedente nunca se deu. Abriu-o o novo ministerio á má-cara, sem subterfugios e sem motivo. Tiveram talvez medo os novos ministros de que por detrás do ouropel da farda e de dentro da pasta dos Estrangeiros não conseguissem reconhecer a pessoa e sentir o cheiro de santidade dum beato do Porto, grande frequentador da residencia dos jesuitas.

Temeu o sr. Alarcão que fossemos tomar o livro de missa, com as suas orações devotas, por um dos muitos codigos que julgariam dever posuir o ministro da Justiça!

Demasiado sam conhecidos e apear de não serem s. ex.^{as} nenhuns *fura-paredes* sabiam bem que a ningum lograriam enganar. A provocação foi, assim, clara e premeditada, e a saída do Paço e a entrada na Nunciatura, apenas separadas por uma corrida, talvez sejam indicador bastante do anjo bom a quem a devemos devolvêr.

Isto não é um embate de princípios da nossa época, que como tais devem merecer-nos aquela liberdade e aquela tolerancia, que não deprimindo os nossos, ao contrario os robustecem e os firmam. Acatar, reverenciar dogmas e discutir escrupulos de consciencia bom seria para os beatificos serões dos peralvilos e das sécias do tempo da Sr.^a D. Maria I. Fazer do predominio, que sobre imbecis ou ignorantes facil se alcança, a muralha resistente em que se enclausura um povo, bom era no tempo da Inquisição e do senhor rei D. João III.

Transportar essas preciosidades e essas santas intenções, séculos em fóra, e querer hoje resuscitar um corpo, que empalideceu ás gargalhadas de Voltaire e se desleia e se volatise ante a energia e o calor de novas ideias — pode ser que alguém se tenha imposto essa tarefa, mas deve contar com a guerra, sem discussão e sem transigencias, uma e outra injustificaveis ante um espetro que num mundo á parte vive, e do tipo normal da nossa especie tan distanciado está, que mal podemos reconhecer um nosso antepassado. Foi intensão do ministerio definir a sua posição, lançando-se abertamente nos braços dos inimigos da Liberdade.

Não podia ter sido mais feliz a escolha do sinal, com que se apresentar a publico. A argucia feminil, que parece ter afeiçado o cerebro dos novos ministros, predominando como qualidade principal e diretriz, nada melhor poderia ter produzido que num momento a todos interasse da situação.

Com ela nos defrontamos desde hoje, seguros de que nem a Onipotencia do alto, nem as artimanhas de velhos politicos conseguirão já agora evitar o embate que com arrojo, mas talvez levianamente, a estupidez d'alguns homens provocou.

P. J.

Mario Machado

Chamamos a atenção dos nossos assinantes para o annuncio que este nosso amigo faz hoje inserir na respectiva secção.

MIUDEZAS...

Era chegado o momento. O sabio, (cujo douto nome susurravam com respeito e devoção as mais famosas Academias Scientificas do mundo) ia finalmente passar á sala de recepção. Um ultimo lacai, escanhado teso, em breve repuxar o heraldico reposteiro carmezin, e logo por detrás, risonho e affavel, lhe ia aparecer aquelle moço gentil cuja ilustração estranha em idade tam curta, saira já das antecamaras e andava de boca em boca, como um milagre.

Fôra um convite directo, pessoal, para a apresentação em palacio; e embora pouco lhe lisongeasse a vaidade scientifica não se poderia jamais ter escusado.

Tinha de ensileir com os outros: com os politicos — os politicos das eternas curvaturas, — com os «snobs» que no Chiado exhibem genealogias ramificadas e duvidosas, com as «snobettes», que apparecem, em revoda, por toda a parte, afoguadas, dando palmas, cantando vivas...

Fôra um convite tam formal! «Queria conhecer todos os sabios e todos os artistas.» O proprio cortezão confidenciara que se tinha feito uma lista, muito completa, e que o seu nome — «com justiça!» — logo encabeçara o rol.

E ali vinha elle, curvado, saturado de trigonometria, com os seus oculos, os sâus collares e as suas rosetas...

Porque, afinal — tinha de ser! Aquelle afilhado, a despachar, na secretaria da Fazenda, impunha-lhe este sacrificio. Se não aceitasse o convite do cortezão, de nada lhe serviam as rosetas, os collares, a trigonometria, que os almanaks citavam com orgulho e os jornaes bendiziam patrioticamente.

E a um signal do lacai, agalhado e rígido. — entrou

... Então, então, porque se não sentava? Queria-o ali bem perto delle, conversando. Na verdade, «a patria contava nesse um dos seus filhos mais dilectos», vivia da sua gloria. Quanto prazer, quanto prazer em conhecê-lo! Era ainda muito novo, já nos quebrados improprios, ouvia falar delle, do Grande Mathematico, ao seu professor. Depois, a álgebra, a trigonometria, a astronomia, tinham-no sempre interessado muito. Tanto! Bem sabia, lá fôra diziam que «elle» era um artista, desenhava a sciencia preferindo a phantasia. Assim lera, já, em revistas. Mas se muito gostava duma sonata de Beethoven ou duma tela de Watheau, gostava mais, incomparavelmente mais das mathematicas. Tanto assim que lera já, (confessava: só nos últimos anos) as volumosas obras do Sabio e aquellas memorias que os Congressos e as Academias tinham escutado, com assombro e em silencio...

... Lentamente foi-as enumerando todas, uma por uma, ciliando datas, prefácios, particularidades, o exito das edições vulgarizadoras, que a fama ia espalhando pelo Mundo. «Ah! a ultima! A ultima fôra, com effeito, um triunfo!» Que tremendo desastre para o Schwartz, o doutissimo alemão, que vira assim num minuto repudiada a sua engenhosa exposição acerca dos triangulos esphericos! Na verdade, fôra extraordinario!

E durante meia hora, enleado como um leccionista modesto, o sabio escutou sorrindo aquella voz moça, timbrada e lenta, que desfazia vitorias superiores.

Uma ultima reverencia, um aperto-de-mão vigoroso, bem expressivo. «Que viesse! Que voltasse, sempre que quisesse!»

Ah! Positivamente, a sua descon-

fiança fôra vencida pelo prestigio daquela mocidade sabedora. Ali dentro, illuminado pela luz macia da tarde, estava alguém com um pequeno cerebro já bem mobilado.

Quem poderia duvidar!

Mas um cortezão, de sobrecasaca, abeirando-se ao sabio, toma-lhe o passo incerto; e abrindo na face gordalhosa uma ruga rosada, adocando a voz:

— Que tal? que tal?

— Immenso sympathico, pois não?

Immenso, esplêndido conversador?

O sabio concerta os oculos, procura uma «phrazé» na espessura da alcatafa. Mas o outro detem-no com um gesto.

E chegando-se mais, quasi ao ouvido, como se ardesse de admiração:

— E o que elle trabalha? Imagine: hontem, levou todo o dia a ler catálogos de livraria, a «Biographia dos Homens Notáveis», os jornaes que apreciam a sua obra... sei lá! Tudo para se preparar para a sua visita! E muito estudioso, hein?

G. Lussac.

Factos e Commentarios

Dr. Antonio José d'Almeida

Esteve entre nós este nosso muito ilustre correligionario embora a sua vinda a esta cidade não fosse do agrado dos seus amigos, pois a isso foi forçado por um acidente de automovel que ia pondo em perigo a sua vida.

Felizmente, o sr. Dr. Antonio José d'Almeida ficou apenas ferido num braço nado soffrendo os seus companheiros de viagem.

A conferencia que ia realizar em Govueia a pedido do nosso correligionario Pedro Botto Machado, ficou adiada para quando o illustre deputado republicano se encontrar curado.

Muito desejamos que seja breve.

O Indispensavel

Em todos os ministerios tentados depois da saída do sr. Amaral do poder, Espregueira foi sempre indispensável na pasta da fazenda.

Está claro que também ficou neste misterio W. C.

— Monarquia sem Espregueira, é monarquia limpa de aventureamentos, pode-ria alguém pensar. E ela não quer passar por morrer lavada.

A pôrca...

Palavra de rei...

O sr. D. Manuel jrou, por varias vezes, jamais prescindir do parlamento para a solução de crises nacionaes e politicas.

Inconstitucional, nunca!

Deu ha oito dias um golpe-d'estado ajuizado pelo sr. Julio de Vilhena.

— Ditadura, Deus te livre!

Vai adiar o parlamento por seis meses e o intermezo será regido pela tolerancia e principios liberaes do sr. Campos Henrques... P'râ frente é que é o caminho!

Palavra de rei... não volta atras.

Diz a «Palavra»

«Por um decreto da sagrada congregação do Concilio, datado de 14 de dezembro corrente, Sua Santidade dispensa os fieis do mundo inteiro do preceito da obstinencia no proximo dia do anno novo que como se sabe cae numa sexta-feira.

Quanto á abstinencia, fica pois, o proximo dia primeiro de janeiro inteiramente livre, sendo permitido tambem o uso de carne e peixe á mesma refeição.

Ainda bem, S. Santidade foi prevente. E então aquella deliciosa mistura de carne e peixe deve ter agrado imenso ao senhor Ferreira do Amaral que agora pretende desfarrar-se do muito que perdeu, enquanto fazia discursos e brindes nos regios jantares.

Uma abstinencia de entrada era forte, tendo demais a mais guardada para esse dia uma explendida perna.

Um equívoco

Dizem *As Novidades* a propósito da ida do senhor Vilhena ao paço que o rei se recusou a exonerar aquele senhor do cargo de Conselheiro de Estado

que ha muito desempenha e que estava agora disposto a abandonar, em virtude de ver uma desconsideração pessoal no facto de o Rei o não ter chamado para formar gabinete. Mais diz o jornal do senhor Teixeira de Sousa que tudo ficou bem, pois que se tratava dum equívoco.

Um equívoco achamos forte, se bem que quando foi da greve academica um quintanista de medicina houve que declarou ter entrado nas aulas — e portanto atraido a sua palavraria e os seus companheiros — por equívoco!

Este equívoco Julio de Vilhena!

A debandada

Noticiam os jornaes que os regeneradores do Porto reunidos em assembleia geral aprovaram por unanimidade uma moção de respeito, admiração e confiança aos senhores Campos Henrques e Wenceslau de Lima.

E' natural. O mesmo vai suceder com outros regeneradores da província que não estão dispostos a largar a posta, só para serem companheiros de desgraça do senhor Vilhena, embora as suas simpatias não sejam muitas pelos actues ministros.

E o senhor Vilhena que vá dizendo que é o chefe do partido regenerador. Já que não tem o proveito que tenha as honras. Sempre é ter alguma coisa.

Hinda da beatifica «Palavra»

«Coração de Jesus

Valle de Ladrões, 29 — E' esperada no dia 15 de janeiro proximo a imagem do SS. Coração de Jesus.

Esta associação começou no dia 8 de dezembro de 1907 e tem brevemente a imagem que é suspirada por esta freguesia.

O presidente que é o rev. parochio desta freguesia, Padre Abel Maria de Souza, tem-se empenhado pela devoção ao SS. Coração.

Os Zeladores e Zeladoras tem desempenhado o papel que lhes foi confiado.

No meio desta salgalhada em que o SS. Coração de Jesus nos aparece transformado em associação cuja imagem é suspirada e por causa da qual o padre da freguesia se tem empenhado (pobre homem) não obstante as zeladoras terem desempenhado o seu papel (não se sabe bem em que comedia) concluimos apenas que o SS. Coração de Jesus é esperado por estes dias em Valle de Ladrões.

Pobre senhor! agora é que elle fica sem tunica, se é que ainda a tem.

Julgamento

Realizou-se em Lisboa na passada 3.^a feira o julgamento do tenente da guarda Municipal Teixeira Lopes acusado de contra a lei e as ordens dos chefes ter ordenado os fuzilamentos de 5 de abril na igreja de S. Domingos.

Não obstante os depoimentos serem esmagadores para o acusado, este foi absolvido.

Pudera. Ele não fez mais do que lhe tinham mandado.

E agora vão ve-los, aos senhores oficiais da municipal. Ao mais insignificante tumulto foge ao centro do alto para não gastar muitas munições ao Estado.

Ai! esta nova monarquia!

Almanach d'O «Mundo»

Recebemos este magnifico Almanach, esplendidamente colaborado e que constitue uma bella resenha dos acontecimentos do agitado anno politico passado. Alem da sua variada colaboração literaria traz tambem nitidas fotografuras dalguns dos homens mais eminentes do partido republicano. Agradecemos o exemplar oferecido.

O Xuão

Recebemos o ultimo ultimo deste semanario de caricaturas que como os anteriores vem cheios de muito espirito. Agradecemos.

Coisas da Universidade

A compra dos livros

Passando em revista as coisas extravagantes da Universidade logo nos acode esta de que hoje vamos tratar e que é uma das mais curiosas.

Referimo-nos ao facto, que não se dá em qualquer outra escola, de os estudantes serem obrigados a comprar certos livros, sem o que não lhes é permitida a matrícula.

E' este um dos privilegios desta escola. O estudante que quer matricular-se é obrigado a apresentar um documento comprovativo de ter pago na imprensa da Universidade, os livros respectivos, isto em obediencia a um edital de 1807 e a outros diplomas de 1824 e de 1863.

Esses livros são pagos por preços elevados porque a Universidade como editor que tem a certeza de vender as suas edições, carrega nas cifras. E' assim que ella nos impinge por 850 réis o código civil e por 1\$200 réis o código de processo civil (estes preços são os actuais porque nós ainda pagámos esses livros respectivamente por \$300 e \$200 réis) quando é certo que ha outras edições cá fôra muito mais baratas, até mesmo a 240 rs.

E nos outros livros mantém-se, pouco mais ou menos, esta exorbitância de preços. De maneira que o estudante que podia obter os livros necessários por preços razoaveis, ou comprando edições baratas ou exemplares em segunda mão, é obrigado pelos regulamentos universitarios a pagar os livros de que realmente precisa e alguns de que nunca chega a precisar, pelos preços que muito bem lhe quererão exigir.

De assim a casa editora *Universidade & Comp.*, obrigando os alunos a fornecerem-se de livros na sua loja, arranca a cada um dos que se tornam em Direito a bonita somma de 24\$710 (segundo a *Relação dos livros do anno lectivo corrente*).

Nas outras facultades dá-se o mesmo que na de Direito, embora a quantia extorquida seja menor.

Isto como se não bastassem as propinas, certidões, assignaturas de termo e não sabemos que mais maneiras de atacar a bolsa, por vezes bem magra, dos que tem a desdita de frequentar a Universidade.

Ora nenhuma outra escola do paiz faz este negocio. Em todas elas o alumno compra os seus livros onde muito bem lhe parece, ou, se não quer compra-los, pede-los emprestados.

A REVOLTA

TRIBUNA DOUTRINARIA

Tomando posições

Na luta ingente que tenho travado com o velho Padre Eterno, ou o Preconceito, como também se lhe vae chamando, eu não tenho encontrado militando nas fileiras inimigas espíritos tacanhas. Não. Por infelicidade da Humanidade, eu tenho-me visto braços com uma hoste temerosa de homens perspicazes que, numa serie ininterrupta de batalhadores audaciosos e incansaveis, tem em todos os campos oppostos resistencia tenaz ao embate da minha luz, entrincheirados por detrás da espessa muralha da ignorância das multidões e abrigados pela tyrania dos detentores do poder civil.

Esses batalhadores a cada pedra do seu edifício nefasto que eu desmorono com o ariete da razão libertada, tem substituído uma couraça formidável de subterfugios sagazes com que vem ludibriando a confiança facil dos homens nescios.

Mas não é de balde que a experiência humana orientada e disciplinada se transmite hereditariamente nas suas conclusões através de séculos inumeráveis, gerando essa faculdade excelsa que distingue o homem dos seus convivas sobre a terra.

A sublimada deusa das gerações futuras, — a Razão, ha de, apesar dos esforços dos legionários do Dogma, deruir até ao pó do aniquilamento o já vacilante castro onde, pelas brechas consideraveis que nesse abriu a catapulta da scienza, penetra a luz purificadora cujo terror compellirá o Preconceito a recuar para as regiões do mytho donde provou.

Eu poderia assestar as minhas baterias contra todos os systemas religiosos que nemhun delles arrostaria com o seu temeroso embate, impávido e irresistivel.

Não careço de tanto esforço. E' bastante implantar o estandarte da Verdade na orgulhosa torre do Vaticano.

Conquistando esse reducto de desa-nove séculos, vencido ficará para sempre o Erro.

Nenhuma das outras religiões tem o arcabouço tão bem travejado como a Egreja Romana. E' ella própria que o demonstra e, confessemol-o, demonstra o bem.

Desde o alicerce que tenta firmar-se a — História — até á vulpina accommodação que faz de algumas conquistas da experiência humana, a Egreja Catholica tem ao seu dispôr um labirinto de conceitos tão apparentemente congruentes com a Verdade que, não é dado a todos os homens, senão uma minoria sómente, encontrar o fio de Ariadne que nos possa reconduzir para fóra desse labirinto quando, nelle tentarmos penetrar em busca do minotauro do erro.

As colunas que lhe firmam o edifício podem synthetizar-se em tres principaes: — a philosophia racional, a tradição biblica e patristica e a dogmatica fundamental.

Nos jogos malabares de palavras com que avolumam a sua philosophia, aglutinada com uma metaphysica tenebrosamente enredadora, está o meio com que affeçoam as intelligencias à receptividade dos absurdos que depois lhes hão de inculcar.

No tradicão apparentemente histórica buscam, com bastante exito, a cínia com que entenebrem os olhos dos mais rebeldes á metaphysica.

Com a dogmatica, partindo da philosophia, como subsidio informador, e esculpidos na pseudo-história, elaboraram o fecho ao edifício que pachorenta e accuradamente vieram preparando num envenenamento gradual e systematico das intelligencias que podérão colher nas malhas apertadas da sua rede nefanda.

Apanhados alguns homens argutos e disciplinados, todas as dificuldades estão minorados: A massa, a multidão, essa, será arrastada pelo argumento com que se demovem os ignorantes e os preguiçosos: — a autoridade dos grandes homens!

E aquelles trea esteios da Egreja Catholica estão tão bem enfeixados, tão solidarios, que constituem um corpo de doutrina na apparença harmonico e toleravel.

Desde a philosophia tentando demonstrar a possibilidade e existencia do *Nada* (!) até á Dogmatica demonstrando que a Egreja Romana é a depositaria dum religião verdadeira, necessaria, indefectivel, universal, divina, tendo passado pela tradição biblica e patristica cujas ingenuidades e grosserias pas-

sam, num círculo vicioso, por sobre toda a critica, cavalcando a Fé accommodatia e bisonha, eu encontrarei bellos trechos de estupida desfaçães com que desopilar a curiosidade d'aqueles que não tem ocios bastantes para refletir sobre estes assuntos.

Lucifer

POLITICA

Eu odeio toda a especie de banalismo; desde a *naifada* fadista vibrada ao voltar duma esquina até á intriga canalha dos paços reaes. Se ámanhã alguem matar o meu mais terrível inimigo, ainda que em virtude de essa morte, venha a herdar uma grande riqueza, eu, que nada posso, odiarei o assassino. E' por isso que em quanto a minha alma de democrata rejubila com a degradação em que escabuja a politica do regime, sinceramente lamento o rei, que é uma creança, sympathica ou antipathica, mas uma creança indiscutivelmente. Como tal elle me merece toda a deferencia, como homem, como meu semelhante; como rei é pessimo porque todos os reis o sam.

Mas que criaturas o cercam, que estendal de vergonhas o rodeia!

Nesta hora tremenda em que o paiz e as instituições atravessam a mais dura phase de que na nossa historia ha memoria, quicá na de todos os povos, esgotam-se as iner- gias e o tempo numa luta mesquinhia de interesses e ambições; sensuravel em qualquer outra occasião, abominavelmente criminosa no momento actual.

Que confiança podem inspirar ao paiz essas criaturas educadas na mais baixa politica de regedoria, ignorantes e corruptas? Que confiança podem inspirar ao rei essas criaturas que abandonaram seu paí naquella tragica noite de 1 de fevereiro, e que depois de lho levarem á morte o querem precepitá mais depressa dum throno mal seguro que uma politica honesta aguentaria alguns annos? Que podem esperar as nossas colonias, miseravelmente abandonadas, em ruinas quasi, dum ministro da marinha que tem como unica qualidade notavel uns bigodes compridos e que de mar só conhece a bahia de Cascaes?

Que ministerio é esse que se inventou para aí, sete zeros, conhecidos uns pela sua estupidez, outros pela sua accão preponderante nas mais vergonhosas traficâncias do reinado transacto, e todos pela sua ignorância? Que escarro é este cuspido do alto do throno sobre a face livida da nação indiferente?

Sempre assim foi a *vida nova*. Hoje já, instruido pela experiença, quando o paiz ouve gritar, aos homens do governo — vida nova! vida nova! sente calafrios pelo receio do que irá passar-se, que elle sabe se machina alguma nova infamia ou que os homens da governança querem mais oíro.

Eu nunca guardo a minhas algibeiras com mais cuidado do que quando um ladrão me diz que quer torná-se um homem honrado.

A fera é mais perigosa quando recua; parece que vae afastar-se mas o seu fim é unicamente que o ataque seja mais rude. Velha manha safada já, essa de adormecer o povo com promessas mentirosas, o que é pessimo, feitas em máu português, o que é horrivel. O povo já não é aquella creança docil que rezava pelo senhor D. Miguel, que se sentia feliz com os desperdícios dos reis; elle já se não deixa embalar, beatificamente, pelo canto das sereias ministeriais — quer ser livre, quer ser feliz.

Com todos estes elementos, admiravelmente disciplinados, dispostos a todos os sacrifícios, orientados e dirigidos por

O povo quer! Eis aqui o que deve aterrorizar muito boa alminha do seculo XII, que as ha em barda por esse Portugal fóra. Pois quer, em que lhes peze, e o que elle querha de fazer-se.

F. C.

A RALE

Raros são os que dentro do partido monarchico, mórmente no meio academico, não appellidam de — *ralé* — e portanto como refugo da sociedade, todos os que não militam no seu partido e se permitem defender a causa republicana ou outro ideal mais avançado, onde a palavra — liberdade — encontra significação mais ampla e mais consentânea com a razão humana.

Para aquelles, só dentro do arraial monarchico, se observa a nata da sociedade, isto é, os que primam pela sensatez, os que revelam coerencia com os sãos principios, os que fulguram pelo talento, os que brilham pelo raciocinio, os que pensam com a verdade, constituindo todos os outros, a arraia miuda, a turba miserável, a multidão ignara sempre inconsciente, irreflectida, irreverente, systematicamente hostil, acintosamente adverse, indigna da mais leve consideração e merecedora apenas do mais rigoroso castigo, e do cruel desprezo, sendo pois licito, em tal caso, recorrer ás mais vis calumnias, ás mais servis infamias, ás mais degradantes difamações, contanto que tais meios realisem o objectivo desejado, isto é, que inutilisem moralmente o individuo que teve a suprema audacia de se tornar adversario da ideia que elles patrocinam por convicção ou por interesses meramente pessoais, na maioria dos casos.

Resumindo: a intolerancia é o seu principio irreductivel, a intriga o seu meio de combate, o absurdo, o fim ou objectivo que defendem.

Entretanto uma leveira e desapaixonada analyse é mais do que suficiente para levar ao espirito de toda a gente a convicção inabalável de que o partido republicano em Portugal, é precisamente constituído, na sua quasi totalidade, por elementos que se impõem aos homens sensatos, criteriosos e honestos, pelas scintillações do seu intellecto, pelos explenadores do seu espirito, pela nobreza do seu caracter, pela justica da sua causa, e pela sinceridade da sua convicção.

Haverá por acaso alguém que, honestamente e com consciencia das suas afirmações, negue a existencia de tais predicados na pessoa de Theophilo Braga, o grande pensador, esse vulto sublime que enche a historia litteraria d'um paiz, que domina o espirito d'uma época, que attrae e se impõe á admiração do mundo ilustrado?

E o que dizer de Guerra Junqueiro,

que pela sua cerebração privilegiada, ma-

gnifica, estupendamente phenomenal, não

pertence hoje ao nosso paiz, mas a toda a humanidade?

Estes dois nomes, quando mais não fosse, bastavam, por si sós, para afirmarem a existencia d'um partido, cujo ideal devia ser respeitado.

Alem destes pôrem, quem ha tam-

bem que, conscientiosamente, ponha em

duvida o valor, merito e honradez de

Manuel d'Arruda, Bernardino Machado,

Antonio José d'Almeida, Brito Camacho,

João de Menezes, Afonso Costa e tan-

timissimos outros, que seria agora ocioso

enumerar e que igualmente enfileiram

no partido republicano portuguez?

E os outros, os anonymous? perguntarão de certo os nossos adversarios.

Responderemos que esses, os despro-

tegidos, em geral, da fortuna, os filhos

de instrucao, os que lentamente se ex-

tinguem no fundo das officinas, os que

mourejam na crudelissima luta pela vida,

os que mal ganham para a aquisição do

negro pão que comem, os que, em face

da crise de trabalho, não encontram apli-

cação para as suas aptidões e vagueiam

por isso esfomeados, quasi nus, todos es-

ses, representantes de todas as classes, e

que constituem o forte do partido republi-

cano, são os que, no seu conjunto, pen-

sando, sentindo e querendo, verdadeira-

mente synthetisam a vida, a alma e a ri-

queza incalculavel da nação, por que tu-

do produzem, porque são as alavancas e as

energias do progresso, porque são n'uma

palavra, os que formam aquella grande

parte da opiniao publica que traduz ver-

dadeiramente o estado do paiz e as suas

aspirações.

Com todos estes elementos, admiravel-

mente disciplinados, dispostos a todos

os sacrifícios, orientados e dirigidos por

incontestaveis mentalidades, paladinos d'um causa justa e racional, assim vemos organiado um partido que revela o seu valor pelos efeitos da propaganda, que accentua o seu caracter pelas provas do seu civismo, que traduz o seu vigor pelo numero dos seus adeptos, que assegura a sua robustez pelo receio crescente dos seus adversarios, que, finalmente, affirma a sua força conquistando pelo seu voto cadeiras no parlamento, apanhando a magistratura municipal tendo, nas suas mãos quasi todas as juntas parochiaes da capital do paiz e invadindo legalmente a esfera da esfera de tais poderes n'outros pontos do territorio nacional, de sorte a poder, dentro em breve, por mais que lhe cerceiem todos os seus direitos, a vencer as culminâncias do poder, derrubando instituições anachronicas e absurdas, e implantando um regimen de liberdade e de democracia.

E' comodo este conjunto harmonico que os monarchicos insensatos, na sua aancia de maldizerem, no seu habito de caluniar, na sua intolerancia de fanaticos, no seu rancor de obcecados e na sua raiva de quasi-vencidos, chamam desdenhosamente — *ralé*!

O que se deverá então chamar a um partido que, salvo rarissimas exceções, é constituído por individuos, acoerados uns, á mesa do orgâumeo e pouco dispostos a largar as poucas migalhas que ainda lá existem, presos outros, a falsos preconceitos, e orientados por aquelles que, ha longos annos, veem assaltando o poder, defrando o tesouro publico, roubando o nosso credito, descurando os interesses do paiz, levando-o ao estado miseravel em que se encontra, e ainda não satisfeitos de todas as mesquinhas ambicões, procuram sufocar com uma violencia feroz e estupida, o clamor do povo, justamente revoltado contra tanta indignidade e sardice?

Varias são as denominações que cabem a tal partido. Ao sabôr porem de cada um, deixo o encargo de o definir como entender, na certeza de que, por maior que seja o numero de termos aplicados, a ideia fundamental que elles exprimam, ha de sempre ser a mesma.

Está na consciencia de toda a gente honesta!

A. S.

Monumento a Joaquim António d'Aguiar

Transporte 3:0245370
Bento João Fava (Algós) 200
Lino José Duarte (Algós) 300
António Joaquim Ferro (Algós) 360
Manuel Victoriano Lopo (Algós) 200
António M. Victoriano (Algós) 100
Domingos Araújos (Algós) 200
J. V. M. (Algós) 300
José Estevam, Gremio Lusitano (Lisboa) 5:000
G. N. de Carvalho Silva (Lourenço Marques) 500
J. A. Carvalho (Lourenço Marques) 1:500
António A. Novo (Lourenço Marques) 1:500
Luiz Botelho (L. Marques) 1:500
A. Vidal (Lourenço Marques) 1:500
Beatriz & Virginia (L. Marques) 2:500
Mata Frades (Lourenço Marques) 1:500
Miguel A. Magalhães (Lourenço Marques) 1:500
João Tudeila (L. Marques) 4:500
M. Gomes dos Santos (Lourenço Marques) 1:500
Bernardino de Carvalho (L. M.) 2:500
J. J. Moraes (L. Marques) 1:500
Annibal Guerreiro (L. Marques) 2:500
J. M. Oliveira (L. Marques) 1:500
P. V. (Lourenço Marques) 500
J. Silva (Lourenço Marques) 500
Francisco Carano (L. Marques) 500
Miguel (Lourenço Marques) 300
Luiz G. da Cruz (L. Marques) 500

Tratamento de doenças da boca e gengivas, por sessão 1:500

A REVOLTA

Encontra-se à venda em Lisboa na **TABACARIA MONACO**, Rocio.

Em Coimbra **TABACARIA ANDRADE**, R. Ferreira Borges.

ANNUNCIOS

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.ª

R. ROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapeus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'ellastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se as senhas do «Bonus Conimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no gênero das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fruta de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam se grandes peças de fantasia, próprias para brindes. Variada pastelaria em todos os gêneros, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie. Saueisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinícola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontello e dos produtos da Fábrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quais dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDORES CONTRATO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicílios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto à Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toshas para meia, desde	140
Ditas feludas para mãos a .	65
Ditas feludas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas, cós lisas, muito largas, metro	120
Córtex de ve-tido com 7 metros de pura lã e lã	
e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a .	65
Piugas para homem, a .	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a .	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a .	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a .	80
Chales grandes, que eram de 1\$200, a .	70
Armures d'algodão, que eram de 200, a .	500
Chales grandes, seu valor 2\$500, a .	100
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu	1\$200
valor 1\$600 réis, a .	550

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, gênero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, módas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500



JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os gêneros

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Comércio, 23

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Ocidental.

Dão-se as senhas do bonus Luzitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — COIMBRA

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escritório, tabacos nacionais e estrangeiros, postais ilustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que há de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas alemãs e francesas.

Pó e pasta dentríficas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o público, se encontra uma importante coleção de relógios de todos os sistemas e autores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios próprios para mesa, parede e morés. Ha espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro.

Concertam-se relógios de todos os sistemas e autores e caixas de música.

Preços limitadíssimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEADAS

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — COIMBRA

Sempre variedade em cabeadas de luxo, Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação do calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas diretamente das principais fabricas nacionais e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Produtos químicos e especialidades farmacêuticas. tintas, óleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

COIMBRA

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor fiação estrangeira, e garante ao freguês calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODO

Telephone n.º 114

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academico

N.º 6

COIMBRA — Sabbado, 9 de Janeiro de 1909

Director e proprietario

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Oficinas de composição e impressão

Largo da Feira, 29, a 37.

PRO ITALIA

Ante a desgraça que acaba de associar a Itália, mal nos iria se não suspendessemos toda a refrega.

Ante os cadáveres de milhares de victimas, em face da desolação e do infotunio d'outros tantos infelizes, a ninguem fica tal suster um pouco o embate de princípios, por mais santos e por mais justos que elles sejam, e, sem quebra de dignidade, sem aviltamentos que a todos deshonrariam, olhar apenas ao mal que todos devemos remediar. Bem sabemos que a sisão que hoje lava na sociedade portugueza, tomou já aquela fase de acinte, agressiva e feroz, em que os homens começam de topaz-se corpo a corpo.

Está proximo o grande e inadiavel duelo.

Mas se ainda neste momento existe uma parcela de generosidade, se a nossa mocidade de todo se não perdeu com os seus encantos e os seus grandes impulsos, porque não havemos nós de pôr de parte activa e resolutamente todos os agravos, que sam muitos, e todas as distanças, que sam imensas, para, como homens, minorarmos o sofrimento d'outros homens?

Qualquer especulação politica, qualquer mesquinha intriga, que acaso podesse vir entravar este movimento de solidariedade humana deveriam imediatamente ser condemnadas por todos quanto do coração sentiram o enorme desastre sofrido pela Itália.

Assim postas de parte antipatias pessoas e porventura velhos rancores, que tanto nos trazem desunidos, deve a mocidade portugueza, olhos apenas na alheia desgraça, estender carinhosamente a mão ao infotunio que longe chora, levando-lhe a palavra amiga, que consola, e todos os nossos obulos que em face da catastrofe pequenos serán decerto, mas que juntos aos que de toda a parte ali afliuem poderán conseguir minorar um pouco de tanto sofrimento.

Cheios de agradecimento nos encontrarán todos, que de boa vontade e sinceramente queiram colaborar na humanitaria obra.

Este nosso parecer interpretará decerto os sentimentos dos nossos amigos que não pudémos consultar.

A quem, como os estudantes revolucionarios, numa luta sem tréguas, contra tanta deshumanidade vem lutando, será sem duvida grato ajoelhar compassivamente ante o luto da Itália irredenta.

A todos gratissimo é dar um pouco de amor e um nada de conforto e bem estar para mais altivamente voltarmos aos combates em que andamos empenhados, tranquilos com o bem praticado, satisfeitos com o dever cumprido.

Oxalá não seja, vâo, o nosso apelo e brevemente sintamos que apesar de tudo... ainda somos homens.

Subscrição

Abrimos nas columnas deste jornal uma subscrição cujo produto será enviado ao sr. Embaixador da Itália. Para a generosidade de todos apelamos. Gostosamente interviremos em quaisquer assuntos que porventura possam vir a respeito, se no intuito nobre de aliviar tanto infotunio.

Comosco, com o esforço minimo de que possamos dispor contem todas as almas generosas.

A redacção d'A Revolta..... \$5000

MIUDEZAS...

Era em frente da matriz, mesmo ao pé do sacristão que elle tinha a tabernita...

Ali nasceria, ia para oitenta annos, ali lhe tinham corrido os dias da mocidade, todas as alegrias do lar, o casamento, os filhos e d'ati não arredará pé senão lá de longe em longe. Chamavam-lhe o «Borrachão» por alcunha que herdára do pae, juntamente com uma divida de tres moedas e uma quartola de arcos arrebatados.

Mas a divida pagou-se e a quartola foi um auxiliar valioso da sua vida, quando começou naquella faina de vender vinho a copo, para juntar algum vintem.

Levantava-se ecclissimo para aproveitar a freguesia dos jornaleiros, que iam para o trabalho e até à noite não descançava, sempre na tabula ingrata, escrupulosamente, honestamente, verdadeiro tipo de honradez humilde.

Vieram depois os filhos, mas, netos de alcoolico, a anemia atacava-os e quando a morte vinha achava-os tuberculosos. Assim lhe iam morrendo todos lentamente...

E a sua vida era mais triste, como a de um pinheiro esguio a quem fossem secando todos os ramos.

Mas um nasceu, o ultimo, que por um capricho da sorte veio mais robusto e esse vingou. Era o seu enlevo, amava-o, tratava-o carinhosamente, como um fidalgó e quando chegou aos oito annos mandou-o à escola.

O pequeno cresceu, não era péco, agarrava-se aos livros e aproveitava. Fez o primeiro exame; depois o coadjutor que viera havia pouco do seminário ofereceu-se para o ensinar e lá fez os preparatorios. Mas elle tinha uma pena em não continuar; podia vir a ser abade, ou cirurgião, ou doutor de leis.

O coadjutor acariciou-lhe a esperança.

Era pena realmente, perder uma posição por tão pouco.

Mas o pae podia lá com aquella despesa: a vida ia cada vez mais cara e o vinho andava pela hora da morte. Enfim, dando explicações, trabalhando muito, lá conseguiu formar-se. E foi ao fim do quinto anno, depois de ter passado incolumes pelas mãos dos ultimos tres lentes, tres carrascos, que elle uma manhã muito cedo entrou pela porta dentro, espalhando pela casa toda uma alegria enorme, como a dum noivo.

Mas aquillo não era vida, tinha de trabalhar, precisava impôr-se e elle que vinha acostumado aquella agitação pretenciosa da velha Coimbra, começou a lançar uns olhos cheios de

cubica para a capital, que nunca vira e que lhe povoava os sonhos de adolescente, envolta sempre na gaudiosa penumbra das coisas ignoradas, que tanto mais se amam quanto menos se conhecem.

Nesse mesmo anno precisamente o padre que o ensinava e que andava na política sahira deputado. E elle que o recommendaria aos lentes e o protegera sempre, chamou-o a Lisboa e lá lhe arranjou um nicho.

Era um logarzito menos mau: um conto de reis por anno sem nenhum trabalho.

Emfim, era para começo, depois lhe arranjaria coisa melhor. E arranjou. Quatro annos depois frequentava elle o soalheiro da Arcada, cheio de consideração, de dinheiro e de comendas... em perspectiva.

Foi então que um acontecimento inesperado veio alterar a sua vida. Foi em casa do director geral que elle a conheceu. Ella era uma senhora muito sympathica que tocava no piano uma coisa de Schumann.

Era à turdinha antes do jantar. Pela porta entreaberta ouvia-se o chilrear dum canario muito amarelo, que salpicava de notas agudas as conversas graves duns conselheiros edosos. Atrás do piano, elles, muito despreocupadamente, iam segredando umas coisas sentimentaes, que elle com a sua mão direita de dedos muito brancos sobre o teclado, ia entrecortando com uns harpejos desconexos, enquanto a esquerda segurava o leque num ar adorável de ingenuidade casta.

Aquillo continuou depois por algum tempo, mas veio a acabar por onde todas as comedias acabam e por onde muitos dramas começam: casaram.

Ella era alta, magra, fôra educada num collegio de freiras, tinha um galgo de estimação e gostava muito dum bolo seco especialidade da Pardaria Inglesa. Pertencia a uma familia distinta, tinha tres irmãs e era orphã de pae, o general Silveira, que morrera havia um anno, de um ataque de diabetes. E afôra isso apenas lhe restaria alem de uns pergaminhos incertos o suficiente para morrer de fome.

Mas tinha um culto, ma decadêngio immenso pelas suas tradições de família, gloriosas e empregaminhadas que lhe davam direto aquelle «tu cá, tu lá» com todas as mulheres da alta. E tudo em casa respirava um ar chic, um ar «haute gomme...»

Havia, é claro, aquelle ponto negro do ascendente do marido, mas a necessidade não lhe permitia escolher e ella cautelosamente fingia ignorar, esquecer...

E o velho lá ia continuando no obscuro recanto da sua Beira, a pesada vida de trabalhador ignorado que não quizera abandonar, vivendo tambem daquella alegria immensa de ver o filho grande.

* * *

Quando aquelle filho nasceu, o seu Alvaro, ella não pensava senão em vê-lo creado. Havia de ser militar. E fasia-o já um lindo rapaz, endoidecendo com o scintillar dos botões amarellos, as cabeças ideaes de condessitas loiras que a atmosphera galante de S. Carlos tornava ébrias de harmonia.

Oh!... o seu Alvaro...

CELEBRES... DE BORLA



O novo Adamastor

Maior do que o colosso, que em Rhodes Assombrou todo o mundo antigamente, Mais terrível do que a mão do rei Herodes, E' o seu indicador omnipotente!

Rei dos pellos no reino dos bigodes, O seu bigode esqualido e fremente Diz ao mundo: «Commigo tu não pôdes, « Oh misero e mesquinho, alumno ou lente! »

« Que eu sou p'ra esta escola de Direito « O que o Edisson foi p'rá luz electrica, « O professor maior e de mais geito! »

« Que eu sou a propria torre, cujo mastro « E' o meu indicador de sombra tetrica, « E o relogio... os dois dentes de alabastro! »

Dr. Loria.

Mas elle tivera sempre uma negação pronunciada para tudo o que exigisse algum esforço de inteligencia.

E por isso seios os preparatorios a muito custo, resignou-se a ir para direito como o unico curso para que, como preparação, bastava a sua estupidez natural.

E fôra devido a toda esta serie de fatalidades que elle batera com os ossos em Coimbra e que nessa noite de dezembro, escura e fria, elle grave na

sobria elegancia da sua casaca empresada, entrou em casa do Lamas com o bando da «jeunesse fashionabie» que, como elle, sacrificava este exílio de cinco annos á extravagancia dum curso. O Lamas dava nesse dia o seu primeiro baile.

Era numa festa rija; iam lá os lentes e ser convidado pelo Lamas era um pouco como receber a alternativa elegante, no meio alambicado do sionismo indígena.

Houve uma suspensão quando entraram, em grupo, cumprimentando toda a gente à direita e à esquerda. Depois foram elas que deram todo o calor à festa, fazendo vibrar aqueles corpos de mulheres decotadas, imóveis como esphynges, lançando-as na embriaguez suprema dum revoltar sem fim. Quando já tarde tudo voltou a socregar e começaram correndo os primeiros serviços da ceia, elas vieram para as salas de jogo, serenamente, provar os vinhos.

Estava-se ali bem... Conversava-se... Um delas, o José de Lemos queixava-se de falta de dinheiro.

— E o diabo é que temos as férias à porta e não sei como ir para casa.

— Vae a pé! Respondeu um.

— Não, mas se me não chegar o dinheiro para ir em 1.ª vou em 2.ª ou 3.ª.

Um grande ah! de pavor saiu de todas as bocas.

— Em terceira?

— Sim, em terceira, porque não?

— O' filho, mas isso é uma porcaria... em 3.ª exclamou o Alvaro Silveira, unctuosamente.

— Uma porcaria? E' idiota...

E' bem idiota era na verdade pois até o nome do pae desprezava. Usava o da mãe por ser mais distinto.

Elle tornou que não, que não era ser idiota era ser verdadeiro. Elle ali já tinha tido naseus ao passar por uma carruagem de 3.ª. Uma porcila! E a gentinha que lá ia!

— A gentinha? Olha tu, antes me quero com essa gentinha que tu dizes, que com certos fidalgos que...

E suspendeu-se muito afogueado o José Lemos, que não tinha pápas na língua e era um homem.

E o outro estúpidamente, sem perceber, respondeu-lhe num grande ar de lastima.

— Olhem o democrata!

Comegavam a tocar na sala proxima e elles correram apressados.

Rompa a manhã.

O Silveira fôra dos últimos a sair e aos zig-zags pelas ruas cobertas de neve, bebedo de champagne entrou em casa com o cérebro povoado de grandezas e de mulheres muito brancas deixando adivinhar as curvas do corpo através dos fatos Imperio.

E à mesma hora o velho, o avô sob o peço dos seus 80 annos, no obscuru recanto da sua aldeia remota,

FOLHETIM

Eça de Queiroz

As catastrophes e as leis da emoção

Desde que não conversamos, meus amigos, este nosso Velho Mundo e os outros mais velhos que se estendem para o Oriente têm sido visitados por males inumeráveis, uns trazidos pelas violências da Natureza, outros pela violência dos homens, porque o consciente e o inconsciente (se é que este realmente existe) rivalizaram, como sempre, na produção de dôr.

No Japão foi um d'esses pavorosos «macareus», que tanto assustavam os nossos navegadores do século XVI, invadindo em desmedido vagabão leguas de costa e lambendo aldeias, cidades, centenas de milhares de criaturas, como se fossem apenas conchas e areia leve. Na China a costumada transbordação de rios, alogando nessa noite quinhentos mil chineses, um milhão de chineses, todo um imenso e escuro formigueiro chinês, com a simplicidade com que entre nós um riacho, depois das chuvas, alaga um feijoal em uma horta ribeirinha. Na Índia a peste junta com a fome, à velha maneira oriental, com esse horrendo feitiço das expiações bíblicas em que os esfaimados findam por comer os cadáveres e os pestilhos, aos centos, agonizam à beira dos caminhos, em breve todos brancos de ossadas. Na Armenia uma prodí-

abria a tabernita dum porta só, aos jornateiros que iam para o trabalho. Do avô ao neto ia uma diferença enorme: o primeiro era do povo...

L. G.

Coisas da Universidade

O limite das cadeiras

Ha coisa de tres annos apareceu nos Geraes da Universidade um aviso dizendo que de futuro não seria permittida a matrícula em mais de quatro cadeiras em cada anno.

Até então cada um frequentava as cadeiras que queria, chegando a haver estudantes na facultade de Direito que frequentaram seis.

Mas naquelle anno foi marcado o limite de quatro.

Esta disposição foi depois modificada permitindo-se a matrícula em cinco, em determinadas circunstâncias. Assim os estudantes que ficassem reprovados numa cadeira poderiam frequentar essa e as quatro do anno seguinte. Tambem poderiam frequentar cinco cadeiras aquelles a quem só essas cinco faltasse para concluir o curso. E' este o regimen que está em vigor.

Ora este regimen é de enorme prejuizo para muitos estudantes, dando logar a verdadeiros absurdos como no exemplo que vamos apresentar e que varias vezes se tem dada.

Vamos ao exemplo.

O estudante A matricula-se na facultade de Direito e durante o seu curso fica reprovado em cada anno numa cadeira, até ao 4.º. Como está ao abrigo d'aquella disposição vai frequentando 5 cadeiras a partir do 2.º anno. D'esta maneira consegue o seu curso em cinco annos que é o tempo normal da formatura. O estudante B fica reprovado em duas cadeiras em qualquer dos annos. Já não pode frequentar cinco porque lhe faltam duas do mesmo anno. E por isso já não pode formar-se em cinco annos, mas em seis, ficando no ultimo apenas com duas cadeiras. Assim o estudante A que durante o seu curso teve 4 reprovações não perde; o estudante B que teve apenas 2 reprovações perde um anno.

giosa matança de trezentos mil cristãos, methodicamente dirigida pelas autoridades musulmanas, com muita ordem, muito vagar, horas regulamentares para assassinar e para descansar e uma escrupulosa escripturação. Na Turquia e na Grecia uma guerra, que não resuscitou a lucta clássica do orientalismo e do hellenismo (porque já não ha orientaes e ainda menos hellenos), mas renovou uma briga entre a Cruz e o Crescente, briga toda concebida no espírito do século XIX, racionalista e positiva, em que os principes cristãos (até o papa) se collocaram n'um utilitário entusiasmo do lado do Crescente, de sorte que a Cruz teve de fugir com um dos braços partidos por esses caminhos thessalicos por onde outrora o Grego costumava açoar o Pensa numeroso. Na ilha de Creta, tão querida a Jupiter, horrores inenarráveis, sob a vigilância pensativa e paternal de seis esquadras da Europa. Em Espanha bombas e supplicios. E enfim n'este Pariz o dia doloroso em que a Scienzia, sob a fôrma de um cinematographo, queimou por seu turno, n'um vasto *auto-de-fé*, a Religião, representada por piedosas senhoras que celebravam uma festa de devoção e caridade católica...

Mas eu não sei, meus amigos, se estas desgraças realmente vos interessam, vos commovem — porque a distancia actua sobre a emoção exactamente como actua sobre o som. A mesma dura lei physica rege desgraçadamente a acustica e a sensibilidade. E' sempre em ambas o identico e tão racional principio das ondulações, que vão decrescendo à ma-

E' isto justo? Não nos parece. E o caso tem-se dado mais de uma vez.

Por outro lado ha estudantes que frequentam duas facultades, chegando a ter em cada anno sete e oito cadeiras.

Se a esses é permittida essa frequencia, qual o motivo por que os que frequentam a facultade de Direito não podem ir alem de quatro cadeiras?

Não podemos comprehender as razões que determinaram tal medida.

Parecia-nos mais simples o sistema que se seguiu até ao quarto anno em que vigorou a reforma da Universidade. Por esse sistema o estudante matriculava-se no numero de cadeiras que lhe convinha desde que, é claro, se respeitassem as dependencias e não houvesse incompatibilidade de horario.

Se se matriculasse em numero superior ás suas forças, lá estava o acto no fim da anno para o julgar. Mas admitindo mesmo que houvesse razões de peso para tal medida, parecia-nos então mais justo que ella fosse tomada para os alunos que depcis da sua data viessem frequentar a Universidade.

Não se fez assim, pois a disposição abrangeu os que tinham entrado no tempo em que não havia limite e que contavam continuar nesse regimen.

Por mais de uma vez tem sido pedida a modificação d'esse sistema, elevando, pelo menos, o limite a cinco cadeiras, como de resto já ha para os que estão nos casos especiais a que nos referimos.

Nada se tem conseguido e já agora nada se conseguirá, cremos bem.

E assim continua em vigor essa disposição que dá logar a absurdos e injustiças como no exemplo que apresentamos.

Absurdos e injustiças.

Mas para que pedir logica e justiça neste paiz e em especial na Universidade?

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos desculpa de quaisquer falta cometida pela administração do nosso jornal durante as férias, como pedimos também que nos sejam participadas as mudanças de residência.

neira que se afastam do seu centro, até que docemente se immobilisam e morrem: se elas traziam um som que vinha vibrando — o som cala quando elas param: se traziam um terror que vinha tremendo — o terror finda quando elas findam.

Bruscas, grossas, frementes, rápidas em torno ao choque que as produziram, essas ondulações não são mais nos horizontes remotos, do que um vago, quasi liso arfar, que mal se diferencia da inércia. Senão vê! Em Pekin, subitamente, uma tarde, ribomba um pavoroso trovão;

— e ao mesmo tempo pega fogo na vistosa cabasa d'um mandarim muito ilustrado, que morre queimado. Por todo Pekin a impressão é tremenda. Até o imperador, filho do Sol, nos seus grandes jardins, estremeceu, aterrado com aquele imprevisto troar de um céu puro: e nas vielas mais sordidas os coolies mais pio-lentos interromperam um momento o seu negro trabalho para lamentar com exclamações o mandarim muito illustre.

Mas, ah está! A vinte ou trinta leguas de Pekin o terrílico trovão foi apenas um rumor que se confundiu com o rolar das carroças nas lages: — e, quando se contou nas lojas loquazes dos barbeiros o desastre do mandarim em chamas, só algum nediofuncionario, com sabão na bochecha, murmurou oficialmente *ah! desinteressado e molle...*

E' que o som do trovão e a emoção do desastre vieram trazidos por ondulações, que, a trinta leguas de Pekin, seu centro vivo, já se alisavam, immobilizavam, morriam. E quando aqui na Euro-

pa, de manhã, sabemos pelo telegrapho bisbilhoteiro do mandarim e do trovão, nem o nosso ouvido sente o mais tenue som, nem o nosso coração a mais tenue piedade.

Não ondularam até nós as ondulações acusticas e emotivas. E é com absoluta placidez que murmuramos: — «Houve em Pekin um grande trovão; e — tem graça!

Mas então essa confraternidade humana — pela sublime força da qual nada do que é humano deve ser alheio ao homem? Não existem? Oh, certamente: — mas para todo o homem, mesmo o mais culto, a humidade consiste essencialmente n'aquelle porção de homens que residem no seu bairro. Todos os outros restantes, à maneira que se afastam d'esse centro privilegiado, se vão gradualmente distanciando também em relação ao seu sentimento, de sorte que aos mais remotos já quasi os não distinguem da natureza inanimada. Quando qualquer de nós no seu quieto e salubre bairro, ouve contar que uma furiosa peste matou trinta mil pataxões, fica exactamente penetrado d'aquele quantidade de compaixão que o invadiria ao saber que um furacão derubara trinta mil árvores de um bosque. E de um bosque muito longíquo, de uma região muito desconhecida! Porque se as árvores destruídas fossem as do nosso

doce Bosque de Bolonha, que nós amamos, tão ornados e verdes em maio tão puramente vestidas de branca neve quando o Inverno se faz elegante e fino — a nossa magia teria uma intensidade infinitamente mais viva do que com a ani-

queilhão d'esses vastos milhares de patagonios.

E esta estreiteza da emoção deriva de leis tão fatais que não se dá sómente nas almas da caridade estreita, — mas ainda nas mais ternas e nas mais largas, n'aquelas que parecem abrigar na sua amplitude toda a amplitude do padecer humano... O bom senhor S. Vicente de Paulo, a quem o encontro de uma creancinha tremendo de frio ao canto de uma rua arrancava prantos desolados, que corriam enquanto elle corria com a creancinha sofridamente apertada nos seus santos braços, só teria um pallido e resignado suspiro quando ouvisse que também na Tartaria, em outras vielas regeladas, outras creancinhas tiritavam e choravam — se é que a homem tão ocupado com as misérias de França restava tempo para suspirar com as misérias da Tartaria. E até talvez o muito divino S. Francisco, o adorável pobresinho d'Assis, irmão de todos os seres e para quem os próprios passarinhos das veigas d'Italia eram irmãos muito queridos, não sentiria a sua costumada ternura, tão alvorizada e activa, pelos pobres da Noruega, e não se reconhecesteiraamente irmão dos pardaesinhos da Finlândia!

A superior sapiencia das nações já formulou esta lei n'aquelle seu fino adágio — «O coração não sente o que os olhos não vêem». Para chorar é necessário vêr. A mais pequenina dor que diante de nós se produza e diante de nós gem, põe na nossa alma uma commiseracão e na nossa carne um arrepião, que lhe daria as mai-

Factos e Commentarios

Charada a premio

Um nobre e sabio cavalheiro (quem ha de ser?), espectorando ha dias determinada theoria, entendeu, apoi os sons inarticulados do costume, dever chamar *classes baixas, classes inferiores* aos operarios e pequenos proprietarios em oposição aos brasileiros de torna viagem etc.

Nesta redacção se dá um puxão de orelhas bem puxado a quem lôr capaz de adivinhar a que classe zoologica pertence o illustre preopinante.

De luto

A' ultima hora consta-nos que a política, sempre a política, com as suas diábruras revoltantes, afastou ou fez afastar do nosso meio, o tão querido Scherlock, de saudosa memoria.

Partiu já, e levou-nos tambem a nós, de alma, e de coração.

Cobrimos nos de luto, num adeusinho ultimo. Adeus! Adeus!

Jamais apitaria o 22! As bombas criaram bolor! Adeus! Tudo perdido!

Malditos treze vintens!

Adeus!

Eça de Queiroz

Publicamos hoje como folhetim a inestimável carta do primoroso artista e grande psicólogo, que tantas paginas imortais deixou na nossa literatura.

Ela é bem a expressão dum amargura de vida. Atualizada pela enorme catástrofe da Italia a sua publicação reveste o duplo significado de fervoroso preito ao grande morto e porventura de triste lamento a alguns vivos...

Más companhias

Vácondeus, sacerdote da capital, queixa-se de que foi desacatado no meio da rúa.

Mas para que anda S. Rev. com más companhias?

Experimente andar com o Diabo que talvez lhe acuda nos momentos críticos. Que ele não é tão feio como o pintam...

Um alvitre

Diz-se que o novo ministro da marinha e ultramar anda um bocado atrapalhado por não saber bem ao certo onde ficam as colônias.

Ousamos lembrar um alvitre que alguma da família pode pôr em prática, porque não ha como os remedios caseiros. E mandarem-lhe para lá o Dr. Ulrich com a sua vistosa coleção de mapas movidos por cordelinhos e com as suas mil e tal paginas.

A sebenta fica um bocadinho cara e também o ministro fica sabendo administrando colonial *como burro*.

Até fica sabendo quantos pares de

ceroulas levava Vasco da Gama quando foi para a Índia.

Quanto ás que trazia á volta pode informar o sr. Gayo que sobre a volta da Índia já fez, se não estamos em erro, um drama historico.

São dois elementos valiosos que o mano de mano lhe pode mandar com manifesta vantagem para S. Ex.ª e sem grande prejuízo cá para o estabelecimento.

IMPRESSÕES

Desconhecemos se acaso é só da nossa raça, ou principalmente d'ella, a preocupação constante do depreciação de outrem, a propósito de tudo, em geral sem motivo admissível, numa atitude grotesca de critico imbecil. Talvez não.

Sem dúvida alguma o que sabemos e vemos claramente, é que essa preocupação entre nós, e sobretudo no meio tacanho de Coimbra, e ainda aqui no académico, é mercadoria de largo consumo, que anda no bolso como se traz um lenço, prompta a cada momento, e a cada passo manejada por paladares azedos, que variam muito com a imponencia dos collarinhos altos, bem brunitos.

Temos notado que sem ella não se é ninguem, e jámai estudante, não ha importância, falha o talento, o espirito, desaparece a critica requintadamente fina. Tem fôrmas de

A REVOLTA

Felizmente e apezar de tudo esse grupo está de pé, e sem exageros dizemos que lhe advinhamos já um futuro grandioso.

Basta de mediocridades. É tempo. A Universidade está velha, mas conserva ainda discípulos de talento deslumbrante! Cria-os e educa-os na sua velhice, cheia de experiência e boa conselheira. Avante pois!

Temos ainda poucos dados sobre as bases desse grupo redemptor.

Sabemos no entanto que formará uma escola que resorará no mundo inteiro. Ficará sendo a escola clássica dos *akademikos exoterikos*!

Versos seus, só seus, sem plagiados, com sublimidades de ideia, orientação, e cadencia. Os versos da escola clássica exoterika!

Uma linguagem própria, especial, muito difícil mesmo, cheia de palavras antigas, gregas, e pre-históricas, orthographia rara, e prosa arredondada. A prosa clássica dos exoterikos!

Reuniões em attitude grave, com nomes guerreiros notabilíssimos, várias vezes, muitas vezes, para troca de impressões de obras valiosas, suas, num cantinho que ficará celebre, histórico. O cantinho dos exoterikos!

Aggregarão com a sua autoridade, um conde para dirigir, um mogo fidalgio para intervir, um secretário galante para dizer, escrever também, obras notáveis, a sua melhor obra, que ha-de aparecer. A melhor obra do secretario!

Terão um calendário muito original, com Cyclos, meias luas, luas inteiras, novas e cheias, e luas vazias. Serto as luas da escola clássica dos exoterikos!

Escreverão umas actas desconhecidas, e ao fim de cada lua, cremos bem, virá á luz, para o grande burro, os seus imorredouros *Palimpsestos*, uns *Palimpsestos* realmente muito imorredouros...

Farão, farão, meu Deus, causas imponentes... muitas causas... várias causas, todas, todas elas realmente muito imponentes...

E tanta ingratidão!

Logar aos exoterikos, pois! Curvam-nos respeitosos, submissos, beijam-nos as mãos, e adoremos a exoterikia.

Se é chegado o momento, salve! avante!

N.

TRIBUNA DOUTRINARIA

Os primeiros golpes

Descoberto o inimigo, dispostos os materiais, é tempo de tomar o camarelho e encetar a demolição da masmorra onde a Verdade estola agrihada durante séculos.

Poderia começar pela parte mais recondita, derruindo os pilares que sustentam todo o edifício da mentira; agrada-me muito mais, pelo respeito que me merece a philosophia, não fazer obra por

pavorosas catastrofes passadas longe, n'outro tempo ou sobe outros céos. Um homem cahido a um poço na minha rua mais anciadamente me sobresalta que cem mineiros sepultados n'uma mina de Sibéria: — e um carro esmagando a pata de um cão, em frente á nossa janella, é um caso infinitamente mais afflito do que a heroica e adorável Joanna d'Arc queimada na praça de Rouen!

A distancia e o tempo fazem das mais grossas tragédias ligeiras notícias — onde nenhum espírito são, bem equilibrado, encontra motivo d'angustia ou pranto. Hoje certamente ningum, a não ser algum velho e alto dignitário da Egreja ou do Estado, assistira, com os olhos secos e o coração quieto, ao supplicio de Joanna d'Arc: — mas nenhum physiologista garanti a sanidade intelectual d'um sujeito que, na solidão da sua alcova, com as janellas cerradas, se desfizesse em lagrimas por os inglezes terem outr'ora supliciado Joanna d'Arc.

No entanto, vós observareis, amigos, que já repetidamente chorastes (porque sois bons) com dôres humanas, não sómente sucedidas longe do vosso bairro, mas lóra do vosso seculo; e algum mesmo me mostrará, como emblema irrecusável da confraternidade humana, o lenço sentinelamente humedecido na vespera ao escutar os adeuses de Luiz XVI aos filhos na prisão do Templo, ou mesmo a antiga Igreja de Castro balbuciando as suas suplicas aos pés do antigo Affonso IV!

De certo! e mesmo já muitas vezes tereis suffocado generosos soluços com misérias e tormentos de criaturas que

onde se deprehenda que condemno esta in *limine*, mas tirar a cupula para depois patentear nitidamente toda a subtil ar- gúcia que faz considerar como funda- mentos inabalaveis aquillo que o não é senão pelo atordamento que o compli- cado dos processos da sua contextura produz sobre a razão aleijada por uma educação adrede inculida.

Assim, em vez de resultar do meu esforço uma desconfiança exagerada, só- mente suscitará no animo dos incautos a preocupação mais razoável que deve agitar o espírito antes de aceitar os principios philosophicos.

A philosophia, como exercicio de razão que é, tem toda a legitimidade. O que importa indiscutivelmente é sondar cuidadosamente o terreno onde ella pre- para os cavaucos para os proprios al- cerces.

A Egreja Romana, num trabalho disciplinado de séculos, pelo cerebro de seus doutores, que os tem tido sabedóres e argutíssimos, estabeleceu a doutrina, tão logicamente deduzida, que, uma vez aceitos alguns principios manhosamente estabelecidos na prévia philosophia onde ella orienta a seu modo os espíritos se- dentes de saber, logo se tem irresistivelmente de perfilar, quando não todos, pelo menos os mais importantes dos seus embustes.

Que os homens lhe deixem passar em julgado a sua decantada afirmação da contingencia do mundo que nos cerca, ella por sua vez se incumbirá de os levar a concluir a existencia dum *causa* que deu a origem a tudo o que existe: — ella de- monstrará sem caceiras apreciaveis a existencia de Deus.

Apanhada a razão humana nesta ré- de, ficará perdida para sempre se um raio de luz não penetrar no cerebro para o compelir a elaborar os seus conceitos, refundindo tudo o que parece, pela força do habito, ser justamente verificavel.

Então facilíssimo lhe é demonstrar os dotes ou predicados de Deus. Deus pa- recerá aos homens uma noção intuitiva, se os homens não tiveram enséjo de voltar ao principio, analizando-o no seu ab- solutismo, no *cathégorico* do seu enunciado.

Deus será desde então a origem unica de tudo, a fonte inexaurível de todas as leis.

E tudo isto deduzido em bona logica.

Para outra vez isto será esculpizado

até à pulverização das suas conclu- sões.

A dogmatica é um corpo de doutrina suficientemente harmônico: é um com- plexo de afirmações, bem agglutinadas, e tanto bem que se nós podessemos destruir-lhe uma que fosse, abalada até ao ámago ficaria a Egreja.

Se existe a tal *causa*, Deus, e, como facilmente se demonstra, omnipotente e omnisciente o que constitue o escópoo da philosophia; e se certos homens testemunharam que desse Deus tiveram mandato especial para doutrinar o que elle, como infalível, quis e corroboraram com fa- chas miraculosas a sua missão entre os

demais homens, do que facilmente nos convence a *tradicção* elaborando sobre a nossa mente ateigada por aquella philosophia, não repugna que entre as muitas cousas reveladas haja muitas incongruen- cias com o ambito finito de nossa intel- ligencia, finita, cousa que constitue o es- cópoo da *dogmatica*.

Depois esta ultima, e encostando-se *pari-passu* aquella philosophia e tradicção, dispõe os seus materiais, concatenando-os sistematicamente até que, de conclu- são em conclusão, chega a demonstrar que Christo é na verdade Deus, que a sua religião é divina e que a Religiao e Egreja Catholica é a unica verdadeira- mente christa e por isso a unica ver- dadeira divina, — Religio et Ecclesia catholica est unicavere christiana, atque ipso, unica vere divina.

Eis a razão porque eu disse que para atacar o preconceito é bastante derribar o Vaticano.

Eu, firmado nos principios da philosophia pela Egreja acima, e até expedido pelos seus santos, vou tomar as acasos de qualquer dos seus dogmas mais impor- tantes e, sem entrar no âmago do mis- terio, que é o nexo existente entre os termos, que é o modo como se realiza a parte do dogma, eu vou pulverizar sem dificuldade, nem alardes, qualquer dogma sobre que faça incidir a minha critica.

Se eu conseguir demonstrar por este processo, assim legitimo, a inconsistência de qualquer dos seus dogmas, tal é a co- nexão destes, e tal a sua imprescindibili- dade desde que foram definidos pelo ma- gisterio authentico e infalivel da Egreja, que todo o arcaboiço da Fé vacila e se esborará irremediavelmente.

Consideremos por exemplo, a Eucha- ristia.

A Egreja definiva do seguinte modo: — «o sacramento de corpo e sangue de Christo sob as espécies do pão e do vi- nho, para refeição espiritual das almas».

Não se julgue que a Egreja o supõe como um símbolo tão sómente. Não.

Para ella no Sacramento da Eucha- ristia está realmente presente Christo em corpo, alma e divindade.

Lá se lê no canon i da sess. XIII do Conc. Trid. — «Si quis negaverit.....»

«Se alguém negar que no Sacramento da Eucaristia se contém verdadeira, real e substancialmente corpo, sangue, alma e divindade de N. S. Jesus Christo, e por isso Christo todo, mas disser estar lá como signal, ou figura ou virtualmente — a maldição seja».

De forma que numa Hostia, sob as apparencias de pão, está na verdade a substância de Christo completa em am- bas as suas naturezas. Feita a consagração, transubstancia-se o pão em Christo! (Trd. sess. XIII-can. 2).

Ora em doutrina perfilhada pela mes- ma Egreja, *substancia* é o ente que existe em si, sem carecer dum sujeito a que adhira. E o sustentaculo dos occidentes, das propriedades, é o principio de toda mudança, é o elemento dominante e pre- dominante, ponte de toda a actividade.

nem seriam necessarias duzentas desgra- cias — bastaria que naufragassem duas, se vós as conhecesses de nome e de rosto! Porque, segundo a cruel lei physica que regula os phenomenos da emocio, um empregado da alfandega que cahiu de um lanquido bocejo: — «Que desgra- ça!» A delicada senhora continuava, sem curiosidade, muito calma, aureolada de ouro pela luz. Na Bélgica, numa greve desesperada de operarios que as tropas tinham atacado, houvera entre os mor- tos, quatro mulheres, duas creancinhas... Então, aqui e além, na aconchegada sala, vozes já mais interessadas exclamaram brandamente: — «Que horror!... Estas greves!... Pobre gente!... De novo o bafo suave, vindo d'entre as rosas, nos envolveu, enquanto a nossa loura amiga percorria o jornal atulhado de males. E ella mesma então teve um *oh* de dorida surpresa. No sul da França, ejunto á fronteira, um trem descarrilando causára tres mortes, onze ferimentos... Uma curta emocio, já sentida, já sincera, passou afraiva de nós com aquella desgra- ça quasi proxima, na fronteira da nossa península, n'um comboio que desce a Portugal, onde viajam portugueses... Todos lamentamos, com expressões já vivas, estendidos nas poltronas, gozando a nossa segurança.

Ella lia as catastrofes lentamente, com a serenidade que tão bem convinha ao seu sereno e puro perfil latino. «Na ilha de Java um terremoto destruiu vinte aldeias, matára duas mil pessoas... As agulhas attentas picavam os estofos li- geiros; o fumo dos cigarros rola do- cemente na aragem mansa; — e ninguem commentou, sequer se interessou pela

As apparencias (*species*) são as manifes- tações da mesma substancia.

Eu poderia desde já discutir como seria que transubstanciando-se o pão no Christo permanaciam as apparencias do pão: á nova substancia viriam corres- ponder novas manifestações, tanto mais que toda a dificuldade pode haver para Deus, seria operar a transubstanciação; mas as qualidades concomitantes da substancia?

Mas prometti não me intrometer na essencia do dogma, e mantenho o que disse.

E a natureza, fonte de toda verdade, incangavel em amestrar os homens, que se encarrega de desmascarar os far- cantos.

Quando as Hostias são retidas tempo sufficiente toda a sua substancia entra em verdadeiras fermentações, cobrindo- se de bolores, e acabando por apodre- cer...

Então a substancia de Christo fer- menta?!

E este phenomeno não é invenção, minha, pois que o proprio Ritual Roma- no o prevê quando diz: — *Ne species consecratae corrumpantur, ciborum novandum est frequenter*, «para que as es- pecies consagradas se não corrumpam deve-se renovar frequentemente a pixide».

Logo, onde fica a verdade da trans- substanciação?!

Mas para onde se precipita a infali- bilidade da Egreja se ella nos apresenta uma cousa como verdadeira, se, na ver- dade, o não é?...

Se se a Egreja não é infalivel como se pode ella inculcar como depositaria da verdade eterna?

Então não é ella a depositaria!

Quem é? Logo Christo não era Deus porque carecendo deixar um magisterio authentico para ministrar a sua religião não conseguiu deixar uma Egreja que, sendo a verdadeira, tenha signaes suf- cientes para a reconhecermos!...

Logo... a *débâcle* temerosa d'aqueila agremiação que se jacta de que as portas do Inferno não prevalecerão contra ella...

Lucifer

Consultorio Dentario

DE
MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pra- tica de especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anesthesia	15000
Obturacão	15500
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	15500
Dentes artificiais	25500 e 45500
Dentes de pivôt	85000
Corôas de ouro	125000
Tratamento de doenças da boca e gengivas, por sessão	15000

immensa desventura de Java. Java é tão remota, tão vaga no Mappa! Depois, mais perto, na Hungria, cum rio transbordara, destruindo vilas, cearas, os homens e os gados... Alguem murmurou, através de um languido bocejo: — «Que desgra- ça!» A delicada senhora continuava, sem curiosidade, muito calma, aureolada de ouro pela luz. Na Bélgica, numa greve

desesperada de operarios que as tropas tinham atacado, houvera entre os mor- tos, quatro mulheres, duas creancinhas... Então, aqui e além, na aconchegada sala,

vozes já mais interessadas exclamaram brandamente: — «Que horror!... Estas greves!... Pobre gente!... De novo o bafo suave, vindo d'entre as rosas, nos envolveu, enquanto a nossa loura amiga percorria o jornal atulhado de males. E ella mesma então teve um *oh* de dorida surpresa. No sul da França, ejunto á fronteira, um trem descarrilando causára tres mortes, onze ferimentos... Uma curta emocio, já sentida, já sincera, passou afraiva de nós com aquella desgra- ça quasi proxima, na fronteira da nossa península, n'um comboio que desce a Portugal, onde viajam portugueses... Todos lamentamos, com expressões já vivas, estendidos nas poltronas, gozando a nossa segurança.

A leitora, tão cheia de graça, virou a pagina do jornal doloroso e procurava n'outra columnas, com um sorriso que lhe voltava, claro e sereno... E, de re- pente, solta um grito, leva as mãos á cabeça:

— Santo Deus!...

Todos nos erguemos num sobresalto,

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito urinários do homem e da mulher &c &c

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicacão electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a

RÉTROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapéus confeccionados para senhora e crianças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'ellastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se as senhas do «Bonus Conimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no gênero das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doce de ovos com os mais finos recheios.

Doce de fruta, de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os gêneros, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saneisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinícola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontelha e dos produtos da Fábrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisóstomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira à escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quais dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDORES CONTRATO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicílios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto à Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.



Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meia, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas, cós lisas, muito largas, metro	120
Córtex de v-tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Piúvas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	15
Ferros a vapor, para engomar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanelha, muito finos, seu valor 1\$500 réis, a	550

E um sem número de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, gênero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMARES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 e 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4\$00

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os gêneros

Abilio Lagoas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por juntas e a retalho

32, Praça do Comércio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escritório, tabacos nacionais e estrangeiros, postais ilustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que há de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fábricas alemãs e francesas.

Pós e pasta dentríficas.

Fios para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o público, se encontra uma importante coleção de relógios de todos os sistemas e autores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios próprios para mesa, parede e morés. Ha esperitores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro.

Concertam-se relógios de todos os sistemas e autores e caixas de música.

Preços limitadíssimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — COIMBRA

Sempre variedade em cabedais de luxo.

Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principais fábricas nacionais e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 146

COIMBRA

Produtos químicos e especialidades farmacêuticas. tintas, óleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

COIMBRA

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor polaria estrangeira, e garante ao fregues

calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODO

Telephone n.º 114

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academic

BIBLIOTECA MUNICIPAL
COIMBRA

Director e proprietario

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Oficinas de composição e impressão

Largo da Feira, 29, a 87.

N.º 7

COIMBRA — Sabbado, 16 de Janeiro de 1909

ANNO 1.

Processo novo...

Os acontecimentos de Alijó tem uma alta significação. Elles constituem um profundo ensinamento para o povo e, para todos aqueles que, por ingenuidade ou commodismo, preconisam, como meio de transformar a sociedade portuguesa, a lenta e longa accão educativa e doutrinaria, exercida a dentro do regimen, em ordem a conseguir, após uma lentissima evolução, o apparecimento necessário, sem perturbações, nem crises, do regimen democratico.

Senão vejamos.

Uma região inteira, vastíssima, outrora uma das mais ricas do paiz, vem atravessando, de ha annos, uma pavorosa crise económica — derivada da falta de collocação dos seus vinhos generosos, a quasi exclusiva produção dos seus terrenos. E' a miseria, a fome, com todo o seu cortejo d'horrores. Tão tremenda é a crise, que o Estado sempre ganancioso e rapace, não exige, porque não pode, contribuições d'espécie alguma a esses povos, ha já para mais de quatro annos. Mas nem por isso a situação se soluciona. Mal antigo, derivado de mil causas, não são remedios d'ocasião que o attenuam, sem que perigue gravemente a justiça e o senso-comum com pretensas soluções adrede forjadas para remediar o mal dumha região á custa dos direitos, não menos respeitaveis das outras. Porque, se hoje o mal é apremiante no Norte e lá mais se faz sentir, por virtude da natureza especialissima dos seus terrenos, amanhã, — não tenham duvida! — a miseria do fazendeiro, do trabalhador, do pequeno rendeiro e do pequeno proprietário do Sul, já hoje accentuanse medonhamente, levará esses povos, por igual, a crises de desespero não menos temerosas e de modo algum, menos justificadas.

A obra sabia, maduramente pensada, honestamente levada a efecto, na previsão destas e doutras calamidades, a legislação agricola geral, baseada no profundo estudo e no profundo interesse que, aos governos dum paiz como o nosso, a agricultura deveria ter merecido, não tem sido — e já agora não será! — apanhio e honra dos successivos governos da monarchia. Qual o governo, por exemplo, que seria capaz, de reformar o cadastro da propriedade territorial e a correlative legislação tributaria, sobre as bases, da natureza agronomica da productividade e da cultura dos terrenos, transformando o regimen latifundiario do Alemtejo e da Extremadura, aumentando em milhares de contos a riqueza publica, apresentando a economia nacional pelo parcelamento da propriedade e o desenvolvimento da cultura intensiva, dando origem ao apparecimento de novos ramos, fertilissimos e inexplorados, da industria agricola?

Nenhum governo, nenhum governo do regimen, que todos elles

vivem á sombra dos interesses inconfessaveis que protegem, e com os quaes não poderão romper com perigo de lhes faltar mais uma escóra das Instituições periclitantes! A Companhia das Lezírias, o srn. José Maria dos Santos e tantos outros potentados, impedem toda a obra que lhes bula nos seus interesses e têm, por isso, estes e outros, um medo temeroso, um formidavel medo da Republica!

E' isto, esta miseria, — a estupidez suina, o egoísmo infamíssimo e sordido dumha minoria, — o que sustenta e ampara o regimen!

Mas não era esta a ideia inicial d'estas considerações e por isso vamos arrpiar caminho e voltar aos acontecimentos d'Alijó.

E' o caso que, os povos da região duriense, anciavam desde meses, pelo regulamento do decreto dos vinhos, sem a publicação do qual os benefícios resultantes de tal decreto absolutamente nulos se tornavam. Reclamaram, pediram, instaram, supplicaram e... o regulamento não aparecia. Ao ministro X que, supponhamos, tinha baga de sabugueiro para tratar o seu vinho, convinha primeiro fazer essa operação, meter na algibera uns contos de reis e só então publicar o regulamento.

O conselheiro Y, protector desvelado da região, ia feito no jogo, ou tinha quaesquer outros motivos para se não mexer e o regulamento não aparecia. Ora a fome aperava!

Depois iriam outras, era certo... As pontes dos caminhos de ferro pelos ares, as comunicações cortadas, a guerra de guerrilha, entre penhascos, a dynamite e a bala...

Tropas, era perigoso tira-las das cidades e, uma vez o rastilho acesso, em pouco tempo, estamo-nos e estam elles certos d'isso, o paiz era fogueira... Diabo! O conselheiro, protector da região, ameaçou solemnemente os seus servos de lhes retirar o paternal amparo... Qual! Bem se importavam elles com o conselheiro que lhe censurava «os actos de vandalismo!»...

O decreto já foi publicado, tres dias depois. Não entra em vigor, por emquanto, mas se os povos apertarem mais, um pouco, o X não perderá a sua baga e... poem-n' em vigor mais cedo.

Que me dizem ao novo processo de espantar os ouvidos aos poderes publicos?

Ou vamos antes á obra democratica dentro do regimen, ó salsa?

EXPEDIENTE

Avisamos os nossos assinantes da província de que vamos enviar para o correio os recibos do primeiro trimestre.

PRO ITALIA

Subscrição

A redacção d'A Revolta	5\$000
Anônimo	1\$500
N.	500
Z. G.	500
T.	600

Dr. Jósé Falcão

Passou no dia 14 o anniversario de José Falcão.

Republicano intransigente, alma pura, carácter de tão rija tempera que soube resistir ao peso das insignias doutorais, a sua figura ha-de sempre ser lembrada com saudade por todos os que trabalham pelo ressurgimento da pátria que ele tanto amou.

Curvemo-nos perante a sua grandeza e procuremos seguir-lhe os grandes exemplos, prestando assim a melhor homenagem á sua memória.

COISAS & COISOS

Exoterikos

Vem esta palavra do grego, e significa: exote — associação, rikos — de seros.

Vemos portanto que Exoterikos significa etimologicamente associação de seros.

Achei extravagante o título, e por isso dei-me ao trabalho de reflectir na significação social d'uma agremiação tão sugestivamente intitulada. Sim, porque uma associação de seros á sua do séc. XX era um phänomeno de retrocesso tão intenso que obrigava a um novo encontro com o pae Adão. Comecei então as minhas reflexões. Os exoterikos são homens (dize-se) — sendo homens tem o valor social de zero — qual será o valor social d'um homem zero? Aqui, confesso, tive de suar as estópicas porque se avolumou a gravidade do caso. Era indispensável, fazer primeiro a sua classificação zoologica. A zoologia, porém, não dava fé de semelhante coisa. Existia uma espécie de vertebrado — o gorilla — com uma anatomia proxima do homem e uma rudimentar inteligencia. A rudimentar intelligencia era o bastante para expulsar d'aquella espécie o homem zero.

Primeira conclusão: zoologicamente era desconhecido o homem-zero. Recorri á observação e fui-me ao seu encontro. Encontrei-o á porta do França Amado! Oh panico dos panicos! — o homem-zero vestia capa e batina! era estudante da Universidade! fazia versos!

Já o não larguei. Vi-o subir a alta e entrar n'uma casa apalacada.

Era alli a associação por força, era, porque d'ahi a pouco entravam outros zeros que eu já conhecia como taes.

Atrevi-me a subir.

Ninguem se oppôz á minha entrada, e consegui assistir á uma sessão exoterika escondido detrás d'um reposteiro de damasco. Era interessante, aquillo. Sempre que chegava um zero, todos à uma, de pé, curvavam-se na espinha. Havia-os de capa e á futrica, de batina e sobre-casaca, moços e velhos. De repente, um zero pequenino e sybillante, assomou á porta anuncianto o presidente. Era o zero-mór. Tudo se levantou, e no mais tetrico silencio, surgiu á porta principal, amavel e cortez, o grand'homme do grémio. Era um explendido zero, o presidente!

Um zero gordo, bem tratado, com maneiras distintas e ares de abundancia, que até parecia o zero d'um numero da sorte grande. Ao vel-o, o secretario lançou-se de joelhos a beijar-lhe a mão coa-lhada de brilhantes, sendo imitado pelos outros zeros n'esta tocante cerimonia. Mestre! — exclamaram todos, de mãos postas e olhos no estuque — Mestre! e o presidente com o polegar entre os labios rosados dizia n'uma meiguice encantadora — filhos!

Sentaram-se. Eu ardia de curiosidade de detrás do reposteiro.

Um zero, ergue-se para falar. Tinha

CELEBRES... DE BORLA



SOLAU

Até que enfim vou ser gente,
Vou ver mundos, viajar!...
Já me sinto mais crescido!
Aqui não passo dum lente!
Agora vou namorar,
Ser um pandego e voltar
Com um casaco comprido!...

Ai! grisettes e cocottes,
Como eu irei reclinar
A minha fronte cansada
Nas rendas desses decotes!
Isto é que vai ser gosar!
Hei-de rir, hei-de dansar,
E apanhar uma taxada.

Não fui ministro, nem par,
Nem sequer fui deputado!
Estou zangado, resentido!
Estou farto de os aturar,
Hei-de, de vez, acabar
De ser thalassa encravado,
E ser pinoca encardido.

Isto por cá não dà nada!
Estou cansado! Nada quero
Nem das Gomes, nem das Soizas!
Já levo a minha fiscada
De perguntar á Otero,
Quando ella danse o bolero:
«Olhe lá, diga-me coisas!»

Dr. Watson.

Sentaram-se. Eu ardia de curiosidade de detrás do reposteiro.

Um zero, ergue-se para falar. Tinha

uma cara de caixeiro de pastelaria a oferecer barriquinhas de ovos moles, e umas maneiras de quem já tinha feito crochê.

Começou assim o seu discurso — ás 7 pontual das tua mórbida dava o pen-de Neptuno oito horas e picos.

Neste meridiano, vinte exoterikos cla-

mo para a expositura do meu texto. Arancas.

Queria ser como a sardinha,
Viver no fundo do mar.
Ai! que grande pena a minha!
Hei-de aprender a nadar.

— Sentou-se. O Presidente inquiriu: — qual o exoteriko que se audacia ao re-torkimento? — Eu-teriko, balbuciou o se-cretario.

A REVOLTA

Levantou-se e disse — rememorando ao exoteriko terminado, que os versikulos verta nas publicas lamadas. França Anuado paga.

Consultados os zeros, todos bramaram á unica — *kim aklamamos*. — O presidente delirava com o successo do grupo, e ia a retomar a palavra, quando a zero pequenina e sybillante, levantando um braço e apontando para o tecto gritou com força — *Zenhör Inzoteriko da lizenza que eu vá lá dentro?* — A assembléa consultada respondeu unisona — *kim, aklamamos* — o zeros se debandou. Eu não podia mais com tudo aquillo. Já tinha achado a significação social dos Exoterikos. Deixei-os.

Entrei na cocheira do Ventura para alugar um carro, e enquanto engatavam, pensava n'esses interessantes homens-zeros, e notava, com tristeza, duas pilécas márgas desengonçadas que tendo trabalhado todo o dia não tinham sequer duas favas na mangedoura.

Indignei-me. O contraste era brutal. E quando ao fechar a portinhola da carregagem o cocheiro perguntava — para onde vamos? — eu respondia afflictivamente — para bem longe dos Exoterikos!!!

x.

Um noviço...

«Entrou para a Companhia de Jesus o segundanista de Direito, Manuel Peres...»

Para quem o conheceu, o facto estava previsto.

O Peres deixára-se, por tal modo influenciado pelas téticas descrições do Inferno nos exercícios espirituais de Campolide, que só o estado perfeito de pobreza, de obediencia e castidade poderia dar consolo ao seu espírito e refrigerio ás queimaduras, com que as sulfúrosas chamas poderiam um dia mimoseá-lo.

O Peres devia ser jesuíta!

Pessoalmente não o lamento, satisfez um instinto: fugiu ao brazeiro. Creanças, quantas vezes o não vi disposto a desembestiar tiradas metafísicas do Boiote para me provar a existência... de Deus.

Foi mesmo durante um tempo a sua preocupação constante: convertêr-me. E é que ao princípio fugia de me encontrar, receiosos de me apertar a mão que devia ter nervosismos d'ateu, começou então a topar-me nos Geraes, pelas ruas, num intervalo de catequese (o Peres catequisava!), tendo sempre uma palavra d'uncão, seguida dum auctoritário em surdina, pedindo, rogado, implorando a salvação da minha alma.

Era bem d'ele o reino dos céus! Nunca o deplorei. Devia sér um bemaventurado.

O Peres...

Ultimamente disciplinava-se, dizendo-me. Dormia com cardos entre os lençóis. Nunca tocou de leve uma mulher — o demônio da carne — resava o terço, distribuia bentiños pelas creanças, que doutrinava... e dormia o sono dos justos!

Foi para o Barro, o Peres!

O pai tem alguma fortuna e a Companhia, a Ordem, tem o voto de pobreza.

Realisou o jesuíta um princípio de metafísica: do nada tudo tira, com o nada tudo tem...

A esta hora, no Barro, o Peres esforça-se por comprar-me um lugar, batendo ao guichet de S. Pedro.

Tem escrúpulos, arrepende-se do pouco que comigo conviveu, ideias contraditorias o agitam e o seu director espiritual aproveita e aturmenta todas as ideias e todos os escrúpulos para ir, pouco a pouco, lançando o grande alicerce sobre que ha de assentar a rocha firme da Obediencia Céga.

E o Peres, que está no Barro, é já barro macio, facilmente moldável.

Se ele me lesse, teria medo, resaria muito. Eu seria o demônio do mundo, entrando na sua cela, não com a lanterna-mágica de todas as vaidades terrenas, para seduzi-lo, mas com o falso dô dum amizade perigosa, triste e perturbadora.

E o Peres á noite, tiritando entre as palhas da enxerga, teria piedade.

Mas eu descanso, tranquilo, não me lerá o Peres e irá pedindo a S. Pedro um bilhete de claque para eu ir ao espetáculo das *Onze mil Virgens*, com que ele sonha, e em que desempenhará um papel modesto, de comparsa.

O que ha de vir a ser o Peres?...

O seu futuro? D'ele não cuida, que as avezinhas do céu nunca encleiraram e os seus irmãos, aves das terras, por ele irão cuidando com solicitude e com carinho.

Do nada tudo se tira, com o nada tudo se tem!

O Peres... Depois um anjo virá estender as azas brancas, num aconchegar d'arminhos, e em cheiro de santidade se finirá o Peres

Com as suas azas brancas,
Azas que um anjo lhe deu...

Depois... Bemaventurados os Peres por que d'elos é o reino dos céus!...

Pestana Junior

Factos e Commentários

Hinda cá está...

Ora quem ha-de ser? É claro que se trata do nosso Scherlock.

Está e opira. D'esta vez o seu olho terrível lobrigou um cão brincando com um garoto e zás...

Toca a operar e a multar o dono do bicho.

Como a operação era de pequena cirurgia não chegou a ser preciso o apito do 22.

Alegremo-nos, pois, e façamos votos para que Sherlock fique.

Que ha-de ser de nós sem estes pratinhos?

Decididamente morreremos de tédio.

Cumulos

O Rev. Padre José Lourenço sobre a Egreja:

«Consideram-a um cadáver semi-apodrecido, no meio da indiferença universal, e cada dia ella evidencia mais e melhor os prodígios da sua universalidade, alastrando a sua influencia prestigiosa até aos campos secularmente inimigos.»

Prodígios! Ah, sim.

Agora mesmo nos lembra d'aqueles bons monges que em Jerusalém, aí pela Idade Media, expunham um dia á adoração dos fieis, um dedo... do Espírito Santo!

O Espírito Santo, conhecem-no?

O maganão que pregou aquella parida ao pobre S. José...

Exoterikismo

Dizem-nos que um dos profetas, ou coisa que o valha, dos exoterikos é o sr. Eugenio de Castro.

Não acreditamos. A não ser que por uma fatalidade o grande poeta tenha perdido as suas bellas qualidades de talento que muito admiravam.

Ou então anda a desfruta los.

D'outra forma não se comprehende a sua ligação ao grupo.

Fozemos-lhe essa justiça.

Condecoração

Um alto funcionário d'este distrito foi agraciado com qualquer coisa do Drago ananita.

Não haverá qualquer ordem do Pávão?

Para S. Ex.º parecia-nos melhor.

Pás profundas

Diz o P.º José Lourenço:

«Que admira que os endinheirados queiram garantia para o seu dinheiro, se a maldita política republicana tem lançado o paiz na agitação, não sabendo ninguém o que nos espera amanhã.»

Como elle torce o bico ao prego. o maroto!

Isso não se faz, Padre!

Ha lá pela Igreja um Inferno, ou não sei que, para os meninos maus e para os... reverendíssimos marotos, pois não?

Sabes, Padre, vae direitinho para o Inferno.

Salva a tua alma sacerdote!

Mais um

Alem do segundanista de Direito Manuel Peres entrou para o noviciado jesuítico do Barro o dr. Mendes Lages.

Com 60 anos aproximados o Dr. Lages viu que a vida profana já não poderia ter para si encantos nem gozos.

Vai a procura das uras da mansão celestial, que as da corte com aquella idade já não o suportaria.

Sessenta!

Ainda se fossem mais alguns...

Elogio funebre

O Sr. Padre Senna Freitas psico... elogiando João Franco:

«A bronzea tenacidade do ex-presidente do conselho em sustentar as redeas do poder, apesar de tanta oposição que se desencadeava contra elle do seio de todos os partidos e da fauce de todos os prelados políticos...»

Bronzea, bronzea...?

O bronze, monsenhor, ainda é caro e nós somos um paiz pobre.

Ponha-lhe estanho, estanho.

— A estanhada tenacidade do ex-presidente do conselho...

Vê, agora assim, sim!

A melhor obra

O sr. Gayo vae, diz-se, publicar a sua melhor obra.

Não sabemos a qual dos ramos da sua actividade pertencerá a dita obra.

Será do poeta?

Será do mestre de ceremonias?

Deve ser desse ultimo, talvez a codificação do ceremonial academico a que se refere o artigo 73.º da Reforma da Universidade.

O ceremonial é o seu forte.

Beato

Correu e com insistencia. Comentou-se por vezes com agrado, e boa fé.

O Janeiro o disse. Era elle.

Mas... O Janeiro gracioso!

Elle, republicano, elle, que fôr sempre o fiel marechal, o marechal pequenito do saudoso chefe, que voltará um dia.

A Republica!... Ah, sim, invejou-a em tempos, mas... supunha ser uma mulher... e as mulheres, para elle...!

Eram o seu forte.

Pelo Instituto

Na ultima reunião do Instituto de Coimbra o seu illustre presidente, lembrou o quanto de prestígio e autoridade adviria para aquella coetividade em honrar a memoria de Rosalino Cândido de Sampaio e Brito nomeando-o socio postumo e seu correspondente no País da luz.

Ainda bem que se faz justiça aos mortos.

H «Euz»

Iniciou a sua publicação nesta cidade este collega que se propõe defender e pugnar pela educação e desenvolvimento intelectual da mocidade portuguesa. Sinceramente felicíssimos pelo seu louvável empreendimento, desejando-lhe muitas prosperidades e longa vida.

De passagem

— Que lhe parece, conde, então temos tambem por cá o nosso terremoto?

— Eu sei! Mas a termos, Deus o traga de madrugada. Ao menos acordamos já mortos.

A Escola e o Futuro

De volta do estrangeiro onde foi pelo governo enviado em missão de estudo, acaba João de Barros de publicar um li-a todos os títulos interessante, cheio de ideias renovadas, sãs e fortes, coisa bem rara em livros portugueses.

Na crise afflictiva de improdutividade em que abafamos, de vacuidade e banalidade sôrnia, é sempre consolador um livro como o de João de Barros.

Teve a felicidade de ver de perto esse formidável movimento de renovação porque está passando a escola moderna. Só, porém, um temperamento observador e predisposto como o de João de Barros poderia augurar o choque tremendo do contraste entre o que por lá fôr viu e o que por cá temos, e vir em seguida transmitir-nos, bem vividas, maravilhosamente observadas, as suas implicações edificantes, tão nitidas e verdadeiras.

Numa delicadeza de artista, junta a uma observação minuciosa de critico, expõe João de Barros o seu assumpto numa prosa viçosa de vivesa e ilesura, a cada passo com um comentário leve e gracioso como uma pincelada de arte...

Oxalá João de Barros, que á instrução consagra toda a sua dedicada boa vontade, consiga no indiferentismo desolador que nos cerca, toda a atenção que o seu livro merece, e oxalá o *portuguesinu valente*, dorminhoco e patuoso, nesta molleza em que se subverte, veja neste livro um empreendimento valioso e o medite, porque reacções salutares de rejuvenescimento benefico e fecundo pelo problema fundamental da educação, só com livros como este se podem suscitar.

E, sem formalismos, um abraço a João de Barros pela sua oferta.

TRIBUNA DOUTRINARIA

Mais uma brecha

Com pesar meu, no ultimo numero, me foi forçoso demonstrar a corruptibilidade da substancia divina quando disfarçada sob as espécies eucarísticas, porque, se é verdade eu por esse facto não ter incorrido nos odios do Velho Padre Eterno, por quanto antes de mim os seus sacerdotes o haviam previsto — *ne corrumpanter especies consacratae...*, to-davia eu estimaria, para cheque tremendo na validade humana, poder mostrar aos homens algumas toneladas de substancia divina.

Sim; algumas toneladas de substancia divina em perfeito estado de conservação! — Para o conseguir não mais se exigia do que um padre se lembrasse de consagraro o pão fabricado com algumas toneladas de farinha e agua.

Era, na verdade, uma bella invenção. Os fieis commungavam, não uma pequena rodela, mas em porção bastante para prover ás necessidades phisiologicas do seu organismo, ao mesmo tempo, claro está, que satisfaziam ás suas necessidades espirituais.

Supponham um mortal alimentado exclusivamente a substancia divina!... No fim de pouco tempo toda a sua substancia mortal estaria, pela assimilação da substancia divina, transsubstanciada nela!

E' de tal ordem o disparate, tão evidente a ratice dos fânganos dos nescios que não merece mais considerações.

Outro dogma, pois, para o laboratório da analyse. Conta a Biblia, perfiha e defende-a a Egreja que Deus, depois de ter criado a terra, os céus, as plantas e os animaes, depois de ter criado e congregado tudo o que era indispensável para fazer uma vivenda agradável, criára o homem, parece que para arreliar e compensar-se da falta de subditos que a minha rebelião havia produzido.

Lá se diz que Deus creára o homem no estado de innocencia e de graça; que nesse estado o homem não era subjeito ás dores nem á morte: era-lhe reservada também uma eternidade, pelo menos em quanto a um dos extremos da duração, se os philosophos me permitem a phrase. Como, porém, dera ao Homem o livre-arbitrio e collocára no Paraíso a *arvore da scienza*, aquelle, aconselhado por mim, tracára a fastidiosa vida de facilidades do Eden pelas conquistas que o seu espírito brilliantissimo poderia vir a conseguir num esforço ingente através das edades.

Por essa desobediencia Adão e Eva, e por elles todos os descendentes, ficaram privados do estado de graça e dos

benefícios que pela *Carta Constitucional* do Velho Padre fluíam desse estado.

Assim, o trabalho, a miseria, a dor e a morte ficaram sendo o triste apanhado do gênero humano.

Não lhes tivesse sido retirado o ex-celso dom e os

A REVOLTA

rações a noção d'um civismo, que torna cada cidade um verdadeiro patriota, aplicando as suas receitas em riquíssimas fontes de produção, desenvolvendo em si todos os pontos de vista e sob todos os aspectos uma admirável actividade que, n'um futuro proximo levará esse paiz a collocar-se a par das nações que se impõem pelo grau adiantado de civilização.

E' preciso acabar de vez com essa lenda estupida que ainda por ahi corre na bôca de criaturas ridículas e cretinas, de que o brasileiro é indolente e futil, de que o seu paiz nada seria se não fôra o elemento portuguez e quejandas asneiras que, alem de traduzirem bem a imbecilidade de quem as profere, representam um insulto grosseiro e uma clamorosa injustiça feita aos filhos d'esse paiz.

Indolentes incontestavelmente a maioria dos portuguezes, que tudo deixam para-amanhã — quer o problema que se lhe autoche seja o futuro da patria, quer seja o mais comensável dever.

Entrave sério ao maximo desenvolvimento d'esse paiz é, na maioria dos casos, ainda o elemento portuguez que lá reside.

Salvo honrosas excepções, que se opõem ao espírito rotineiro, a colonia portugueza é ali constituída por individuos quasi todos analphabetos, reaccionarios dotados dum conservantismo perigoso, afeitos ás tradições, submetidos á vontade dirigente de meia duzia de commendadores e conselheiros de pechisbeque, chejos de medalhas e saturados de sebo, que nenhum trabalho intellectual produzem, sempre adversos á idea de liberdade e de progresso, tendo como preocupação unica — o negocio — em cujo exercício os seus proprios sentimentos afectivos se embotam, e em cujo desempenho longe de seguirem os processos nacionais, frances, inglez, allemão ou norte americano, continham o antigo methodo usado ainda nas suas aldeas, em que o preço do genero varia conforme o aspecto do freguez.

Alem destes defeitos, que os collocam n'uma posição muito secundaria, têm ainda, na generalidade, a péssima qualidade de, lá mesmo ou quando regressam ao berço natal, maldizerem sempre o paiz hospitalero onde foram recebidos e tratados como irmãos, e onde, quasi sempre, encontraram generosa recompensa do seu trabalho material, permitindo-lhes um conforto que, em idênticas circunstancias, jamais lograram na sua patria, iufelmente madrasta para elles, na maioria dos casos.

O proprio patriotismo que elles lá apregoam, e com que procuram salientar a sua superioridade, torna-se simplesmente irrisorio quando tem de ser posto á prova. Exemplo frisante e característico d'esta afirmativa, concretiza-se na relés oferta do caso da canhoneira Patria (o armamento foi dado pelo governo portuguez) em virtude duma grande subs-

cripção aberta n'um momento em que Portugal reclamava um impulso generoso de seus filhos, e que apesar d'isso, produziu uma somma relativamente insignificante, embora em todo o Brazil haja dois milhões de portuguezes, e dentre elles muitas criaturas que possuem fortunas respeitáveis.

De resto, o seu patriotismo manifesta-se em obulos para instituições de beneficencia com o fim egoista e párvo de obterem imediatamente uma commenda, ou revela-se em mensagens thalassicas, que a força de produzirem o riso, chegam a causar nauscas.

Collocadas pois assim as coisas nos seus verdadeiros logares, trataremos no proximo numero da situação economico-financeira d'esse uberrimo paiz, que está atraíndo a atenção de todo o mundo civilizado e determinando o estudo atento e palavras de admiração e encanto de vultos como Doumer e Ferri.

A. M.

ENSAIOS DE CRÍTICA

A Companhia Lyrica Alemã

Corre em Lisboa com muita insistência o boato de que a companhia alemã que havia de executar naquella cidade a Trilogia com prologo de Richard Wagner — Der Ring des Nibelungen — não virá.

A empresa do theatro de S. Carlos ia conseguir com um arrójo e trabalho admiráveis um verdadeiro triunfo apresentando o melhor espectáculo que seres humanos podem ver.

Melhor pelo poema que equivale as obras primas, melhor pela musica que a todas sobreleva.

A empresa, portanto, merecia todos os aplausos por este arrójo; já em tempo o dissemos e de bom grado o repetimos.

Toda a gente disto se convenceu; todos aplaudiram por reconhecerem o que acima dissemos da Trilogia; o entusiasmo foi grande e tudo falava neste espectáculo, verdadeiramente, um acontecimento musical.

Mas, parece, a companhia alemã não vem por falta de assignaturas o que impossibilita a empresa de ocorrer ás grandes despezas que uma representação desta ordem acarretaria.

Aqui está afinal como o público de S. Carlos correspondeu a iniciativa brilhante da empresa — retrahindo-se. E de duas 'uma' — ou os assignantes acharam os preços muitos muito elevados — ou não gostam da musica de Wagner.

Quanto aos preços que parecem na verdade avultados, não o são realmente porque se trata de pôr em cena uma obra como a Trilogia que é duma execução complicada, demandando sommas enormes e trabalhos consideráveis. Mas se os preços são o duplo ou mais do vul-

gar não será também verdade que Wagner vale imensamente mais que Puccini ou Mascagni e outros a cujas obras os habitués de S. Carlos concorrem sempre com um afan desmedido?

Mas deve ser esta a razão da abstenção do público porque não podemos de modo algum convencer-nos de que não apreciam sobre todas e como merece a musica inegualável de Wagner.

A arte de Wagner, resplandecente, sublime, aparece aos olhos da maioria cercada pela bruma de «dificuldades incóvenientes» de «complicações temíveis». Mas não; a musica do Mestre é clara e é grande; ainda ha pouco tempo nós procurámos desfazer a lenda que em volta d'ella no nosso paiz, quasi de incultos, se formará.

Por que é drama musical a musica tem um entrecho que acompanha (e com que admirável precisão!) o do poema.

Demais a expressão em musica faz-se por imagens que não é preciso serem completamente perfeitas; basta que se sinta uma relação de semelhança entre a lingua em que o autor nos fala e o assumpto que se trata para que a nossa imaginação colaborando com a sua comece docilmente a trabalhar e reconstruir, inteiro, o pensamento do musicista.

Quem melhor que Wagner, em musica de theatro, soube ou sabe fazer imagens mais evidentes?

Mas não queremos insistir sobre a superioridade da obra de Wagner; afigura-se-nos que isso, feito por nós que muito lhe queremos mas não podemos elogia-la condignamente, seria um crime de les-arte.

Diremos apenas que esta superioridade deveria ser nitidamente comprehendida pelos frequentadores do S. Carlos que de há muito se habituaram a ouvir e a sentir.

Se habituaram ou se deviam ter habituados.

Ou então, será verdade (esta abstenção é o que faz suspeitar) que a S. Carlos ninguém vai ouvir musica?

Será pelo simples luxo de se dizer que «tem um camarote ou uma cadeira no nosso theatro lirico? Para mostrar toaletes? Por snobismo ou para epater?»

A maioria decerto, porque pelo facto de elevação de preços pôe de parte e obsta á representação duma das grandes obras de Wagner.

Esperará o público que alguma empreza, ou mesmo esta, pense outra vez em dar a Trilogia, pelo menos para esta geração actual?

Que illusão... Que barbaros...

Triplus.

A REVOLTA

Encontra-se à venda em Lisboa na TABACARIA MONACO, Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

paz... — isto, mórmente, entalhava-lhe no espírito uma saudade tam vivida que, ao canto do seu olho garço e cheio de malícia, chegara a rebentar uma lagrima limpa. A ponto que ouviu de um garoto que, caladamente, o estivera disruptando:

— Olhem o maroto do Santorrra a «infangir» que chora, olhem! Isso é aqua-dilha, não péga!

Enxuto entretanto, a palpebra com o tabaqueiro, Padre Santorrra dirige-se á capella. Uma pedra de cantaria, empoadada, branca, resto de mausoléu, fal-o tronpear. Ficou já mal humorado. «O raio do dia», pelo visto, não começava bem. E a seguir a uma valente praga em alto e bom som, resmunga com os seus botões, fitando de soslaio «aquele diabos», já com musgo de uma bânda:

— Ainda um dia hei-de dar uma aplicação a este estaférmo.

E transpoz o guarda-vento, a roncar como uma bêsta.

Algum tempo andado, fazia uma noite de encantar. Por aquelle descampado arrelvado, onde a capella morava branca, com a sua porta velha e as suas cruzes içadas, desprotegida e erra, nada havia que desse signal de vida por alli.

Altas estrelas no azul, os cômores adormecidos, a noite silenciosa... Ao largo, por sobre a casaria aldeã, de onde um ou outro ponto de luz centelhava em lar de lavrados, badalavam horas adeantadas, cuja triste cadencia arrastava para alli um vulto. Caminhava apressado olhando para trás. Immediatamente uma voz o deteve, crystallina e metalica. O vulto estacou, regelado. Um suor frio inundara-o. Mas a voz, cada vez mais

gar não será tambem verdade que Wagner vale imensamente mais que Puccini ou Mascagni e outros a cujas obras os habitués de S. Carlos concorrem sempre com um afan desmedido?

Mas deve ser esta a razão da abst

Monumento a Joaquim António d'Aguiar

Transporte	3:100/5830
Antonio José Machado (Lourenço Marques)	500
Anonymo (Lourenço Marques)	500
C. S. A. (Lourenço Marques)	500
A. C. C. (Lourenço Marques)	600
Roque Neves Noronha (Lourenço Marques)	500
Abrahão Warchow (L. Marques)	500
Empreza do «Portuguez» (Lourenço Marques)	3500
João Tudella (Lourenço Marques)	18040
Francisco Manuel Correia da Costa (Lourenço Marques)	25000
Ernesto Augusto Garcia Marques (Lourenço Marques)	25000
Thomaz Antonio d'Oliveira Matta Dias (Lourenço Marques)	18500
A. Forjaz (Lourenço Marques)	28000
Joaquim Pereira da Silva (Lourenço Marques)	15000
Viana Rodrigues (L. Marques)	15000
Herminio C. Gomes (L. Marques)	25000
Jayne J. A. Redondo (L. Marques)	25000
Alexandre da C. Rolla (L. Marques)	25000
Ernesto G. Burgueta (L. Marques)	25000
Arthur G. Madeira (L. Marques)	25000
Abel Gandido Gonçalves (Porto)	300
Guedes, medico (Porto)	15000
Silva Doria (Porto)	15000
C. Mourão (Porto)	500
Bacharel Germano Martins (Porto)	15000
José Joaquim Ferreira (Porto)	500
José Moraes Coutinho (Porto)	500
Alfredo Fernandes Pereira (Porto)	500
José F. Faria Cardoso (Porto)	15000
Miguel da Silva Matos (Porto)	500
Ezequiel M. L. Coelho (Porto)	15000
Raul Doria (Porto)	500
Santos Pera (Porto)	500
J. M. Vieira Coelho (Porto)	200

Transporte

Antonio José Machado (Lourenço Marques)

Anonymo (Lourenço Marques)

C. S. A. (Lourenço Marques)

A. C. C. (Lourenço Marques)

Roque Neves Noronha (Lourenço Marques)

Abrahão Warchow (L. Marques)

Empreza do «Portuguez» (Lourenço Marques)

João Tudella (Lourenço Marques)

Francisco Manuel Correia da Costa (Lourenço Marques)

Ernesto Augusto Garcia Marques (Lourenço Marques)

Thomaz Antonio d'Oliveira Matta Dias (Lourenço Marques)

A. Forjaz (Lourenço Marques)

Joaquim Pereira da Silva (Lourenço Marques)

Viana Rodrigues (L. Marques)

Herminio C. Gomes (L. Marques)

Jayne J. A. Redondo (L. Marques)

Alexandre da C. Rolla (L. Marques)

Ernesto G. Burgueta (L. Marques)

Arthur G. Madeira (L. Marques)

Abel Gandido Gonçalves (Porto)

Guedes, medico (Porto)

Silva Doria (Porto)

C. Mourão (Porto)

Bacharel Germano Martins (Porto)

José Joaquim Ferreira (Porto)

José Moraes Coutinho (Porto)

Alfredo Fernandes Pereira (Porto)

José F. Faria Cardoso (Porto)

Miguel da Silva Matos (Porto)

Ezequiel M. L. Coelho (Porto)

Raul Doria (Porto)

Santos Pera (Porto)

J. M. Vieira Coelho (Porto)

Transporte

O thesoureiro

M. A. Rodrigues da Silva

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com prática da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anestesia	15000
Obturação	15500
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	15500
Dentes artificiais	25500 e 45500
Dentes de pivôt.	85000
Corôas de	



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a

RETRORZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapeus confeccionados para senhora e crianças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'ellastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se as senhas do «Bonus Conimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no gênero das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fruta de diversas qualidades, secos e crystallizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os gêneros, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saneisses Puddings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontello e dos produtos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quais dispomos de pessoal proprio e habilidade. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicílios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto à Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Tosilhas para meza, desde	140
Ditas para mãos	65
Ditas feijudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas cor lisa, muito largas, metro	120
Córtex de vestido com 7 metros de pura lã e lã e seda, a \$3,50, \$3,20, \$2,800, \$1,00, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Meias para homem, a	30
Meitos para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	15
Ferrros a vapor, para engomar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lengos d'algodão para a cabeça, a	80
Lengos de percal, a	70
Chales grandes, que eram de \$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1200
Cobertores grandes, em flanelas, muito finas, seu valor 1.500 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapeus

Vestidos para senhora, gênero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35, 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4000



JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOSÉ, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os gêneros

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCERIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — COIMBRA

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escritorio, tabacos nacionais e estrangeiros, postas ilustradas, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que há de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas alemãs e francesas.

Pós e pasta dentríficas.

Escovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o público, se encontra uma importante coleção de relógios de todos os sistemas e autores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios próprios para mesa, parede e móveis. Há espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro.

Concertam-se relógios de todos os sistemas e autores e caixas de muzica.

Preços limitadíssimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEADAS

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — COIMBRA

Sempre variedade em cabeadas de luxo. Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado. Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas diretamente das principais fabricas nacionais e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Produtos químicos e especialidades farmacêuticas. Tintas, óleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Colmbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelo fabrica estrangeira, e garante ao fregueses calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOOS

Telephone n.º 114

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academic

BIBLIOTECA MUNICIPAL
FONTEVERDE

N.º 8

COIMBRA — Sabbado, 23 de Janeiro de 1909

Director e proprietario
Ramada Curto

Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6
Oficinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 37.

ANNO 1.º

Uma infamia

As notícias alarmantes que tem aparecido na imprensa estrangeira, acerca d'uma pretendida conspiração revolucionária que o partido republicano trama, na sombra, contra a vida do rei e contra as instituições, são um expediente ignobilíssimo e traíçoeiro de que a monarquia lança mão para justificar uma nova crise de fúria repressiva em que pretende lançar-se e que — não tenhamos duvidas — irá, se nós não nos prevenirmos, até a uma nova *S. Barthélémy* de republicanos. Muito se tem fallado em *intenções* por parte dos reaccionários contra nós e quasi toda a gente, tem um sorriso de incredulidade para tais boatos, não lhes atribuindo fundamento. Até certo ponto essa tranquilidade era justificada, estando no poder um governo que merecesse a confiança de não o julgarmos capaz de colaborar em emboscadas assassinas e ao contrario, de energicamente as reprimir. Os reaccionários, com as suas próprias forças, em qualquer parte do paiz, onde tentassem tal infamia, teriam uma tão formidável resposta, que, de todo lhes fugiria a vontade de recomeçar, se ainda ficassem em situação de tentar novo golpe, o que não cremos. Mas agora a situação é outra.

A gente do poder auxiliaria indubitablemente qualquer tentativa d'esse gênero, e ninguém pôde prever, até que ponto de atrocidade se chegaria, sentindo a Reacção as costas quentes. A existencia hoje, em Portugal, de elementos capazes de ter contra a opinião avançada, que é a quasi unanimidade da opinião do paiz, um odio feroz, um anachronico odio de Torquemadas, que sonha com sangue e com fogueras, é um facto indubitável. O paiz está hoje scindido em duas partes, uma, restricta no numero, que não pertence ao seculo e recua na história até aos tempos da meia-edade, — ininteligente, acephala, primitiva, verdadeiro fenomeno teratológico que nos espanta — e é representada por esse padre, hoje celebre, o padre Mattos; a outra é a minoria intellectual da nação que sob a bandeira republicana representa o sentir de quatro milhões de portugueses que a monarquia tem constantemente roubado e escarnecidido. O choque entre estas duas facções é ineluctável. Uma tem por seu lado a força da Razão e do numero — é a republicana. A outra tem por seu lado estas outras coisas não menos formidaveis — o facto da sua existência, o que nós chamaremos, a inercia, propriedade geral tanto dos corpos como das instituições e o impeto feroz de defesa de quem se sente irremediavelmente condenado e perdido. E — p'ra nos servirmos d'uma imagem — o Futuro acuando o Passado, obrigando-o aos ultimos arranques de fúria selvagem, como um javali ferido que se defende e de quem é p'ra receiar a raiva. Se

a fera apanha o caçador desprevenido, ou o tomba por terra — ai d'elle! E' o caso... Em Portugal pensa-se, a serio, n'uma carnificina republicana; já tivemos a *amostra do pano* em 5 d'Abri, 14 mortos e perto de cem feridos, facto *absolutamente preciso*, pelos Reaccionários de todos os matizes.

«Os republicanos não esperam pelo que lhes acontecerá nas eleições de Lisboa...» — esta phrase foi escripta em carta, por alguém a um amigo —. Adiante...

Ha quem diga, em conversas intimas, «tres a quatro mil d'esses tipos liquidados em Lisboa e temos socego...» E são criaturas de pezo, de *cotação*, — o que pensam?

Pois bem, — é p'ra preparar um estado de coisas propicio á realização de tais factos que de Portugal saem, para o estrangeiro os boatos alarmantes, as notícias terroristas sobre conspirações e golpes d'audacia republicanos. Preparam-se para a matança e, ao mesmo tempo com estas infamias, vão semeando o terror na finança, no commercio, em todos os ramos da actividade nacional, com um egismo tão criminoso e revoltante que se as pedras das calçadas tivessem ouvidos eram capazes de os lapidar!

Claramente, pois, que precisamos prevenirmo-nos para a defesa — dando-lhes a certeza, a elles, que não conseguirão, levar-nos a uma aventura.

A revolução que os espera, que é inevitável e ha-de ser decisiva, não ha-de ser feita quando a Reacção convier, mas quando a Nação chegar a esse estado d'alma, bem proximo, que determina sempre os grandes movimentos collectivos da consciencia d'um povo.

E então não serão elles que nos trucidarão, n'uma emboscada assassina,

Será a alma nacional em colera, será a Revolução, que, como um temeroso cyclone, os ha-de varrer a todos, os ha-de punir a todos, justiciera, sangrenta e decisiva!

PRO ITALIA

Subscrição

A redacção d'A Revolta.....	5\$000
Anônimo	15\$00
N.....	500
Z. G.....	500
T.....	600

José Falcão

Os republicanos de Coimbra commemoraram no passado domingo o aniversario da morte de José Falcão, indo a Santo Antonio dos Olivaeas espalhar flores junto do tumulo d'esse grande vulto do partido republicano.

Fallaram, com sentidas palavras para a memoria de José Falcão, os nossos cor- religionários Antonio Carneiro, Raphael Sampaio, José Gomes e Carneiro Franco.

Mais uma vez os republicanos d'esta cidade prestaram a sua simples e sincera homenagem a esse grande cidadão cuja saudade jamais se apagará no espirito de todos os republicanos portugueses.

Certo, a um tempo, n'aquellas rajadas soberbas de harmonia que a batuta de Antonio Joyce faz nascer, avolumar e morrer, com um gesto nervoso e firme de verdadeiro artista, o coral de Bach enche inteiramente o coração.

Celebres... sem borla



O côrdo de Freischutz é outro numero precioso do programma.

Na sua execução destaca-se intelligentemente os coloridos, há firmeza n'aquelles traços descriptivos, e uma grande im-

pressão de vida e movimento.

O Côrdo de Freischutz tem uma interpretação completa, e representa um grande esforço de trabalho e persistencia.

Porque aquellas bôas gargantas que o Aranha e o Joyce foram arrancar ás ruas humidas da Alta, gastavam-se inutilmente a saborear um fadinho de má morte, muito tradicional talvez, mas sem essa grandeza artística que educa superiormente uma pessoa e lhe abre caminhos no espirito.

O Orpheon tem no seu programma uma *rapsodia de canções populares*, escolhidas e caracteristicamente portuguezas.

Destaca-se principalmente a *Perola do Mar* — um original de Isidro Aranha, que lhe imprimiu todo o seu amor ás coisas de arte.

A Perola do Mar é essa curiosa canção portuguesa, que corre de norte a sul, sempre triste e sempre apalhada, n'um grande sopro de lyrismo nacional todo cheio de amarguras e trabalhos.

Tem alma e tem orquestração.

Pois este original portuguez — *Senhores Inuteis!* — surgiu estimulado pelo Orpheon, nasceu entre o Bach e o Weber, n'aquelle saudavel atmosphera artística que o grupo respirou em dois meses de ensaios.

E não tem só um fim artístico, o Orpheon. Aquelle grupo de rapazes, *trabalhadores, uteis, intelligentes*, dispõe-se a organizar saraus de *beneficencia e instrução* minorando assim dois grandes males portuguezes — a miseria e o analfabetismo.

D'aqui se conclue — Senhores Inuteis! — que o orpheon é a unica obra de verdadeiro merecimento, produzida pela geração de agora.

Pela geração de agora, não digo bem — por uma restricta minoria que se não perdeu em *banalidades e chochices* de pouca dura.

HURRAH!

Dizem que o divino Orpheu
Cantor da mythologia
Comovia as feras brutas,
As selvas e a penedia.

Pois estes dois fazem mais
Do que o tal Orpheu fazia
Não cantam, fazem cantar
A briosa Academia!

Depois de ver tal milagre
— Eu não me admiro d'isto
— Se elles fizerem cantar
O Conde mais o Calixto!

E não passam muitos dias
Sem que eu veja, deleitado,
— O Villela e o Padre Dias,
Cantando e batendo o fado!

Um bravo pois aos heroes
D'habilidade tamanha
— Vivam! Hurrah pelos dois!
O Joyce mais o Aranha!

Dr. Watson.

Sabado faz elle a sua representação, no saraú para as victimas da Scicilia.

O publico, há-de glorificá-los, há-de, porque as coisas de valor, impõem-se e atrahem irremediavelmente o nosso aplauso. E o Orpheon tem o grande merecimento de surgir n'uma phâse em que a decadencia é accentuada e de nos trazer a esperança de que será elle o inicio d'uma regeneração espiritual.

E agora, um segredo, aos Senhores Inuteis do meu conhecimento — não vão para o Saraú morder as unhas e os cabellos, de invejinha. Guardem em casa o desalento porque isso compromete-os, denuncia-os.

Eu bem sei que todo aquelle triunfo d'um grupo de rapazes, que produziu uma obra util, ha-de pôr na cara dos Senhores Inuteis, o desalento esmagador de quem sente o espirito vazio e tem a pretensão de triunfar na vida.

Mas os Senhores Inuteis não se ram, Cheguem cá bem o ouvido — sei que brevemente vagam duas ou tres *repedidas*. Percebem? Ah, seus maga-hões, isso é que é sorte!

Uma Escola de Direito em Lisboa

Ha um mez approximadamente, que se iniciou esta campanha nos jornais de Lisboa. Só agora nos é possível dizer na *Revolta* algumas palavras sobre o assunto que interessa particularmente os estudantes de Direito da Universidade de Coimbra.

Todos os leitores da *Revolta* por certo sabem já de que se trata. Pretende-se uma Escola de Direito em Lisboa, assente em bases novas, seguindo processos novos, em harmonia com os progressos da pedagogia moderna.

Ao lado dessa idéa estão quasi todas as nossas primeiras intellectualidades. Assim, alem de muitos outros, enviaram-nos já a sua adhesão incondicional homens da envergadura de Theophilo Braga, Guerra Junqueiro, João de Deus Ramos, João de Barros, Manuel d'Arruda, Agostinho Fortes, Campos Lima, etc, bem como a eminente escritora Anna de Castro Osorio. Estão igualmente a nosso lado grande numero de jornais diários da capital e quasi todos os semanários do sul do paiz. Nas ilhas, também directamente interessadas na questão, já alguns jornais publicaram artigos varios appoio a idéa com entusiasmo. A opinião geral em Lisboa é de aprovação á campanha. As Academias interessam-se pela questão. E a Comissão Executiva do Centro Democrático Académico que se fundou ha pouco n'aquela cidade, vae tambem dar começo á sua propaganda.

Emfim, tem-se feito muito em pouco tempo. E o acolhimento tem sido o mais favoravel.

Fazem excepção a esta regra a imprensa e o commercio de Coimbra. Isso é aliás tudo quanto ha de mais logico. Não era de esperar outra coisa. Porque ao commercio de Coimbra nada importa o aperfeiçoamento do ensino superior, o bem estar intellectual dos estudantes, a sua morigeração e a sua cultura, os benefícios que d'ahi resultam para o paiz. Aos patriotas comerciantes de Coimbra só importa que não diminua a quantidade de mercadoria a explorar, que as suas gavetas não estejam menos recheadas, e que, portanto, a necessidade os não obrigue a trabalhar mais, desenvolvendo maior actividade para equilibrar o orçamento doméstico. E' logico, era fatal. E' um vicio da educação, é um defeito de raça. Nada ha portanto que extrair de neste facto.

A imprensa de Coimbra vive é claro, do commercio da terra. E' este que a mantem e a sustenta. Os jornais querem viver. E os comerciantes retirar-lhesiam as suas assignaturas se os jornalistas tivessem a pouca vergonha de não defender calorosamente os seus interesses. Neste paiz um homem que seja verdadeiramente independente não pode, de forma alguma, manter um jornal. O publico está deseducado. Ninguem faz esforços para o educar. Os jornais, para viverem, têm que lisonjear as multidões, adular os seus defeitos e os seus vícios, e portanto abandonar completamente todo o espírito de independencia. Os publicistas portugueses são escravos da opinião publica que os considera como lunctionários a quem paga e que, por isso, considera obrigados a executar fielmente as suas ordens. Para lutar com este publico é preciso ser dotado de raras energias, dum grande coragem cívica, dum espírito profundamente rebelde a todas as subserviências. Estas qualidades são muito pouco vulgares em Portugal e nem um dos directores das gizetas locais as possue. Embora seja vergonhoso e lamentável é pois igualmente logico que os jornais de Coimbra combatesssem com a intelligencia com que Deus os brindou, com o ardor que se pode ter quando se está falando sem sinceridade, a idéa da criação duma escola de direito em Lisboa.

Mas isso é obstáculo de valia. Ninguem pode hesitar entre preludicar um pouco Coimbra — porque, no fim de contas, as vozes são mais do que as nozes —, e sacrificar os interesses dum paiz inteiro contrariando uma idéa que, uma vez executada, contribuirá poderosamente para o rejuvenescimento de Portugal.

Não pode ser. Isso seria um grave erro cujos funestos resultados se sentiriam dentro em pouco. E nós não queremos convencer-nos de que este povo esteja tão embrutecido, de que as camadas dirigentes estejam tão corrompidas ou tão cegas, que não vejam que a Universidade não pode continuar por mais tempo a fazer monopólio do ensino do direito.

Não podemos, não devemos consen-ti-lo!

Uma Faculdade de Direito onde pontificam assizes e calixtos, incapazes e mediocres; uma Faculdade de Direito onde dicta leis a estupidez, donde saem inutilizados tantos cérebros, corrompidos tanto caracétes; uma Faculdade de Direito com rezas, com vénias, com latins; uma Faculdade de Direito onde é quasi impossível manter uma certa altivez e uma certa independencia intellectual; uma Faculdade de Direito, enfim, com hábitos e processos da idade média, é incompatível com os progressos da ciencia, é incompatível com o espírito livre do seculo XX.

E nós, estudantes da Universidade de Coimbra, não podemos nem devemos tolerá-la.

Não é facil fazer desaparecer este corpo gangrenado, este foco de infecção que produz a medonha epidemia de *ba-chareis imbecilizados* que assola o paiz. Pois bem. Crie-se em Lisboa uma nova escola de direito compatível com o nosso tempo. Que se imponha pelo seu espírito livre e avançado, pela sabedoria dos seus mestres, pela excellencia dos seus métodos de ensino. Fundada essa escola, ou a Faculdade de Direito da Universidade trabalha, progride, e se resolve a acompanhar a evolução das idéas e dos costumes, ou essa Faculdade de Direito morre apodrecida, abandonada de todos, e sobre as suas ruinas onde para sempre ficarão também sepultados os seus mestres, de vergonhosa memória, erguer-se-ha um novo estabelecimento científico que para as gerações modernas representará o triunfo da liberdade e da ciencia sobre a tyrannia e a estupidez dos séculos passados.

A Academia de Coimbra pôde ter nessa tarefa grandiosa um papel honroso e digno. E nós lembramos aos rapazes intelligentes e dignos que ainda ha nesta Universidade tão aviltada, tão envergonhada por mestres e discípulos, quem não deixe de acompanhar nos na nossa cruzada redemptora.

HOMEM CHRISTO, FILHO

Gostosamente publicámos este artigo que nos foi enviado pelo sr. Homem Christo, o estudante que, audazmente, com uma bella coragem e intrepidez, levantou, a velha e debatida questão, da criação d'uma Escola de Direito em Lisboa.

Ele representa, em absoluto, o modo de pensar dos que escrevem n'este semanário. E' uma questão de rudimentar justiça e de mais rudimentar intelligencia. Ora, é por isso mesmo, e porque em Portugal vivemos, e viveremos, que temos, d'antemão a certeza que essa campanha não produzirá resultado algum desta vez como não produziu das outras. Quem n'ella se meterá vê-se abandonado, só com a sua razão, a justiça da sua causa e a breve trecho, com uma enorme vontade de mandar ao diabo os homens independentes do seu paiz, a opinião esclarecida e a imprensa do seu paiz e... muito mais coisas do seu, — do nosso, sr. Homem Christo! — divertidíssimo paiz. O ensino do Direito continuará a ser monopólio exclusivo da Universidade. E' idiota — dirá — é criminoso até! Pois por isso mesmo! Que quer o nosso preso collaborador! as coisas são o que são e não o que deveriam ser, como nos dizia um professor de latim que tivemos. O sr. lembra-se da questão académica? Pois bem: a criação d'uma Escola de Direito em Lisboa era uma das reclamações... Ardeu Troya!

Tudo se movimentou, tudo pôdiu, supplicou para que tal se não fizesse e tal se não fez. O formidável imbecil e criminoso que nos governava então, respondeu ás instâncias dos que o assediavam, pouco mais ou menos isto: que nunca pensara em tal disparate.

O disparate é o que nós pedímos: a criação da escola de Direito! E d'essa vez — ó como é bella a homogeneidade d'opiniões! tudo

concordou, fraternisou, com o grande homem! Politicos de todas as cōrēs, conservadores, revolucionários, tudo gritou: Muito bem! isto é que é fallar! Já vê...

E os argumentos? não se lembrava dos argumentos?

«A incerteza e a confusão da vida jurídica nos grandes centros» — isto, snr. Homem Christo, diz-se, escreve-se, o que é mais! com as duplas responsabilidades de lente, presumível homem de ciencia, e de presidente d'uma Camara Municipal! Pode entender-se esta phrase assim: o Direito só se estuda bem na província, ou concluindo, se um dia se chegar a estudar Direito na Lourinhã ou Paio Pires, então, é que haverá em Portugal, progresso jurídico!

Foi, por estas e por outras, que a falencia moral, a morte ignominiosa ás mãos dos bandidos franquistas da geração da grêve se realizou, no meio da mais covarde e mais infame indiferença de todos, salvas as excepções de Brito Camacho, e poucas mais.

Ensinaram a este bello povo de Coimbra, estiolado pela Universidade e impossibilitado de progredir pela Universidade, — que essa mesma Universidade que lhe estanca e embota todas as energias serias e honestas, era o seu grande bem, o seu unico bem, sem o qual elle morreria e ahi tem o snr. a solidariedade inconsciente d'uma nobilissima cidade em volta d'um disparate cuja conservação prejudicia infinitamente o paiz e só a uma restricta minoria aproveita. Ora Coimbra tem votos, faz política... Ja vê? E isto são todos, todos os partidos, desgraçadamente. E a *Revolta*, se assim falla é porque é um jornal de rapazes que, nada podendo sóis, uma unica coisa pôdem e devem — dizer a Verdade sempre!

MIUDEZAS...

Esta teve graça. — Um d'elles era um rapaz alegre, sadio, caçador «frêcheiro» da boa femeaçinha de Deus, que veio ao mundo p'ra extasi da alma e consolo do corpo.

Que lá com a alma não se importava elle muito! O corpo sim! O corpo é que elle o queria sólido, perfeito, de uma elegância elástica e forte, como os marmores helenicos. Que a Vida Deus a fez e a quer, harmonica e bella, a garantir-lhe os créditos d'artista e não ha nada mais lindo sob os astros, do que uma linda cara em corpo esvelto.

Alma? — se a carne a tem e pulsa e seiosa! E que poema vale uns olhos de pupila accessa, nariz d'azulamente e fina, boca d'ouro que ri e canta quando falla, deixando ver as pêrolas em fietra entre a purpura dos labios, — mais doces e de mais summo que a polpa tenra da cereja bucal! — Esta teve muitíssima graça!

E teve-a porque o outro era um poeta, um sonhador de virgens impossíveis, um bardo sentimental que amava as donzelas chloroticas, os lagos de balada, mansos e prateados ao luar entre cedros azuis, e sonhava em ser trovador d'amor na meia-edade sob a esguia fresta do castello ir cantar o solau da sua magua, à loira castellã que em cima o escuta.

Ora foi por isto que esta teve imensa graça...

Encontraram-se os dois a um fim da tarde. Que cordão que o primeiro vinha, bolsa de caça a tiracollo, recheada, espingarda ao hombro, a polaina a cingir-lhe o molete rijo, cheirando bem a matto, a sol, ao halito da terra!...

O outro estava triste, ah! muito triste! Dormira mal, sucedera-lhe um

desastre de noite — queda da cama abaxio, nos arroubos do sonho místico...

— O' coisa, rica caçada, menino! E estou com uma sede... Queres tu vir d'ahi beber um copo...

Somnolento, abstracto, o outro respondeu:

— Não... obrigado...

— Vem d'ahi... Olha que é bom...

E vai então que ha-de fazer o tal p'ra se livrar do convite que o chama á realidade?

Desencostou-se da parede onde preguiava e, fitando do outro a face justa:

— Vou p'ro meu balcão, ver as tonalidades róxas do poente sobre o Choupan...

— Que careta que fez o caçador!

Não que aquella era mais dura de enxugar que a uma perdiz o chumbo da sua caçadeira!...

— Dize lá isso outra vez?...

O poeta repetiu, como n'um sonho:

— P'ro meu balcão, etc...

O caçador pôz-se serio, recuou um passo, mediu-o dos pés á cabeça estirado e, soltou esta:

— Ora vê...

O' manés de Cambronne!

— Eu não lhes dizia que esta tinha graça!

D. Funs.

grandez de par e de ministro honorario, vende o seu vinho mais depressa que os outros — enche o seu cofre primeiro do que ninguem, só, unico, entre milhares de pessoas que não tem a certeza do dia d'amanhã.

Um seu subordinado, um seu *trumpho* enche as suas adegas de vinho do Sul. O povo sabe-o, protesta, quer castigar quem assim afronta a sua fome. As autoridades para o acalmar, prometem ir no dia seguinte fazer a verificação do facto, o arrolvimento legal do vinho que esse *trumpho* do conselheiro possuia, com desrespeito á lei e afronta á desgraça.

E logo o conselheiro e outra collega ordenam ás suas autoridades por telegramma: não façam isso! perdem-se votos!

Ah povo, povo! Como 4s vezes fica bem na tua boca trovejante a frase historica de Cambronne aos ingleses!

Factos e Commentarios

Celebres... de Boria

Em homenagem ao Orpheon Academic e aos seus directores interrompe-se esta secção, que recomeçará no proximo numero.

Dr. Caeiro da Matta

Lavra grande indignação contra este lente de Direito e na imprensa da cidade já ferve iracunda contra elle uma temerosa campanha por constar que sua ex.º patrocinia, como deputado, a criação d'uma Escola de Direito em Lisboa. Chega-se a aventure a disparate de que o professor Caeiro se propõe mudar a Universidade para Lisboa, o que seria injusto, em vez de se limitar a propor que se crie na capital uma outra escola de Direito, que com as outras que lá existem, poderia levar á criação logica e sem augmento de despesa da Universidade de Lisboa, — o que seria justissimo. No entanto achamos extemporâneas as iras contra o professor Caeiro.

Julgamos, aproximadamente conhecer o feito de s. ex.º.

Reputamo-lo um bem intencionado com a intelligencia suficiente para distinguir o que é justo do que é injusto, mas sabemo-lo igualmente um timido, um hesitante, sem coragem para arrastar com ondas de nenhuma especie e por isso mesmo, condenado a... morrer afogado.

Não se precipitem pois os paladinos da Universidade. Caeiro da Matta é lente, é deputado, tem um capello e um mandato do... Ministerio do Reino e não desmanchará prazeres, estamos convenientes d'isso.

Nem elle nem *nem*, note-se.

Quando muito, limitar-se-ha a pedir documentos.

Ainda é uma rica coisa a gente ser estudante, estar-se nas tintas p'ras faceis popularidades, p'ra não ser como *isto tudo*.

Um distico...

... que reputamos digno d'aqueles que se propõem inaugurar um novo estado de coisas no paiz:

— Entre um interesse particular e um interesse geral, este deve prevalecer aquelle — por mais que isso nos custe.

De contrario, não merece a pena mecher n'isto...

Pelo Exercito

O que, em matéria de perseguições, de vexames, de torpezas, se está passando no Exercito, é inacreditável! Officiais que não são republicanos, que não têm nenhuma politica e apenas são criaturas trataveis, sociáveis, amigas de conviver, são vexados nos seus brios de homens e de militares com avisos e repreensões constantes da parte de alguns paspalhões agolados, capazes de se borrar de medo assim que a hora do perigo chegar.

As pesporrencias d'estes *heróes*, militares de secretaria, que nunca ouviram tiros senão nos exercícios, produzem um mal estar intolerável e justificado na maior parte da oficialidade que assim se vê reduzida a uma desprimatora situação de vítima de suspeções imbecis e desracionales. E' para que os snr. officiaiis saibam e sintam que, no seu proprio interesse, esta crise geral do paiz tem de acabar e depressa.

Exoterikos

Consta que um dos membros já abandonou o Cenaculo. Perguntámos qual a causa da saída e disseram-dos que tinha sido uma desinteligencia.

Não seria antes intelligencia da parte do membro saído?

A REVOLTA

A Escola de Direito em Lisboa

Em logar próprio publicamos um artigo do sr. Homem Christo sobre este assunto, seguido d'umas considerações da casa. D'essas considerações fundamentalmente se infere que nós estamos, em absoluto ao lado d'essa campanha que reputamos da mais elementar justiça. Simplesmente, por que este jornal, no actual momento, têm assumtos geraes de mais urgencia a tratar, nos não interveremos diretamente no assunto, senão quando tambem, a elle formos, chramemente chamados.

Outros se quiserem, farão com mais autoridade e com maior voz do que a nossa que é fraquinha e, por tal, não se ouve onde se deveria ouvir.

Pelo resultado da campanha nada damos, exactamente por que ella é Justa. O que já se fez para que «o Seculo» não fallasse no caso, nem consentisse que alguém de fora, sobre tal escrevesse. Miseravel tudo isto e, alem de tudo imbecil! Pacienza!

No entanto as columnas da «Revolta» estão ás ordens de quem com boa vontade, queira tratar a questão.

Vingados!

Metteu se comosco a Palavra, quando a Revolta saiu, e disse-nos coisas leias. Com licença ó collega:

Sonho puro

D. Bernardino, o Grande, trovejava: — Sou a Revolução... de barba branca; Armando d'um cacetete ou d'uma tranca, Que admira a minha cõr de beterraba? Não vale encavar...

Escolas moveis

Padre Mattos ferrava há dias a sua dentada na Associação de Escolas Móveis.

E' claro. A Associação tem por fim a instrução do povo e por isso Padre Mattos se atira a elle.

Mas não ha novidade. As escolas moveis estão defendidas pela sua obra que tem a simpatia de todos os que neste paiz não são... Padres Mattos.

Ferra pois o dente, miseravel, que a couraça é forte.

Céphalo

Esteve no domingo em exposição num estabelecimento da Baixa um manequim ostentando as insignias doutorais da faculdade de Direitos.

Mas — coisa curiosa — a borla assentava sobre o capello porque o mostrenço... não tinha cabeça!

O sr. gerente do Chiado, olhe que não vale atacar com baldia certa...

Revisão

Já não nos falta muito para sermos um *jornal d'importância*! — até a desastre revisão. Assim no ultimo número foi um estendal de gralhas e algumas d'ellas dayam origem a interpretações equivocas como por exemplo no artigo «Coisas e Coisões» saiu o «pen de Neptuno» por «pendulo de Neptuno».

«O pen de Neptuno! Que diabo será?»

E no editorial, quasi no fim da primeira columna, saiu «apresentando a economia nacional» por «fomentando a economia nacional».

Apesar d'isto tudo nós continuamos a garantir que os «exotherikos» não colaboram cá na gazeta.

Preparamos as malas

do Portugal:

Padre Lourenço de Mattos

Seguiu hontem de manhã para o Norte, com demora de alguns dias, o nosso preso director, padre José Lourenço de Mattos.

Cá o encontramos. Segundo informação que temos, veiu conferenciar com os da seita, para nomear uma comissão que no mais curto espaço de tempo, sache o X do problema que o actual prior da Ajuda pôz em equação: — destruir os republicanos e a masonaria, o unico meio de salvar a Patria e as batatas. Sem fazermos parte da comissão e sem querermos fazer jogo às indulgencias que nos podem advir, gostosamente apresentarmos uma solução que deve ser infallivel. Solicitar do Padre Eterno que opere o milagre, e se já não tem credito junto d'elle, podem aproveitar como intermediario, o Papa, que sem duvida são attendidos, pois como acaba de ser demonstrado em Messina está nas melhores relações com o dito Padre Eterno.

O Santo da Ermida

— O auctor do conto que publicamos no numero anterior não é nenhum dos nossos correligionarios Fernandes Costa ou Francisco da Cruz.

Ridendo...

— Então, conde, uma chavena de café...

— Oh! muito obrigado. O café é um terrivel excitante, um veneno...

— Não é tanto assim, conde. Meu pae toma immenso café e apesar d'isso já tem setenta annos.

— Perfeitamente. Mas se não o tomasse de certo teria muitos mais.

IMPRESSOES

Foi na segunda-feira passada, que nos chegou aos ouvidos, que o tão fallado padre Mattos se encontrava em Coimbra.

— Vi-o agora mesmo, dizia alguém. — Era elle, não resta duxida, acrescentava este.

— Mas o quê, o quê, quem? perguntavam outros. É o grupo engrossava, apinhava-se, curioso.

— E' boa! O Padre Mattos em Coimbra!

— Sim, o Padre Mattos.

— O Padre Mattos!

— Hum...

E, tanto admirado, tanta supresa, tanto comentario á volta do pobre padre que, sejamos fracos, maldissémos o dia em que renegámos de tal carreira.

Mas, o caso era certo, ou parecia pelo menos. Toda a gente o asseverava...

O caso mesmo parecia ser celebre! Tanto espírito preocupado!

— O padre Mattos em Coimbra?

Nós mal o conhecíamos, só de vista n'um retrato, e em tempos.

Não era de todo um homem feio, pelo contrario, era até um bonito homem, boa figura, desempenado, e deus-nos a impressão de ser bondoso, extremamente sympathico, transbordando pureza, santidad.

— O padre Mattos d' O Portugal?

— O que o traria por cá?

Estranha preocupação!

O grupo inquietava-se, o grupo entrelhava-se, mexia-se muito, e dava-nos a entender coisa seria, caso grave, grande mysterio!

— Hum..., ouviamos de novo em tom desconfiado.

Porque, a vinda do reverendo cá á terra, era já ponto assente, trazia agua no bico.

Na verdade falava-se muito na revolução, na guerra civil, no estudo perigilante da corôa e da monarquia, um amigo, thalassa por signal, tinha-nos até afirmado que elle, era sua covicção, seria a dentro de um mes, para um dia muito proximo, que elle gostava de conhecer, porque, em summa, talvez podesse fugir... por dever de officio, por coherence...

O norte estava pouco tranquillizador, alguém que o viu nos ultimos acontecimentos vinha espantado, chamava-lhe impõente...

Por toda a parte se bradava — não não pôde continuar — não pôde ser — isto é uma desgraça — vamos a elle, e salve quem pôder...

O governo tomava medidas energicas, de decisão, de terror...

O governo e a monarquia armavam-se até aos dentes, acrescimos de tropa, de polícia e municipios; a reação importava armas; os republicanos davam as ultimas demas...

E, e era n'esta altura que o padre Mattos o reverendo d' O Portugal, entrava em Coimbra, inesperadamente, arro-gantemente!

Anda coisa no ar.

O que é certo é que o pobre padre foi perseguido, e foi fallado a cada passo. Não se mostrou muito, sem duvida mas...

E agora as hypotheses, porque viria porque não...?

O padre Mattos em Coimbra..., n'esta altura...

— Anda a tramá-l-a, anda a tramá-l-a.

— O maroto tambem conspira.

E era preciso cautella, contar com tudo, não falhasse a cartada.

— Nâ! interrompeu um mais optimista, aquillo é obra de congresso, inauguração de centros, ou cousa que o valha.

A verdade, porém, é que a presença do reverendo tornava-se incomoda. Houve, sim, quem dissesse tambem que elle tinha vindo felicitar os exotherikos, n'um abraço inteligente, mas...

Outro tambem, esse maldoso, que elle viera ver as caras novas da terra.

Talvez. Quem sabe lá?

Tivemos no entanto o bom senso de desconfiar de todos. Em boa hora o tivemos.

A informação veio depois, não pouco nos custou, mas era autentica. Um bom amigo...

A REVOLTA

Fóra o caso, que o nobre director resolvera, sabbado passado, dar no conhecido gremio, o Club dos nossos mestres, um grande baile, ruidoso cotillon.

Havia pares, animação, e desta vez servido abundante, mas... uma falta grande, a novidade, a moda.

Ora, Vá d'uma carta amavel ao bom padre, um convite, e tudo resolvido.

Elle viria e recitaria em voz maviosa, alta noite já, no meio da sala e das damas, uma quadra, um verso mimoso em... castelhano, embora tropego.

Verso espanhol! O chic!

Ah, mas o acaso é endiabrado. O correio indolente, a carta demorada, e o nosso reverendo fôra d'horas.

Que arrebia!

E, acima de tudo, tanta intriga, tanta maldição!

Veio, mas já tarde, e porque veio, e o viram, eis-o tramando, eis-o conspirando, eis-o revolucionario!

Pobres de espírito?

Bom padre, perdoae-lhes!

N.

SARAU

Em beneficio das victimas dos terramoto, da Italia promove a comissão academica dos estudantes da Universidade um brilhante sarau, hoje, no *Principe Real*.

Pelos elementos artisticos, que nele tomam parte é d'esperar que uma esplendida noite nos seja proporcionada, cortando assim este roncierismo do burgo.

Apresenta-se pela primeira vez em publico o Orpheon, sob a primorosa direção dos nossos amigos Antonio Joyce e Izidro Aranha.

Será este sem duvida um dos numeros mais interessantes da simpatica festa.

Os bilhetes acham-se á venda nas livrarias Moura Marques e França Amado e mais logares do costume.

O Brazil moderno

II

D'acordo com o plano traçado no nosso primeiro artigo, sobordinado á epigrafie acima, e publicado no ultimo numero, vamos hoje tratar ligeiramente da situação económica do Brazil actual, visto o espaço de que dispomos não nos permitir que nos demoremos em considerações e desenrolarmos o assunto como merecia.

Procuraremos portanto pôr apenas em evidencia alguns dados estatisticos e em destaque alguns numeros, com os quais possamos mostrar que aquele paiz apesar da sua pequena população proximamente 20.000.000 de habitantes relativamente á sua enormissima extensão territorial — 8.550.000 k² o que revela uma desproporção flagrante, e também apesar de haver apenas desenove annos que ali se implantou um régimen democratico, o qual tem poderosamente concorrido, principalmente de 94 para cá, para o seu grande desenvolvimento, apresenta uma situação devêras favorável, que mais se accentuará, não só por causa da riqueza natural que possue, como ainda pela continua corrente imigración, representativa de seiva tão necessaria ao seu vigor.

Segundo o orçamento de 1908, foi o seguinte o movimento financeiro.

DESPEZAS

Total em ouro 68625000

Idem em papel 329470000

RECEITAS

Total em ouro 91493000

Idem em papel 274217000

DIVIDA PUBLICA

Divida exterior em 31 de Dezembro de 1907. Lbs. 72133457

Divida interior em 31 de Março de 1907. rs. 352476592

Divida fluctuante em 31 de Março de 1907. rs. 277037604

Papel moeda em 31 de Dezembro de 1907. rs. 643531727

Por este synthetico mappa, genuina expressão da verdade, vê-se claramente que não deixa de ser lisongeira a condição financeira d'esse paiz, que n'estes ultimos cinco annos se viu na necessidade de reconstruir a sua Capital, em cujo empreendimento foram gastos milhares de contos, e aumentar consideravelmente a rôde dos seus caminhos de ferro, além doutros melhoramentos importantes, cujo resultado benefico não se fará esperar.

E' assim que nós vemos, seguindo ainda o mencionado orçamento, que só a verba destinada á industria, communicações e obras publicas, se eleva, em milhares de mil reis, a 88223000!

Ninguem ha que ignore, que um dos pontos de reparo para a apreciação de progresso d'esse paiz é incontestavelmente o predominio da exportação sobre a importação. Ora o seguinte quadro resume é por sua vez significativo.

IMPORTAÇÃO

Mercadorias em 1906 rs. 499281000000

Mercadorias em 1907 rs. 644938000000

EXPORTAÇÃO

Mercadorias em 1906 rs. 799670000000

Mercadorias em 1907 rs. 860891000000

A sua expansão commercial, como se vê, é invejavel, que denota uma crescente actividade na sua produção e na correspondente collocação dos seus productos, em condições favoraveis, resultantes de tratados do commercio vantajosos, em diferentes mercados mundiaes, cuja graduação successiva, na ordem decrescente, relativamente ao Brazil, incide nos Estados Unidos, Alemanha, França, Holanda e Austria.

Como já se disse, a immigração que igualmente representa um riquissimo elemento de desenvolvimento e prosperidade, ou melhor um dos elementos fundamentais, vae tambem successivamente augmentando devido á facilidade com que ali se encontra a applicação do trabalho e á remuneração compensadora. N'um pequeno numero de annos, até 1904 a immigração foi de 2096486 individuos.

Pois bem a propulsão, ate hoje, tem crescido e continuará a subir consideravelmente attendendo ás excelentes condições salubres em que actualmente se encontram os primeiros pontos do paiz que ha annos atras, devido á desidia dos governos monarquicos, representaram o cemiterio dos europeus, victimados aos milhares pela então endemicá febre amarela que hoje, a não ser nas regiões pantanosas do norte, passava á categoria de lenda.

Alem da salubridade outros factores

poderosos para ali atraem agora o europeu, como sejam: a rara fertilitade do solo, a incomparavel hospitalidade dos nacionaes, o desenvolvimento economico do paiz, álem de outras de valiosiss



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a



Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 meses, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no gênero das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fruta de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os gêneros, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Pâté de Liever e Foie.

Saneisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de 16, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empresa Vinícola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontello e dos produtos da Fábrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira à escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quais dispomos de pessoal próprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDORES CONTRATO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicílios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto à Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.

Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas feijudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas, cós lisas, muito largas, metro	120
Cortes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã	
e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Flanelas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para crença, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Flanelas brancas	540
Chitas, grande novidade	50
Lenços d'algodão para a cabeça, a	40
Lenços de percal, a	80
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu	
valor 1\$000 réis, a	550

E um sem número de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, gênero tailleur

Artigos de sanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

BRINDES! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 e 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os gêneros

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — COIMBRA

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escritório, tabacos nacionais e estrangeiros, postais ilustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que há de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas alemãs e francesas.

Pós e pasta dentríficas.

Escovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, piúgas, guarda-sóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o público, se encontra uma importante coleção de relógios de todos os sistemas e autores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios próprios para mesa, parede e morés. Há espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro.

Concertam-se relógios de todos os sistemas e autores e caixas de música.

Preços limitadíssimos

AMAZEM DE SOLA E CABEADAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a II — COIMBRA

Sempre variedade em cabeadas de luxo. Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação do calçado. Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas diretamente das principais fabricas nacionais e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Produtos químicos e especialidades farmacêuticas. tintas, óleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

COIMBRA

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelo fabrica estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrica, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOOS

Telephone 1146.

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academic

N.º 9

COIMBRA — Sabbado, 30 de Janeiro de 1909

Director e proprietario
Ramada Curto
Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6
Officinas de composição e impressão
Largo da Feira, 29, a 37.

EMENDANDO A MÃO...

Os boatos terroristas espalhados no estrangeiro pela gente da finança com a cumplicidade tacita do governo e o apoio dos elementos enfeudados ao monachismo-clerical que ora domina, tiveram, da parte do partido republicano a mais patriótica e digna das respostas.

Em quanto a Monarchia, mais uma vez, se apostava em nos difamar lá fora com a única mira de servir os interesses do regime em liquidação forçada e meia duzia de banqueiros e argentários gananciosos, o partido republicano reunia, a convite do seu Directorio, em Lisboa e, pela boca dos seus representantes, contrapunha a essa infamíssima propaganda de descredito a promessa, já em começo de realização, de defender no estrangeiro o bom-nome e o crédito nacional.

O que foi essa sessão do dia 22 são os próprios adversários da República, sempre prompts a mentir e a caluniar que se vêm forçados a dizer.

ImpONENTE, como demonstração de força, de serenidade, de alto e levantado patriotismo ella provou, mais uma vez, que o partido republicano é o único partido em que a nação pode confiar, em todas as suas crises — formidável partido de ordem e de governo, norteado por princípios e contando com o incomparável valor moral e intelectual dos seus homens.

Na crise política, incerta e tormentosa, que atravessamos, esse partido, que as condições actuais da nossa vida social orientada pela monarquia em ininterruptos anos de fallências de toda a ordem sucessivas e continuas, leva a ser, lógica e ineluctavelmente, um partido revolucionário, tem ainda tempo, tem ainda forças e energias próprias para se opor à ação dissolvente e perniciosa do regime e fazer o trabalho que incumbe aos partidos conservadores e dirigentes.

Parece que há aqui um não-senso, uma troca de papéis e, não ha dúvida que há. Em Portugal, com a monarquia e em quanto ella existir está tudo trocado, tudo ao contrário. A revolução — na acepção commun de desordem, de transformação violenta — não está na praça pública, nem a representa o partido revolucionário, o partido republicano, mas está nas cadeiras do Poder.

Não existe uma sociedade monárquica em Portugal, — uma sociedade tradicionalmente monárquica, com uma mentalidade inspirada pela monarquia e aspirações de futuro identificadas com os interesses do regime, e, à qual o partido republicano queira dar batalha e transformar violentamente, fazendo a revolução.

O que existe é uma sociedade republicana, um sentimento nacio-

nal republicano, um superior interesse colectivo identificado com o futuro da causa republicana e, ao qual, a minoria acephala e criminosa que nos governa pretende transformar revolucionariamente com a força unica que lhe provem de estar de cima, de governar e no intuito único de, á custa da desgraça de todos, continuar a manter os privilégios da casta.

Em quanto, por isso mesmo, se não fizer a Revolução republicana, não existirá em Portugal a Ordem — factor essencial do progresso dos povos, porque o poder, esse, é que representa a Desordem, a Anarchia em todas as suas modalidades mais perigosas, mais mortaes, para o futuro e para a vida da Nação.

No mesmo momento em que o partido republicano, serenamente, ordeiramente, vela pelos superiores interesses do paiz, dois homens que em Portugal se classificam a si próprios, por um euphemismo de mau gosto, d'estadistas, dois homens que já governaram, governam hoje e pensam governar amanhã, — Julio de Vilhena e o actual presidente de conselho, Campos Henriques, — dão à plateia o espectáculo, vulgar nos arraiaes monárquicos, de se atiram reciprocamente os últimos insultos, reconhecendo-se um ao outro — elles, os amigos d'ontem! — como os mais incompetentes, os mais incapazes, quer moral quer intelectualmente, de gerir os destinos públicos!

Mão na cinta, boca escumante, punho ameaçador, essas duas regateiras políticas esparrinharam sobre os respectivos caracteres e as respectivas mentalidades toda a lama do charco em que vivem as suas alminhas tacanhas e os seus cerebros de politequetes de vista-baixa.

O paiz já está habituado a estas scenas e apenas os encara como novos fantoches que representam a velha tragi-comédia, de ha muito conhecida. E' a velha historia « — o paiz está sendo roubado por uma verdadeira quadrilha de ladrões », dizem uns; e outros respondem « não pode ser roubado um paiz que já foi posto a saque ». — Edificante!!!

E é, por que mais resalta neste estendal de torpezas, a atitude nobilíssima do partido republicano, que os homens do governo, apavorados, rosnam coisas sombrias, aconselham moderação, inventam perigos — reciosos que nós os ponhamos em camisa perante a Europa, sujeitos á justa execração e risota do mundo culto e vão emendando a mão, no pavor de que a campanha de descredito que contra o paiz encetaram ou, criminosamente consentiram recaia inteira sobre elles.

Ah! como por vezes, com gente d'esta, se chega a compreender a crueldade, — como satisfação ao sentimento moral offendido e por amor á justiça!

PRO ITALIA Subscrição

A redacção d'A Revolta	5\$000
Anônimo	1\$500
N	500
Z. G.	500
T	600
J	300
Somma	8\$400

COISAS & COISOS

Escandaloso!

Podemos garantir que, apesar do que se diz em contrario, ainda continuam abertas algumas cadeiras na facultade de Direito. É phantastico este escandaloso! Isto assim não pode continuar!

Ou fecha tudo, ou ha-de haver aqui moralidade!

Companhia Real dos Caminhos de ferro

Serviço especial para lentes de Direito
(Lentes d'Ida e Volta)

Esta companhia, á semelhança do que se faz em Gerolstein, tem montado um optimo serviço de lentes d'ida e Volta, a preços reduzidos. As tarifas a aplicar são diversas conforme o numero dos ex.^{mo} Lentes que deste serviço se aproveitem. Isto todos juntos num compartimento sae o bilhete a 35 cada um. Serviço progressivo, rápido, moderno e aceado.

Ao fim de um anno de assignatura, a Companhia, em bonus, coloca os assinantes na comissão parlamentar de pescaria mandando-os substituir na regencia das suas cadeiras, por guarda-freios expressamente habilitados.

O Director do movimento... Irra.

MIUDEZAS...

Faz agora um anno. Época trágica, incerta, em que não se podia contar com o dia d'amanhã. A opressão moral era tão grande que, positivamente, se respirava mal, doía o peito, sentia-se o coração, por vezes, bater tão lento, tão a custo, que receiamos que elle fosse parar definitivamente. Um horror!... Prisões cheias, deportações, ameaças...

Um horror!...

A notícia estorvara como uma bomba. E ainda estamos a ver o José Mendes, sem folego da corrida desde casa até ao café onde estávamos, mal recebera o telegramma p'ra nos dar a grande novidade... Um raio não nos teria fulminado mais!... Era certo, não admitir duvidas! Na treva caliginosa rasgava-se, a subitas, uma larga clareira e a esperança... A esperança! — florinha humilde entre as neves de seculos que é eterna e divina!

Era certo! Viva a Patria!

E passado o sobresalto de todo o nosso ser ante a notícia — veiu uma reacção igual e alli nos quedamos, serenos na apparença, á mesa do boloquin, saboreando um café e conjecturando, pensando, devaneando...

Foi assim que elle, o representante da ordem, a autoridade nos foi encontrar... Cá fôra a notícia circulava entre a multidão que se apinhava n'um instante e — coisa que ha muito não

CELEBRES...

DE BORLA



O TERROR...

Não nasceu, foi promulgado,
Em fria noite d'inverno,
E fizeram-lhe umas fraldas
Com um « Diário do Governo »

Quando estava rabugento
Não dava gritos nem ais,
Dizia só para a ama:
« Diga! diga! diga mais... »

E a ama por não saber
Não respondia, coitada...
E elle gritava, damnado:
« A burra! não sabe nada!... »

Ha-de rugir quando lê
Estas quadras innocentas!
« Cá estão desconsiderações
Manifestas e pântentes ».

Dr. Watson

— Mas excepcionalmente inteligente...

— Por quem é!...

— Cheio de bom senso...

— Então...

— Bem vê que a notícia é mentira...

— Sério, hein?

— Absolutamente mentira... Que

V. Ex.^o, inteligente como é, viu logo...

— Sim, eu...

— Pois está claro... Eu dou a

V. Ex.^o a minha palavra d'honra...

— E impertigando-se, levantando a voz:

— A minha palavra d'honra, mais

sagrada... O comboio só chegou de

pois do rapido partir... Bem vê que

é uma «balela»... V. Ex.^o inteligen-

te como é, viu logo... Eu garanto a V. Ex.^o, don lhe a minha palavra d'honra... Recebemos um telegramma que dizia: o comboi teve nm atraso de meia hora perto da Casa Branca... Toda a familia optima e delirante clamação em Lisboa...

— Sim, hein? Eu logo vi...

— Pois é claro! V. Ex.^o, intelectuado como é, viu logo... Eu don a V. Ex.^o a minha palavra d'honra...

— Ora essa! Não é preciso... Toma alguma coisa...

— Muito obrigado a V. Ex.^o... V. Ex.^o é claro com o seu bom senso...

— Pois não... E' claro...

E lá foi...

Nunca vi, nem espero ver nada mais comico no meio d'uma tragedia...

D. Fuas.

Pela facultade de Direito

Providenciou finalmente o governo sobre a vergonhosissima situação em que se encontra a facultade de Direito que no actual anno lectivo temido fechadas algumas das suas cadeiras mais importantes por falta de professores.

Acordou tarde o governo, mas mais valia ter continuado a dormir do que sancionar o tremendo disparate que para ahi aparece com o nome de decreto, e como sendo o remedio necessário para acudir às necessidades do ensino jurídico.

E' claro que o governo procedeu assim porque a facultade de Direito se lhe dirigiu nesse sentido pela boca do Reitor da Universidade.

O governo só por si era incapaz de ter iniciativa, boa ou má, em coisas de instrução porque nenhum dos seus membros jamais se preocupou com essas batalhas e porque todos se mostraram profundamente gratos para com a ignorância dos outros e sem a qual nunca poderiam ter alcançado as posições elevadas que ocupam.

Demais as necessidades de regedoria e as premeditações de pavorosas sam neste momento o unico objectivo dos nossos governantes.

E o documento, finalmente, não engana ninguém. Sente-se nelle a alma pequenina da facultade de Direito, e em cada uma das suas disposições vê-se o espírito de casta dos seus autores. Se não veja-se.

A facultade de Direito tinha neste momento ocasião de mostrar ao paiz quanto é grande o seu desejo de progredir e acompanhar o movimento científico dos nossos dias, e quanto nós estudantes somos injustos quando a acusamos de reacionaria e cathecrática.

E para isso bastava pedir ao governo em primeiro lugar, ou mesmo exclusivamente, aquilo que só lhe pede para quando não houver mais nada de que lançar mão — o poder de chamar a regras suas cadeiras vagas os homens de ciencia, encopelados ou não, que fossem julgados aptos para tal.

Em logo, porém, dessa resolução que a nobilitaria e reabilitaria de muitos erros passados, a facultade de Direito entende conveniente para o ensino e para os seus brios esgotar primeiro todas as tentativas para que os lentes jubilados, os capelos e os licenciados venham preencher as faltas existentes.

Os lentes jubilados chamados novamente a reger cadeira, não lembra ao diabo!

Qual foi então o motivo da sua jubilação?

A não se ter feito um grande escândalo devido a verdadeira causa foi a sua incapacidade física ou intelectual e quasi sempre as duas. E cremos acreditar que o primeiro facto se não deu na quasi totalidade dos casos, porque ao lente não convém a aposentação que, em geral, o mesmo vem a ser do que a perda de toda a importância e influencia que desfruta.

Mas se elles foram julgados incapazes como admitir que esses homens voltem a ocupar os seus logares?

Uma destas só das cabeças dos lentes de Direito...

E caso os jubilados não queiram, cheios de bom senso, voltar á antigas, devem ser chamados os capelos, diz o decreto.

Ora todos os que tem passado pela Universidade sabem bem a quantidade de patetas e de nulos que tem chegado a Doutores. E' mesmo vulgar ouvir-se dizer, que individuos ha que, não poden-

do ser lentes, pedem aos mestres para lhes darem o grau de Doutor, tendo-se previamente comprometido a nunca ir a concurso.

Vem a seguir os licenciados. A respeito destes nada ha a dizer senão que estão em melhores condições de saber ensinar do que os lentes porque não tem de desaprender, como dizia um notavel advogado falecido, o que poderiam ter estudo para defender teses e fazer concursos!

Vem finalmente em ultimo lugar o recurso aos homens de ciencia que a faculdade julgue capazes de saber ensinar.

Quer dizer que nunca será preciso recorrer a tal, e a faculdade de Direito fica absolutamente satisfeita com isso — porque ha por esse paiz muito pateta de borla, mortinho por se sentar na cathedra.

Nada tolos estes mestres de Direito! E estam com certeza convencidos de que toda a gente louvou o seu belo e atrevido gesto de pensarm em convidar para a sua olimpica companhia os homens de ciencia deste paiz!

Homens de ciencia na Universidade! Ora os atrevidos...

Francino Corare

Factos e Commentarios

Festas academicas

Falla-se entre a briosa em fazer as festas do centenario da cabra.

Deve haver, segundo a praxe, cortejo com carros allegóricos.

Que não esqueça o carro funebre da greve que, coitadinho, ha dois annos que está insepulta, cheirando cada vez peior.

Homens illustres

Foi publicado um decreto autorizando o estabelecimento a chamar, se tanto for necessário, homens illustres para a regencia das cadeiras vagas na facultade de Direito.

Como em primeiro lugar devem estar os da casa, desde já recommendamos o sr. Gayo.

Exotherikos

Diz-se que os exotherikos reunidos em assembleia geral resolvem pedir aos poderes competentes a proibição do conhecido pregão das peixeras de Coimbra — sardinha co a areia.

Julgam que é piada ao poeta do mal alto...

Um diplomata

Numa porta d'escada em Lisboa foi encontrado fora d'horas um addido de legação que ficou algo atrapalhado com o caso.

O que elle fazia não sabemos.

Tambem não sabemos de que legação é o diplomata mas deve ser da aliança.

Que diabo estaria o homem a fazer?

Um equívoco

Já vamos tarde, é certo, mas antes tarde do que nunca, lá diz o risão antigo!

Pois é verdade.

O ministerio Ferreira do Amaral não resistiu ao beaterio.

Lá foi abaixo, com elle, por causa d'elle.

São as proprias irmãs que o dizem.

O orgulho da força!

E não ha dúvida. El-rei falou.

O Conselho de Estado reuniu, mas para ouvir da boca regia, que... — o ministerio estava demissionario.

O conselho de Estado ouviu... e nada mais.

O caso estava resolvido já de antemão.

As irmãs! Os irmãos!

Foram elles que o resolveram, e com todo o direito, porque não?

Demais, dizia-se á boca cheia, que o Makavenko era péccato.

Nada de brincadeiras.

E foi para a rua. O unico caminho.

Victoria!

Liberal? Uff!

E a intóna, os republicanos? A intóna, a intóna?

Era realmente comprometter tudo, por completo. Nada...

As beatinhas tem razão. E ellas o dizem.

Foram elles e é que foram.

As saias, as saias!

... di feminia!

Celebres... de borla

Já era nosso intento.

Mas ultimamente, amaveis assignantes, pediram tambem — os celebres colacionados. Um albumsinho.

Assim é que, no numero de hoje, tentámos um formato adequado, e processo de gravura diferente.

Os nossos leitores dirão. Agradar assim.

O celebre de hoje presta-se pouco a inovações, mas... e até vermos.

E' troça

Disse-nos um amigo no café que era verdade. Mas qual histori!

O movimento era desusado, sim, era; muita polícia, caras novas na terra, algumas de gravata vermelha, puxando á democracia, mas... as botas tão altas, o bengalão!

E d'ahi, talvez fossem.

E' boa, mas chegará até cá?

— Você verá. E é para breve.

— Então, Coimbra ameaça, Coimbra arrazada?

Alguma cousa lucraremos, concluimos nós em surdina.

Aulas fechadas!

Uns feriátilos! E não eram maus. O anno já vai tão grande e promete... tantas complicações...

Ah! Boa greve!

Obrigado, amigo, assim seja.

De Coimbra para o Seculo.

«Conta já 200 assignaturas a mensagem de congratulação que vai ser enviada ao sr. Conselheiro Vasconcellos Porto pela sua eleição para chefe do partido regenerador-liberal.»

A grande maioria destas assignaturas é dos meninos cá da briosa que a troco da promessa d'un empregosinho furaram a greve.

E ha inda quem tenha esperanças, que, com estes francoseiros isto se endireite.

De passagem

No baile do Gremio:

— Sim, sr. Conde, é realmente um pintor notavel.

— Veja você. Tenho em casa, feita por elle, uma ampliação a oleo d'un retrato meu. É uma perfeição. Está parado, dizem-n' todos, até as proprias pessoas que me não conhecem.

Carta a um comerciante

Hoje, ao assentar-me aqui á mesa de trabalho, deparei com o numero d'A Revolta, que o meu amigo devolveu.

Perdoe este modo familiar. Mas o traço que cortava o artigo incriminado, origem da devolução, faz-me crer que o senhor é uma daquelas criaturas de que os seus pacatos collegas ham de fugir, tam nervoso e tam febril, que mal o posso imaginar a fazer lançamentos nos livros da sua, por certo, complicada escrituração. Porque elles fogem é que eu a si me dirijo. Ao meu amigo deve faltar a conversa. Um pouco de cavaco, poiso.

O artigo do Homem Christo teve o condão de excitar-lhe os nervos: julguei ver ali um melindre, uma offensa pessoal ou á sua classe, o que o meu amigo não suporta e com razão, o que ele não quis fazer e com delicadeza.

Mas discutamos com serenidade.

Homem de negocios, com imensos e incalculaveis pequeninos nadadas a ter sempre em vista e em conta, especialização das suas laculdades — não pense que nisto veia melindre — fá-lo arredio do problema que se debate, e não foi de certo na intenção de imitar o gesto e ter a fortuna do velho gáulez que o meu amigo atirou a sua caneta sobre a coluna e meia do pobre artigo. Não loi para que do nosso lado pezasse mais, confessou.

Não quis entrar na discussão á éla trazendo um pouco da sua filosofia, um sólido e subtil argumento que desfizesse o pezado daquelas afirmações. Não quis. Não se preocupou. Não poude. A especialização das suas faculdades!

— Sim é verdade! Eu sinto que me diz que foi apenas sua intenção desfarror-se. O sr. tem os seus brios.

Nesta altura noto-lhe já que o brio não é nenhuma faculdade critica. E assim não entrou da unica maneira por que deveria entrar.

O que prova a sua devolução contra a má organização do ensino?

— Ah! sim, ela prova, e demais, a nosso favor! Mas não foi sua intenção dar-nos o argumento. Já confessou. O

sr. desfarrou-se, fez uma balda — o jogo continua incerto....

— Mas quer continuar? — Oiça ao menos. Nós nem de leve supozemos ganhar a partida. Tivessemos... impressões!

Lembra-se do João Franco? Foi no tempo dele que começámos a jogar. A Camara e o Commercio de Coimbra, de combinação, fizeram-se em oivos alegrando logo que isto de nós querermos ser feitos para nos pormos a seguir a andar, não podia ser; que era uma deslealdade para com eles, nossos amigos parceiros; que ganhavamos todos em conservar esta mezinha, uns com o silencio que se não encontra «na confusão dos grandes centros», outros tirando d'aquilo honestamente, está claro, o bastante para ir vivendo.

Fizemos então algumas *baladas*!

Os senhores cortavam com oiros e enchiham as vazas com paus e espadas...

Perdemos. Mas rapazes... — Ai estam outros que querem jogar.

E já os srs. começam a falar dos interesses — diabo! — dos oiros, da sua influencia, ameaçam — enchem com paus e espadas — e não ha maneira de sair d'aqui.

E o sr. lez aquilo p'ra desfarrar-se!

Ora!

Ninguem o quiz melindrar, nem a si, nem aos colegas.

Entre parceiros, pelo menos, cortezia.

Um conselho, meu amigo: façam o mesmo jogo, carreguem nos naipes pretos, apertem nos trunfos, o *fraco* assusta-se e desorienta, e os rapazinhos que querem fazer de fortes estândem estendidos.

E os srs... ganham, pois não haviam de ganhar.

Mas trunfem sempre em oiros, é naipes rico, dá mais interesse!

E agora não pense que nos zangamos. O sr. lez o que poude.

E a quem faz o que pôde, Deus lhe acode. Assim seja.

P. J.

P. S. — Não esqueça o trunfo, hein! E deixe folgar quem folga...

A REVOLTA

O Brazil moderno

III

O assumpto de que hoje nos vamos ocupar — a instrução — é um d'aquellos que, pela sua capital importância, não pode, com proveito, ser apenas tratado n'um rapido artigo, por mais sumário e resumida que seja a nossa exposição.

Dividil-o-emos portanto em duas partes, tratando na primeira, da *instrução primaria e secundaria*, que hoje traçaremos, e na segunda, da — *instrução superior* — que constituirá o objecto do nosso proximo artigo.

Um dos problemas que mais demorada atenção e mais accurado estudo têm merecido dos governos da Republica, tem sido incontestavelmente o da instrução primaria — procurando diffundir a mais possível, e oriental-a de sorte que, o seu resultado seja na verdade, beneficio e util.

E os seus esforços estão sendo coroados de bom exito.

Não falando já do Distrito Federal, onde ha superabundancia de escolas officiaes de ensino primario, consideravelmente frequentadas e dispondo todas de optimas accomodações e magnifico material moderno, observa-se em todos os Estados, mórmente no de S. Paulo, o mesmo afan, levando a toda a parte, mesmo aos logarejos mais insignificantes, a corrente salutar do ensino, não poupano para isso verbas extraordinarias.

E assim que a percentagem do analfabetismo tem baixado extraordinariamente n'estes ultimos annos e de um modo bem symptomatico.

Mas, alem do professor ser bem pago e a tempo, o que o incita a cumprir fielmente á risca e com verdadeira devoção a sua missão patriótica; do material ser, como já se disse, correspondente a todas as exigencias do ensino; da existencia de premios, que mais despetam o estímulo da creança; um outro factor existe — e este o mais importante — que determina o resultado que os dirigentes do paiz tiveram em vista — o civismo, isto é, a primorosa educação do sentimento patriótico da creança, de forma a tornal-o um verdadeiro cidadão, amante da sua patria incomparavel, admirador das instituições que a dirigem, e consciente do verdadeiro culto a prestar aos principaes vultos da sua historia.

Queremos fazer referencia ao — *metodo intuitivo, logico e racional* — posto em pratica e que, em nada, se parece com o processo antiquado e estupido ainda hoje seguido na maioria das nossas aldeias, em que a creança, longe de lhe formarem o coração e satisfazem o seu espírito, embota a inteligencia e tortura cruelmente a memoria, decorando *estupadas* inuteis, para depois as vomitar inconscientemente na presença do estropiado e chlorotico mestre escola, que, tambem na maioria dos casos, se faz impôr aos seus pequenos discípulos, não p'lo carinho ou afago, mas pela dura e alentada palmatoria ou flexivel e resistente manteleiro.

Aquele metodo consiste muito simplesmente no seguinte:

1.º Despertar as facultades intelectivas do discípulo por meio de exposições claras, exemplos frizantes e comparações felizes, que elle facilmente assimilará, servindo-se da memoria como simples subsidio.

2.º Sempre que seja possível, dar preferencia ao ensino pratico, de sorte que o aproveitamento seja mais profícuo.

3.º Promover constantemente entre os alunos, discussões ordenadas e disciplinadas acerca de temas previamente estabelecidos pelo preceptor, que a essas mesmas discussões assiste, e do que resultam optimos resultados.

4.º Animar o incentivo da creança por meio de premios e outras recompensas, dirigindo-a com carinho, de modo que a escola em vez de lhe incutir terror, lhe despetre antes *sympathia*.

5.º Educar e desenvolver tanto quanto possível o sentimento patriótico. Para este fim, basta citar como exemplos o ensino da historia patria por meio das biographias de seus heróis (Metodo Sylvio Roméro) e a adopção de livros de leitura como o de Hilario Ribeiro, intitulado — *Patria e dever* — que contem preciosos elementos de educação cívica e moral.

Convém tambem lembrar a obrigação de, pelo menos, uma vez por semana, todos se ensaiarem nos canticos e hymnos patrióticos, o que desenvolve enorme entusiasmo, não esquecendo igualmente as preleções simples e accessíveis sobre o culto a prestar á ban-

deira, aos mortos, á democracia, e a todos os monumentos que traduzam uma idéa nobre ou um facto glorioso.

6.º Finalmente, observar rigorosamente o § 6º do art. 52 da Constituição da Republica, que diz: *será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos publicos*.

Com tses processos, não é difícil pois ajuizar, quaes tenham sido os resultados obtidos.

Relativamente á — *instrução secundaria* — está ella hoje modelada pelo sistema adoptado na Alemanha.

Alem do curso geral, existem os bachelatos em sciencias e lettras, estes ultimos com um curso de sete annos cada um, no fim dos quais, e prestado o exame chamado de — *maturidade* — o alumno obtém um diploma, que lhe dá ingresso no curso superior a que se destinou.

Os estabelecimentos officiaes para esses cursos, notaveis pelas suas instalacões e direcção, chamados — *Gymnasio* — (denominação correspondente aos nossos Lyceus) dividem-se em: — *internatos e externatos* — funcionando aquelles, em predios separados destes.

Nos primeiros, os alumnos, mediante annuidades commodes e modicas, encontraem, alem do ensino, uma alimentação abundante e sádia, hygienicos dormitorios, magnificas installações balneares e todos os requisitos eminim que taes estabelecimentos de instrução devem conter, como: cérca, jardins, salas d'armas e de gymnastica, theatro e jogos athleticos, necessarios e vantajosos para os que ali têm de permanecer durante um prazo de tempo não pequeno, pois que só em occasião de ferias lhes é facultado estar junto das respectivas famílias.

Nos segundos, o regimen de frequencia corresponde ao adoptado nos nossos Lyceus.

Escusado será dizer que no ensino secundario, o metodo adoptado não é mais do que o desenvolvimento do que anteriormente apontámos e ligeiramente descrevemos, e cujos resultados julgamos ocioso, de novo encarecer.

Na proxima vez, esboçaremos a — *instrução superior* — apreciando cada um dos seus ramos e detalhando a respecto d'alguns os seus programmas, afim de evidenciar a sua proficiente orientação.

NOTA — No artigo anterior, devido á pressa com que a revisão foi feita, passaram muitas *gralhas*, como — desenrolarmos em vez de — desenvolvemos — e muitas outras que a intelligencia do leitor decretou rectificou e a sua benevolencia relevaram. Os algarismos e que, por acaso, sahiram certos, excepto a data de 1906 em vez de 1907, referente á exportação da segunda verba de mercadorias.

A. S.

Animatographo Pathé

Realisou-se no domingo passado a estreia deste animatographo, que funciona no Theatro Príncipe Real.

O programma variado, composto de bellas fitas, foi rigorosamente cumprido, satisfazendo as exigencias do publico, tanto pela nitidez das figuras, como pela quasi imperceptivel trepidação.

Estreou-se tambem a gentil e sympathica coupletista Alda de Jolie, que sem ter uma voz muito poderosa, disse com muita clareza, todos os couplets, acentuando certas phrases com immensa graça, mas sem exageros.

Asseguramos a nova empreza todas as prosperidades que merece, se continuar, como é de esperar, a dar boas sessões como a de domingo, com duas casas cheias.

Tourada

Em beneficio dos sobreviventes d'Italia um sympathico grupo de rapazes amadores tauromachicos de nome feito alguns d'elles realizam amanhã 31, na praça da Mealhada, uma corrida que a avaliar pelos elementos de que dispõe, promete ser deslumbrante. A iniciativa altruista d'estes nossos amigos tem encontrado no publico um acolhimento de tal ordem que, aconselhamos que se apressem os que ainda não tem bilhete. Haverá comboio especial de Coimbra para a Mealhada, a preços reduzidos.

Na redação d'A Revolta até ao meio dia de amanhã podem requisitar-se bilhetes.

ENSAIOS DE CRITICA

A arte moderna

I

Em politica «anarchia» significa ausencia de soberano; em materia de arte quer dizer: ausencia absoluta de leis impostas ao compositor sob qualquer forma.

J. Combarieu

E' antiga e profundamente verdadeira a ideia de que a Arte é una e indivisivel mas que se apresenta por formas diversas.

Qualquer que seja o conceito que se orme da arte esta unidade toma-se pelo simples exame das suas manifestações, absolutamente clara; o fim de todas é provocar no espírito humano emoções phisiologicas de um caracter especial. Os proprios meios de que para este fin se servem os artistas embora diferentes, tem pontos de contracto, pois ninguem desconhece as analogias de rythmo, compasso, altura, intervallos e expressão communs á poesia e á musica; o paralelismo dos fenomenos de óptica e de acustica foi estabelecido pelos trabalhos de Thomas Young e Fresnel e a analogia entre as vibrações sonoras e as vibrações luminosas produz a semelhança resultante das sensações dos sons e das cores; graças, finalmente, á relação de numeros que constitue as notas e que se chegam a determinar exactamente, a musica pode ser considerada como uma architectura de sons, da mesma forma que a architectura é a musica da extensão.

Na sua evolução, esta unidade é então evidente e um rapido exame bastará a demonstrá-la. Durante o longo periodo da edade-media em que o espírito humano preocupado com a ultra-vida não tinha olhos senão para Deus, a ante em todas as suas manifestações tinha um caracter requintadamente religioso. Na architectura fizera-se as grandes cathedraes em que a partir do seculo XII o estilo romanico foi substituido pelo ogival cujos monumentos dão a impressão «duma obra fragil e contra a natureza, dum esforço insensato para se elevar até ao céu»; na poesia, ao lado dos romances, canções de gesta e serenatas dos trovadores troveiros havia as representações cantadas nas igrejas e dos mysterios como os de Jean Michel; as manifestações de pintura, alem dos primitivos, visto que a pintura a óleo só foi conhecida na Itália no sec. XV, limitavam-se ao desenho de illuminuras dos livros de canções e sobre tudo nos missas; na musica, emfin, durante esta época dominava o canhochão forma religiosa.

Fallámos da edade-media mas em todas as épocas e períodos esta mesma evolução se dá.

Na evolução da musica, como na evolução da Arte, como na evolução geral, tudo se encadeia; e assim até à musica de hoje tivemos o cantoção da edade-media que foi o confluinte das artes, pouco conhecidas, latina, grega e hebraica; a musica da edade-media desenvolveu-se na renascença cujas manifestações se concretizaram e atingiram o seu mais alto grau em Bach e Haendel; depois Haydn que por sua vez deu Mozart, em quem a musica atinge a sua maior perfeição plastica.

Quando parecia que nada se poderia fazer de superior surge Beethoven que na perfeição plastica de Mozart introduziu a philosophia. Teria mesmo feito a revolução que estava reservada a Wagner se fosse um poeta como este; mas ainda assim foi Elle quem deu o primeiro grito compondo a maravilhosa symphonia com coros (IX).

Esta symphonia decidiu da vida de Wagner: desenvolver a forma nella esboçada, levantar a musica alemã, então decadente e dar um golpe mortal na opera que até ali era apenas pretexto para exhibição de virtuosos, (como ainda hoje em quasi todos os países) taes foram os fins que Wagner se propôz e que todos alcançou.

Ao mesmo tempo Ibsen no theatro e Flaubert no romance, despresando as regras e moldes tradicionaes creavam a forma livre: Bakunine estendia a forma livre até à constituição da sociedade..

E desde então a liberdade na arte ficou consagrada.

Sarau academic

Foi um sarau litterario-musical. Da parte litteraria nada ha, infelizmente, a dizer.

Falaremos, pois, da parte musical. A orchestra alguma coisa fez, dada a falta de executantes e o diminuto numero

d'ensaios. Mas a escolher aquelle numero da partitura da *Aida* melhor seria não ter executado os bailes onde a insuficiencia de timbres, se já era sensivel, não o era tanto como nelles.

Das amadoras de canto, revelou se nos artistas a Ex.º Sr. D. Margarida Vaz que, a par de uma voz quente e bem timbrada, mostrou saber aproveitar-se della com sobriedade e arte, sem exagero de vocalises nem truques de que geralmente os *virtuosos* se servem. Só be, nos dois trechos de indole tão diferente que nos fez ouvir, adoptar-se perfeitamente a cada um, cantando o primeiro com a suavidade mística que lhe é propria e dando ao segundo, a graça leve duma *tourterelle*. Das boas qualidades da distinta amadora destacam-se ainda a grande pureza de dicção, entre nós tão rara, e o domínio que já tem sobre a voz e que desenvolvido pelo estudo a fornará mais tarde uma cantora consumada.

A Ex.º Sr. D. Palmyra Sequeira mostrou a sua boa escola nos trechos que cantou, especialmente na aria de Elsa do 2.º acto de *Lohengrin*. A distinta professora é de sobejó conhecida neste meio para que seja preciso encarecer os seus meritos na arte do canto.

Agora o Orpheon.

A primeira impressão que tivemos foi de surpresa. Os orpheonistas mostravam-se receosos, diziam-se pouco ensaiados, e nós esperavamos ouvir não uma cosa má, mas una cosa pequena.

Atacaram o *Choral da Pátria* e ouviram Bach! Firmes, unidos, obedientes á batuta, ora nos davam a impressão grandiosa duma orchestra, ora produziam em accordes as sonoridades solenes dum orgão.

No canto de *Freischütz* houveram-se igualmente bem, assim como na *Perola do Mar*, composição de Isidro Aranha, um apaixonado da arte, e no orpheon, um precioso auxiliar, verdadeiro braço direito do Joyce.

Não queremos dizer que o orpheon seja absolutamente perfeito; se o seu naippe de baixos é completo, possuindo mesmo algumas vozes estelares, outre tanto não acontece com os tenores que são asperos (o que não é de admirar em pessoas que pouco conhecem de canto); não tem ainda a homogeneidade necessaria, e não a terão enquanto alguns, alvez pelo prurido de exhibir a sua voz de certo julgam boa, se não convencerem de que não são solistas e de que tem, para conservar a harmonia, de sujeitar-se as exigencias do conjunto.

Tambem achariamos melhor que os trechos fossem cantados na lingua original — o *Choral* em alemão ou latim, o *Córo dos Caçadores* em alemão.

Emendados estes defeitos, o orpheon, o primeiro da peninsula, poderá sem receio apresentar-se em toda a parte por que será ouvidos com agrado.

O que faz passar é que numa academia decadente e desunida como a nossa, e numa cidade tão falha d'arte como esta, haja alguém que se abalante á dificil empreza de organizar um orpheon, e, o que é mais, de o conseguir levando á relativa perfeição que este já tem.

Para conseguir isto, só quem aliaasse a um temperamento de consumado artista as qualidades de ensaiador paciente e habilissimo; só quem tivesse grandes conhecimentos tecnicos e fosse ao mesmo tempo um regente de golpe seguro e persuasivo; só quem tivesse uma vontade de ferro e, conjuntamente uma superioridade moral capaz de se impôr a esta academia.

Decididamente Antonio Joyce era indispensavel em Coimbra.

Triplins.

Movimento Republicano

Inauguração do Centro dr. Luis Rosete

Inaugurou-se no domingo passado este novo centro Republicano. A sala achava-se vistosamente ornamentada com flores, verdura e retratos dos nossos correligionarios mais em evidencia.

Muito antes da hora marcada já a sala se encontrava apinhada de povo que desejava ouvir os oradores.

A certa altura adeanta-se o academico Guilherme d'Albuquerque que, depois de fazer algumas considerações, propôs para presidir á sessão o sr. dr. Luis Rosete, que escolheu para secretarios os srs. Jayme Lobo e Pereira de Vasconcellos.

O presidente depois de agradecer a honra que lhe dispensaram deu sucessivamente a palavra aos nossos correligionarios: Ramada Curto, Ramos Guedes, dr. Fernandes Costa, Antonio Car-

neiro, Alves Sequeira, José Cardoso e Antonio de Souza, sendo todos muito aclamados.

Por proposta do senhor Guilherme d'Albuquerque foi enviado um telegrama de felicitacões ao directorio do partido republicano.

História do Partido Republicano Portuguez

Editada pela empresa de publicações *A Democrata*, elaborada pelo nosso premostimo correligionario Augusto José Vieira, deve ser posta á venda em fasciculos, no dia 31 de janeiro, 18.º aniversario da Revolução do Porto, esta enorme obra de ha muito reclamada, vae, sem duvida, ter um exito certo.

A Historia do Partido Republicano Portuguez será acompanhada de excelentes gravuras de Alberto Sáua, representando os vultos mais em destaque, e os factos mais notaveis da vida partidaria.

A publicação será feita em fasciculos semanais de 16 paginas ao preço de 40 reis e tomos mensais de 80 paginas a 200 reis.

Todos os pedidos de assignatura devem ser dirigidos a *Zacharias Rodrigues*, Praça de D. Pedro, 157 — PORTO.

Acceptam-se agentes em todas as localidades onde os não haja.

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALITES: succo gastrico, jézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica

AGUA DAS LOMBADAS
AGUA DAS PEDRAS SALGADAS
AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)
AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)
DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.º

 Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a edade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fruta de diversas qualidades, secos e crystalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.
Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.
Galantines diversas Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
Saueisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.º

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRATO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicílios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto à Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apezar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas leijudas para mãos a .	65
Ditas leijudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas, cós lisas, muito largas, metro.	120
Córtex de vestido com 7 metros, de pura lã e lã	
e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas sem costura, para senhora, a	65
Piugas para homem, a .	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	15
Ferros a vapor, para engomar, a .	320
Colchas brancas .	540
Flanelas lisas, lavradas, a .	50
Chitas, grande novidade .	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a .	80
Lencos de percal, a .	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a .	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a .	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a .	
Cobertores grandes, em flanella, muito finos, seu	
valor 1\$000 réis, a .	550

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapeus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estoafador, modas, confeccões, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de anunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque dep. is arrendem-se, e só nós vendemos bom e barato.

| Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Llagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postais ilustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

[Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabbelleireiro, tudo o que há de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas alemãs e francesas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabello e fato.

ALFAIATERIA

Guimaraes & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasóes e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante coleccão de relogios de todos os sistemas e autores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e mōrēs. Ha espelhadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro.

Concertam-se relogios de todos os sistemas e autores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Armando

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — COIMBRA

Sempre variedade em cabedaes de luxo. Sortido completo em pomadas de cōr e cremes para a conservação de calçado. Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14 — COIMBRA

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelo loria estrangeira, e garante ao freguezes o calçado do seu fabrico, especialisando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone 114n.

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academic

N.º 10

COIMBRA — Sabbado, 6 de Fevereiro de 1909

Director e proprietario

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Oficinas de composição e impressão

Largo da feira, 29, a 37.

ANNO 1º

A fiscalização republicana

Alguns monarchicos, por vezes, quando se lhes falla em representação republicana no parlamento concedem com um grande ar «que a representação parlamentar republicana é vantajosa como fiscal da obra administrativa dos governos».

Chegam, quando apertados, a afirmar «que sempre foram d'opinião de que se devia dar entrada na camara aos republicanos...»

Da sinceridade d'essas afirmações, na maior parte, não merece a pena fallar. Actualmente o facto do partido republicano ter uma representação sua, ganha por direito de conquista, não sofre discussões e facil se torna a esses *espíritos liberaes* fingirem que concedem generosamente o que só a custo, aceitam e com que dificilmente se conformam.

Mas a fiscalização republicana é hoje um facto.

Com uma lei eleitoral ignominiosa, com as burlas e as fraudes de toda a ordem, com a falsificação dos recenseamentos, o roubo do sufragio, o caciquismo e todas as artimanhas em que os *fura-urnas* ao serviço da Monarchia são peritos, com isso tudo e contra isso tudo, o partido republicano tem hoje no parlamento sete deputados, e se o numero é reduzido, ninguem ha que possa negar a esses sete homens qualidades sobejamente compensadoras da sua inferioridade numerica.

N'outro qualquer regimen que não fosse o nosso, onde houvesse vislumbres de decoro nos processos governativos e uns laivos de inteligencia e de caracter nos homens do governo, uma oposição como a oposição republicana era já uma coisa de temer e bastante poderosa para obrigar uma maioria a considerar e a recuar, antes de se resolver a dar o seu appoio a actos menos dignos praticados pelo poder. Em Portugal, com isso que p'r' ahi está a desfazer-se, com essa montureira de escândalos quasi inverosiméis que tem sido, é, e continuará a ser, a obra de todos os grupos monarchicos, o trabalho d'uma representação como a republicana podia limitar-se à constatação e à proclamação d'esses escândalos, sem que mais nada fosse necessário para tornar insustentável esse entremez, esse arremedo tórrido de parlamentarismo com que o Regimen tem pretendido ludibriar o paiz, logo passados os primeiros tempos da historia constitucional, desaparecidos que foram os homens que dentro das novas instituições que tinham criado, alguma coisa valiam pela inteligencia e pelo caracter. Mas, certo, que a obra do partido republicano não se pode limitar a essa constatação sem protesto, a essa proclamação sem revolta.

A missão hoje indefectivel, do partido republicano é crear á monarchia uma situação insustentável, apressar-lhe a agonia, leval-a justiçieramente, aos ultimos arranques

da morte. O moribundo tem de acabar e de se enterrar depressa.

Se o deixarmos apodrecer ao ar livre, lentamente, envenenará a atmosphera nacional e tornará impossível a vida da collectividade — que, se depois lhe quizermos acudir, já tambem não se poderá salvar da morte por contagio. A par d'isso, os republicanos, continuarão, como brillantemente o fizeram na sessão legislativa passada, a mostrar ao povo português, a todas as classes da sociedade portuguesa, qual a sua orientação e quaes os seus processos de governo, concretizando-os em projectos de lei — tão diferentes pelo elevado «espirito social» que os informa, da legiferação transbordeante, contradictoria, inutil e absurda, que os *estadistas* portuguezes costumam apresentar á sancção parlamentar.

Mas como é impossível construir ou tentar edificar qualquer coisa sobre lama, a obra que urge, a obra que o paiz instantemente exige, é a remoção da montureira monarchica e essa obra, nunca como na sessão parlamentar que se annuncia para o mez que vem, terá razão de ser tão decisiva e tão violenta. Só então, acabará de convencer-se o paiz que a vida parlamentar com tal regimen é absolutamente impossivel e o governo levado aos ultimos extremos entrará no caminho da violencia desenfreada e louca que a nós nos dará o triumpho definitivo.

Para prato de resistencia ahi temos a questão dos adeantamentos á familia real e a particulares — e basta essa gravissima e estupenda questão moral, insolvel com o regimen, para dar thema sufficiente ao ultimo acto da farçada tragica com que a Monarchia de Bragança ha tanto tempo já vem explorando e matando uma Patria digna de melhor sorte.

E não censurem os *commodistas* aos republicanos a violencia do combate, nem nos acusem de inventarmos as questões p'ra servirmos os nossos ideaes.

Não fomos nós que fizemos os adeantamentos, ao que parece... Ou fomos?

COISAS & COISOS

Oxigenio e Azote

Tem pilhas de graça a organisação dum ministerio em Portugal.

Cítra-se tudo, n'uma questão de apoio ou não apoio.

Apoio de quem? Do Paiz?

Não. Apoio de dois homens apenas.

O ministerio sahe-lhes do bolso como o lenço a que se assomam. Com um gesto derrubam um governo e levantam outro.

E quem são elles? Ninguem o sabe. Vivem na atmosphera nacional, como o azote e o oxigenio do paiz.

Se um d'estes elementos falha n'um ministerio, a asphyxia é inevitável.

O sr. Azote é chefe d'um partido.

O sr. Oxigenio é chefe d'outro.

O governo Ferreira do Amaral enquanto viveu com os dois elementos, andou.

Mais tarde viveu só de balões d'oxigenio e faleceu.

CELEBRES... DE BORLA



PEQUENO...

Não negue, confesse,
Que tem certa pena
Da sua estatura
Ser assim pequeno?

Pois eu não gostava
— Fora brincadeira!
De o ver do tamanho
Do doutor Moreira

«Os frascos d'essencia
Quando pequeninos,

Servem aos perfumes
Mais subtils e finos...»

Pequeno foi Stein
Pequeno, é Orlando
— E mais vale um, *poney*,
Que um «anglo-normando»

E olhe que foram
Pequenos e bem
Os homens mais *finos*
Que a Scienzia tem,

E o proprio Posada
Não sei, mas seria
Pequeno tambem!

E agora, doutor,
Repare bem nisto
Que p'ra grande basta
O doutor Calixto,
Por isso sorria
Com sorriso ameno,
Quando os outros lentes
Lhe chamem «Pequeno»

Dr. Watson

MIUDEZAS...

O governo João Franco succumbiu no Terreiro do Paço quando já só havia no paiz anhydrido carbonico consequencia d'uma intensa combustão que o varava de ponta a ponta.

O governo Campos Henriques já está sacramentado.

O sr. Oxigenio reuniu e resolveu puni-lo com a asphyxia.

Amanhã tem de cair por força.

E como é isto? Representam elles a vontade nacional? Não. Representam apenas um corpo de polícia e duas guardas municipais. Vivem apenas d'essa força exigua que um paiz pode engulir sem grande esforço numa hora de fome angustiosa.

E essa hora de fome chegará?

Talvez. De Traz-os-Montes vem um grito formidavel, uma ameaça intransigente e rubra que nos falla de fome e de miseria.

Mau é começar. Pôde esse grito d'uma região, trazer á superficie, toda a desgraça d'um paiz. Pôde a tôme duma região, trazer consigo o hora da fome nacional.

E depois? As guardas municipais e a polícia liquidam, e com elles liquidam

tambem o sr. Oxigenio e o sr. Azote. Vê-se portanto, como o sr. Oxigenio e o sr. Azote teem a força por um fio.

Amanhã se o povo se levantar a pedir pão, os senhores não podem dar-lho, porque o cofre nacional é como o cofre da Madame Humbert, tendo apenas um botão de camisa e um gancho de cabello.

Nem pela força, nem pela administração os senhores se aguentam. Mas há para os fazer cair de vez, uma razão historica e indiscutivel.

«Não se aguenta um paiz, quando o Rei tem medo, os governos não tem senso, e o povo tem fome.»

Essa razão existe em Portugal e é por isso talvez que o sr. Oxigenio e o sr. Azote teem sempre as malas feitas e uma cabine reservada a bordo d'um Yatch.

Quando será a partida?

Não sei. Apenas me parece preventivo e prudente fazer-lhes desde já as minhas despedidas.

Pode faltar o tempo e eu não quero faltar a esse dever.

Muita saude e boa viagem. Adeus.

Brr! Pum!

... E Bombarden evasou d'un trago a garrafa do «cognac», afiou a manovra duradura, saltou d'un puto para o arço da sella e lá foi, ferindo lume, despedindo chamas das pupillas acesas, qual paladino ou raio de guerra!

O general Pacaten estava, quando elle entrou, em pantufas, ameixando na sua grande cadeira de crina á «Voltaire», limpando cuidadosamente as unhas.

— Eh! Bombarden, que me assustou com a estrupida que fez! Que o traz por cá?

— General, prepare as hostes que o homem vem ahi! — e Bombarden, tremia, de furor bellico.

— Qual homem! perguntou Pacaten, sem entender.

A REVOLTA

— O Antonio...
— Qual Antonio?
— O José! — susou Bombarden...
— Menos entendo!
— O Almeida! — trovejou o temível homem.

E prosseguiu, inflamado e tragicó:

— Elle vinha, e a vinda d'elle trazia agua no bico! A «hydra» tinha sete cabeças e as «hostes» preisavam estar preparadas p'ra l'as cortar rentes, todas sete! Era um exemplo dado á Europa, ao mundo inteiro e havia de se fallar d'elle Bombarden e da sua heroicidade, na corte de Berlim, entre os «feld-marechaes» de Guilherme II, o «Kaiser» dos bigodes em bico!

Era preciso matar, chacinar, aniquilar, definitivamente «a canalha» — e sobre a sua fronte de Bombarden fulgiria, para respeito dos vindouros, uma coroa de glória imperecível!

E, desmesurado, «adamastorito», enorme, ele terminou o arrazoado, desembainhando a durindana fatal e accordando os ecos do quartel, n'un brado apocalíptico:

— A's armas! ás armas!

Pacaten ouviu, sorriu, deixou falar e depois perguntou serenamente:

— O Bombarden, você acabou agora mesmo de jantar?

* *

Voltou a casa, «d'orelha murcha» e só, na sala de jantar, rugia despeitado:

— Mil raios! Anda uma pessoa morta por ser heroe e cheia de dedicação, e é isto! Ora «boletas»...

Como dizia Napoleão!

E, p'ra se consolar esvaziou outra garrafa de cognac.

B. Funs.

A crise do Douro e a piedade nacional

Quando há um mez rebentou em Alijó o incendio da repartição de fazenda todas as vistas incidiram por momentos sobre o pequeno logarinho transmontano. Olharam todos com simpatia para a pobre região vinícola, exceção feita do muito poderoso e inclito protector, o sr. Teixeira de Sousa.

As labaredas do incendio, chegaram a ter para alguns olhos os laivos vermelhos duma perigosa revolução de montanhezes. O governo parou um pouco de comprar caciques e atabalhoadamente tomou... algumas medidas transitorias.

Passaram algumas semanas e um jornal de larga informação atira com um seuenviado para o local do sinistro, na anca de ver e ouvir das misérias e tristezas dos pobres agricultores. Pouco e pouco vam-se reconstruindo trechos da tragedia que se desenrola num cenário de palhotos e curras, com roupagens esfarrapadas e piolhosas.

Já não ha anciedade nos espectadores. A felicidade é assustadiça! Ouvese com tristeza. Medita-se forçadamente. Na orchestra-se desenham-se motivos de piedade e de pena.

O Seculo, O Primeiro de Janeiro e O Dia abriram subscrições!

Ficou satisfeito o sr. Silva Pinto e os povos do Marão vam ter na escudela do magro caldo-verde um pouco de tocinho e de broa, com certeza o insuficiente para amanhã morrerem fartos.

Quando, ha um mez tambem, desabaram algumas cidades da Calabria houve um movimento de dó e de compaixão pelas victimas em todo o mundo civilizado.

Portugal sofreu o impulso um pouco tarde. A sua sensibilidade *pé-de-boi* arrancou afinal alguns magros vintens que lá foram, senão avolumar, pelo menos misturar-se nas torrentes d'ouro em que iam rolando os carinhos de toda a humanidade.

Pois houve logo quem *patrioticamente* apontasse o Douro empobrecido como merecedor, credor por ventura da muniçencia nacional.

«Olhavamos aos estranhos, quando em casa tinhamos peor; imitavamos o *beau geste* mundial, porque enfim sempre era imitar».

O sr. Silva Pinto chalaceou, fez um caustico e houve quem o apoiasse: «que muito bem, que estava certo».

Abrem-se agora subscrições, o paiz vai emendar a mão. Ganhou o sr. Silva Pinto, o que não sucede muitas vezes.

O rei, dizem-nos, já entrou com quinhentos mil reis; talvez dê alguma coisa á avó com que esta possa subscriver; a coisa tomará um aspecto *chic*; os anjos de caridade cairão sobre o Douro, como uma revoda de bombas brancas, mensageiras da paz e da felicidade.

Os curraes altearam os tétos, dando espaço á cubagem d'ar necessaria; a farrapagem desaparecerá; como em teras de Canaan o leite e o mel correrão nos arroios.

Leves considerações apenas.

Os males do Douro, como todos os que assligem a sociedade portuguesa despertam em nós o interesse bastante, para que nos não associássemos ao movimento em favor da Itália, se pensássemos como o sr. Silva Pinto e como parece agora querer pensar uma parte da imprensa nacional.

Não é porque o misero camponio não mereça tudo quanto por elle se fizer. Pelo contrario. Nenhum dos da lumirosa ideia está convencido da proficiência da tal subscrição nacional.

Ela dará pouco e quando muito desse, não daria para o muitíssimo que é necessário fazer-se. E, no melhor dos casos, o mal seria momentaneamente atenuado para voltar com todos os horrores dum bem estar perdido, o mesmo sem-remedio e o mesmo deixar-se morrer.

Tem ainda tal solução a desvantagem de manter no povo o princípio anti-democrático e por isso anti-social e anti-progressivo de que os outros é que o ham de salvar, quando o que urge provar-lhe é que só comsigo, com a sua força e energia deve contar.

Que se abrisse uma campanha, se agitasse a opinião de modo a forçar os governos a olharem quanto devem pelas coisas publicas, em vez de fazerem a estréita politiquice do seu partidarismo, muito bem.

Solidarizava-se o paiz com uma província arruinada, estava-se no campo dos bons princípios sociais.

Agóra uma subscrição?...

Acude-se a um acidente, a um desastre causado por forças imprevistas ou indomaveis, deve então aparecer a *filantropia*, como manifestação da solidariedade de especie contra o exterior.

Quando o erro, a incuria ou o desleixo atira com uma parte da sociedade para a morte, pode haver alguma coisa a dar.

Não sam paleativos: ou se faz porque se restitua a vida e a felicidade, se ainda é possível, ou então...

Mas Alijó é um exemplo.

O povo viu melhor que o sr. Silva Pinto!

P. J.

Factos e Commentários

Collaboração

Cá o nosso director que, como bom democrata odeia a ditadura e não gosta de que o juiguem um *tyrante* *journalístico* resolve entregar a *sanção* do Corpo redactorial da «Revolta» a aprovação ou recusa dos origines para cá enviados. Nesses termos e nos de direito feito o aviso — e o Ramada livre de massadas.

Uma pergunta

O Sherlock, você que é um rapaz tão sympathico, tão *bon vivant*, tão moderno, como demônio tem você a crudelidade de desejar que á porta dum centro republicano, cheio de centenas de pessoas, estorasse uma bomba de pataco, das grandes, para provocar um panico de desgraçadas consequencias?

Que diabo Sherlock, se fosse só para o seu espírito d'artista ter uma impressão de panico tinha você muito melhor — I de fevereiro! Que lhe parece?

Aquilo é que foi *cagaço* Hein?

Críte

No *Portugal* lemos um artigo de Fialho d'Almeida a respeito do falecido rei, no aniversario da sua morte.

Acabada a leitura fomos, para desenjoar, ler algumas paginas dos *Gatos*, em que se trata do mesmo rei.

Que diferença!

É que tristeza que nós sentimos!

Porque é sempre triste a morte moral, bem mais do que a física.

O sr. Vilhena e os seus partidários

O poeta convocou os seus partidários para «em synodo total tratarem das questões que interessam Portugal». Vae até em verso para ficar mais a caracter.

D'essa assembleia saiu a reprodução de todas as promessas messianicas do director e de quejandos.

O paiz riu — se por acaso, o que duvidamos, se interessou pelas *poesias* do sr. Vilhena e chegou a ter, d'ellas, conhecimento. Miseravel toda aquella farcada! Se d'entre a assembleia se levantasse uma voz a perguntar ao sr. Vilhena, qual a razão porque elle, ha dias, assignou *vencido*, contra a mais elementar justiça, o accordão do Supremo Tribunal Administrativo, que restabelecia no gosto legitimo dos seus direitos, os vereadores republicanos.

Talvez lhe estivesse no programma, o farcante...

Lagrimas sobre o tumulo.

Um sr. Cerejeira lacrimejava ha dias na «Palavra» a propósito do aniversario do regicídio, e a certa altura da sua prosa estoira com esta o homensinho:

«D. Carlos e seu filho lá repousam no magnifico Pantheon dos mortos!»

No Pantheon dos mortos...

Quem te... mandasse para o Pantheon dos vivos!

Anarquista radical

O barbeiro já estava atrapalhado, mas em summa Scherlock fallou-lhe da impunencia da reunião regeneradora, e vê de lhe chamar um correligionario d'elles... O barbeiro vingava-se.

— Perdão, não tenho politica. Meu caro, apenas monarchico por principio e conservador por necessidade.

— Oh! Mas um dia, se um dia politico fosse, só socialista, ou anarquista radical.

Pobre barbeiro! Entupiu.

Radical, tão radical... Bem diziamos nós que teríamos em breve um novo chefe dos... bombeiros. Entretanto algum o vai vendo acompanhando armados os chefes... da democracia

Pobre barbeiro, e bello tirocinio.

Liga monarchica

Alfredo Gallis, autor de livros portugueses para leitura de collegies avidos de conhecer os segredos do amor, aparece-se agora como um dos coryphées da Liga Monarchica.

Como se trata de *liga* é natural que o homem escreva sobre o assumpto algum livro... só para homens.

Que nojo que tudo isto faz!

Condecorações

Parece que vão ser distribuidas comendas e coisas parecidas ás pessoas que durante a passateia regia se tornaram dignas de taes horas.

Agora é que é certo, sr. Gayo.

Como deve ficar-lhe bem o crachá a luzir sobre as negras vestes de mestre de cerimónias!

Germanismos

Affirma na «Palavra» um atiradizo e descarado sr. C.:

«Temos um Rei bom e intelligente e o que é mais: fascinador.»

A' fé de quem somos que este sr. C. ou veste saias ou é então algum discípulo do esburacado e combalido príncipe de Hohenlohe.

Pela certa!

Fascinador...

Ora o guloso!

Ensaios de Crítica

Devido ao artigo deata seccão ter chegado á redacção demasiadamente tarde no não pôde ser convenientemente revisado; foi esta a razão porque saiu com varios erros de impressão alguns d'elles bastante graves e que alteravam o sentido.

Hoje, em vista da falta de espaço, não se pode publicar o segundo artigo que nesta seccão se intitula — «A arte moderna», do que pedimos desculpa ao nosso *Triplus* collaborador.

De passagem

No atelier photographico.

— Assim, agora, por favor, sr. Conde, um instantinho, está muito bem.

— Sim? Então espere, eu vou ver, vou ver á machina.

TRIBUNA DOUTRINARIA

Recapitulando

A Eucaristia é, pois, um dogma inconsistente. A sua falsidade é manifesta desde que vimos as espécies eucaristicas deixarem corromper-se. Desde esse momento ficou provado que elas não são de forma alguma uma transubstancialização da substancia de pão na substancia divina. O pão mantem-se com todas as propriedades, o que se vê pelas fermentações a que fica sujeito, podendo ainda algum mais meticoloso certificá-la melhor tomando uma hostia e subjetando-a a uma analyse chimica.

E' uma experiência tão facil que, estou bem certo, ninguém, de bôa fé e consciencioso, deixará de a fazer na primeira occasião que oportunamente se lhe depare.

Mostrei tambem com simplicidade, mas com clareza e irrelutavelmente, que o Baptismo não produz os efeitos que a Egreja lhe atribue. Segundo a Egreja, por elle o baptizado ficaria lavado do pecado original e portanto, desde esse momento, acolher-se-ia ao regime paracatolico, não mais sujeito á dor, não mais suportando as agruras do trabalho, isento, até, da propria morte, a não ser que de novo a serpente o tentasse a comer o fruto de qualquer arvore prohibida!

Segundo esta mirifica doutrina, baptizando um individuo e tentando assassiná-lo acto continuo antes d'ele ter encontrado a arvore funesta, debalde o sicário intentaria a sua obra homicida: o baptizado não morreria ainda que o matasse!

Divertidos charlatões do divino! o misero baptizado, depois de se ter submetido a uma qualquer enfermidade pelo banho forçado sofrido numa pequena banheira que no fim de certo tempo d'uso deve estar, quando não saturada de peccados mortais que lá ficaram em dissolução, pelo menos contaminada por todas as doenças que epidermes mal lavadas de baptizados morbidos lá deixaram, fica ludibriado na consecução das vantagens que procurava!

Mas para que hei de estar a importunar o leitor com estes dogmas que são corolarios, se o proprio Christo, como nol-o apresenta a Egreja, não resiste á critica, como evidenciei no ultimo numero d'A Revolta?

Sim; ficou bem demonstrado que Christo, como emanacão divina, foi um absurdo ou uma inutilidade. O Pae mandou-o encarnar, para que, diz a Egreja, a natureza humana, o Filho do Homem (?) assumida pela natureza divina ampliasse até ao infinito a propria capacidade onde coubesse o merito bastante para que com o proprio sacrificio solvesse a culpa da Humanidade. Ora eu deixei a Egreja entre as pontas do esmagador dilema donde lhe não é possível sair incólume; ou a pessoa divina assumiu a pessoa humana, e nesse caso não houve a tal paixão, mas uma torpe comedia, imprópria do conceito de Deus, ficando além disso o problema no mesmo pé porque o sacrificio não attingira a pessoa humana o filho do homem; ou a pessoa humana ficou com personalidade própria e então o seu sacrificio não alcançou o merito bastante para solver tão grande divisa.

Perante a logica deste dilema Deus teria trabalhado ás cegas, ao accaso, impropositamente, depois de ter vindo perturbar a paz dum lar, conspurcando a honestidade de uma esposa, introduzindo, sem vantagens algumas, um filho adulterino no seio dumha família honrada sob a égide de José, o simples e modesto carpinteiro de Nazareth.

Mas tudo isto é tão evidente, ficou tão manifesto nos artigos antecedentes que não merece mais considerações.

A Egreja nem sequer pode impunemente alijar estes dogmas torpeços porque elles, sancionados pela infalibilidade que elles propria, tão immodestamente aliás, se decretou, são com o dogma da criação os pontos cardeas em torno de que ella voliteja e ao mesmo tempo, o manancial donde flue toda a sua força secular.

Desde que assim fica pulverizada a sua infalibilidade e arrastada até á luz da critica a deslavada falta de sinceridade e de probidade, toda a sua arquitectura derrue sem grande fragor na verdade, mas enchendo todavia a atmosfera social do pô secular peculiar ás coisas velhas e bolorentas.

Os seus dogmas ousados, as

A REVOLTA

agora sem reposteiro, depois já com elle e espreitando por detrás d'elle.

E tudo isto se passa na Universidade de Coimbra!

Torna-se perfeitamente indispensável que se dê uma satisfação imediata tanto ao lente Dr. Vaz, como aos discípulos de Direito Commercial, e mais ainda, ao paiz inteiro, uma garantia segura de maior cuidado pela educação dos seus bachelheiros.

Temos o direito de não continuar a olhar com indiferentismo a promptidão com que enchem as secretarias fornadas de homens, que ninguém orienta para a serio encenher antes o thesouro publico.

Que confiança se pôde ter n'uma Escola, que a cada passo offerece ensejo para transformação das suas aulas em verdadeiras touradas, onde predomina a cabulice, a chacota, a ignorância, a desobediencia, e sempre um barulho ensurdecedor?

Que seriedade é esta?

E' realmente acertado que aqui—finse que se ensina, e finge-se que se aprende!

Triste situação!

O lente Dr. Vaz, diz-se que tem de seu quanto lhe possa dar uns dias ultimos despreocupados. E' rico proprietario. Mostra-o até certo ponto o facto de, n'uma altura devida do anno, pedir uma licença para — ir para a azzona.

Certamente o seu empenho em continuar no posto deve ser diminuto. Está velho, cansado, e pesam-lhe já os livros dentro do seu gorro...

E' tempo de voltar ao lar paterno. E' tempo, e é justo.

Choram-no já com saudade as hervinhas dos seus campos, os mattos bravos dos seus montes, os antigos pinheiros, o isolado casebre, os mochos, os passarinhos... que não mudaram tanto como a scencia... e o Direito Commercial!

Voltará o amor, a gratidão, a adoração pelas suas barbas brancas... brancas, que lhe fizeram...

Bem vê, sr. Reitor, é tempo, e é justo.

Paz e descanso aos... velhos!

O Brazil moderno

IV

Instrução superior

Abrange esta, os seguintes cursos: medicina geral e alguns ramos especiais; pharmacia, direito, engenharia civil, engenharia de minas, superior de comércio, bellas-artes (pintura, arquitectura e escultura) agregada a esta academia, o Conservatorio (declamação, canto e musica). Ha também as escolas superiores do exercito e naval.

Nenhuma Universidade existe, porque, da ultima vez, quando se tratou d'essa questão no Congresso Federal, isto ha já talvez uns seis annos, ficou demonstrado exhuberantemente que a organização universitaria não convinha por enquanto ao país.

Aquelles cursos porem, na sua quasi totalidade, existem representados n'um numero suficiente de escolas, espalhadas pelo vasto territorio, de modo a poderem satisfazer e corresponder ás necessidades das diversas regiões.

Isso em parte, tem sido determinado pela fundação de diferentes Faculdades Livres, cuja organização, em bôa hora, o governo permitiu, mediante, é claro, certas condições que previamente têm de ser satisfeitos.

As Faculdades Livres diferem das Federaes em que, as primeiras não são mantidas pelo governo, mas apenas reconhecidas como legaes, havendo, para esse fim, um delegado do governo junto de cada uma d'ellas, com a missão de fiscalizar todos os actos praticados nos ditos estabelecimentos de ensino.

Que nos lembre existem já, em todo o paiz, as seguintes escolas superiores, incluindo livres e federaes, nas quais a orientação dos respectivos cursos é a mesma: tres Faculdades de medicina, sendo uma no Rio de Janeiro (federal) uma na Bahia (federal) e outra em Porto-Alegre (livre); seis Faculdades de direito; a saber: duas no Rio de Janeiro (livres), uma em S. Paulo (federal), uma no Recife (federal) uma em Belo Horizonte (livre), uma em Goyaz (livre). Fala-se na proxima fundação de mais duas (livres) n'uns Estados do norte; duas Escolas polytechnicas, para o curso de engenharia civil, uma no Rio de Janeiro (federal) e outra em S. Paulo (estadual); uma Escola de engenharia de midas (federal) em Ouro Preto, e todos os outros cursos em escolas federaes, na Capital da Republica.

O titulo de curiosidade e mesmo para que mais facilmente se possa fazer uma apreciação, embora não muito precisa, do criterio científico que presidiu á methodos dos diversos cursos, faremos d'alguns, uma rapida analyse.

Demorar-nos-emos todavia um pouco, a propósito do curso geral de medicina por onde, no Rio de Janeiro, durante algum tempo, passou o auctor d'estas linhas, e de cuja época, que não vai distante, não pôde deixar de se recordar com a extraordinaria e viva saudade, que sempre nos desperta a lembrança dos dias alegres e felizes, passados no convívio de uma mocidade leal, sincera e honesta, aduersa á calunia, hostil á intriga e refractaria a todos os sentimentos mesquinhos, tão peculiares das criaturas cuja vileza de carácter, está na razão directa da estreiteza de intelligentia.

Como pouco mais espaço nos reste, algumas palavras diremos apenas sobre o ensino na:

Faculdade de Direito

Curso de cinco annos, abrangendo as seguintes desenove cadeiras: — Historia do direito, especialmente do direito nacional — Direito romano — Direito publico e constitucional — Philosophia do direito — Direito civil (3 annos) — Direito internacional; Diplomacia — Direito commercial (2 annos) — Direito criminal (2 annos) — Scienzia da administração e Direito administrativo; Economia politica e Contabilidade do Estado (2 annos) — Medicina legal — Legislação comparada — Teoria do processo civil, criminal, commercial e pratica forense (2 annos).

E' esta a enumeração, segundo um dos ultimos programas da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Todos os outros cursos superiores, excepto os da Escola do Exercito e da Escola Naval, que são de tres, são feitos em cinco annos.

Muitissimo mais haveria a dizer sobre este importante assumpto, mas... o jornal, por em quanto, é de pequeno formato, e por isso pômos ponto. Fica apenas esboçada uma pallida idéa, mas já suficiente para se fazer um regular juizo acerca do ensino n'aquelle paiz, que alguns supõem mais atrasado do que o nosso...

No proximo numero, faremos algumas considerações sobre os principais vultos, (nosso contemporaneos), quer na politica e nas scienças, quer nas letras e nas artes, e que, sobremainem, honram a patria brasileira.

A. S.

Movimento Republicano

Centro Mocidade republicana Dr. Malva do Valle

Realizou-se no ultimo domingo a inauguração deste centro republicano, composto de rapazes ainda bastante creanças. E' consolador ver que os novos não querem ser os continuadores da serie ininterrupta de crimes e de desmoralização que tem sido o apanhado deste regimen, e que a mocidade não é toda monarchica e católica como para ahi apropoçam os reactionarios.

Escolheram os socios deste centro para seu patrono o Dr. Malva do Valle, e a escolha não podia ser mais acertada. Malva do Valle, alma ardente de revolucionario, coração aberto a todos os grandes ideias de Amor e de Justiça, não podia ser esquecido pela mocidade republicana. Elle não é um homem vulgar; dotado de uma grande intelligentia, poderia ser dentro da monarquia o que quizesse; mas, não! elle é um modesto, um bom, a sua vida tem sido toda de abnegação e desinteresse e só á Republica é dado abrigar no seu seio, homens desta envergadura.

Por doença de pessoa de familia não pôde Malva do Valle estar com os seus amigos no domingo ultimo. Embora, mas o seu espírito estava junto delles, compartilhava do seu entusiasmo, da sua ardente crença no proximo resurgimento do nosso paiz.

Foi uma festa brillante, sympathica e commovente esta, a que tivemos o prazer de assistir.

O centro José Falcão, onde se realizou a sessão solemne, achava-se ornamento com verdura e colgaduras. Depressa a vasta sala se encheu por completo.

A's 2 horas e meia da tarde o presidente do centro, Armando Fonseca sube ao estrado e propõe para presidir á sessão o sr. Floro Henriques, proposta que foi recebida com uma calorosa salva de palmas. O sr. Floro Henriques depois de agradecer a honra que lhe acabavam de conferir, escolheu para secretarios o nosso camarada de redacção Mario Malheiros e o sr. Francisco Fonseca.

Falaram em seguida os nossos corregionarios: Antonio de Souza, Pestana Junior, Carneiro Franco, Gonçalves Preto, Danton de Carvalho, Antonio Carneiro, Armando Castanheira, Isidro Moreira Pinto e por ultimo Ramada Curto. To-

portos brasileiros, a seguinte apreciação, laconica porem altamente significativa: « Este hospital, sob todos os pontos de vista, pôde-se comparar aos melhores que tenho visto na Europa » convem notar que este illustre medico, já então havia visitado alguns dos principaes centros europeus.

Como pouco mais espaço nos reste, algumas palavras diremos apenas sobre o ensino na:

Centro Electoral republicano de Santa Cruz Dr. Fernandes Costa

A ideia republicana vae alastrando-se extraordinariamente em Coimbra. Hoje temos a registar a fundação de mais outro centro republicano, cuja inauguração solemne se realizou na terça-feira ultima. E' elle composto na sua maior parte por operarios e, com enorme satisfação o dizemos, não se calcula o ardor e o entusiasmo com que elles tem trabalhado, não se poupando a sacrificios de natureza alguma.

São dignos dos maiores elogios os fundadores deste centro pela sua louvável iniciativa e pela escolha do homem a quem o dedicaram, porque Fernandes Costa é um dos republicanos mais illustres do nosso partido, um dos que mais tem contribuido para o seu desenvolvimento e progresso. Dotado de uma intelligentia e de uma tenacidade admiraveis, elle tem sido um trabalhador incansável, procurando sempre occultar-se na sua excessiva modestia.

O povo republicano de Coimbra praticou, pois, um dever que, de ha muito já, se impunha pelos revelantes serviços que Fernandes Costa tem prestado a esta cidade e em especial ao partido que mais nobremente representa.

O vasto salão achava-se completamente ornamentado com palmeiras e escudos com os nomes de alguns dos nossos corregionarios mais em evidencia. Dirigiu a confecção das decorações que apresentavam um bello aspecto pela sua simplicidade e elegancia o nosso illustre corregionario Sr. Dr. Teixeira de Carvalho que mais uma vez se mostrou um consumado artista, cheio de originalidade e bom gosto.

Muito antes da hora marcada para o começo da sessão já a sala se achava completamente cheia de povo que aneasamente esperava a chegada dos oradores; nos corredores e numa sala proxima, apinhava-se grande quantidade de gente que não cabia no salão.

Não se podia respirar, suffocava-se, tal era a enorme multidão que alli se encontrava. A cada orador que chegava eram feitas carinhosas manifestações; quando pelas 9 horas e meia apparece á porta o Dr. Antonio José d'Almeida as palmas e os vivas estremecem a um tempo, e durante longo espaço estremece e palpitá uma formidável e febril saudação. O nome de Antonio José d'Almeida é gritado por centenas de pulmões num delirio louco, acompanhado pelas notas entusiastas da Marelheza.

Serenadas que foram estas manifestações, deu-se começo á sessão solemne.

E' proposto para presidente o Sr. Dr. Luiz Rosette que foi secretariado pelos srs. Madeira Junior e Mario Malheiros. Falaram em seguida os nossos corregionarios: Dr. Julio Fonseca, Carneiro Franco, João Garraio, Alves Sequeira, Ramada Curto, Pestana Junior, Francisco Ramos, produzindo eloquente discursos que foram freneticamente aplaudidos pela multidão.

Por ultimo falou Antonio José d'Almeida. Dizer o que foi a sua magistral oração é impossivel, como impossivel se torna o descrever a extraordinaria manifestação de que foi alvo.

Terminada a sessão solemne, a direcção deste centro ofereceu aos oradores um delicado copo d'água trocando-se afectuosos brindes.

COMMUNICADO

Chegando ao meu conhecimento que por ai foram affixados cartazes anuncianto uma publicação qualquer, de titulo *No Circo*, por O. M. e como estas inicias levaram muitas pessoas á conclusão de que poderia ser eu o seu autor, venho simplesmente declarar que jamais me encobri com a tibia de duas letras que a maior parte das vezes só servem para enganar o espírito publico e que tudo o que me pertence, bom ou mau, embora, sempre se apresentará subscrito com o meu nome, por extenso, assumindo por completo a responsabilidade.

Coimbra-vi-ii-909

Orlando Marçal

A REVOLTA

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre	300
Estrangeiro	600

Pagamento adeantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha	30 réis
Repetições	20

A REVOLTA

Encontra-se á venda em Lisboa na TABACARIA MONACO, Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

ANNUNCIOS

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANHETIZES: succo gastrico, lezes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitais de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Consultorio Dentario

DR

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica de especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 5 — COIMBRA

Tabela de preços

Consulta	500
Extracção com anestesia	500
Obturação	1500
Aurificação	4000
Limpeza de dentes	1500
Dentes artificiais	2500 e 4500
Dentes de pivot	8000
Coronas de ouro	12000
Tratamento de doenças da boca e gengivas, por sessão	1000

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito urinários do homem e da mulher

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicacão electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA
Telephone n.º 254

CONSULTAS

Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da boeza e dentes



AGUA DAS LOMBADAS
AGUA DAS PEDRAS SALGADAS
AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)
DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a



Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a edade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fruta de diversas qualidades, séccos e crystalizados.

Fabricam se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especialisando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saneisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margarida.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontelhe e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicílios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto à Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, cós lisas, muito largas, metro	120
Córtex de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	140
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Piugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	15
Ferros vapor, para engomar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a	80
Lencos de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanella, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	1\$000

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só anunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de anunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas alemanas e francesas.

Pó e pasta dentríficas.

Fscovas para dentes, cabello e fato.

AMAZEM DE SOLA E CABEADES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedades de luxo, Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Produtos químicos e especialidades farmacêuticas. tintas, óleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

COIMBRA

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor peleraria estrangeira, e garante ao fregueses calçado do seu fabrico, especialisando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

Abilio Lragóas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Relojaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante coleção de relógios de todos os sistemas e autores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios próprios para mesa, parede e morés. Há espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro.

Concertam-se relógios de todos os sistemas e autores e caixas de música.

Preços limitadíssimos

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academic

LEGA MUNICIPAL
COIMBRA

Director e proprietario

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Oficinas de composição e impressão

Largo da feira, 29, a 37.

N.º 11

COIMBRA — Sabbado, 13 de Fevereiro de 1909

ANNO 1.º

NEGOCIOS DE FAMILIA ? ...

O rei de Portugal vai em breve encontrar-se em Villa Viçosa com Afonso XIII. Como é, segundo cremos, da praxe protocolar, acompanham os dois monarcas, os respectivos ministros dos estrangeiros — e, em volta d'esta entrevista, diz-se muita coisa, fazem-se variados comentários, alguns delles devêras inquietantes.

As condições em que essa entrevista se realiza são, de molde, a avolumar suspeitas. Esteve há pouco em Portugal, encarregado dum missão secreta junto do rei, o conde de La Union. Que missão seria essa? Que assumptos *particulares* — como dizem as notas oficiais, — poderá haver a tratar entre dois reis que nem parentes são? Porque motivo é que o sr. D. Manuel se sujeita a voltar a Villa Viçosa, a esse palacio, d'onde ha um anno sairam o pae e o irmão, para á sua vista, cairam no Terreiro do Paço, varados pelas balas de Buíça e de Alfredo Costa? E porque razão, os dois reis, manteem desde tempo uma assidua correspondencia particular, a instâncias da rainha Amelia — a Orleans, a inspiradora de todo o movimento de reacção clerical e politica que se tem accentuado no nosso paiz, desde que um mau vento a trouxe a Portugal?

Não seremos nós quem directamente responda ás perguntas que ahi ficam. Não é preciso. Basta notar que D. Manuel é um Bragança, um bisneto de D. Maria II — a que não duvidou chamar os soldados estrangeiros para esmagar o povo que o seu valido tyranisava e ella atraçoára...

D. Manuel, nos seus ascendentes, reis de Portugal só encontra um, — o lendario, nebuloso e fugaz D. Pedro V — que ficou como uma sombra incerta na historia, tendo a honra de ser na familia o *único* que não traiu ou não prejudicou por qualquer forma a sua patria.

D. Carlos, a quando do *ultimatum*, admitia a possibilidade — apena — de que uma esquadra inglesa lhe bombardeasse a sua capital... Mas adiante... Remetemos o leitor á historia, se ainda a não conhece. Mas dirão: o rei — coitadinho! — é uma creança!... Já sabemos e, por isso mesmo, pejor, porque n'essa casa o rei é Amelia Orleans.

Uma Orleans, hein? Se o leitor precisar vá outra vez á historia faz favor...

Um parenthesis: — Ha aqui na Universidade, um professor muito pequeno e muito vivo que, quando um rapaz acaba de esgotar a sebenta e elle se dá por satisfeito diz inviavelmente lá de cima da cathedra, quer tenha ouvido um *estenderete*, quer uma licção d'urso, esta phrase sacramental, n'uma voz muito frquinha.

— Está bem... — e fica-se.

Pois nós fazemos como elle. Avivadas ao de leve, as recorda-

ções e as possiveis induções historicas que dellas o leitor possa tirar, nos dizemos como o professor pequeno:

— Está bem... mas não nos ficas.

E é apenas para acrescentar que a traição historica pôde repetir-se, mas o que seria inédita na historia era a justa, a clamorosa, a formidavel punição dos traidores.

Explosão tão tremenda de colera e de desforra seria essa que estamos convencidos que os estrangeiros, vendo o castigo infligido aos judeus, não lhes aproveitariam a traição e deixar-nos-hiam em paz. Como no texto biblico: *não ficaria pedra sobre pedra* e os «trinta dinheiros» da nova veniága não aproveitariam a quem, gananciosamente, infameamente, por elles tivesse trocado a sua patria.

Antes que um soldado estrangeiro posesse um pé na fronteira, era o dever inadiável de todo o portuguez, incarnar por um momento, um pouco da justiça immanente e fulminar sem dó todos os que tivessem uma pequenina parcela de responsabilidade no monstruoso crime, diante do qual a palavra *crueldade* perderia o sentido e a dureza das pedras se deveria envergonhar ante a dureza dos corações.

Não se apaga uma nação como Portugal do mappa com a facilidade que alguns parecem suppôr, mas, mesmo que contra tudo que é lícito suppôr, a traição fosse a bom termo, — a agonia do velho Portugal dar-se-hia no meio das labaredas dum tão colossal incendio, que eternamente o seu clarão sangrento, illuminasse as paginas da Historia a ensinar ás gerações futuras que os povos como este não se deixam assassinar sem protesto.

COISAS & COISOS

Justiça!

Appareceu á venda, n'uma edição de luto, um livro palaciano, com *arminhos de paz* e cingido por uma coroa de Conde a respirar ostentação e luxo.

Transcrevem-se n'elle os appellos oratorios, gastos a clamar justiça para as victimas de *1 de Fevereiro*.

E' uma especie do *grande e horrivel crime*, que os vendedores de jornaes apregoam a dez reis, sempre que corra sangue n'algum ponto do paiz. Para ser rigorosamente identico, falta-lhe apenas ser escrito em verso e trazer o retrato das victimas na morgue.

No fundo, é mais uma tentativa literaria de quem morreu enforcado nos bastidores d'um *Suave Milagre* e pretende agora resuscitar em tres discursos.

Mas o auctor que sempre recorreu á parceria nas suas obras, apparece d'esta feita, só e isolado na factura d'um livro

Fez mal. A *Justiça*, com versos de Alberto d'Oliveira era toleravel — sequinha e exclusiva, é uma massada que ninguem compra. E depois, justiça para quem? As victimas são *cinco* e o auctor apenas fala em *duas*?

Podia salvar-se ao menos pela idéa, por um grande sentimento de justiça bem equilibrado e normal. Mas não.

O auctor não quer justiça. Quer apenas descarrigar a *bílis* que o incomoda, desengordar o figado, vingar a sua politica franquista. Mas para isso tinha feito melhor, se tomasse o caminho da Gerez, e lhe bebesse as aguas. Em quinze dias de tratamento, gastava talvez menos do que o preço da edição do livre e ficava bastante melhorado. O livre não o cura, pôde ter a certeza d'isso. E que desastre para a literatura nacional, se as suas colicas hepaticas se materialisarem sempre n'uma nova edição da *Justiça* revista e aumentada!

N'essa altura o paiz terá de responder ao appello do seu livre, com um *oh da guarda* colossal, d'estes que immortalisam uma creatura.

Há duas passagens na *Justiça* que comprometem o *espírito artístico* do auctor, e nos dão bem a medida da sua arte. Refere-se á *Palavra* e chama-lhe o *considerado* jornal do Porto.

Falla da peregrinação que o povo de Lisboa fez piedosamente a um cemiterio — a vontade d'um povo que é sempre alguma coisa simples e sincera — e chama-lhe *vergonhosa*!! Valha-o Deus.

Pois não vê que é precisamente o contrario?! Um artista não pode ter a consideração por um jornal, que representa apenas o *espírito retrogrado* d'um homem embacido pela Inquisição. N'esse jornal há apenas *insultos*, desbragados e vivos, como os d'um cocheiro.

Podia ao menos ser intelligent, mas nem isso. Será o *folhetim* que o impressiona?

Gosta d'aquellas *aventuras de Telemaco*?

Mas sendo assim, faça como o regedor da minha terra que adquiriu esse lirrinho há vinte annos e ainda hoje o lê com enternecimento. Não. Há simplesmente n'isto tudo, uma grande *coherencia de espírito* e nada mais.

O *Suave Milagre*, a *Justiça*, e a *consideração pela Palavra* são tres qualidades distintas n'uma só verdadeira.

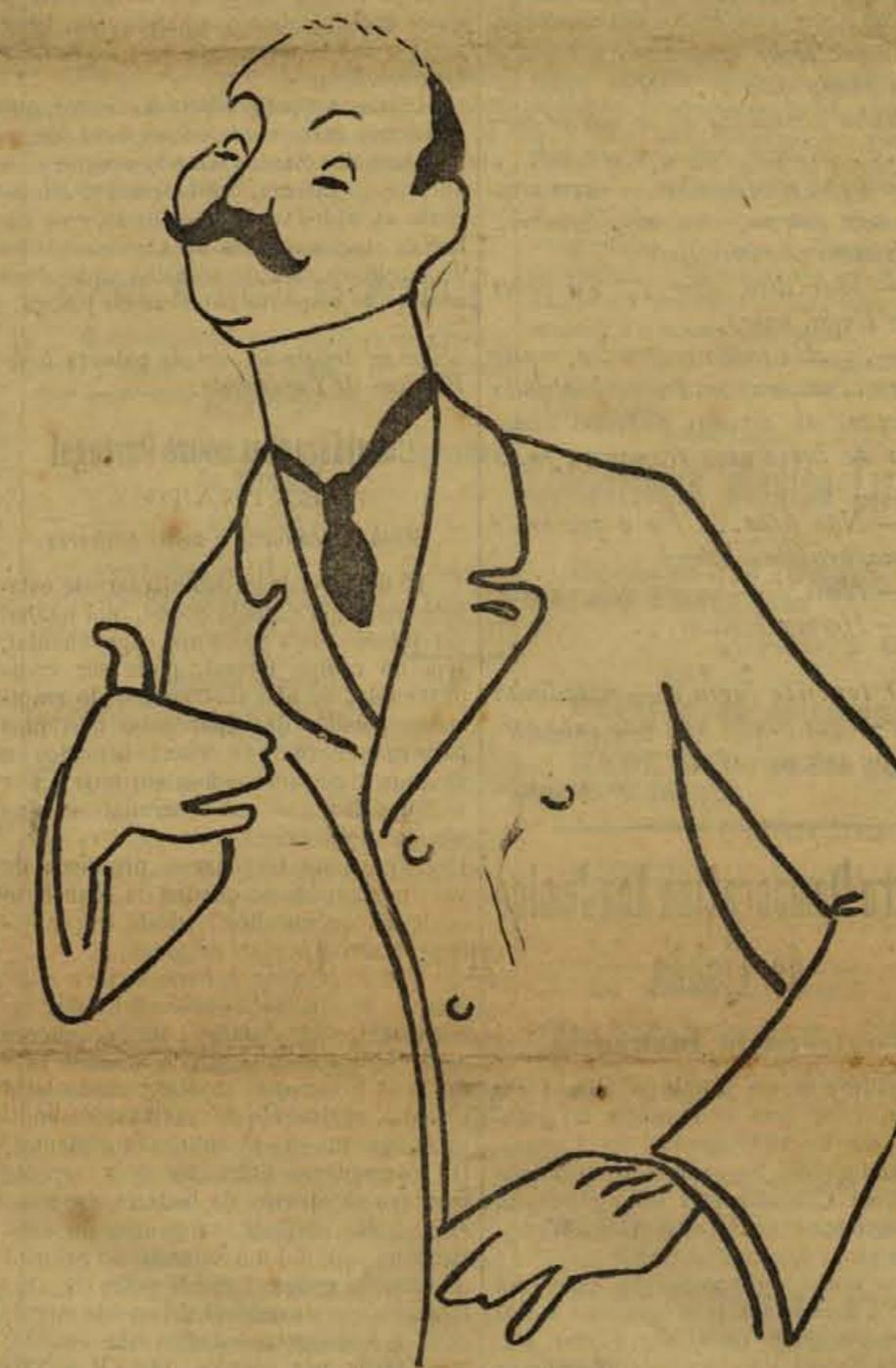
A verdadeira é o *franquismo*.

E a propósito — porque não edita a sua *consideração pelo Portugal*? E' o que lhe falta, para completar a sua obra.

Ponha a em verso, em alexandrinos altos, e a immortalidade virá a cobrir-o com um manto opaco e fechado *com a burra*.

Força. Atire-se!

CELEBRES... DE BORLA



MADRIGAL

Se falla, a sua voz é uma harmonia,
E' murmúrio que nasce e logo morre,
E' agua, é fino mel, que leve escorre
N'um languido estertor, n'uma agonia.

Cada palavra simples que desfia
O seu labio subtil, que amor implora,
E' como a vaga que nas praias chora,
Ou como a aragem branda que cicia.

E até se falla em guerras e em potencias,
Na maldade dos homens e do mundo,
Mostra o ar das augustas complacencias!

E a sua voz dilue-se n'um sorriso,
Fulgura e brilha o seu olhar profundo,
E a guerra é paz — e a terra um paraíso!

Dr. Loria

O pobre gaguejou, a principio, varado, mas por fim, lá a contentou:
Olhe menina... «Hermaphrodita» quer dizer... quer dizer... «nem uma coisa nem outra» «assim, assim... um «meio termo», percebe?

— Sim, papá... Obrigada...

Passaram tempos — e um dia arranjaram-lhe um noivo; um bello rapaz, tenente de cavallaria, garboso e apaixonado por aquelles encantos que Deus tão prodigamente dispensará á linda creatura.

Estava' proxima a «boda», era coisa de dias e, n'um baile, o noivo,

A REVOLTA

aproveitava o pretexto d'um «walsa», para lhe dizer as coisas delirantes, vulcânicas que lhe subiam do fundo d'alma, à flor da boca sequiosa.

— O meu amor — como hoje estás linda... dizia-lhe elle.

E ella, modesta:

— Não digas isso...

— Mas tu nunca te viste ao espelho, nunca viste que não ha santa mais linda do que tu?...

— Ah! que peccado... repreendia ella.

— Peccado, meu amor, é não dizer a verdade... Tu sabes que és bonita, que és adorável... iustificava elle.

Peccado era não dizer a verdade? Ah! lá isso não! Ella tinha, às vezes, sem vaidade, e certo, visto a sua imagem n'un espelho e, francamente, achava que Deus mesericordioso não a fizera muito feia... Mas também, não tinha a vaidade de se julgar formosa... Nunca pensara em tal... Não era feia nem bonita — «nem uma coisa nem outra», «um meio termo»...

E como elle insistisse:

— Mas dize, dize... Tu sabes que és linda, sabes...

— ...ella então respondeu, muito sincera, com um ar d'uma profunda convicção, as divinas pupilas azuis cheias de luz d'uma franqueza ingenua!...

— Não filho... Eu o que sou é «hermafrodita» sabes?

— Hein? — berrou elle, lívido.

— Hermaphrodita...

**

O tenente fugiu e — coitadinho d'ella — que ainda hoje não sabe por que ficou sem noivo!...

D. Funes.

Centro Democrático Académico de Lisboa

Conferencia Inaugural

Realizou-se no domingo último em Lisboa, com uma conferencia do estudiante do Curso Superior de Letras, sr. Fidelino de Figueiredo subordinada ao tema *Considerações sobre Portugal*, a inauguração de Centro Democrático Académico.

Em nome da comissão executiva expoz á assistencia o programa e fins do Centro o sr. Lucio dos Santos, aluno da Escola Politécnica, que explicou as razões da não filiação da nova agremiação no partido republicano, attento o criterio de honestidade política que se propõe defender e que a coloca acima das luctas e, sobre tudo, das conveniências partidárias, não podendo aceitar como dogma o programa de qualquer partido, pois o novo centro entende reservar-se o direito de livre apreciação e critica, ainda que imperiosas necessidades venham um dia a colocá-lo contra todos os partidos, a favor da patria portuguesa.

Assim, o centro, entregando a accão política ao partido republicano julga entregá-lo em boas mãos, visto como elle é, hoje, em seu entender, o representante legitimo das necessidades da patria, e reservou o seu esforço para um trabalho de educação indispensável á sociedade portuguesa e que garanta a viabilidade do novo regimen.

Assim contribuirá directa e imediatamente para a obra republicana, e, na questão política acompanhará a accão do partido em quanto com ella concordar.

Conhecendo o estado de atraço do ensino português e comprehendendo a necessidade inadiável da sua remodelação, o centro interessar-se-ha e procurará interessar a sociedade portuguesa, especialmente a sua élite intelectual, por todos os problemas pedagógicos de indispensável solução entre nós, como sejam a refundição do ensino polytechnico e medico, a criação duma facultadade de lettras e de uma escola normal de ensino superior, a instituição em Lisboa de uma escola de Direito, baseada na orientação moderna dos estudos sociais e jurídicos e absolutamente independente da escola de Coimbra, etc...

A propósito da nova escola de direito que se pretende seja criada em Lisboa, entende o centro que a sua organização deve ser diversa da de Coimbra, da

qual ella não pode nem deve vir a ser uma succursal, dando assim occasião a que os governos, ao sabor das suas conveniências partidárias ou das suas preferências pessoais, da universidade destaque para a nova escola os lentes que em Coimbra sintam a nostalgia da R. do Ouro ou os que em S. Bento possam ajudar a votar os orçamentos...

Que o recrutamento dos professores deve ser por concursos absolutamente livres, para todos os diplomados independentemente do seu grau, pondo de parte a ridicula e quasi sempre inutil cerimonia do capelo, pretexto mais para a exhibição das insignias doutorais do que para a demonstração de cultura mental ou da competência pedagógica do doutorando.

Assim, os concursos devem ser por cadeiras ou grupos de cadeiras que entre si mantenham uma maior afinidade, a banda com essa demonstração exhibicionista e pedante de um ridículo saber quasi enciclopédico que habilita um lente a regrer indistintamente uma de dezoito cadeiras.

Indicado o programma do centro, que se propõe fazer conferencias semanais, o sr. Lucio dos Santos falando sempre com apreciável clareza, apresentou o conterrâneo sr. Fidelino de Figueiredo, com palavras elogiosas para as suas qualidades de inteligência e de trabalho, que disseram tão somente palavras de justiça.

Segue-se depois no uso da palavra o sr. Fidelino de Figueiredo:

Considerações sobre Portugal

EXTRATO

Minhas senhoras e meus senhores

E' uma verdade definitivamente estabelecida e geralmente aceite, que nem huma questão, seja no campo experimental, seja no campo formal, pôde ser compreendida, se não abstrairmos do empirismo plástico das aparições moventes para remontarmos ao critério histórico ou dinâmico, considerando-a em toda a sua complexidade, no seu determinismo e no seu condicionamento.

Urge portanto localizar o problema da vida portuguesa no quadro da civilização ocidental ou europeia e deste traçar esboçadamente o atual momento.

Que é propria e necessária a designação de civilização ocidental todos reconhecem, visto como é para reconhecer a diversificação do espírito humano nestes dois principais aspetos: oriental e oriental, abstraindo das civilizações rudimentares que são só culturas incipientes. O antagonismo entre os dois aspetos manteve-se através da história, tendo-se encontrado sómente na gênese do cristianismo, que foi um sincrétismo ecletico da filosofia grega, tornada pelas circunstâncias sociais predominantemente moral, com a influencia teurgica do oriente.

Mais tarde nos séculos XI, XII e XIII novamente se defrontaram para se degladiar, no grande movimento religioso das cruzadas. Embora indireto, a influencia oriental foi grande porque a orgia belica destruiu ao banalismo cavalheiresco e favoreceu a emancipação romana.

Presentemente a civilização europeia caracteriza-se pelo *humanismo*, mas numa significação variada quinhentista. Então desobriu-se a continuidade histórica para além da Bíblia, numa rutilante cultura livre e ao sol, o que deslumbraram os ascetas mediievos que intencionalmente se atraíram para se degladiar, no grande movimento religioso das cruzadas.

Embora indireto, a influencia oriental foi grande porque a orgia belica destruiu ao banalismo cavalheiresco e favoreceu a emancipação romana.

Assim, o centro, entregando a accão política ao partido republicano julga entregá-lo em boas mãos, visto como elle é, hoje, em seu entender, o representante legitimo das necessidades da patria, e reservou o seu esforço para um trabalho de educação indispensável á sociedade portuguesa e que garanta a viabilidade do novo regimen.

Assim contribuirá directa e imediatamente para a obra republicana, e, na questão política acompanhará a accão do partido em quanto com ella concordar.

Conhecendo o estado de atraço do ensino português e comprehendendo a necessidade inadiável da sua remodelação, o centro interessar-se-ha e procurará interessar a sociedade portuguesa, especialmente a sua élite intelectual, por todos os problemas pedagógicos de indispensável solução entre nós, como sejam a refundição do ensino polytechnico e medico, a criação duma facultadade de lettras e de uma escola normal de ensino superior, a instituição em Lisboa de uma escola de Direito, baseada na orientação moderna dos estudos sociais e jurídicos e absolutamente independente da escola de Coimbra, etc...

A propósito da nova escola de direito que se pretende seja criada em Lisboa, entende o centro que a sua organização deve ser diversa da de Coimbra, da

vada. Na antiguidade não se conheciam os trios compêndios doutrinários, como os nossos. Os primeiros filósofos escreveram em verso, adequando a língua com o seu ritmo ao culto da Verdade e depois, quando prosificaram, conservaram o mesmo Cívismo sob a forma dialógica, como em Platão, sob a forma de imperativos em outros. Em este ha o reflexo constante da natureza, com o seu mundo de interrogações e de duvidas na mente do poeta. O cristianismo sufocou o pensamento e hipertrofiou, sob a forma de crença, o sentimento que reinou até ao renascimento, quando indiretamente se conheceu a cultura helenica, que conseguira uma conciliação. Mas a Scienza consolidou-se e deu-nos a fria Arte do seculo 15.º em que um só homem saiu à luta pelo sentimento: Rousseau. Porem no seculo 19.º desfez-se a ilusão de que a scienza prometeria a felicidade e reconheceu-se que só daria a verdade, sem a preençao de ser moral ou amor. Foi a bancarrota do pensamento, e os espíritos lançaram-se voluptuosamente na vida do sentimento, produzindo-se essa psicose europeia, que foi o Romantismo. De então para cá a Arte condescendeu, intelectualizou-se, o que é já uma fraqueza e deu-nos o realismo.

Eu creio que o sofrer é a condição da gesticão artística e quanto mais caminharmos para um relativo bem-estar, mais difícil a idealização será. Nós separamos-nos da Natureza e querendo uma arte moderna é necessário fundar uma nova estética sobre bases psicológicas, que já não são as de há 2000 anos. Uma estatua grega representaria o Homem belo e forte, com a tranquilidade feliz do não pensar e não sentir nos olhos apagados; hoje a estatua representa o Homem alquebrado às lutas do pensamento ou à luta do pão, o peito curvado, os olhos miopes pestan jarão por detrás desses oculos inestéticos.

As religiões morreram e o problema de Deus abandonou-se à fé. Discutilo é não o sentir, senti-lo é não admitir a discussão.

Filosoficamente reconheceu-se a impossibilidade dumha síntese, quando as análises fundamentais ainda estão por fazer.

Socialmente, a estrutura da vida colectiva permanece imutável, como se o nosso pensar se não alargasse consideravelmente. Dahi a imperiosidade das reivindicações sociais, que falsas antropologias pretendem destruir e que sistemas como o socialismo, com suas muitas variantes, e o anarquismo pretendem resolver. Tão complexo problema não brotará do genio dum homem, nem da consciencia colectiva dum seita; só o resolverá um sincrétismo ecletico que ninguém sabe provar. Tão complexo problema não o resolve, negativamente, as falsas antropologias porque elas esbarram contra uma Verdade Eterna, inútil, que assume as proporções dum dogma infalível: todos que existem têm direito a comer.

Daqui um scepticismo em moral e em negativismo radical sobre a noção de progresso. Ora querendo nós estabelecer valores, temos naturalmente de tornarmos tabus de aferição, porque a ideia de *bom* ou de *mau* implica sempre uma comparação com um modelo ideal, e essa taboa será o critério egoísta da felicidade humana, uma vez que o Homem só deve pensar em encher a vida, esse cláujo intermitente de consciencia que vai do nascimento à morte. Não tem origens que o obrigue a agradar, nem destinos que devam dominar-lhe a intelligencia.

Rapidamente e segundo o princípio previamente estabelecido, vejamos a evolução histórica de alguns sentimentos, os mais dominantes na natureza humana: o Amor, o culto da natureza e a moral social.

Sócrates dizia que o Amor é um meio de dar filhos ao estado, definição brutal que se não afasta muito da animalidade, e nas sociedades gregas a mulher encerrada no gineceo, permanecia numa ignorância obstinada e sob a tutela despótica do marido. A sua comunhão no trato social era uma prostituição.

Na idade media, foi divinizada, mórmente a virgem, ao que por certo não foi estranha a dignificação da mãe de Cristo. Os cavaleiros romaneses portavam no *bemquerer*, porfia que tomou as formas mais pueris no galanteio e na idealização poética, e as formas mais desvairadas nas corridas aventureiras mundo fóra. Quanto mais débil, mais timida, mais branca, mais desconhecida da vida e do mundo, mais bela.

No Renascimento ela tomou parte na cultura e esse interesse animou as novas cavalheirescas e pastorais, em que eram culturalmente adoradas.

No Romantismo foi significada como a forma suprema do sentimento, em tudo que se pôde atribuir de mais subtil e transcendente. Poetas, como Meusset, choravam por o amor ter como condição a sexualidade.

Mas agora, sem transcendências, acima da brutalidade primitiva e abaixo da glorificação medieva e romântica, ela é mil vezes mais amada, porque está numa situação que é a Verdade, é companheira do Homem, mãe, esposa e irmã, pensante, lutando, sofrendo e amando igualmente.

Para os antigos a natureza era só plasticamente vista, sem a interpretarem e quando a misturavam à sua Arte, consideravam n'ela só a sua feição utilitária; que era fertil, que era rica de oliveiras, propicia para alojar o pão ou fazer luzir ao sol os cachos, eram os atributos únicos que lhe concediam.

O ascetismo católico fez abandoná-la, mas no seculo 19.º foi rehabilitada por um sentimento intelectual que faz considerar em qualquer paisagem a epopeia da criação do mundo por um agente estranho. Difícil não é penetrar-nos de quanto interesse ella tem ligado a este dogma, observando a paixão que impelle a fazer tressuar os seus filósofos e hermeneutas na ingratata tarefa de torcer a razão humana e adulterar o sentido e valor de documentos antigos.

A moral social que hoje procura e nos faz chorar de dor perante uma greve, em que a fome dizima famílias, era naquelle tempo um convencionalismo egoístico de um pequeno escol preponderante. A escravidão e a servidão foram formas atenuadas do desdém pelos vencidos, a princípio mortos, como bôcas inuteis. Hoje o Cooperativismo é uma lei geral, até no sentimento. As cartas e as corporações sociais apagaram-se, e os vestígios são só revivescências, fatalismos da continuidade histórica.

Houve pois progresso. Daqui uma noção da moral atividade, porque trabalho é progridir e não trabalhar seria uma imoralidade. Desgraçadamente, como disse Goethe, o equilíbrio da natureza está feito, e a este progresso, corresponde latentemente um regresso. Mas isso é a inexorabilidade do sofrer humano, eterno, fatal.

Continua

Factos e Commentários

Centro Democrático Académico de Lisboa

No dia 7 do corrente, iniciaram os seus trabalhos os nossos presos collegas de Lisboa, com uma conferencia do sr. Fidelino de Figueiredo de que hoje publicamos, uma parte de que daremos o que falta no proximo numero.

Ao Centro Académico de Lisboa, agremiação de todos aqueles rapazes que na academia da capital valem pelo talento e pelo carácter envia *A Revolta* os seus calorosos parabens.

Consta que, por um tratado secreto, o nosso paiz se obriga a auxiliar com cem mil homens a Inglaterra no caso de guerra com a Alemanha. Deve ser verdade.

E o comandante da legião deve ser o nosso Bombardeiro que anda mortinho por dar que fazer à durindiana.

Br... Cognac no cantil e vá de engulir almeias, que isto por cá não dá nada.

Contas

J. Pires, de Portalegre, diz nos seus *Aguilhões* que a monarquia conta com os moços que aclamaram o rei na Sala dos Capelos, como elles contam com ella.

Não ha duvidas, pelo menos na segunda parte.

O peor é que as contas ás vezes sahem furadas.

As contas e as graves...

• O regicida.

Campos Lima que ha pouco tempo ainda nos deliciou com as finas páginas do seu pamphlet em verso — O Rei — acaba de fazer sair — O Regicida — que em nada desmerece o conceito em que temos as suas qualidades de poeta e de revolucionário.

Apareceu no dia 1.º de fevereiro, o aniversário da morte do Rei Carlos e dos seus executores.

Vende-se nas livrarias ao modico preço dum tostão.

Ao seu autor os nossos agradecimentos pelo numero enviado e um grande abraço.

Ridendo...

— Dizem que ha no gremio um *bal de têtes*. O sr. conde sabe o que é isso?

— Eu lhe digo... é... isto é... deve ser um baile de cabeças...

— E o sr. conde vai lá?

— Não, minha senhora. Não tenho a dita...

TRIBUNA DOUTRINARIA

• circulo vicioso

«In principio creavit Deus Cielum et terram»
(Bíblia)

A Egreja Catholica na esterilizante imutabilidade dos seus conceitos não poderia firmar-se na consciencia das multidões ignorantes, se não buscassem um ponto de apoio bem longe, e bem confuso, onde fosse consolidar toda a intrinca meia de suas cavilosas mentiras.

Para primeiro ponto d'apoio e fundamental alicerce apoderou-se da bizarra tradicção bíblica, corroborando a propria doutrina na afirmação improba e arrojada da criação do mundo por um agente estranho. Difícil não é penetrar-nos de quanto interesse ella tem ligado a este dogma, observando a paixão que impelle a fazer tressuar os seus filósofos e hermeneutas na ingrata tarefa de torcer a razão humana e adulterar o sentido e valor de documentos antigos. E' que a criação do mundo pelo tal Deus foi na verdade um consumado extratragema em cuja defesa ella esgota toda a propria argúcia, que é muita, rebuscando os mais inéditos disparates para não deixar ir aqua abaixo essa gazua com que força as intelligencias desprevenidas e candidas a aceitarem-lhe os mais abusivos conceitos.

Vejamos como a egreja se comporta para firmar a sua autoridade.

Já nesta tribuna eu afirmei que a

A REVOLTA

absoluto do mundo e seu absoluto legislador que, assim como fez o mesmo mundo pode tambem destruir-o e derrogar ou suspender as suas leis. — Mas quem nos diz que o Mundo foi realmente criado por esse personagem?

— A Bíblia!...

Outro círculo vicioso.

Em resumo: a Egreja firma a sua autoridade na Bíblia e reconhece a autoridade da Bíblia pela sua infalibilidade.

— Sustenta a possibilidade dos milagres pela admissão dum Deus criador e absolutamente omnisciente; e prova a existencia do mesmo Deus pelos documentos que deixaram aqueles mesmos que praticaram ou narraram façanhas milagrosas.

Apenas, porém, estas contradições se tornaram evidentes a Egreja por, em campo a sua milícia de raposas e ei-los a farejar por toda a parte argumentos em que demonstram a existencia do seu Deus e o acto da criação do Mundo pelo mesmo num momento antes do qual cousa alguma existia, senão o próprio Deus.

Em os numeros seguintes escalpelarei os processos de que se valem para o seu intento.

Lucifer

CARTEIRA D'UM REBELDE

Quem encarar friamente o estado actual da politica portuguesa, não precisará certamente d'um grande esforço mental para chegar á iniludivel conclusão de que em Portugal já não existe uma consciencia monarchica que se impõe pela força, indestrutivel das convicções arreigadas.

Batido sucessivamente o principio monarchico no parlamento, nos comícios, nas conferencias e até nas simples palestras individuais, a monarchia, sentindo se divorciada do sentir e da consciencia nacional, procurou, para não morrer, o ultimo dos meios de que se costumam valer os principios condenados: — a monarchia portuguesa serve-se da violencia.

Sen forçia propria que a mantinha, ella cerca-se dos sabres da municipal, augmenta e arma de carabinas a polícia, e foge espavorida a acoitar-se nas dobras da batina do Padre Mattos.

Por isso a existencia ainda da monarchia em Portugal é um paradoxo, facilmente destrutivel como são todos os paradoxos. Vive ainda, mas a sua vida é artificial: vive como vivem moribundos á custa de balões de oxigenio.

Pode hoje afirmar-se, sem receio de errar, que em dois campos apenas se divide a actual sociedade portuguesa: E' dum lado uma nação inteira que accorda para a vida a que as suas inegotaveis qualidades e tradições glorioas lhe dão direito; e é a infinável cohorte dos opprimidos e dos vexados que se lança imperturbavel pela entrada luminosa do Futuro á conquista audaciosa do Ideal.

E do outro uma pequena minoria, que, em nome de mesquinhos interesses pessoais, e pela voz das espingardas brada — «cal-a-te» — a quem pede pão, e — «sofre!» — a quem pede justiça.

E' dum lado a luz, o progresso, a civilisação, o futuro — e chama-se Republica.

E' do outro a treva, o marasmo, a barbaria, o passado com reviviscencias de forcas, de fogueiras, de inquisições e chama-se reação, quer ella vista batina e sobrepeliz e encarne no padre Mattos, quer vista sobrecasaca e ponha flor ao peito e se chame José Luciano ou Julio de Vilhena.

Mas a existencia d'esta reação odia que esvurma odios dos seus processos e calumnias das suas palavras, só vem provar quanto a monarchia está periclitante.

Uma reação só é grande, quando grande é também a acção contraria que a impulsiona. Incapaz de transigir com as exigencias do espirito moderno, porque as não comprehende, ella, que é o passado e a estagnação, defende-se ainda. Mas a sua defesa não é já a consagração d'um principio que encontre forte apoio em espiritos robustos e libidinosos carregados. E' um arranco, uma contração de estomagos insatisfeitos.

Experimente alguém tirar da frente de meia duzia de cães de guarda a gâmella em que elles roam, descuidados, algum osso e elles oferecerão o mesmo aspecto, que hoje oferece a monarchia portuguesa.

Por isso se pode dizer que já hoje não existe em Portugal uma consciencia monarchica. A monarchia portuguesa vive ainda, mas a sua vida é artificial: vive como vivem moribundos á custa de balões de oxigenio.

Sherlock-Holmes

O Brazil moderno

V

Fallando dos vultos, nossos contemporaneos, que mais se têm notabilizado nas diversas manifestações de actividade intellectual, era no começo, nosso intuito fazer uma pequena monographia acerca de cada uma d'essas individualidades salientando o seu justo valor e prestando assim uma homenagem merecida.

Isso porem, embora fosse bastante elucidativo e de alguma sorte um tanto curioso para quem, olhando com bons olhos o paiz amigo, acompanhe com algum interesse os nossos despretenciosos bosquejos, constituiria um trabalho bastante longo, mesmo que nos propussemos a dizer poucas palavras sobre todos os que merecem tal atenção. Basta apontar nomes bem conhecidos, como os do dr. Ruy Barbosa, Barão do Rio Branco, Coelho Netto, Olavo Bilac, doutor Sylvio Romero, Machado de Assis, dr. Eduardo Chapot Prévost, Arthur de Azevedo, dr. Osvaldo Cruz, Osvaldo de Faria, Santos Dumont, dr. Lauro Müller, dr. Francisco Pereira Passos, Carlos Gomes, dr. Joaquim Nabuco, dr. Viveiros de Castro, dr. Joaquim Murtinho, e tantos outros, cujos nomes neste momento não nos recorda, para se poder momentaneamente avaliar quanto a tarefa seria espinhosa.

Para resumir por consequencia, tanto quanto possível o nosso trabalho, tomaremos apenas como assumpto ou tema da nossa exposição, cinco individualidades respectivamente notaveis em: medicina, direito, letras, artes e politica, a saber: Eduardo Chapot Prévost, Clóvis Bevilacqua, Olavo Bilac, Carlos Gomes e Ruy Barbosa.

Occupar-nos-emos hoje do

Dr. Eduardo Chapot Prévost
Este illustre brasileiro, (falecido ha pouco), descendente de familia francesa, foi incontestavelmente uma das maiores glórias da classe medica. Lente cathe drático da cadeira de *Histologia normal* — da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, honrou, como poucos, o logar que, durante não poucos annos, desenhou.

Amigo dedicado de todos os seus discípulos, entre os quais figurámos, encontra tambem, por sua vez, em cada um d'elles, não só um amigo afectuoso, mas um admirador sincero do seu carácter justiciero e recto, e bem assim dos seus raros dotes de máscula inteligencia. Trabalhador incansavel, pesquisador devotado de todos os segredos da scienzia em que se especialisou e cujo progresso diario não deixava de acompanhar, procurava sempre, com o maximo interesse, despertar o incentivo e o estímulo dos seus alunos, animando-os com o calor da sua palavra fluente e afectiva, dando-lhes o exemplo de uma abnegada applicação, e proporcionando-lhes no laboratorio, montado sob a sua sábia direcção, preciosissimos conhecimentos praticos, verdadeiramente utiles e atrativos.

Ninguem, então, lhe regateou verdadeiros aplausos, perante esse caso virgem, unico, nos annaes da scienzia medico-cirurgica.

Na Escola, no dia seguinte ao da grande conquista scientifica foi aclamado com delirio, por todos os estudantes e saudado entusiasticamente por todos os seus collegas.

A imprensa vulgarisou o seu triunho completo, e teceu-lhe os merecidos elogios.

O Congresso Federal, poruumuiadade de votos, concedeu-lhe um premio de 40 contos.

A população inteira consagrhou-o á sua infinita admiração.

Em Paris, onde foi acompanhado de uma das creanças, por convite da Academia de Medicina Franceza, foi recebido com a distincão e apreço com que ali, tão tratados semelhantes vultos.

Pois nada d'isso o envaideceu. A partir d'aquele grande dia, toda a sua atenção, todo o seu amor, por assim dizer se concentrou n'aqueelas duas criaturas que tomou como filhas.

Mais tarde, uma delas, succumbiu victimá d'uma infecção, o que violentamente o commoveu.

Não podendo já mais saparar-se da sobrevivente, acompanhando-a ao sertão a casa dos pais e d'elles obteve a acquiescencia ao pedido que lhes formulou de a ter sempre junto de si.

Pena foi que a morte tão prematuramente arrancasse á vida, esse grande espirito, cujo perfil rapidamente fica atraçado, e que tão profundamente se impôz pela nobresa do seu coração, e pela pujança do seu intellecto.

Cooperativa de Pão

“A Conimbricense”

O sr. Presidente da Assembleia geral desta Cooperativa convida os socios a reunirem-se pelas 10 horas da manhã de domingo, 14 do corrente, na sede de cooperativa, junto a St. Anna.

Abandonado o caso, e quasi que reconhecida a impossibilidade de o resolver favoravelmente, apparece o dr. Chapot Prévost e, com admiração geral, mórtem depois da primeira tentativa infeliz, oferece-se para levar a cabo a operação, correndo por sua conta todas as despesas a fazer com a montagem duma sala propria, material necessário, e permanencia das creanças numa casa de saude.

Acceito o oferecimento, inicia o ilustre operador os seus trabalhos de observação attenta e profundo estudo, que lhe consumiram varios meses, durante os quais, em holocausto e à humanidade, sacrificou os seus proprios interesses, abandonando quasi a sua clínica particular. Quando o desanimo começava a apossear-se de todos os que, mais ou menos de perto, seguiram a marcha d'esse acontecimento, foi anunciado finalmente o dia em que, de uma vez para sempre, a sorte d'essas creanças ia ser decidida.

Apoderou-se então de toda a gente, ilustrada e não ilustrada, a natural anciade de conhecer o resultado da tentativa audaciosa, em que um homem punha em jogo todo o seu credito scientifico.

Aceraldo dos drs. Dias de Barros, projecto professor da cadeira de Physiologia, Ernani Pinto, preparador da cadeira de Histologia, e que foi um dos seus discípulos mais dilectos, Figueiredo Rodrigues, que nesse anno se havia formado, premiado em todas as cudeiras do curso, e, se não nos enganamos de mais dois auctorizados clínicos, cujos nomes, n'esta occasião, não nos ocorre, o doutor Chapot Prévost, chloroformizadas as padecentes, com uma calma admiravel, apesar da tremenda responsabilidade que sobre elle pesava, pega no escalpello e com mão segura e firme, dá começo aos seus trabalhos.

Todos os incidentes estavam previstos; nada portanto o detinha.

No fim de, pouco mais de uma hora, a operação estava feita, a hemostasia da importante viscera — o fígado — havia-se feito por um processo seu, e as duas creanças, que, pouco antes, constituiam um perfeito aborto da natureza, estavam desligadas, com vida autonoma, e em perfeitas condições de existencia.

Ni. quem, então, lhe regateou verdadeiros aplausos, perante esse caso virgem, unico, nos annaes da scienzia medico-cirurgica.

Na Escola, no dia seguinte ao da grande conquista scientifica foi aclamado com delirio, por todos os estudantes e saudado entusiasticamente por todos os seus collegas.

A imprensa vulgarisou o seu triunho completo, e teceu-lhe os merecidos elogios.

O Congresso Federal, poruumuiadade de votos, concedeu-lhe um premio de 40 contos.

A população inteira consagrhou-o á sua infinita admiração.

Em Paris, onde foi acompanhado de uma das creanças, por convite da Academia de Medicina Franceza, foi recebido com a distincão e apreço com que ali, tão tratados semelhantes vultos.

Pois nada d'isso o envaideceu. A partir d'aquele grande dia, toda a sua atenção, todo o seu amor, por assim dizer se concentrou n'aqueellas duas criaturas que tomou como filhas.

Mais tarde, uma delas, succumbiu victimá d'uma infecção, o que violentamente o commoveu.

Não podendo já mais saparar-se da sobrevivente, acompanhando-a ao sertão a casa dos pais e d'elles obteve a acquiescencia ao pedido que lhes formulou de a ter sempre junto de si.

Pena foi que a morte tão prematuramente arrancasse á vida, esse grande espirito, cujo perfil rapidamente fica atraçado, e que tão profundamente se impôz pela nobresa do seu coração, e pela pujança do seu intellecto.

A. S.

inicio, sob todas as precisas cautellas, ao trabalho operatorio, mas em breve teve de parar, perante o receio natural das consequencias que poderiam advir e a hemostasia do fígado que lhe pareceu muito problematica.

Preferiu recuar a ficar mal com a sua consciencia. Ningem o censurou por isso.

Abandonado o caso, e quasi que reconhecida a impossibilidade de o resolver favoravelmente, apparece o dr. Chapot Prévost e, com admiração geral, mórtem depois da primeira tentativa infeliz, oferece-se para levar a cabo a operação, correndo por sua conta todas as despesas a fazer com a montagem duma sala propria, material necessário, e permanencia das creanças numa casa de saude.

Acceito o oferecimento, inicia o ilustre operador os seus trabalhos de observação attenta e profundo estudo, que lhe consumiram varios meses, durante os quais, em holocausto e à humanidade, sacrificou os seus proprios interesses, abandonando quasi a sua clínica particular. Quando o desanimo começava a apossear-se de todos os que, mais ou menos de perto, seguiram a marcha d'esse acontecimento, foi anunciado finalmente o dia em que, de uma vez para sempre, a sorte d'essas creanças ia ser decidida.

Apoderou-se então de toda a gente, ilustrada e não ilustrada, a natural anciade de conhecer o resultado da tentativa audaciosa, em que um homem punha em jogo todo o seu credito scientifico.

Aceraldo dos drs. Dias de Barros, projecto professor da cadeira de Physiologia, Ernani Pinto, preparador da cadeira de Histologia, e que foi um dos seus discípulos mais dilectos, Figueiredo Rodrigues, que nesse anno se havia formado, premiado em todas as cudeiras do curso, e, se não nos enganamos de mais dois auctorizados clínicos, cujos nomes, n'esta occasião, não nos ocorre, o doutor Chapot Prévost, chloroformizadas as padecentes, com uma calma admiravel, apesar da tremenda responsabilidade que sobre elle pesava, pega no escalpello e com mão segura e firme, dá começo aos seus trabalhos.

Todos os incidentes estavam previstos; nada portanto o detinha.

No fim de, pouco mais de uma hora, a operação estava feita, a hemostasia da importante viscera — o fígado — havia-se feito por um processo seu, e as duas creanças, que, pouco antes, constituiam um perfeito aborto da natureza, estavam desligadas, com vida autonoma, e em perfeitas condições de existencia.

Ni. quem, então, lhe regateou verdadeiros aplausos, perante esse caso virgem, unico, nos annaes da scienzia medico-cirurgica.

Na Escola, no dia seguinte ao da grande conquista scientifica foi aclamado com delirio, por todos os estudantes e saudado entusiasticamente por todos os seus collegas.

A imprensa vulgarisou o seu triunho completo, e teceu-lhe os merecidos elogios.

O Congresso Federal, poruumuiadade de votos, concedeu-lhe um premio de 40 contos.

A população inteira consagrhou-o á sua infinita admiração.

Em Paris, onde foi acompanhado de uma das creanças, por convite da Academia de Medicina Franceza, foi recebido com a distincão e apreço com que ali, tão tratados semelhantes vultos.

Pois nada d'isso o envaideceu. A partir d'aquele grande dia, toda a sua atenção, todo o seu amor, por assim dizer se concentrou n'aqueellas duas criaturas que tomou como filhas.

Mais tarde, uma delas, succumbiu victimá d'uma infecção, o que violentamente o commoveu.

Não podendo já mais saparar-se da sobrevivente, acompanhando-a ao sertão a casa dos pais e d'elles obteve a acquiescencia ao pedido que lhes formulou de a ter sempre junto de si.

Pena foi que a morte tão prematuramente arrancasse á vida, esse grande espirito, cujo perfil rapidamente fica atraçado, e que tão profundamente se impôz pela nobresa do seu coração, e pela pujança do seu intellecto.

A. S.

A REVOLTA

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO». Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

Marcado definitivamente o dia, deu

Associação Commercial

Esta prestimosa collectividade realizou a eleição dos seus corpos gerentes para 1909 no dia 10 do corrente, tendo sido aprovada a seguinte lista:

Assembleia Geral

Presidente — Manuel José Telles; secretarios — Paulo Antunes Ramos e Roque d'Almeida Marianno.

Direcção

Presidente — João Rodrigues de Moura Marques; vice-presidente — José Monteiro dos Santos; tesoureiro — J. M. Mendes d'Abreu; secretarios — Ernesto Mercier de Miranda e José Sebastião d'Almeida; vogues — José Antonio Gomes dos Santos e Manuel Pereira Junior.

Os nomes que desta lista fazem parte são segura garantia das prosperidades da Associação Commercial e de que ella saberá representar dignamente os interesses que lhe estão confiados. A nova sede, no primeiro andar do optimo edificio da Casa Minerva, na Estrada da Beira foi já um grande passo. Arrancou-se a Associação daquelle beco da Rua Velha, o que era, francamente, vergonhoso. Hontem a direcção foi cumprimentada pelo governador civil, tencionando na proxima quinta feira cumprimentar a Camara Municipal.

A nova direcção deseja todas as facilidades no exercicio do seu espinhoso cargo.

Consultorio Medico-Cirurgico



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.º

 Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 meses, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fruta de diversas qualidades, secos e crystalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especialisando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Sauêsses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de 16, pelo sistema de Margarida.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.º

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quais dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDORES CONTRATO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicílios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — **COIMBRA**

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a .	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas, cós lisa, muito largas, metro	120
Córtex de ve-tido com 7 metros, de pura lã e lâ e seda, a \$350, 28320, 28800, 28100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Piugas para homem, a .	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creaçao, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas .	540
Flanelas lisas, lavradas, a .	50
Chitas, grande novidade .	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a .	80
Lenços de percal, a .	70
Chales grandes, que eram de 1800, a .	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a .	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a .	1200
Cobertores grandes, em flanelia, muito finos, seu valor \$1000 réis, a .	550

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapeus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de \$5000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só anunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500



JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que há de melhor em fábrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fábricas alemãs e francesas.

Pós e pasta dentríficas.

Escovas para dentes, cabello e fato.

ALFAIATERIA

Guimaraes & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante coleção de relogios de todos os sistemas e autores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e móveis. Ha espelhadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro.

Concertam-se relogios de todos os sistemas e autores e caixas de musica.

Preços limitadíssimos

AMAZEM DE SOLA E CABEADAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedais de luxo. Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado. Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principais fábricas nacionais e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos químicos e especialidades farmacêuticas. tintas, óleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

COIMBRA

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor fábrica estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fábrica, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

A serio

Apesar da época que atravessamos não nos podemos dispensar de abrir um parenthesis na galho que hoje enche o jornal, para bordarmos umas ligeiras considerações ácerca do momento problema nacional que é o projectado casamento regio.

E dizemos problema nacional porque, efectivamente, quando casa um rei, não é elle só que casa: — é a nação inteira. Casamos nós que escrevemos e casam os senhores que nos lêm. Em qualquer potencia — é assim que se chama em «direito internacional» ás nações — o rei representa-a — a ella potencia, — em todos os actos da sua vida, publica e particular. Não sabemos se os senhores entendem, mas nós explicamos, citando — como se faz cá na Universidade. A paginas 69 do seu soberbo livro *La puissance publique*, diz Toumonte o seguinte:... «le roi, assurant par cet acte, la succession à la couronne et, conséquemment, le bonheur de moment et de futur de ses sujets, ne peut se comprendre que, comme un délégué de la puissance publique...»

E, mais adiante, o erudito escriptor, — um acerrimo partidario da realeza — preconisa o principio que elle chama, a «união espiritual dos subditos ao principe» aconselhando varios meios attinentes á completa realização d'esse salutar principio, — como seja o de «todo o subdito trautear o hymno nacional sempre que o soberano exerce alguma das suas atribuições!» Nós discordámos em absoluto das ideias do reacionario escriptor... Nem, por sombras, admittimos a possibilidade de, no dia do casamento regio, nos pormos todos a tocar... o Hymno da Carta.

Mas, apenas a citamos, para com uma opinião insuspeita, fundamentar a nossa de que os actos, mais privados da vida dos reis tem uma decisiva influencia sobre os povos — o que representa um grave perigo que não se dá nas democracias onde a suprema magistratura é temporaria e electiva. Mas, como, por em quanto, nada está definitivamente assente ácerca do caso, passamos a encarar outros aspectos da questão.

Nós já temos duas rainhas e estamos ameaçados de ter tres:

Uma realeza com uma rainha ainda se supporta, agora no estado desgraçado do paiz, uma realeza de tres rainhas, é um insulto á miseria publica. O orçamento das classes inactivas está sobre carregadissimo e os cofres publicos não podem pagar ordenados fabulosos a duas rainhas que já para nada servem. Esta é que é a verdade. Além d'isso, não temos nós á porta, em Hespanha, um exemplo bastante de temer, no augmento, ameaçador de principes que nascem e dois dias depois já são sargentos mas como sargentos ganham mais que generaes?

Quem nos diz a nós que outro tanto não nos sucederá? Não nos falem na «proliferação desbordante do proletariado» e reparem antes os tratadistas de Direito Publico e os legisladores, na proliferação não menor, da realeza que representa um gravame para os povos. Querem alguns escriptores, prevendo esse inconveniente, crear junto de cada throno, com caracter institucional, o que elles chamam, «as comissões reguladoras dos nascimentos e regios» mas isso nada remedia. Representa uma tirania que não podemos aceitar e offende profundamente o espirito juridico moderno.

A época, não é de mo de a alongarmos-nos em considerações sobre problema de tal magnitude, mas estas por em quanto, bastam e prometemos, d'esde já voltar ao assumpto.

MIUDEZAS...

O sacrificio dos sabios! Admirável coisa! Ora oijam vócls, a história que sucedeu ao celebre professor Eselis, da Universidade de Bonn, no ultimo verão, em Carlsbad. Eselis, é, — como toda a Alemanha erudita sabe, — um grave e ponderado homem, auctor da perdurable «Historia do Solecismo através as Edades». Ninguem como elle, com tão bella facundia e aprimorado engenho, dissertou sobre a «dynamica da tolice» e, a sua pena erudita se devem as mais bellas paginas ate hoje escriptas sobre a complicada e nebulosa questão do «disparate estatístico», nas suas relações com a filosofia Hegeliana.

As suas novas theorias tinham revolucionado o mundo científico e provocado controvérsias terríveis em livros e revistas. Especialmente a mais arranjada de todos que elle intitulava «teoria da salutar reação natural dos organismos vivos contra as inconveniencias physicas» tinha provocado, da parte de toda a Germania universitaria e philosophica, uma troça tremenda, uma incredulidade desdenhosa que muito affligia Eselis. Richen, o seu discípulo mais prometedor, que até então acompanhava o mestre e prometia continua-lo, até esse o abandonara com escândalo, proclamando num opusculo «a impunidade da Asneira».

Foi então que o sabio, com este ultimo golpe, se decidiu a sacrificar-se pela sciencia.

Ah! Richen affirmava a «impunidade da Asneira» refutava a sua theoria da «reacção salutar»! Elle, Eselis, lhe provaria e aos collegas que se enganavam redondamente.

E o sabio, decidiu-se, para fazer verificar a sua theoria, a fazer um gordo disparate, uma tremenda inconveniencia!

Que nobre espirito de sacrificio!

Arriscava a sua reputação d'homem serio e ninguem veria no seu acto a grandza d'alma, o sublime sentimento que o ditava! Foi no salão de baile do «Kursaal» de Carlsbad, repleto de senhoras, e homens em trajes de festa, resplandecente de luzes, no meio do que em toda a Alemanha ha de mais distinto e altamente colocado,

que o novo martyr da sciencia se duvidou a tentar a prova decisiva. Escolhido o seu «sujel» — um delicioso «organismo vivo», representado n'uma gentilissima e escultural rapariga. — o sabio, tremulo pela suprema gravidade scientifica do momento, mas com a firmeza e o estoicismo d'um Mucio Scavola, aproximou-se d'ella, encetou uma ligeira conversa e inopinadamente, seu que nada o podesse fazer prever, d'um tremenissimo apalpão, — exactamente n'esse sitio — da pobre senhora!

... A mais tremenda e mais sonora bofetada que até hoje avermelhou uma bochecha erudita, ecoou por todo o vasto salão do «Kursaal», atraíndo todos olhares, suspendendo todas as conversas!

O escândalo foi inaudito! Eselis foi corrido, apalpado, assobiado, sovado...

Teve de fugir da cidade senão davam cabo d'elle!

Mas, hoje resplende com o brilho d'um sol para toda a Germania philosophica, a evidencia incontrovertida da theoria do Mestre «sobre a salutar reação natural dos organismos vivos contra as inconveniencias physicas»

D. Funes.

Do nosso estimável collador Lucifer recebemos a seguinte

GÁRTA

que com prazer publicamos:

Hoje, Fauces Tenarias, Laconia
(Em transito para o meu Imperio)

Meu caro director

Optima quaque dies miseric mortalibus aevi
Prima fugit; subeunt morbis tristis que senectus
Et labor et durae rapit inclemencia mortis.

Desculpe você esta tirada de Virgilio. Não pode ella vir mais a propósito do que nestes dias. Além disso, sendo você, como é, a mais bella encarnação da alma latina, eu supponho honral-o dando lugar de primazia ás manifestações do espirito mais brilhante, que já não existiu, entre os espiritos brilhantes, entre os que soubrem aliar o positivismo d'uma concepção jurídica completa á alacridade juvenil e pitoresca de almas sedentas de gôsto e de verdade.

E' com inefável jubilo, meu caro director, que eu registo a existencia do carnaval como reviviscencia do culto que os seus antepassados mediterraneos prestaram aos deuses mais utéis e alacres que a fantasia humana soube crear.

Não sei, meu caro director, se conhece bem a philogenia do carnaval. Parece-me não errar filiando-o nas bacanhaes e saturnaes que os povos pelagicos celebravam em honra de Baco e de Saturno.

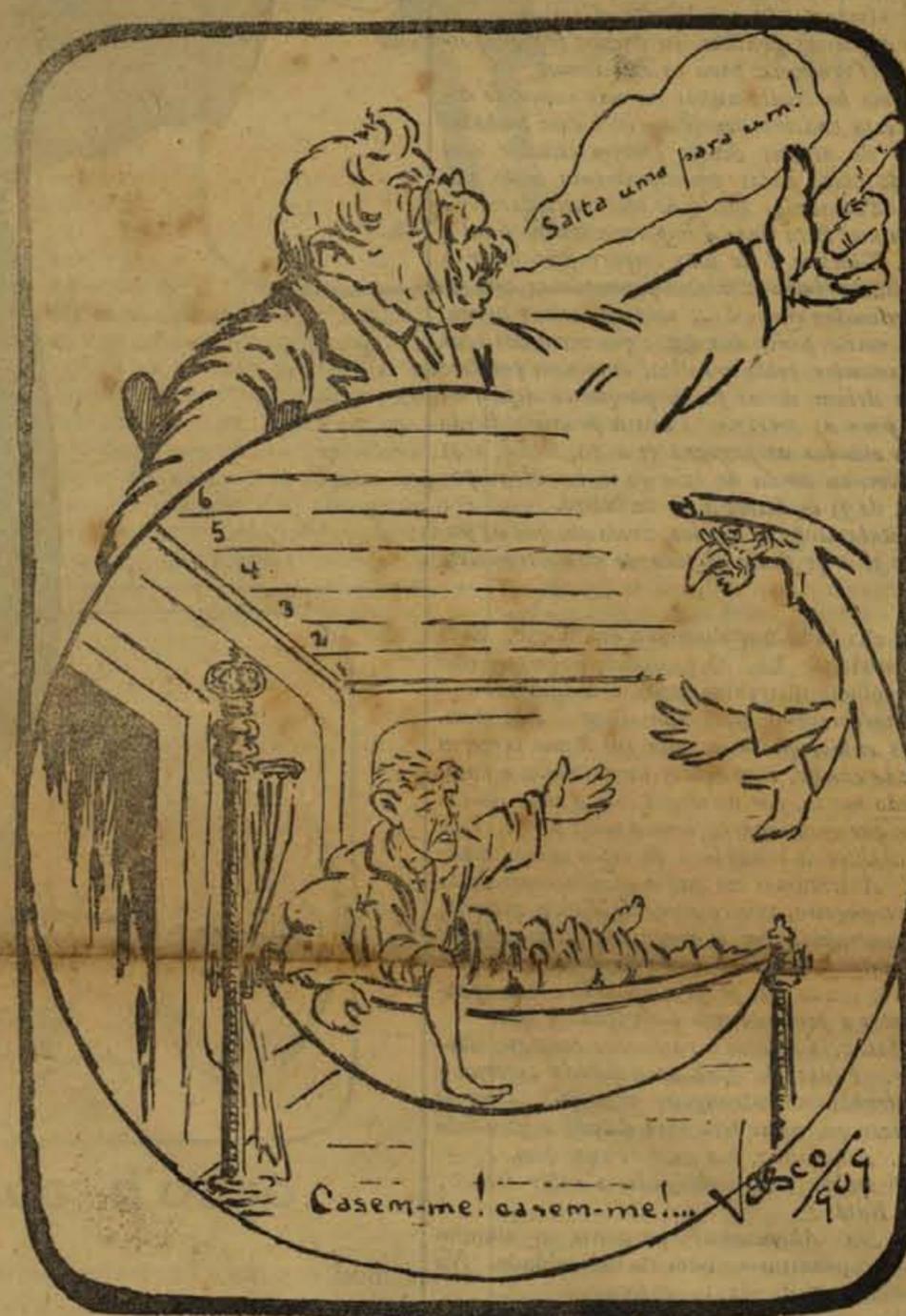
Quem ha ahi que não reverencie o adoravel Baco, hilariante amphitrião da jovialidade, dispenseiro do verdadeiro lethes, do authentic lethes, que, como nenhum outro, nos faz esquecer as agravas da triste vida?!

E quem ha ahi tambem que tenha esquecido o sabio e bondoso Saturno!...

Que adoravel deus não foi esse que, rompendo com todas as praxes de Olimpo, não se rebaixou em vir ensinar aos mortaes a arte da laboura, o cultivo da virtude, a pratica da solidariedade na exelso terra d'Italia, alma mater da vossa civilisação?!

Não se lembra, você, profusamente erudito sobre todos os monumentos bellos da sua fulgurante raça, daquelles sonoros

A' BROXA...



ros e verdadeiros versos do grande poeta de Mantua, quando nas didacticas Georgicas, elle canta cheio de nostalgie pela Edade d'ouro, no seu espirito requintadamente delicado, aquelles quatro versos tão harmoniosos!?

Recorda-se com certeza. Permitame, todavia, que eu dê livre expansão ao meu entusiasmo e os remembre

Ante Jovem nulli subigebant arva coloni;
Ne signari quidem aut partiri limite campum
Fas erat: in medium querebant, ipsa tella,
Omnia liberius, nullo poscento, ferebat.

«Antes de Jupiter a ninguem pertencia as terras; nem tão pouco era lícito assinalal-as ou dividil-as por meio de marcos: só buscavam o interesse comun, e o proprio solo tudo produzia, mais liberrimamente do que nunca, sem que ninguem a isso provocasse»

Refere-se, como vê, ao tempo em que Saturno tinha o governo do mundo e a direcção dos mortaes. Era o communismo, ou, talvez, o anarchismo: era a Edade d'ouro.

O velho Saturno é acusado duma crueldade, eu bem sei, a de comer os proprios filhos. Mas, meu caro director, não ignora você decreto a reabilitação que a Historia está neste momento fazendo aos agentes do passado.

Reabilitemos nós, tambem, o divino Saturno. Se elle devorava os proprios

filhos, não o condemnemos por isso: — fazia-o para nos libertar do bando de deuses que após elle povoaram o Olimpo, descendentes do tonante Jupiter que subrepticamente escapara á divina voracidade do grande Saturno.

Por tudo isto, meu caro director, não se esqueça de recomendar á pleiade de rapazes que o tem como guia que não omitam nenhum dos sacrificios cultuas que são devidos ao divino Saturno. E' assim um modo de protestar contra a tirania insolente do coruscante Jupiter, que tão empenhado tem andado sempre em vos ilaquear.

Retemperem o espirito juvenil no fogo sagrado, que apesar de tudo, ainda irradia da sublime Helada e da sisuda Ausonia com a qual nem o bello Ganges, nem Hermos turbo d'ouro podem competir em louvóres» como escreveu o Poeta.

Não esqueçam tambem o Sublime dragão da alegria: — o Jovial Baco.

Recorde aos seus rapazes que o proprio Orpheu, o adorador ardente e exclusivo de Helio Apollo, tendo-se recusado a adorar Dyonisio, foi por isso, justamente, despedaçado pelas Bachantes da Thracia.

Entretanto vai para as profundezas dos proprios dominios descansar das luctas com o nosso commun inimigo, — o Velho Padre Eterno, o todo vosso.

Lucifer.

Celebres... de borla

COISAS DO COISO

Kodak financial

(Voz metálica, semelhante à d'um trombone).

Meus senhores: Na sexta pagina da setima desena do livro d'aula, onde está escrito «Pernas Untadas» deve ser antes «Pernas Hur-tadas».

Bem baixo, ao fundo, na ultima correnteza de caracteres typographicos, precisamente na linha final, isto é, na ultima inclusiva, ou por outra, onde termina o trabalho typographico dessa pagina, encontram os senhores outra correção a fazer, que eu reputo indispensável para a boa intuição do texto. Onde se lê «imposto de mão fechada dizendo adeus» deve ler-se «imposto de mão morta, dizem eus». São umas pequenas gralhas, ou vacuos typographicos, aliás removíveis, para os estudiosos.

Como ha trinta annos me não canço de dizer n'esta cadeira, tenciono revêr esse trabalho dentro de alguns dias. Devem estudar com cuidado essas datas, principalmente a do imposto «d'alcavala» que é de mil setecentos e... passou-me. Esta data é importantíssimo fixar a bem. Também é de alta importância fixar a data das primeiras cortes portuguezas que foram reunidas em mil... não me ocorre agora.

A maior parte das datas que veem nos seus apontamentos, estão erradas, mas nem por isso devem deixar de as fixar, porque eu depois cá estou para as corrigir. Para a proxima lição devem estudar as paginas 33 a 40, isto é, a 41 não vem, ou ainda de 33 a 40 inclusivo, ou por outra, de 33 inclusivo a 40 inclusivo.

Nitidamente se conclue, creio eu, que as paginas 32 e 41 ficam já fora do nosso trabalho.

E' chamado um alumno a dar lição. Está bem cunhado. Lé. O professor finge que não vê, e folheia distraídamente a caderneta.

Interrompe-o para lhe dizer - está bem. Jemos então, que o imposto em Roma começou por não existir, e que mais tarde tomou o nome de mão morta, por analogia com a mão do cadáver que onde agarra nunca mais larga. Vejo que conhece a matéria e eu estou muito satisfeito. Assentámos em que a dívida contrahida no estrangeiro, toma o nome de dívida externa, e a contrahida em Portugal, dívida interna. Ora muito bem. Vou agora fazer-lhe uma pergunta que não vem propriamente nos seus apontamentos e portanto não é obrigado a ella.

Mas veja se com o raciocínio consegue descobrir. Pense lá. Ora se a dívida externa é a contrahida no estrangeiro, veja se é capaz de me dizer que nome tem uma dívida contrahida na... Alemanha, por ex. Pense bem...

O senhor não é obrigado a saber isto...

Vá. Então?

- Na Alemanha? pergunta o alumno para compenetrar-se bem da dificuldade. Na Alemanha, é dívida... externa.

O professor ergue-se radiante, aplaude-o, felicita-o e termina com um estor muito satisfeito, porque isso não vinha propriamente nas suas lições, e marca-lhe quinze valores que lhe rendem uma distinção no fim do anno.

E' chamado outro alumno.

Não está cunhado.

- Ora diga-me - interroga o mestre com filiacias - porque se chama imposto de mão morta?

- Porque essa espécie de imposto é analoga à mão do cadáver que onde agarra nunca mais larga.

- Sim, está bem, podemos definir assim, mas talvez... está bem... em todo o caso... é isso... mas, mão morta... enfim, deixemos isso. Ora diga-me: como começou em Roma o imposto?

- Por não existir.

- Sim... está bem... em todo o caso, podia talvez... está bem... bem?... sim, bem, talvez... mas... deixemos isso.

Diga-me: conhece o nome dalgum zelador municipal do tempo de D. Sancho II?

- ?!

- Vejo que não sabe. Ora diga-me: qual era a cõr... dos recibos... da fazenda nacional... no tempo de D. Afonso V, o africano?

- Pretos.

- Pretos? Não. Não. Vejo que não sabe, mas... eu já fiz o meu juizo, pode sentar-se.

Este desgraçado tem 9 valores que representam um chumbo no fim do anno.

A saída da aula, impertiga-se, perfila-se, como um perú. E d'olhos no chão, intérprete e grave, deslisa triunfalmente, com toda a imponencia dum... capello e bôrla.

E' authenticamente um velho casarão histórico, ainda hoje iluminado a azeite.

Coitado!



ECCE HOMO!

.... E agora podes já abandonar o mundo,
Que jámais morrerá o teu nome na Historia!
O' Creação genial! O' Symbolo jucundo!
Sempre os homens de ti conservarão memoria!

— Não foste assim? — Qu'importa! — O teu genio fecundo
E' maior ou menor do que é a tua gloria?

— Mesmo assim irreal, symbolico, profundo
Perduras! Vae alem da vida transitoria.

Queremos-te assim, tal qual nós todos te fizemos!
Tudo o que ha de melhor em nós, a ti o démos!
Tu és o nosso grande orgulho! o nosso amor...

Havemos de mostrar-te um dia aos nossos filhos...
— Sulca, pois, lá do ceu os luminosos trilhos.
Reposa emfin, no seio de Deus Nossa Senhor!

Dr. Watson.

A ULTIMA?
— Está «elle» a dize-la agora.

GENIO EM PILULAS

No ultimo bat de lêtes do Gremio, n'um grupo, fallava-se do numero de pessoas de familia que cada um dos assistentes tinha.

Elle, sentencioso:

— Eu sou quadrúmano.

Espranto geral!

— Como? — exclama uma dama.

— Quadrúmano, sim, minha senhora... eu explico: — tenho quatro manos.

Elle, chegado ha pouco de Paris:

— Não imaginam como é grande o mostrador do relógio de Notre Dame. E' tão grande que com certeza o ponteiro não gasta menos de um quarto de hora para percorrer um minuto...

— Como o Mestre vai para o club pode fazer-me o favor de dizer aos parceiros que me esperem para o bridge?

— Oh! pois não... (aparte, com indignação). E esta? Quem quer creados de graça paga-lhes!

No club, em noite de baile.

— Então o Guimarães não vem?

Elle:

— Decerto não vem porque quando lhe mandei o convite o portador encontrou-o ausente.

Naquelle anno o Mestre tinha resolvido emendar os erros que havia nas velhas lições.

Assim, todos os dias, gastava o melhor de vinte minutos emendando gralhas typographicas e pouco mais.

Certo dia apareceu na lição a palavra re-conhecer

E logo o Mestre, imponente:

— Ahí, onde está reconhecer, leiam conhecer, isto é, cortem o sufixo re,

Um riso abafado ouviu-se nas bancadas.

E elle repetiu:

— Sim, cortem o sufixo re...

FADO DO MESTRE

Vae alta a lua e a vella
Está do quarto no centro:
Se a apago soprando n'ella
P'ra a accender sopro p'ra dentro.

As calças foram á rua
Da janella desprendidas...

— Ai, prima, estava viuva
Se eu as tivesse vestidas.

Agora que sou fidalgo
Tenho modos realengos,
Quando vou comprar bilhete
De Coimbra a Reguengos.

Todas as noites, ó mestre,
Vou sentar-me á tua porta,
E ainda me não disseste
O que são bens de mão morta.

— E' como vós esta chavena
Parce que est pléine de bon-thé.

— E como vós esta minha
Parce que est pléine de café.

Como os soldados romanos
Que de Deus partem a tunica,
Eu dividi o meu livro
Apenas n'uma parte unica.

Quando as aulas se fecharam
O consumo menor foi.
Já dois bois se não mataram,
Só se matou meio boi.

Raparigas tomae tanto,
Rapazes não vos ficiis...
Asneiras leva-as o vento
E as sebentas são papeis.

Dr. Loria



POMBAR — (Expositor do Mestre)

A REVOLTA

Do III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Acacio recebemos a seguinte

CARTA

que gostosamente publicamos:

Sr. Redactor: — Ao meu terceiro andar, como trazida na aza de zefiro brando, chegou a nova da homenagem que o seu jornal vai prestar ao nosso Leroy-Beaupied, a esse radioso espírito, que é como um Espírito Santo sem azas pairando sobre a Universidade.

Perante esta justiciera homenagem eu sou todo adhesivo, isto é, estou a seu lado, sr. Redactor, em tudo quanto for bichinha-gata feita a esse que é a

Alma gema da minha ingenua e pura...

consoante o disse lapidariamente o nosso mavioso lyrico.

Com efeito entre a minha conselheira pessoa e a sua conselheira personalidade ha uma afinidade tão estreita, que eu nem sei como me contendo para não lhe abrir os braços e gritar-lhe carinhosamente: «O doce e meigo irmão Melgueiras, aqui tens um seio fraternal onde podes confiadamente descançar a fronte esbraseada e esquentada de conceber as theorias organmentas!» Não sei como me contendo, sr. Redactor, porque adoro o Divino Mestre com aquelle enraizado afecto com que se amam as almas irmãs.

Quisera, em vez d'esta carta, poder enviar um largo e profundo artigo, mas a natural commoção emperra-me esta pena que encheu as paginas gloriosas de *Relação de todos os ministros desde o grande Marquês de Pombal até aos nossos dias*, esta pena que me conquistou a commenda do merito litterario, scientifico e artístico. Ainda cheguei a pensar num necrologio, que é a minha especialidade, mas lembrei-me que tanta honra poderia ferir a modestia do nobre espírito, que tem amamentado tantas gerações na inextinguível de minerva.

Sr. Redactor, tem-me incondicionalmente a seu lado para tudo o que seja homenagem a prestar ao nobre valete: monumento ou discurso, artigo de jornal ou soneto. Para honrar o Mestre igualavel ponho á sua disposição o meu cursivo burocratico, o talento que sinto avojar sob a calva, a vernacularidade do meu estylo e até, se tanto for preciso, a carta de conselho, que é, depois da minha rebolada Adelaide, a grande aflição da minha vida. Para um homem que tanto nobiliza o paiz que nos foi berço (que linda phrase esta, sr. Redactor, lembra Castilho!) não recuo deante de



nenhum sacrificio! Aqui lhe ofereço esta pena, — modesta sim, mas sincera — para tudo quanto della necessitar em honra do Divino Mestre. Uma ordem sua, sr. Redactor, e eis-me pronto a mostrar ao estrangeiro escarnecedor que também temos um grande homem. E assim perguntarei á orgulhosa França:

— Tiveste um *Necker*? Nós temo-lo a *Elle*!

— Elle deu-te um livro, a *Prestação de Contas*, que te revolucionou! Pois também o nosso nos deu um livro, a *Legislação Fiscal*, que não revolucionou nada, mas custa um dinheirão!

Sr. Redactor, avante, avante com a sua justiciera homenagem! Lobre justiça quem justiça merece! Eu por mim não descanço enquanto não vir em bronze e marmore materializada a admiração que nutro por esse a quem toda uma mocidade chama, d'olhos em alvo o Divino Mestre!

Por aqui fico, sr. Redactor, porque ainda tenho de cumprir hoje um piedoso dever: tenho de ir com o «nossa Jorge», de pôr um ramo de perpetuas na sepultura d'aquella doce Luiza, que lez uma partida tão feia ao pobre engenheiro.

De V. etc.

Conselheiro Acacio

UM BILHETE

que o Mestre escreveu quando era menino e moço e acabava de fazer o seu exame de francês:

Ma visage cousin

Je et mon voulu ami Vasavectimbre dans un trotoir que nous faisions à Ave-laisse pour voir la procession de Monsieur des Pas, nous avons le goût de parler à Madame la Corbeille de Petit Lit, qui m'a chargé de vous ordonner ses longueurs.

Votre cousin avec-l'ire et trop ami.

Antoine.

N. R. — Contre ça pommes de terre!

Uma nota inédita

Vae fazer dois annos em agosto. Quando eu, o Mendes e o Ribeirinho chegamos a Penafiel, mortos de sede e de calor, lembramos ao cocheiro que nos levasse para qualquer lugar aprazível, onde podessemos descançar das fatigas d'aquelle dia e lavar a fronte abraçada com um pouco de ar fresco.

Eles conduziram-nos então para junto dumha ermida que se erguia, clara e elegante, numa elevação que ficava num dos arrabaldes da cidade. Toda de grânito, picado ainda de fresco tinha um ar lavado que nos encheu de bem estar, e a beleza simples das suas linhas mais geraes tornou mais leves e bons os nossos pensamentos.

Um homem apareceu — o sacristão da ermida — um velho calvo e magro, a barba rapada, e que amavelmente se nos ofereceu para nos mostrar a egreja e fazer subir á torre.

Lá em cima corria uma aragem fresca e branda que nos afagou a pelle endurecida por consecutivas horas de sol, e a immensidão do horizonte parecia convidar os nossos pulmões esmagados a dilatarem-se amplamente, livremente.

Minha cara prima

Eu e o meu amigo Vasconcellos num passeio que fizemos a Condeixa para ver a procissão do Senhor dos Passos, tivemos o prazer de falar com a senhora condessa de Caminha que nos encarregou de vos mandar os seus cumprimentos.

Vosso primo co-irmão e muito amigo.

Antonio

A' nossa volta, reflectindo a clara luz d'aquela tarde de verão, a casaria branca das aldeias longínquas destacava alegremente no meio do verde triste dos pinheiros e dos carvalhos.

Aqui e alem, ao de cima dos casas, fitas tenues de fumo muito branco manchavam e perturbavam a sérula limpidez do céu muito azul.

Ao longe, muito ao longe, avistavam-se as serras entre cujos flancos vam correndo cariçosamente as águas do Douro e do Tamega.

O sacristão da ermida, numa voz lenta e monoton, ia-nos dizendo distraidamente, á força d'habito, os nomes das povoações que mais chamavam a nossa atenção.

— Que terra é aquella, alem? perguntou o Ribeirinho, apontando com o dedo para as bandas do norte.

— Aquella, alem? É *Melgueiras*.

— *Melgueiras!* atalhei eu, conheço de nome. É a terra d'*Elle*, do *Mestre*.

E os meus labios deixaram cair um a um os seus apelidos plebeus que um diploma real transformou, mais tarde, magnificamente em apelidos fidalgos.

— Disse V. S.^o que *Elle* é de *Melgueiras*?

Do Ex.^{mo} S. Conselheiro José Joaquim Alves Pacheco recebemos a seguinte

CARTA

que gostosamente publicamos:

Sr. Director da «Revolta»

Faltaria a um dos mais sagrados deveres, se, n'esta hora em que V. Ex.^o no seu jornal trata de prestar merecido preito e tocante homenagem ao mestre, lufeiro ofuscante cujo explendor brilha ha tanto tempo na universitaria e financeira cathedra, eu, aguillhado por nobre sentimento de justiça, não levantasse a cerviz do meu mausoleu, (encimado por uma esculpida figura de Portugal chorando o Genio) derradeiro testemunho da inmemorial sympathy do meu paiz) onde ha alguns annos durmo o sonno tranquilo da morte — com o fim de, com esta, despretenciosas linhas, juntar aos d'outrem os meus protestos de admiração sincera pelo sabio e austero professor que com um tão pujante talento rasgou novos horizontes á sciencia que, a meu ver, deve seguir sempre sem hesitar pela senda gloriosa do Progresso.

Eu conheci bem (tive essa suprema ventura) o titular que hoje homenageamos.

Conversei bastas vezes com elle em vida — essa cadeia prolongada de decepções cruéis, cujos elos ás vezes se interrompem para dar espaço a fugitivas alegrias...

Tive occasião de apreciar o fino quilate do seu espírito, a excepcional envergadura da sua inteligencia sempre aberta aos altos problemas sociaes, e a vontade firme e denodada do seu integro carácter.

N'este momento em que Portugal atravessa uma angustiosa crise; n'esta hora tragica em que o harpeo da Dúvida, quicá o do Indiferentismo, ou da Descrença, quicá parece ter tolhido toda a gente, que, embottada d'alma, vê sem lagrimas nos olhos a tormenta gigantea em volta da sua querida Patria prestes a ir de encontro ao rochedo da Desdita; n'esta hora difícil, atormentada pelo clamor desordenado do republicanismo, empesada pelos vapores maus de tanta doutrina desvairada; n'esta hora tragica em que nem sequer já ha a fortificar as consciencias o lábaro das esperanças na bondade infinita de Deus; n'esta hora d'angustias em que mistér se faz sanear o ar impuro no qual a hedemia geração respira, suspendingo o fanal do exemplo e da abnegação dos altos e picaros para que todos oitem e aprendam, visto como não existe escola moral mais efficaz, que a do Exemplo; n'esta hora em qua a nossa querida Patria,

digna de melhor sorte, a nossa n'áe, palavra sacrosanta, peanha sobre que descansa a familia, é tão inflamamente desprazada; um cidadão como *Elle* amante da sua Terra da sua Religião, e da Carta Constitucional, um homem tão intensamente devotado ao seu Paiz, sacrificando-se todo a elle, de talento e coração, — deve, a todos os titulos ser venerado, respeitado, festejado, aplaudido, porque infelizmente, são raros aquelles que, ou na publica governação ou nas artes, mostram amor pelo seu Berço, são raros aquelles de cujos peitos se podem colher as flores da Aflição apaixonada pela Patria, dos espinhos do interesse despidas!

Fui deputado, par do Reino, ministro, conselheiro d'Estado e presidente de Conselho.

Prezo-me de em todos os cargos a que ascendi ter peljado constantemente pelo bem do Paiz.

E agora na Campa — reservatorio da vulnéravel e corruptil materia humana — todo eu peno por perceber o descalabro e falta de patriotismo da maior parte dos portugueses. De maneira que, quando conheço um cidadão heroico, prompto a prestar os seus serviços, em qualquer ramo d'actividade á Patria com mira d'engrandecel-A, um jubilo intenso me alegra o coração.

E então quando esse homem é a celebridade de que se trata, é o mais fecundo financeiro do Orbe como o atesta essa obra immortal — «Collecção de legislação fiscal» — meu jubilo redobra, porque vejo a minha Patria soberbamente engrandecida.

Portanto termino saudando entusiasmaticamente os Srs. talentos, felicitando V. Ex.^o pela lembrança que teve em dedicar-Lhe um numero especial da *Revolta*, agradecendo-Lhe ao mesmo tempo, e desde já, a publicação d'esta junto á prosa festiva com que os academicos da Universidade resolveram render humenagens a tão grande Mestre.

De V. etc. — José Joaquim Alves Pacheco



Bocadinhos d'ouro

Similhante empreza é comtudo impossivel em quanto o bom senso dos nossos estadistas não encravar a roda vertiginosa da actividade regulamentar das secretarias.

A utilidade d'esta obra, por suspeitos, não a julgamos nós; mas affirma-a o consumo de trez edições esgotadas (*sempre explícito o mestre!*)

Quem folhear a actual reconhecerá que ella representa algum melhoramento sobre as anteriores.

Nas forças productivas d'un paiz reside a condição basilar da sua prosperidade.

E como eu fizesse um gesto afirmativo, o magro sacristão sorriu desdenhosamente:

— Pois está enganado, meu caro senhor. É um grande erro o seu. Tem-se faltado muito por cá a esser espeito. Ninguém em Penafiel ignora que *Elle* nasceu aqui, assim como todos os irmãos. Não foi cá batizado, é verdade, mas isso não quer dizer que a sua terra natal não seja esta.

Foi-se entusiasmado o velho á medida que ia expondo as razões que o levavam a afirmar e a jurar mesmo, se preciso fosse, sobre o sagrado altar da santa a que se erguera aquelle templo, que *Elle*, o *Divino Mestre* era o autentico filho d'aquelle humilde cidade.

— Que era a inveja dos de *Melgueiras*, dizia, erguendo solemnemente ao céu os seus compridos braços.

E no alto d'aquelle torre transfigurado pela crença que o fazia falar, a calva espelhante refletindo o sol, o sacristão lembrava um profeta antigo, pregando aos infieis.

— Como *Elle* foi batizado lá em *Melgueiras* querem dizer que lhes pertence e pretendem roubar-nos, a nós que o vimos nascer e lhe limpamos os primeiros cui-

ros, a gloria de o termos por patrício. E para isso servem-se de tudo. A mentira espalhada por toda a parte, até pelas gazetas. Mas não. Em breve se verá quem tem razão. O Carlos Silva da camara, de vêm ter onvido falar, já escreveu para Coimbra e anda deitando abaixo uns alfarrios que lhe ficaram do pae para provar a toda a gente que os de *Melgueiras* mentem sem vergonha.

E serenamente consoladamente, como quem cumpriu o seu dever acrescentou:

— Ainda lhe hei-de ver erguida uma estatua, ali no adro. Deus me não mate antes de ter essa felicidade.

Nós tinhamos ficado calados a ouvir-lo, sem ouvirmos interromper-no no seu arrazoado, perplexos ao mesmo tempo pelo que chegava até aos nossos ouvidos.

Pois quê, *Elle*, o *Mestre*, o *Divino Mestre* era assim disputado pelas populações daquellas duas terras?

E a nossa memoria acudiu a lembrança de que também *Homer*, *Camões* e *Esca de Queloz* tinham tido igual sorte, que povos amigos tinham criado odios mortais entre si para não cederem uns em proveito dos outros a gloria de considerá-los como seus filhos.

E foi temendo uma futura guerra civil entre *Penafiel* e *Melgueiras* que eu pacificamente e conselheiramente exclamei:

— *Elle* chega para as duas terras. A sua gloria é tanta que não caberá mesmo dentro d'ellas. Ha-de encher o paiz e estravaras talvez até alem-fronteiras!

E eu vi correr a alegria nos claros olhos do sacristão e foi com entusiasmo que elle apertou a minha mão ao despedir-se. E ainda de longe lhe gritei:

— A historia ha de fazer justiça, esteja descansado!

Na volta, ao atravessar a cidade, eu pensava ainda na nota absolutamente inedita para a vida do *Mestre*, que me fora revelada no alto daquella ermida, elegante e clara.

E em cada um dos laboriosos filhos d'aquelle linda terra, fabricantes de *taimancos* e *albaradas* — as principaes indústrias da cidade — eu via um defensor incansável da gloria immortal do *Mestre*, capazes de tudo sacrificarem para que *Elle* lhes não fosse roubado e legitimamente os continuasse a representar perante o mundo, orgulho da terra que lhe deu o *sér* e sendo ao mesmo tempo um reclamo vivo dos seus acreditados *productos*.

Um admirador

A REVOLTA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasas e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

HINHETES: succo gastrico, fèzes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com prática nos hospitais de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

CACHORROS DA SERRA DA ESTRELLA

A venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres meses, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a **JOAQUIM DE VASCONCELLOS**

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.

Fabricam se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de jolhado.

Galantines diversas. Tete d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saucesses Pud'ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.

Pão de 10, pelo sistema de Margarida.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos melhores de dentro dos limites da cidade

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anesthesia	1000
Obturação	1500
Aurificação	4500
Limpeza de dentes	1500
Dentes artificiaes	2500 e 4500
Dentes de pivot	8500
Corôas de ouro	12500
Tratamento de doenças da boca e gengivas, por sessão	1500

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã as 4 da tarde

Doenças da boca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apez das nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas, cós lisas, muito largas, metro	120
Córtex de vestido com 7 metros, de pura lã e lã	
e seda, a 150, 250, 350, 450, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a	80
Lencos de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1500, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu	
valor 1500 réis, a	

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapeus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes: — Todos os dias nas compras de 5000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só anunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 e 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrepender-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabellereiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba.

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas alemanas e francesas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabello e fato.

AMAZEM DE SOLA E CABEADAS

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedas de luxo. Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado. Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionais e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

COIMBRA

Ista casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelo alfaiate estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especialisando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 58

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante coleccão de relóes de todos os sistemas e autores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relóes proprios para mesa, parede e morés. Ha espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendeem-se correntes de prata e ouro.

Concertam-se relóes de todos os sistemas e autores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Dão-se as senhas do bonus Luzitano

PARA REVENDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos melhores dentro dos limites da cidade

PARA REVENDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos melhores dentro dos limites da cidade

PARA REVENDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academico

N.º 13

COIMBRA — Segunda feira 1 de Março de 1909

ANNO 1.º

UM CONGRESSO ACADEMICO

Lemos ha dias num jornal que o Centro Democratico Academico de Lisboa pensava na realização dum congresso de estudantes de todas as escolas do paiz, afim de se assentar n'aquillo que se torna urgente fazer para bem da instrução nacional.

Ha muito que esta ideia anda vivendo dentro em nós e por mais duma vez temos já manifestado o desejo de a pôr em prática.

Ela seria mesmo hoje um facto se a questão academica não tem tido o desgraçado fim que todos conhecemos, pois que, uma vez satisfeitas as reclamações, exigidas de momento pelos estudantes em greve, ter-se-hia sentido a necessidade de fazer o congresso para das suas serenas resoluções saírem as reformas necessárias e indispensáveis para o progresso do nosso ensino, e que vagamente haviam sido enunciadas nas representações feitas ao governo e ao parlamento.

Todos nós sentímos então a necessidade de nos reunirmos numa grande assembléa academica, que a solidariedade de então tornava facilmente realisável, e que fosse ao mesmo tempo a melhor resposta a todas as insinuações torpes e jesuíticas que eram dirigidas aos que mais se interessavam pelo bom resultado da luta.

Mas o desfecho desonroso da questão deixou-nos a todos desiludidos, esfriou todos os nossos entusiasmos e apagou todas as esperanças que havíamos posto na mocidade portuguesa, altivamente rebelada contra as tiranias do mestre.

E ter-nos-hiamos conservado calados eternamente na nossa qualidade de estudantes se não nos tivessemos convencido que afinal todas as energias criadoras e revolucionárias, que havíam tornado a academia portuguesa momentaneamente grandiosa, continavam no seu posto de combate, agora mais solidarizadas ainda pelos sacrifícios feitos.

De resto, os que morreram na lama e na desgraça, os que cobardemente abandonaram o combate no momento de perigo, esses nunca havíam sido nada, e se num dado momento deram a impressão de terem duas ideias na cabeça e um pouco de bondade no coração foi porque ingenuamente se quiz ver altruismo e dignidade onde apenas havia a esperança de arranjar alguns feriados. E se nalgum momento elles foram sinceros nos seus protestos é porque a minoria revolucionária e honesta os conduziu para esse caminho, pois as suas vontades enfraquecidas eram incapazes de gerar tão salutar reação.

Foi, atendendo a isto, que nós achámos magnifica a ideia de se realizar o congresso academico. E' claro que a elle concorrem apenas, disso estamos convencidos, os estudantes que através de tudo tem continuado a sua obra de critica irreverente aos actuais processos

de ensino e que, por pensamentos e por actos, tem dado provas do seu desinteresse e do muito desejo de serem uteis ao paiz em que vivem. Os outros não fazem lá falta, nem sam lá precisos.

Muito se poderá fazer. Actualmente toda a gente em Portugal reconhece a desgraçada cuja que atravessamos e a que fomos levados pela inopia e corrupção dos que nos tem governado, e muitos atribuem uma grande parte desses males á deficiencia e pessima orientação do nosso ensino, tanto primário, como secundário, especial ou superior.

Era aos mestres que competia principalmente a resolução deste problema, mas os professores em Portugal não cuidam das suas ninharias, tam atarefados andam em busca de chinézices científicas com que espantem os aleijados cerebros cuja orientação e educação lhes foi entregue. E já que os professores se não dam ao trabalho de contribuir na medida das suas forças, para o debelamento da desgraça que pesa sobre este povo, preparamo-nos nós estudantes para o fazer, na certeza de que fazemos uma grande obra e cujos fructos ainda haveremos de colher talvez num futuro bem próximo.

Reformar o ensino, ou pelo menos apresentar as bases da reforma a fazer, é o primeiro passo para a regeneração de Portugal.

Sem boas escolas não pode haver bons cidadãos e sem bons cidadãos não ha uma patria livre.

Que a gloria do inicio de tanta bela empresa como é a do resurgimento da nossa nacionalidade, caiba aos estudantes revolucionários, e nós daremos por compensadas todas as angustias sofridas e todas as horas amargas da nossa vida de estudante!

Francino Correia

CANÇÃO PERDIDA

No ultimo baile do Gremio encontramos perdida na sala, decerto por algum catádrico dado a hellenismos, esta interessantíssima tradução de uma canção d'amor á maneira de Sapho, poetisa insigne da antiguidade.

Porque a achamos muito curiosa damo-lá hoje, como mimo literario, aos nossos leitores:

O Tavaridika, os teus dois seios são duas pombas conchegadas no ninho e eu queria separá-las com meus beijos porque sou ciumenta do seu anor.

As perolas da tua gargantilha, ó marmore vivo, são menos certas e de menos oriente, que a fieira brillante dos teus dentes, na tua boca perfumada e fresca.

Eu vim de longe, d'Alexandria, onde no bosque sagrado, adorei Myita conforme os ritos, e os meus labios são vermelhos e humidos como a polpa d'um medronho maduro, e os meus olhos são negros como as noites que fazem medo ao viandante.

E quando eu beijei as duas pombas que dormiam no ninho, o teu pescoco branco estremeceu e a tua gargantilha partiu-se. E tu soltaste um grito como uma creacinha que accordam de repente.



CELEBRES... DE BORLA



TRISTE

— Porque choras tu Zézinho?
Não tenho fome nem frio,

Andei sempre abrigadinho,
Mas a chorar, num rio.

Sou um Desconsoladinho!

— Teu prazer já não existe?

— Nunca o tive em minha vida,

De binomios nesta lida

Andei sempre, sempre triste.

E's mais feliz do que eu,

Cuja alegria morreu.

ALEGRE

Agora o Zé está mudado,

Já canta, já bate o fado

— Viva a bella rapoca —

E bebe da maçanilha.

— Ora acerta rica filha,

Em quanto o Zézinho toca. —

Pois se esta vida é um dia

Vem d'ahi Luiz Maria

Bater o fado tambem,

Cai nos braços de niñas,

Não temas as fucadinhas

Foje á Virgem, tua mãe.

Tosca

Bispo

— O Tavaridika, que me importava a min que os homens se risssem de nós duas, invejosos, e que as mulheres não nos podessem entender!

— E a noite toda não me apartei de ti e queimei-te com o fogo dos meus olhos enquanto elles e elles dansavam, misturados, a rirem-se de nós.

— O' perfeita, como eu sou perfeita, quando a tua boca se seccou, trouxe-te um escravo agua n'uma amphora de crystal — e eu não te deixei beber a agua toda, e bebi eu metade da que a amphora continha, porque ella me trazia o perfume da tua boca.

— E em rôda, as dansas proseguiam — e nós estávamos ambas tão longe do mundo que nem viamo-nos mais rir-se do nosso amor, — ó Tavaridika, a mais amada entre todas as mulheres da Argóida!

MIUDEZAS...

Tinha aquelle fraco...
Era um homem de talento, um dos primeiros poetas, talvez o primeiro, da sua geração.

Mas, apesar d'isso, tinha aquelle fraco.

Não havia casa nobre no paiz, de que elle não conhecesse, de cõr e saltados, todos os antepassados.

Rebuscava em quantos alfarrabios

havia sobre genealogias, deitava abai-

xo as bibliothecas para folhejar todos os poeirentos in-folios que tratasse do assunto

se tivesse acabado de fazer mais um dos seus bellos sonetos.

Pois se elle tinha aquelle fraco!

Horas depois entrava em casa do visconde.

Feitos os cumprimentos, elle, que já não se podia conter, dizia cheio de alegria:

— Sabe, visconde? Descobri que somos parentes. Eu já o suspeitava e agora tive a plena confirmação. D. Briolanja, minha vigezima avô, era prima de D. Brites que entre as illustres avós do meu caro visconde, occupa o vigezimo primeiro lugar...

E calou-se esperando que o outro lhe caísse nos braços como bom primo...

Mas o visconde, numa gargalhada, respondeu:

— Ah! sim... parece-me que já ouvi falar... D. Briolanja... isso era uma heroína... ha até um caso d'um bispo...

Neste momento entrava um amigo que com os seus amáveis cumprimentos, sem querer, salvou a situação.

D'ahi a pouco o poeta despedia-se e voltava para o seu gabinete, a continuar os seus estudos predilectos.

Então? Tinha aquelle fraco...

Ego.

Um anniversario

Fez hontem dois annos, que rebentou em Coimbra, por occasião do acto de conclusões magnas do licenciado José Eugenio Ferreira, o movimento conhecido pelo nome de «questão académica». A historia dessa questão que pela sua excepcional importancia bem merecia te-la, ainda até hoje não está feita e, já agora, não esperamos que ella se faça.

Esse movimento de que todos sabem a desastrosa finalidade, foi quanto a nós, uma das mais graves e complexas questões que têm surgido no seio da sociedade portuguesa e não como quasi toda a gente supoz ou finge suppor, uma bagarre d'estudantes, sem significação nem valôr, criada por determinantes de occasião.

Ao correr da pena, sem paixões nem odios, agora que já lá vão dois annos e o tempo deve ter apagado todos os sentimentos — vamos recordar o que foi essa questão, que tão intensamente vivemos, que tanta alegria e tanta esperança nos deu para, no final, nos encher a alma de desalento e de magoa.

Historiemos um pouco.

A 27 e a 28 de fevereiro de 1907, realizava-se na sala dos Capellos o acto de doutorando de José Eugenio Ferreira. Quem era este homem, apenas vagamente o sabíamos. Diziam-nos, aqueles que o conheciam, inteligente, insubmisso, rodeado de sympathia dos estudantes seus contemporâneos e mal visto pelo corpo docente da Faculdade de Direito. Dado o irrisório processo de selecção do professorado universitário, que só permite em regra, o acesso á cathedra, ás mediocridades altamente classificadas, durante o curso, a sua informação final de 16 valôres e a nota de 15 valôres que obtivera no acto de licenciado, mostravam como uma temeridade audaciosa a sua resolução de defender *theses* e conquistar as insignias doutorais. Nós, a esse tempo, mal conhecíamos os professores da Universidade, senão através da anecdota e da *blague* académicas — e não é, certamente, por esta forma, que acerca do seu valor mental e moral, podíamos ter formado opinião. Passáramos, pitorescamente, pelas mãos do doutor Avelino Calixto, que duma vez nos matraca na pauta um fatídico 8 — nota, segundo o mestre, indicadora d'estupidez e *mandria* — e depois nos elevara ás consideráveis alturas do 16, sem que — palavra d'honor! — nós possamos explicar, ainda hoje, a razão d'um e d'outro facto. Lembra-nos mais o tremendo susto que nos causára no acto de Direito Civil, a ira apocalíptica do dr. Alves Moreira — nossa estreia em actos universitários —, gratamente recordamos as pyrotechnicas, vertiginosas e *sapientissimas* contraversias românticas que mantiveram a com o dr. Pedro Martins. Ao tempo, toda a nossa tormentosa preocupação era fixar os nomes, as doutrinas e as datas, d'esses valiosos «Diccionarios historico-bibliographicos», que constituem as lições anuais d'Economia Política, que o professor da cadeira faz sair diariamente em *pitulas* de 16 paginas — em regra a 20 nomes por pagina, o que dá no final do anno o seu milhão de nomes, pela rasa...

E a propósito vem isto para dizer que, ao entrarmos na sala dos Capellos, cheia até á porta d'uma multidão agitada, rumorosa e colérica d'estudantes, absolutamente nenhuma prevenção tinha mos contra os lentes e não esperavam, certamente topar o estranho espectáculo que se nos deparou. Já por duas vezes, em circunstâncias semelhantes, ali tínhamos entrado por occasião dos actos dos actuaes lentes os drs. Ulrich e Caeiro da Matta. Parecera-nos aquela cerimónia um torneio amável entre pessoas que já muito se conheciam e mutuamente se apreciavam. De cima dizia-se, por exemplo, «o fulgorante talento de V. Ex.» e debaixo, respondia-se modestamente, beatificamente «se alguma coisa valho, aos deslumbrantíssimos talentos de V. Ex.» todos juntos, o devo; só apenas um apagado reflexo. — Não nos espantava que, depois d'isto, o reitor citercess, conforme a praxe, chás e bolos, á Faculdade e ao candidato, e até a própria *walza* tocada pela charangella, depois de cada argumento, dava á cena o ar pacatamente amável de *sorrel* em família. Lembra-nos mesmo, que no acto do dr. Ulrich, o lente Pedro Martins, parecera tomar o caso a peito, atacava o candidato com energia e o presidente do alto da sua cathedra, chamara-o á ordem com o ar reprehensivo de quem lhe di-

zia: «então que é isso, o collega! você acomode-se, homem! E o lente, emberrá e acomodá-se. Por isso nos espantou o espetáculo a que assistimos. Aquillo não era uma cerimónia científica — era um homem só a apanhar uma tremenda descompostura duma data d'elles, que ameaçavam passar a vias de facto. En baixo, a voz do homem — uma voz fraca, de mau timbre — tentava articular um som, dizer duas coisas... Qual! O presidente, quasi que lhe atirava com a borla doutoral á cabeça e ainda estamos a ouvi-lo, apologetico: cal-se, homem! você perde por falar de mais!... Na sala passavam frentes de colera... Aqui é alli onvia-se «Isto é indecente!» A um argumento do dr. Alvaro Vilhena, uma gargalhada formidável atroou a sala, deixando-o da cõr do seu capelio, quasi sem poder falar. O presidente, de vez em quando, ameaçava interromper o acto, fúriso. Quando, ás vezes, o candidato conseguia falar, admirava-se-lhe uma grande facilidade d'expressão, uma correção elegantsima de linguagem e parecia sereno, seguro de si, no meio de toda aquela tempestade. Quando chegou a vez do dr. Caeiro da Matta de argumentar, na sala não se respirava, uma impressão inízivel esmagava toda a assistencia. Olhavam-nos, interditos, n'um mixto de formidável indignação e de espanto!

O que era aquillo? Que ira tremenda animava aquelle juiz contra o candidato — seu collega de pouco tempo antes? Aquella impressão é inapagável no nosso espírito! Que nos importava a nós, o valor científico do doutorando! Não o podíamos apreciar nem era preciso para formar-se o nosso juizo. O que se estava a passar n'aquelle sala era uma coisa inédita, má, revoltante, que comovia e indignava!

A pretexto d'um acto científico, chegava a insultar-se um homem!

Lembra-nos que nos encontrámos á porta ferrea, depois do acto, com um rapaz do 5º anno, que chorava, desfogando a opressão que o esmagara lá dentro!

Depois... Mas está na memoria de todos... A manifestação que acompanhou o candidato reprovado até casa, n'um trajecto enorme, foi uma coisa impetuosa, delirante, cheia de entusiasmo, de generosidade, de revolta! Aquella massa enorme d'estudantes chamava em altos gritos, pelos nomes d'aqueles d'entre todos, que estava acostumada a ouvir discursar nas suas assembleias geraes, para que exprimissem em palavras a indignação que lhe saia em gritos das gargantas enrouquecidas!

Fóra aquillo a gota d'água que fizera trasbordar o balde! Era a indignação, latente e comprimida, contra muita coisa injusta que ha muito se sofría.

Era um ressentimento, amarguras, pequenas injustiças acumuladas, que faziam explosão, torpidamente. Não havia *meilleurs*, não podia haver. Houve representantes, intérpretes, delegados de toda uma Academia, que a uns certos impos, ineluctavelmente, o dever de por ella falar, por ella agir. Por vezes este facto assumiu as proporções d'um mandato imperativo que só se podia recusar fagendo. Havia excessos? Houve, se ouviu! Mas tinham começado de cima e tremendo!

A scena passada nos *geraes* na manhã de 1 de Março, deixou espantados os proprios que nela tomaram parte. Ninguem a esperava. A convicção geral era de que «não se fazia nada». Quem escreve estas linhas ficou tão interdito, tão assombrado, com aquelle trovo que ecoou subitamente no velho edifício universitário, com aquella explosão de gritos e de imprecações que ribombou pelos claustros academicos, que dez minutos depois da scena terminada, não conseguia articular palavra, varado d'assombro, todo tremulo. Depois, até esses excessos inevitaveis se corrígiam, toram asperamente verberados nas assembleias d'Academia — impõentes reuniões, d'um aspecto comovedor e inovável, pela elevação do que lá se disse e das resoluções que de lá saíram. Aqueles que, obedecendo ao mandato dos seus colegas, apareciam no estrado do Gymnasio a falar, trataram de coordenar o movimento, tirar-lhe todo o carácter agressivo e tumultuário de principio e fazer-lhe uma coisa elevada, digna do respeito de todos, como foi todo o que se seguiu depois, até a greve, de 8 d'Abri em to-

das as escolas do paiz. A Universidade expulsara sete estudantes, por um delicto que ella melhor do que ninguém sabia ser *commun*, ser de todos. A grandeza do extraño movimento de solidariedade de todos os escolares portugueses, a sua enternecedora significação moral, a poderosa influencia social que esse movimento formoissimo, teria mais tarde, na vida da Nação, só a estupidez suina dum Joao Franco, só a maladie vilissima dum sacerdote, poderia desprezar e combater. De todos os crimes d'esse homem, nenhum tão grande como este! Nenhum de tão desastrosas consequencias já provadas, em factos do domínio de todos e que desgraçadamente continuariam a provar se de futuro. Tudo que em Portugal ha de baixo, de reles, de vil, de miserável, de tudo, esse homem lançou mão, para as assassinar e esmagar uma geração inteira radiante de esperanças e promessas!

Forçar consciencias á gaza como um gatuno, enlamear caracteres, fazer entrar na vida rapazes generosos e honestos, pela porta do prejuicio e da traição, fazer cavar camaraças e amigos d'espera u's d'ante dos outros, como reus e juizes, dividir, inimizar, semear odios, tudo isso esse bandido fez, tudo isso foi obra da sua estupidez e da sua maldade!

Foi um crime de emboscada, uma cidadela traçoeira e covardissima! Houve entre os estudantes alguns que o ajudaram?

Houve, desgraçamente houve. Ha creaturas que nascem já velhas, decrepitas, galadas de todos os vicios e aptas a todos os crimes. E' possível que a Universidade ou a política lhes dêem o prémio do seu trabalho. Mas, se este paiz não está perdido, não lhe anguramos no futuro radiois. A sociedade a que elles pertencem está virtualmente morta e — a d'elles! — quando ella morrer de facto! Animaes de vista baixa só vivem no chiqueiro e morrem numa atmosfera... As corujas não podem ver o sol... Adiante.

A historia da questão ha-de talvez, ser feita. Por agora «paiz aos mortos» e afastemos de nós todos o remorso das nás acções que podemos ter praticado — que não ha nada mais dissolvente que o remorso!

Factos e Commentarios

Abertura das Cortes

Abre hoje, com o ceremonial costumado, o parlamento portuguez. A sessão parlamentar que vai iniciar-se deve ser decisiva para a vida politica do paiz. Se por um *tour de force* em que não creditamos o governo se conseguira, sem recorrer ao expediente velho do *golpe d'estado* pedindo ao rei a dissolução, a Monarquia, os seus homens e os seus processos saíram da peleja a escorrer sangue, m'is uma vez amarrados a um peitoril de vergonha e de iniquicia, perante a consciencia do paiz. D'ahi, mais nitida e mais clara, surgirão os olhos de toda a gente a necessidade inadiável de acabar com isto, definitivamente, por um acto decisivo. Mas o governo, logo as primeiras e facies escaramuças, reconhece a impossibilidade de governar com a camara e pede a dissolução ao rei que l'ha concedido. O resultado será o mesmo — a convicção em que toda a nação ficará, da impossibilidade de vida parlamentar com o regimen, dentro da apregoada *monarchia nova* com a *monarchia velha* de D. Carlos que onze vezes durante o seu reinado d'adentramos deu com a porta na cara aos representantes do povo.

O resultado será exactamente o mesmo também, no caso de o governo cair e as camaras ficarem. Aonde ha hoje possibilidade de organizar um governo que conte com o apoio parlamentar, mesmo quando esse governo, como este, saia d'um acordo, d'um concelho entre qualquer dos partidos politicos do regimen? E' evidente essa impossibilidade. E de tu lo isto o que logicamente se deduz é o fim da *monarchia* que já não pode aspirar a ter uma vida politica normal — e a correlative necessidade de fazer a *República*.

E senão ver-se ha.

A premio

Dizer que um *systema* é odioso, o mesmo é que dizer que é inaplicável. De quem será a phrase? Adivinhem...

Adelino Veiga

Realisa-se no proximo domingo, 7 do corrente, a inauguração das lapides com nome de *Adelino Veiga*, que, a pedido da comissão de homenagem áquelle poeta operário, a Camara Municipal deu á rua das Solas.

Realizar-se-ha tambem um cortejo ao cemiterio onde será collocada uma placa de bronze no tumulo do intrepido luctador.

A noite haverá uma sessão solene na sala da Associação dos Artistas para inauguração do retrato de *Adelino Veiga*. Este retrato é obra do distinto artista Luiz Serra e as lapides são do primor do escultor João Machado.

Santos

E nós a julgarmos que o capello era incompativel com a santidade!

Pois não é.

Lá vimos, em cima d'um andor, na procissão de Cinzas, um authentico encapellado, de tamano natural. Só lhe faltava fallar.

E' verdade que era de bom tempo, do tempo dos *Canones*.

Agora havia de ser difícil...

Só se fôr o sr. Pinto Coelho.

Com aquellas theses de tanta religião...

Graças

Foram finalmente distribuidas as grãs regias resultantes do regio passeio.

Entre os agraciados vemos o sr. dr. Marnoco com a carta de conselho.

Parece-nos que s. ex.º não é homem para essas coisas e por isso o melhor seria passar a carta para o sr. Goy.

Era uma alegria para elle e o illustre presidente da Camara nada perdia.

Antes pelo contrario...

Um discurso

O discurso do sr. Alpoim proferido, nas dias, no sarau em beneficio dos famintos do Duro, é destas orações que meia uma desenvolvida referencia da nossa parte, mas que a absoluta falta de espaço nos impede de a fazer como desejarmos.

O que porem não podemos deixar de lhe é que o illustre orador esteve absolutamente á altura dos seus créditos e eu a todos que o escutaram uma elevada sensação d'arte e de beleza. N'uma terra on se fala muito e mal, o sr. Alpoim é dos poucos que mantém a traçao elevada, a sublime arte da palavra tão desastradamente vulgarizada hoje, n'boas de phariseus.

Um bravo ao distinto orador!

Ridendo

No baile.

— O sr. Conde não atira também papelinhas?

— Não, minha senhora. Eu sou passivo...

Algumas opiniões sobre a ideia da Criação d'uma Escola de Direito em Lisboa.

Uma carta de guerra Junqueiro

A Comissão de Propaganda da criação d'uma escola de Direito em Lisboa pede-nos a publicação da seguinte carta de Guerra Junqueiro em que o grande poeta aplaude a sua louavel iniciativa com bastante prazer a publicámos:

Presado amigo

D'sculpe-me não satisfazer o seu pedido. Sou quasi um invalido. E as poucas energias que me restam não posso distrahir-as a minha obra filosofica que desejava concluir.

A campanha de que me fala é justa e necessaria. Os estudos abstractos requerendo paz, silencio, meditação, devem realizar-se em Coimbra. As sciencias aplicadas em Lisboa e Porto.

E' tão absurdo crear advogados e engenheiros no Penedo da Saudade, como crear poetas, rouxinolas e filosofos no meio de quindastes e loc'motivas.

Seu amigo obrigado

Guerra Junqueiro

Registo civil

Registou-se civilmente hoje um filho do cidadão Antonio Nunes da Silva, sendo testemunhas os nossos estimados correligionarios Antonio Francisco Mendes d'Alcantara e Antonio Maria dos Santos.

A criança recebeu o nome de Acacio.

UMAS THESES

Precisamente dois annos depois da greve académica, na mesma sala dos Capellos e com os mesmos lentes nos doutouraes, defendeu theseso menino Pinto Coelho, conhecido pelas suas ideias excessivamente reacionarias.

Dias antes haviam sido afixadas na Via Latina como é costume, as theses que o candidato se propunha defender e desde logo para ahi se fez uma romaria de estudantes anciacos de conhecer as ideias do manecbo.

Nunca na Universidade, desde que estamos em Coimbra se ousara dizer tanto disparate, lemos e não querímos acreditar.

Era lá possivel no seculo XX!... E a Universidade, a facultade de Direito deixaria passar sem protesto aquelles absurdos scientificos? Mas logo nos lembramos de que a maioria dos lentes não é mais avançada, embora aparentemente queriam mascarar-se de liberaes. O menino Pinto Coelho havia de ser elogiado dizia-se. Além disso a facultade de Direito devia-lhe os serviços prestados por occasião da greve de 1907 para cujo desastroso resultado elle contribuiu com todas as suas forças.

Não tivera coragem, é certo, para entrar nas aulas no dia 8 de abril, mas mais tarde, fôr dos primeiros a mandar carta ao orgão do franchismo. Atraiçoara os seus camaradas, mas isso que importava, e com essa traição tanto mais infame quanto partia dum alumno que tinha aspirações a ser um dia professor, elle havia contribuido para a aparente victoria dos lentes?

E não se enganaram os que assim pensavam. Lá os vimos, os mestres que haviam sido pateados dois annos antes, enaltecerem as altas qualidades de talento do sr. Pinto Coelho, embora se mostrasse um pouco contrariados por lhe ouvirem defender aquillo que intimamente sentem mas que não ousam afirmar.

O dictador, o que quiz matar e deportar dezenas de cidadãos sem nenhum respeito pelas leis de humanidade, até esse ousou chamar reacionario ao candidato!

No fim de tudo 18 valores! Esta Faculdade de Direito!

TRIBUNA DOUTRINARIA

Philosophia e catholicismo

Sumariamente, mas com bastante clareza, utilizando-me das proprias doutrinas catolicas, eu mostrei já alguns dos mais

A REVOLTA

metaphisica e dualista em cujas dobras o catholicismo se esconde e donde lança as suas nefastas raizes de escrachado que no solo humano vem, terríveis concorrentes, absorver quantidade considerável de seiva que a sociedade deve não lhe conceder sob pena de ver estiolar a viçosa planta da Verdade que tão difficilmente pode brotar por entre o mato diaminho do Erro.

Com agrado eu venho notando, é verdade, ousados e reflectidos construtores do futuro, bem municiados pelas conquistas irrefutáveis da scienza, que levam de vencida as hostes aguerri das do Vaticano pela encosta abaixo solicitadas para as profundezas do aniquilamento pelo peso do proprio e ro que professam.

Eu não repudio a philosophia. Muito pelo contrario persisto em a considerar processo não despiciendo. Ela é, sobre tudo, a cohesão de toda a scienza.

Divorce-se qualquer ramo de scienza da philosophia e aquella resultará, sem dúvida um conjunto de factos sem utilidade como incentivo, ensinamento e direcção da Humanidade na via ascensional do proprio aperfeiçoamento.

Para que haja scienza urge que observemos e provoquemos os phenomenos; que espreitemos cuidadosamente a Natureza, cotejando e relacionando as suas manifestações; que busquemos o nexo de continuidade que liga a successão dos factos e que aos nescios antepassados deu a impressão de causa e efeito; que compilemos as conclusões que decorram da nossa observação, elaborando as hipóteses e as theorias, coordenações mais ou menos prováveis cuja contraprova nos será dada pela synthese: tudo isto é do domínio da philosophia.

Ora a philosophia tem como instrumento imprescindível, exercitado no maior grau, a faculdade da razão.

Ela a deusa exclusiva da Humanidade futura.

Será tanto mais poderosa, tanto mais infalível, quanto mais crescido for o pecto da observação, porque ela própria nata é do que a synthese resultante das impressões que a observação ancestral e individual tem vindo modifiçado o animal desde o protoplasmata até a república de cérebros harmoniosa e aperfeiçoada que constitue o homem civilizado e erudito.

Carecem de muitas gerações para que uma observação atifice o organismo, encarne e se consubstancie, mas por isso sem que de tal o ser vivo tenha consciência, este elabora os seus juizos, fundando-os no substrato da própria memória como se obedecesse a uma lei infalível e irresistível. Se o critico não repara profundamente no processo, ao dar balanço aos próprios phenomenos, convence-se que elas provém dum mundo estranho à sua substância e cre lucumante que as normas porque aíte os próprios juizos ine foram ditadas por alguém legislador estranho à natureza animal.

Se cair nesse erro, tem dado mal um passo para o campo da esterilizada metaphisica, que tanto tem entravado o progresso humano.

O homem primitivo desajudado de tudo, ainda desarmado da própria experiência, que era muito limitada, observou phenomenos cuja experiência coligiu por um modo imperfeito e erroneo. Assim se fixaram os primeiros e basílicas erros que vieram informar a mentalidade humana com uma quantidade considerável de juizos, a que hoje chamamos preconceitos.

Esses preconceitos dominaram incontestáveis entre os homens através de muitas gerações, e assim adquiriram um tal fôro de cidadão que difficilmente se vão hoje desenraizando. Esta dificuldade de para-si-nos não só perante os espíritos incultos, senão, o que mais é, perante alguns celebremente eruditos...

Em numerosos seguintes, desfariam os mais basílicas desses erros, investigando-lhes a origem e influencia, e patenteando a inanidade em que a scienza os deixou por meio das suas conquistas indefectíveis.

Lucifer.

A REVOLTA

Encontra-se à venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», R. Ferreira Borges.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimáveis assignantes pedimos desculpa do atraso deste numero do Jornal. Foi devido a uma mudança da machine em que elle é Impresso.

O Brazil moderno

VI

Carlos Gomes

Nascido na formosa cidade de Campinas (Estado de S. Paulo), logo na sua infância começou a manifestar uma accentuada tendência para a musica, em cuja arte subiu-se tornou depois notável.

Assim foi que, depois de haver concluído o seu curso no Conservatorio, onde ganhou sempre os primeiros prémios, se dirigiu para a Italia subvenção nado pelo Governo, afim de ali desenvolver e aperfeiçoar os seus estudos.

Longa foi a sua permanência n'aquelle paiz onde então deu largas ás suas faculdades, expandindo todo o seu genio artístico em produções que o immortalaram, honrando também a Patria, de que era filio dilecio.

Alfôra as operas a que ligou seu nome como: *O Escravo*, *Salvador Rosa*, etc., quem ha que não conheça o *Guarany*, que, por si só, bastaria para o glorificar? Inspirando-se no commovente e emocionante romance do grande escriptor e seu illustre patrício José de Alencar, cujo enredo se desenrola na epocha do Brasil colonial, e onde se accentuam as sympathicas figuras da adorável Cecy, sentimental e enterneida, e do generoso Pepe (indio do tribu Guarany), destemido, apaixonado, Carlos Gomes, legou ao seu paiz, o fructo d'essa bellissima inspiração, em que a nossa alma suavemente embalada nas ondas d'uma tão maviosa e melodica harmonia se perde n'um vago misticismo...

Quando Carlos Gomes, foi ao Rio de Janeiro, rege, pela primeira vez, essa opera, terminada a symphonia, em que elle distillou todaa sua inspiração, a apoteose que então, e merecidamente lhe foi feita, foi indescriptivel. Os mais indiferentes á divina arte, electrizados pelo suavíssimos accordes, que lhes fazia vibrar vivamente as cordas nervosas do sentimentalismo, associaram-se espontaneamente, n'um grau maximo de entusiasmo sincero, a todos os outros que, por natureza, sensíveis á arte do divino Apollo, n'um brado unisono e n'um phrenes elirante, explodiram todo o seu arrebatamento.

O grande maestro teve n'essa noite, n'essa memorável e rara consagração feita no Theatro Lyrico, a mais concludente prova do extraordinario apreço em que era tido.

O governo brasileiro, mais uma vez, recorrendo demonstrar, quanto não lhe indiferente a glória dos cidadãos illustres do seu paiz, concedeu-lhe uma generosa pensão, premiando também assim o seu alto valor.

Regressando de novo á sua terra natal, afim de gozar por algum tempo a tranquilidade que o seu organismo já um tanto depauperado exigia, começou então para elle uma existencia atormentada, resultante d'um terrível carcinoma, traiçoeiramente e zimbando de todos os recursos de scienza, lhe roubava, dia a dia, a preciosa vida.

Flagellado e corroido por esse horrível mal, ali cerrou para sempre os olhos, em cujo brilho se advinhavam as genias fulgurações do seu grande espirito.

Campinas, querendo relembrar aos seus posteriores, a grata e saudosa memória desse tão glorioso filo, e prestar-lhe uma justa e louvável homenagem, mandou e irigiu-lhe um magnifico monumento, que lá estará, perpetuamente, a attestar sua elevada admiração.

Centro Democratico Academico de Lisboa

Publicamos hoje a ultima parte da conferencia que sr. Fidelino de Figueiredo fez no dia da inauguração deste centro, subordinado ao tema.

Considerações sobre Portugal

e de que já demos a 1.ª parte no penultimo numero.

Meus senhores, para todo este progresso contribuiu Portugal brilhantemente. Constituido no seculo XII pela federação de algumas bretanhas que Afonso Henriques soubera tornar conscientes, entre os seculos XV e XVI na grande transformação europeia que foi a Renascença.

Esta pôde encarar-se sob quatro aspectos capitais: as scienças, as artes, a filosofia e a sociedade. Sob todas quanto. Portugal foi importante colaborador, começaremos breve.

Mas o que mais urge esclarecer é que ele não foi só um colaborador nos resultados mentais, mesmo poderoso agente pelos descobrimentos.

Nós hoje supomos banal que um povo de homens se aventure ao mar, numa barcaça mal segura, aportem a uma terra longínqua, levantem um padrão e regressem. Mas abstraiamo-nos por um momento da nossa constituição moderna, amputemo-nos e recostituímos o estado de espirito dos homens da idade media. Comprehenderemos então como os impressionistas sabem que a terra não era só a Europa, o Mediterrâneo e a veiga Asia, que havia novos continentes, novos mares, novas ilhas, compreenderemos como desvairaria vêrem novas estrelas para as especulações astronomicas, novas plantas e novos animais, homens amarelos, vermeiros e negros que nem suspeitavam da existencia do branco, suposto rei da criação; perceberemos o que era esse alargamento de vida, fora da Biblia, da Teologia ou da scienza dos antigos. Copérnico foi dos primeiros a estabelecer a glória da nossa patria, confessando que as viagens da Lusitânia, como ele escrevia no livro «De revolutionibus corporum coelestium» foram a confirmação para o seu herocentrismo. E no seculo XVIII Humboldt, analizando o reflexo da natureza na consciência humana, verificava como Portugal alargara consideravelmente essa consciencia.

Isto foi Portugal como agente. Vejamos como ele colaborou nas consequências mentais. Nas scienças foi o primeiro a aproveitar o novo campo de observações de fauna e flora. Garcia da Costa fundou em Bombaim um jardim botânico, cujas observações consignou na sua obra, que longamente milha nas folhas coevas da história natural, como o mesmo Humboldt confessou.

Francisco de Melo consultou Euclides e Arquimedes e discutiu as relações da Geometria com a Astronomia. Pedro Nunes, inventor do micrometro Novo, saiu a campo para comodar as jactancias do francês Orancio que se dizia descobridor da trissecção do ângulo, da quadratura do círculo e da inscrição de qualquer polígono num círculo, pôs em sistema científico as conclusões experimentais dos navegadores e tornou-se éto da cadeia da evolução da scienza.

Nas Artes, meus senhores, realizámos a aspiração supreme de todas as literaturas do seculo XV, a epopeia nacional. Todos os factos do tempo presentiam a grandeza do seculo e como ele devia ser memorado numa obra eterna, como as epopeias homéricas ou a Ilíada, e nesse intuito todos se estimulavam. A França via essa aspiração realizada no seculo XVIII por Voltaire, glorificando um rei, Henrique IV e Carlos V e Filipe II também glorificados em poemas subversivos.

Só Portugal, porque realizara o feito supremo do seculo, o predomínio da inteligência humana sobre a natureza hostil conseguiu esse ideal, «os Lusíadas». Canções pelo genio e pelo sofrimento, nas lutas, nos naufrágios, nos cercos, nas fomes e carceres, criou isso que é a obra de Arte Eterna da nossa terra. Todo o mundo a sentiu. A propósito direi, meus senhores, porque sei que isso lisonjearia o seu orgulho nacional, que vai fazer-se em Paris uma nova edição dos «Lusíadas» em frances, por iniciativa de quem tem a benevolência de ouvir. Continuando:

na filosofia, o genio português também se manifestou brilhantemente.

Francisco Sanches combateu o subjetivismo teológico, compreendendo como as Scienças Novas reclamavam uma Síntese mais larga, e defendeu Aristoteles contra Petrus Ramus que só conhecia o filósofo grego através as interpolações defraudadoras da escolástica medieva.

E socialmente acompanhámos o movimento do absolutismo, que era ainda um progresso porque um só tirano é sempre preferível a cem tiranias.

Isto é tão belo, meus senhores, tão grandioso, tão épico que dir-se-á que fantasia; mas não, é aos estrangeiros que é necessário ir buscar a força e a consciencia do nosso individualismo político, porque são insuspeitos de amor patrio. E hoje a atmosfera moral é tão acarburadora que mal compreendemos essa grandeza passada. É necessário congregarmos, incrustarmos-nos numa moral e numa filosofia intransigente e avançarmos juntos e invencíveis como os soldados da veia falange macedonica, integrarmos a nossa patria no grande quadro da civilização, porque a patria e a humanidade são incompatíveis.

A nossa apatia fez-nos julgar incompatível e isso levou espíritos como Anthero do Quental a declarar que devíamos abdicar da nossa individualidade política para nos lançarmos no seio da Espanha e juntos caminharmos. Um homem soube parar essas torrentes de descrença, foi o professor Teófilo Braga, um exemplo moral, uma lição, uma esperança.

E assim é esse velho de 67 anos que lhe personifica a nossa crença, mostrando dia a dia que tivemos um historiador nacional, uma Arte Nacional. Cultura própria, como eu rapidamente esbocei a propósito da Renascença. Tudo isto merecia maior desenvolvimento e isso far-se-á na proxima edição francesa dos «Lusíadas», destinada a circular pelo mundo.

Urge pois trabalhar activamente por uma Patria que não é uma vaga idealidade poetica, mas a reunião de todos os portugueses, ciosos do seu bem estar e da sua felicidade. Continuando nesta apatia e nesta indiferença pessimista, dir-se-á terem nascido para aquelle destino que lhes atribuiu Anthero:

«Para serem no paramo enfadonho, a Luz d'astros malignos a enganosos, Como um bando de espertos lastimosos, Como sombras correndo atrás d'um sonho.»

Tenho dito.

ENSAIOS DE CRÍTICA

A arte moderna

II

Il n'y a pas de règle qu'on ne puisse blesser à cause de SCHONER.

Beethoven

A arte d'hoje repudia completamente todos os sistemas, todas as direcções, tudo o que de perto ou de longe pode dar ideia de adesão a qualquer programma de escola. A individualidade é a única lei a que se quer obedecer, o que afinal é excelente, visto que a individualidade é o princípio essencial da arte. A regra, o molde, a escola, tantas restrições que durante tantos séculos, até hoje, se impunham à inovação criadora dos artistas mas dentro dos quais, diga-se de passagem, nasceram as grandes composições dos maiores genios, tudo se pôs de parte para não subsistir senão a inspiração absolutamente livre do artista.

Fundiram-se os generos, desapareceram os lagos de escola, esqueceram-se quase totalmente as antigas formas musicais — ninguém hoje faz motetes ou canções, salvo raras faz sonatas, exceções (Grieg) ninguém e embora algumas composições, se apresentem sob a forma de rondó, é tão profunda a alteração do percurso principal nas repetições que só é facilmente se reconhece aquella forma; é característico, entre outros, o poema humorístico de Ricardo Strauss — Till Eulenspiegels Streiche.

A symphonia moderna em pouco se parece com a Classica; hoje os symphonistas, além de abandonarem as formas existentes procuram traduzir a ideia de coisas conhecidas, inspirando-se, geralmente, para isso, em poemas e poesias muito vulgarizadas.

Para exemplos, basta citar — L'apprenti sorcier — uedukas, d'après la ballade de Goethe; Le camp de Wallens-

tein — de D'Indy, inspirada na poesia de Schiller.

O que representa, historicamente, nas suas obras symphonicas, um Beethoven, é a emancipação definitiva duma arte que começou a libertar-se da antiga tutela na época da Reforma e da Renascença e que desde então apenas conhece a humanidade, a natureza e a religião natural.

O que representam os compositores contemporaneos é essa liberdade absoluta, não se exercendo só abstratamente como nas symphonias classicas, mas aplicada a factos concretos, naturalistas e sociológicos com uma independencia ilimitada.

O que caracteriza presentemente a musica é um estado de renovação profunda e integral realizada pelo impulso individualista que destroa ou abala todas as velhas convenções.

Sendo a arte a natureza vista através dum temperamento, a mais perfeita será aquela que se realize no artista sem convenções, sem peias, sem formulas, sem leis.

E a anarquia — é a Verdade.

Sarau Academico

Foi, como o do mês passado, litterário e musical.

Mas mais ameno na parte litterária, pois apenas um brioso nos cantou uma poesia: não se ganhou em qualidade, mas lucrou-se em quantidade. Do mal o menos.

Também representaram; sabem o que? «Uma anedota».

Sam corajosos, os amadores!

Lamentamos do coração o sr. Marcelino do Mesquita, que na mesma noite viu assassinados dois filhos... Sejam todos humanos!

No final a conferencia sobre o namoro no Rio de Janeiro, por Baptista Coelho. Espirituosa, bem observada, muito bem dita; interessante, enfim. Mas o namoro, lá como cá...

Na parte musical tornou a exhibir-se a Ex.º Sr. D. Eduarda Ivens; não desvaneceu a má impressão que nos deixou no ultimo sarau, antes pelo contrario; também, foi logo escolher um trecho de tal dificuldade, que até pessoas que sabem cantar não conseguem muitas vezes interpretá-lo satisfatoriamente. A musica de Saint-Saëns não é positivamente a «Margarida vai à fonte»...

O Orpheon apresentou um novo trecho: *Coro dos pastores da Serrana de Keil*; bem, como tudo; admiraveis mesmo os diminuindo e pianissimo.

O grito de entrada é que devia ser dado com mais força, mais energia, mais selvajaria.

O tom dado foi um tanto baixo o que também contribuiu para que o «Eh! lá!» não ressoasse como grito de pastores do Herminio.

O mesmo se deu na cavalgada do Jägerchor.

Pequenos defeitos que o grande artista que rege o Orpheon facilmente corrigiria.

A verdade é que o Orpheon é e será sempre nos espectáculos em que tonar parte, o clou, a great attraction.

Triplins.

AVISO

A todos os srs. assignantes que não mandaram satisfazer as estações postaes correspondentes, a importancia da assinatura do 1.º trimestre, e a quem enviámos circulares participando o caso, pedimos com insistencia para que tenham a bondade de nos enviar a respectiva importancia, poupano-nos assim despesas excessivas.

A REVOLTA

ASSIGNATURAS

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALITIZES: succo gastrico, jézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com prática nos hospitais de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 COIMBRA

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher e as membranas

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicação electroionica

Rua Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

CACHORROS DA SERRA DA ESTRELLA

A venda no Sanatorio de Mantegnas, desde a um tres meses, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente, montada no gênero das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fruta de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabriquam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os gêneros, especializando os de jolhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liver e Foie. Sauseises. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.

Pão de lo, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos produktos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.º

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicílios dentro dos limites da cida de

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com prática da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anestesia	15000
Obturação	15500
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	1500
Dentes artificiales	25500 e 45500
Dentes de pivôt.	85000
Corôas de ouro	125000
Tratamento de doenças da boca e gengivas, por sessão	15000

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da boca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.

Somos os únicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toucas para meça, desde	140
Ditas para mãos n.	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Córtex de ve tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a \$350, 25320, 25500, 45100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a	80
Lencos de percal, a	70
Chales grandes, que eram de \$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1200
Cobertores grandes, em flanelas, muito finas, seu valor 1500 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapens

Vestidos para senhora, gênero tailleur

Artigos de sanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 55000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOAO, n.º 6

Empresta sobre tudo que representa valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os gêneros

Abilio Llagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCERIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automóvel

Aluga-se o automóvel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Tata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas

fábricas alemãs e francesas.

Pós e pasta dentríficas.

Fcovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o público, se encontra uma importante coleção de relogios de todos os sistemas e autores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e mordés. Ha espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se orrentes de prata e ouro.

Concertam-se relogios de todos os sistemas e autores e caixas de música.

Preços limitadíssimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo. Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fábricas nacionais e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Produtos químicos e especialidades farmaceuticas. tintas, óleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Colmbra

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academic

BIBLIOTECA MUNICIPAL
COIMBRA

Director e proprietario
Ramada Curto
Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6
Oficinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 37.

N.º 14

COIMBRA — Sabbado, 6 de Março de 1909

ANNO 1º

O BLOCO

Dissidentes e Vilhenistas, ainda hontem insultando-se e deprimindo-se uns aos outros, acabam de se unir fraternalmente para de combinação bem calculada atirarem a terra com o governo dos senhores Campos Henriques e José Luciano. Houve muita gente que ficou surprehendida com o facto, mas nós de ha muito acostumados a estas reviravoltas políticas, tivemos apenas o mesmo encolher d'ombros do dia em que nos comunicaram que o João Franco tinha dissolvido o parlamento *sine die* e atirado para o lado a mascara de liberal que o tinha levado ao poder.

O senhor José d'Alpoim não nos inspira hoje menos confiança do que nos dias em que trabalhava connosco para a implantação da Republica, pela simples razão de que nunca acreditamos nos seus protestos liberaes. Até na hora mais acesa da luta contra a ditadura franquista nós vimos no senhor Alpoim conspirador, o Alpoim antigo, perseguidor da imprensa e auctor dos artigos que no jornal *O Dia* outrora advogaram a exclusão dos deputados republicanos do parlamento.

E aquelles que nos afirmavam que o senhor Alpoim estava mudado e arrependido nós respondemos sempre apontando o dictador João Franco que tantas decepções trouxera aos que o tinham acreditado na sua fase de liberalão.

Mas se algumas duvidas podiam ainda existir a respeito dos propósitos e intenções do senhor Alpoim e da grande maioria dos seus partidários elas desapareceram já, de certo, depois da confirmação da aliança parlamentar com o partido regenerador.

O primeiro passo no caminho do poder e da aliança com o rotativismo, que tanto atacou, deu-o o senhor Alpoim no dia em que no Porto se coligou com os reacionarios de todos os matizes contra o partido republicano.

O segundo deu-o agora, aliando-se com os regeneradores e esquecendo se de que nesse partido militam e são marechaes alguns dos adeantadores de maior vulto.

Se o senhor Alpoim fosse sincero e estivesse resolvido a levar até ao fim a questão dos adeantamentos, como tantas vezes lhe ouvimos apregoar, não poderia de maneira nenhuma fazer um acordo parlamentar com um partido que ha de ter todo o interesse em que se não faça luz em tão melindroso caso.

Não podemos negar aos regeneradores uma certa habilidade na maneira como conseguiram destruir toda a ação parlamentar dos dissidentes que alguma coisa poderiam fazer em beneficio do paiz se continuassem no seu posto de combate. Mas quer-nos parecer que os partidários do senhor Alpoim, não foram tão tolos como á primeira vista parece, e antes se deixaram ir na corrente, por já estarem cansados d'u-

ma oposição honesta e desinteresada, e irem vendo cada vez mais longe as cadeiras do poder.

E assim tudo acabará em bem. O senhor José d'Alpoim ficará regenerador ou formará com os regeneradores um partido qualquer, e o senhor Campos Henriques sem forças proprias para se fazer chefe de partido ver-se-ha na dura necessidade de ir ocupar no partido progressista o lugar que o senhor Alpoim lá deixou.

E quer-nos parecer que com a troca tanto lucram uns como os outros. O senhor Alpoim tem talvez mais um bocado de talento mas em compensação o senhor Campos Henriques parece ter um pouco mais de vergonha...

Entre os dois venha o Diabo e escolha!

Carneiro Franco

«CANÇÃO» PERDIDA

Com este titulo publicámos no numero anterior a traducção d'uma interessante poesia grega á maneira de Sapho que, por um feliz acaso, um nosso amigo encontrará perdida no ultimo baile do Gremio.

A pessoa que a perdeu enviou-nos uma amabilissima carta que muito agradecemos e, juntamente a resposta á poesia publicada, traduzida igualmente do grego e que se atribue a Tavaridika, poetisa de Athenas, a quem, como os nossos leitores notaram, a primeira se referia.

Gostosamente inserimos esta que em nada desmerece da outra e é interessantissima como documento de costumes do tempo:

— *O' Barakteia, Barakteia de cabellos negros e profundos, como os bosques sagrados nas noites tenebrosas tenho medo do brilho dos teus olhos e tremo de frio se tu não olhas para mim.*

— *Queima-me a tua bocca os homens nus e quero fugir — mas, apressa-te, desata os laços que me prendem a tunica, porque são horas e eu estou gelada.*

— *Tu hoje não me batas, choras muito depois, mas eu fico com os braços cheios de nodoas, euas das que deixa na aloura das tunicas o vinho escuro de Samos, que se verte das amforas nos banquetes.*

— *Que culpa tenho eu, ó Barakteia, de que o estrangeiro hospede de Chrysanthemis, viesse hontem depôr joias e flores á minha porta? Os braços d'ele eram mais brancos do que os teus e não tinham aquela penugem muito fina que eu gosto de sentir na palma da minha mão, e que os teus braços têm.*

— *Ha junto á ponte, a estatua d'um Apollo Delphico nô, que é tão bella como eu adivinho que será o estrangeiro, hospede de Chrysanthemis. Ai Barakteia não me batas!*

— *Magoaste-me muito, e agora ajoelhas a meus pés. Estou transida*

de frio. Agasalha-me. Porque será que eu não posso fugir-te?

— *Se tu soubesses em que eu estou pensando, Barakteia. Vae perguntá-lo ao Oraculo e elle te dirá que eu penso, enquanto tu choras e me bejas — no estrangeiro loiro, hospede de Chrysanthemis.*

Adelino Veiga

E' amanhã que, como dissemos no ultimo numero, tem lugar a homenagem que uma comissão de operarios de Coimbra resolveu prestar á memoria de Adelino Veiga.

E' de toda a justiça e portanto digna da maior sympathia essa festa feita pelos operarios a um camarada e conterraneo illustre.

Adelino Veiga, modesto operario guarda-soleiro, foi realmente no seu tempo e no seu meio uma figura de destaque, e pena foi que a doença não permitisse que elle continuasse a sua obra.

Morreu novo, em 1887, tendo nascido em 1848.

Brutalmente a tuberculose veio cortar a vida d'esse homem cujo valor se mostrava em todas as suas aptidões, que as tinha e muitas.

Como poeta elle deixou, além de muita colaboração dispersa em jornais, dois livros de versos, *Lyras do trabalho* e *Guitarra de Almaviva*. Nesses livros se encontram poesias de alto valor, principalmente entre aquellas em que se manifesta a sua alma de revoltado, porque Adelino Veiga foi acima de tudo um revoltado.

E' sob esse aspecto que elle nos aparece colaborando no jornal *A Oficina*, pugnando sempre pelos bons princípios e pela emancipação da classe operaria.

E assim, foi um entusiasta do movimento associativo, trabalhando sobre tudo na organização das associações de classe.

Era tambem um actor distinto. Tendo começado como amador chegou a ser um profissional da arte dramatica, fazendo parte d'uma companhia da actriz Emilia Adelaide.

E tambem nesse campo foi notável esse homem dotado p'la natureza com altas qualidades que elle, nascido na pobreza e vivendo sempre na pobreza e até na miseria, soube desenvolver, educando-se a si proprio, lendo, instruindo-se, até chegar a ser considerado e admirado entre os intelectuaes do seu tempo.

E tão admirado era que o seu enterro foi uma das maiores e mais sentidas manifestações que nesta cidade se tem feito.

Milhares de pessoas, não só da classe operaria mas de todas as classes sociaes, se encorpararam no cortejo.

E ainda bem que a sua figura não foi esquecida.

Agora, vinte annos depois da sua morte, elle é ainda lembrado com saudade e com admiração pelo povo de Coimbra que numa festa cívica vai consagrar a sua memoria e lembrar aos novos, aos que já o não conheciam, esse illustre filho d'esta cidade, para que assim a moderna geração conheça o homem e a sua obra de artista e de defensor dos oprimidos, d'essa classe tão numerosa e a que elle também pertenceu.

A Camara Municipal deu tambem o seu concurso para esta festa, dando o nome de Adelino Veiga á rua onde elle nasceu, a rua das Solas.

Assim o resolveu em harmonia com o brillante parecer do vereador Dr. Silvio Peláez, sobre o pedido feito nesse sentido pela comissão promotora da homenagem.

A redacção da Revolta applaude sinceralmente tão sympathica festa e tem o prazer de a ella se associar honrando as suas columnas com a publicação de uma poesia de Adelino Veiga, uma d'aquellas em que mais eloquente o poeta se insurge contra os privilegios e desigualdades sociaes.

CELEBRES... DE BORLA



Um documento historico

Proponho que os membros da Conferencia se compromettam aqui formal e expressamente a impedir a entrada para o Magisterio de Medicina do estudante Antonio José d'Almeida quaequer que sejam as classificações que hajam de lhe ser conferidas quer agora, quer no quinto anno ou depois.

30-VII-94

Lopes Vieira

(Dum autographo publicado no livro do Dr. Antonio José d'Almeida *A Desafronta*.)

O SABIO E O PRETO

(Para cantar com a musica da cançoneta)

No mi parió mi madre
Para casada
Porque yo no puedo ser-lo
Con esta cara!

Era uma vez um preto
Que estava doente!
E desmaiou de susto
Mal viu um lente!

Julga o lente qde o preto
Já não vivia!
E levam-no p'r' mesa
D'Anatomia!

Logo o lente começa
Com furia brava
A cortar no pretinho
Que p'r'allí estava!

Mas o preto era bruto
Sem consciencia!
E estava-se nas tintas
Para a sciencia!

Não pôde aguentar-se
Com tanta gloria!
E deu o maior espirro
De que ha memoria!

Vejam o desacato
Deste indecente,
Que queria saber mais
«Que o senhor lente!»

«Tu não teimes commigo,
Diz o doutor.
— Tu estás morto e bem morto,
Grande estupor!»

Depois sem hesitar,
E logo alli,
Corta o pescoco ao preto
C'o bisturi!

E foi muito bem feito
P'ra se saber!
— Não se desmente um lente
Como um qualquer!

E acabou assim
A discussão!
Tinha afinal o lente
Toda a razão.

Dr. Watson.

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

Meu caro:

Na sua ultima carta V. compromete-me, «inoculando-me n'alma o capcioso veneno da lisonja» — como se dirá, em estylo *patafágido*, segundo eu calculo. E reproduzo os periodos venenosos; para o comprometer, por meu lado:

— «Porque não faz você, serenamente, á boa paz, com moderação para se livrar de possíveis represálias, o seu depoimento d'estudante, sobre os processos e os homens da Universidade e especialmente d'essa tão decantada Faculdade de Direito que você frequenta?»

Segue aqui uma lisonja muito redondinha e bem cuidada que eu não reproduzo, «como o outro que diz», por modestia, e depois acrescenta você: «Procure ser justo e claro e tem meio caminho andado. Não lhe fica mal, quando tiver de dizer bem um pouco de prodigalidade e, quando tenha de dizer mal, lembre-se da doutrina «da benevolência» desse filósofo inglês, Hutcheson, tão sympathico á sua inteligencia e ao seu coração.»

Ora V. julgando-me capaz de fazer esse depoimento, sequer ao menos com clareza e com justiça, supõe muito de mim. Nada mais difícil do que ser «claro». E' talvez, mais facil ser brilhante, paradoxal, vistoso, malabaresco — do que «claro». A clareza presume a nudez simples das opiniões e das ideias. Ora além de que é preciso, ou ter muitas *ideias* pequenas, «de trazer por casa», ou duas ideias grandes «de sair a passo», para encher um linguado de papel, quem ha ahí que se julgue incapaz de torcer um bocadinho á ideia, á opinião, ao pensamento, só pelo prurido de fazer uma phrasesinha mais interessante ou dar ao período um recorte mais original? Estou certo que poucos terão essa coragem em Portugal — e eu «não sou desses».

O «eticismo», é uma virtude archaica, que moreu com a civilização classica e estaria deslocada n'esta nebulosa e confusa civilização contemporanea — tão complexa como uma orquestração de Wagner. Além d'issso eu sou meridional e «um rapazola» como você benevolamente me chama... E a «justiça», então? Já não fallo d'aquelle justiça com J grande, que anda nos livros dos philosophos metafisicos, nos poemas, nos jornais e na boca dos rhetoricos. Fallo de outra, da justiça modesta, que cada um pode fazer dentro do pequeno tribunal que é a sua consciencia — Repare você n'esta phrase tão bonitinha e tão óca como uma *cabaça de cheiro*! — Por isso eu, a principio, fiz como o facundo Ulysses — resisti, «ao canto da sercia» que era a sua carta, mas faltava-me a tempra dos heroes d'Homero e acabo por ceder, como você está vendo, escrevendo-lhe esta, — a primeira duma serie, que V., por mal dos seus pecados, terá que lêr, porque eu, em represália, tratei em conversa comigo, de ver se as leu ou não!

Ah! meu caro, você encontrou o terreno optimamente preparado, para que a sua sugestão fructiferasse — não vá presu mir agora d'Onofro! Quanta vez no decorso d'essa malafada questão academicia eu pensei em «depôr na tribuna da Imprensa», ou — o que seria um excesso injustificavel! — arrojar-me a mais alto comprometimento e perpetrar essa colsa criminosa e anti-social que era *um livro* escrito por mim e n'aquele momento, em que, ferido d'asa pelos fulgurantes raios de Minerva, eu via seriamente ameaçada por um lado, a eloquencia forense que, á certa, perderia o ex plendor futuro do meu verbo, e por outro justificadamente jubilosos a agricultura e o commerce de modas, que me esperavam no exercicio dum destes dois misteres, por igual, utile e salutares: — *cavar batatas ou vender, empompadado e dengoso, surabs ás nossas elegantes — unica coisa p'ra que serve no nosso paiz, um aberto de bacharel*. Depois, o tempo passou, eu voltei, besuntado de graça régia e limpo de meus infândos crimes de lesa-catedra, ao seio acolhedor e amoravel de Minerva a quem passára a colera... tinha ma's que fazer, e por isso mesmo não fazia coisa nenhuma... O caso é que o depoimento não apareceu mas a ideia, essa, cá estava latente, embryonaria, prompta a traduzir-se em factos, no primeiro momento... O sol da sua boa e honrosa amizade fez com que a semente desabrochasse.

E, posto isto, vamos assentar no plano que seguirei n'estas cartas, — por-

que estas cartas tem plano, o que jul gal — e, como se diz por cá, «no espi rito que as informa».

O plano é simples. Primeiro expor lhe-hei, em face dos factos que me estão diariamente sobre os olhos e das conclusões — certas ou erradas — que delles tiro, o que eu chamariei «a deficiencia geral», «o mal b'ilar» da nossa organização do ensino superior, mais de notar na Universidade do que em qualquer outra escola — e dentro da Universidade na faculdade de Direito — se bem que seja des caravel injustiça atirar p'ra cima da «pobre velha do Mondego» todas as diatribes e julgar os outros estabelecimentos d'ensino do paiz livres das mesmas maculas e dos mesmos vícios de quella enferma. Tem-se batidona Universidade muito, e na Faculdade de Direito ainda mais, e sabe você o motivo porque tudo isso não tem dado resultados al guns?

E' porque havendo carradas de razão, para ataca-l'a — esse ataque não tem sido feito com justiça e com conhecimento de causa. Esta é a verdade. Tem se dito isto: «o ensino da Faculdade de Direito é mau, é pressimmo, dificilmente será peior...» E' absolutamente exacto, quanto a mim. Mas ao mesmo tempo, diz-se «os professores de Direito não trabalham, não procuram acertar, são d'uma ignorancia enorme, estão ainda na literatura jurídica do seculo XVIII...» E isto é redondamente falso, como eu lhe provarei, porque estou convencido e desde já lhe afirmo que, em regra o lente de Direito — fallo dos que estão aqui amarrados á nora universitaria e não se servem da cathedra como degrau para a politica — é de todos os professores da Universidade, o que mais afincadamente e também mais inutilmente trabalha. A seu tempo eu falarei d'issso e bastará citar-lhe os nomes de Marnoco e Sousa, Dias da Silva, Alves Moreira e Alberto dos Reis, para ter demonstrado a minha these.

Depois de conversar comigo e com o publico sobre as deficiencias geraes do ensino e as suas causas deixe-me assim dizer — «objectivas», reportando-me em especial á Faculdade que frequento — eu passarei a tratar do ensino tal como aqua se ministra, entrando em linha de conta com o coeficiente de qualidades ou de defeitos, que cada um dos professores, pela sua cultura ou incultura, pela abundancia ou ausencia de qualidades pedagogicas que possua, pelo seu methodo, traga á regencia das suas cadeiras.

Esse trabalho será feito, para maior garantia da minha imparcialidade, sempre que fôr possivel, com transcrições das *sebentias*, em face da reprodução fiel do que se passa nas aulas.

E, no que diz respeito, ao «espirito quiesinlor» estas cartas deixe-me falar-lhe esta confissão: eu — não pasme! — sou um amigo da Universidade!

Não cuidará, decerto, que esta minha declaração seja p'ra me recommendar á misericordia dos mestres que me l'rem — como já ali está a pensar, com ares de finorio, aquelle *vacão* lanzudo e manteigueiro, que veio da terra a abrutar d'empenhos e, se calhar, já recomendado para lente. (Isto sucede por c'ia!)

De resto meu amigo, não corro esse risco, porque na balança da justiça catedra, orgulho me eu e muito, de que pesem mais os negrumes de minhas feias culpas do que as *qualidades universitarias* que, felizmente — em absoluto me escasseiam.

Mas voltando ao caso: eu sou um amigo da Universidade! A's vezes, quando em Lisboa, sentado á mesa dum café, oigo fallar os meus companheiros, alunos da Polytechnica, da Medica, do Curso Superior de Letras, nas suas aulas, nos seus professores, nos assuntos que estudam, — ah! meu caro amigo! — como me custa, como eu fico triste!

Eu acompanho quasi sempre com alunos da Escola Medica — alguns dos quaes os meus melhores e mais intimos amigos, todos — louvado Deus! — inconclastas e honestos, como eu me preso de ser, e é o meu unico orgulho já que outros não me é lícito, por deficiencia da madrasta natureza — possuir. E elles falam com entusiasmo, com admiração, comentando, d'alguns dos seus mestres — Bettencourt Raposo, Ricardo Jorge, Miguel Bombarda — das suas preleções, da sua intelligencia, dos horizontes novos que elles lhes abrem na scieuncia!

— E tu? Tu! — Dize lá? perguntam-me, pedem-me.

Eu... sim eu... Tenho dito coisas para não ficar mal, que — Deus me perdoe! — são muito exageradas e eu... não as penso, pela simples razão de que não posso pensa-las.

Depois o descredito, o ridiculo, que cae sobre mim a toda a hora. E eu amo a profissão d'homem de leis, eu interesso me, na medida das minhas forças, pelos assumptos que se professam no meu curso... Mis... Ainda me ha-de lembrar a tortura que passei quando, nas férias de Natal do meu primeiro anno, tive de mostrar ao nosso amigo P. V., as lições do Cordeiro, por onde eu estudava Sociologial. Ah! isto nem tudo são rosas, meu bom amigo... Esta vai longa. No proximo numero começarei a tarefa. Que *Minerva* e *Themis*, as deusas da Intelligenzia e da Justica me ajudem no emprehendimento e que V. me perdoe a massada de que tem immediata culpa.

Com toda a consideração,

Ramada Curto

Factos e Commentarios

Uma garotice

Un jornal que para ahí apareceu no domingo passado e que se diz republicano, insere sob a forma de annuncio uma piada chula dirigida a uma familia d'esta cidade, que é digna de todo o respeito.

Achamos pôr o facto e contra elle protestamos, principalmente por a garotice partiu de um corregionario ou de alguém que se inclua como tal.

Outros processos, que esses são de Padre Matos.

Erratas

Isto cá por casa é um horror a respeito de *gralhas*. A revisão teima em nos dar amargos de bocca. Assim por exemplo na secção *Célebres de Boria* saiu, no numero anterior esta coisa, *mas a chorar, num rio por mas a chorar, nunca rio que deveria ter saido*. No artigo *Um aniversario* na primeira coluna da segunda pagina saiu as *sapentissimas controversias romanticas* por *controversias romanistas* que já quer dizer alguma coisa.

E, ainsi de suite.

Boato

Corre o boato de que nas conferencias havidas entre o rei e os srs. Vilhena e Alpoim estes foram ameaçados de serem chamados a governar com as actuais camaras, porque o sr. D. Manuel não sairia *por ora* da legalidade, dissolvendo-as.

Depois do paiz se *cansar* de ver a impossibilidade ou a instabilidade de ta's gabinetes, seria, segundo o boato, chamado novamente o sr. Campos Henriques, o *Perdido*. As cortes sam mandadas passear e depois: *o que a Deus aprovér!*

E o paiz não se *cansari* entretanto da instabilidade da monarchia?

De passagem

— Envio incluso os dez mil réis. Não pude registrar a carta a tempo. Ficaram roubados?

O conde em resposta e por partida:

— Fomos infelizes. Não recebi nem a sua carta de hoje, nem o dinheiro, que agradeço.

Falecimento

Faleceu ha dias o estudante do Lyceu Antonio Oliva Mendes da Fonseca que tinha ingerido tres grammas de sublimado corrosivo.

Desconhecem-se os motivos que o levaram a essa resolução que o fez sofrer horrosamente durante oito dias.

Foi muito sentido a sua morte porque era muito estimado por todos os que o conheciam.

Aos nossos amigos José Oliva e Achiles Gonçalves, irmão e cunhado do falecido enviamos os nossos sentimentos.

Paris em Coimbra

Aos nossos leitores recommendamos a leitura do annuncio, que inserimos na secção respectiva referente a esta importante casa. Confirmando os créditos de que vem gosando, o seu proprietario e nosso amigo J. M. de Vasconcellos contractou habeis contramestres para todo o genero d'obras tanto de cavalheiro como de senhora.

O CREDO

Quando passarem tempos, sim, passarem annos, Que o povo não se curve aos vis palacianos, Quando o trabalhador ao qual o suor orvalha Souber que só é rei o homem que trabalha, Quando elle comprehender que a grande Mão, a Terra, Faz podre esterquilinio dos mandões da guerra, Quando elle bem entender que um Deus immaculado Não pode ser a capa ignobil do peccado, O Deus do jesuita, o Deus do beaterio Que esconde um crime vil co' as magnas d'un psalterio, Ah!... quando elle despertar do sonno em que inda dorme, Quando se erguer possante, audaz, com força enorume, Um crente, que beijando a Biblia da egualdade, Já saiba soletrar um lema: a liberdade, Então, só nesse dia, tão festivo e novo Eu poderei dizer: «tu acordaste, povo! *

Adelino Vieira.

IMPRESSOES

Em geral as *theses* na Universidade de Coimbra são raras. A propria facultade de Direito dá-nos quando muito por anno duas a tres. Mas, é sabido, chegadas elas, saboream-se os feriados, ouvem-se com um certo ar de importancia, e commentam-se com a autoridade de entendidos.

Pois, senhores, as ultimas, do candidato Pinto Coelho, deram que falar.

Formaram-se partidos, houve scisões e blócos, uns reacionarios, outros liberares, discussões e criticas acerbas, coisas da bréca sobre o caso que mereceu durante tempo as horas do cavaco ás mesmas dos calés.

Alguns se abalancaram até a rabiscar sobre o assunto, a favor, em contrario, e já agora, se a vossa bondade o permitte, não ficareis tambem sem a nossa fazenda. Um episodio mais.

Não seremos nós d'aqueles que vão negar o talento invejavel do candidato. Admiram-o sómente, em qualquer campo que elle se evidencie, porque é notorio.

Não nos traz aqui ainda qualquer menor respeito pela pessoa em questão, nem tão pouco motivos politicoes para tal ou tal. Longe d'ahi.

Mas, vejamos.

A um amigo ouvimos nós o fraco contentamento pelas *theses*. E, verdade seja, o amigo tinha córo.

Conhecia as *theses*, tinha-as lido e matutado bem, assistira depois á sua defesa, durante dois dias sempre rente, e a sua impressão era detestavel. Uma vergonha, uma vergonha!

E a propósito, e indignado, referia que «a guerra é o principal factor do progresso», como se propunha defender o candidato, era uma questão retrograda, revoltante.

Adduzia que «o poder publico é um poder de facto» já se não afirmava no nosso tempo num acto magno, sem querer imitar na ratice o amigo Bana na, que com sessenta, se conseguia viver mais dez annos, só morria depois dos setenta.

Espantava diante d'esta outra descoberia — «O modernismo é a negação da religião e da Egreja!»

Bravejava porque outra dizia que «a crise duriense não admite soluções regionaes, e só se resolve pela restrição da producção». Em summa, isto era xôxo, balofe de mais. Já o Zé Rombo lá na terra, e era um cavador calejado, tinha pensado o mesmo — «sim, porque, ... a crise diz que ha muito vinho; ah! señor, e tude a berar; cortem nas capas, cortem nas cestas». Já assim clamava o cavador, e era o Zé Rombo!

Muitas mais citava ainda, agora já com fúria, porque tudo menos admitir que o candidato propozesse que «o direito Canônico foi o principal factor do desenvolvimento municipal». Era uma afronta ás reivindicações mais legítimas, á liberdade. Esta these, conclua cançadamente, era a cupula do beateio e do reacionarismo do candidato. Inadmissivel! Um rapaz novo, um futuro lento!

E o córo ressoava no meio de assentimentos de cabeça. Uma pequena pausa.

Mas o amigo tinha mais em seu abono. Fez-nos ainda notar que o proprio dictador no acto extrahá «que o sr. Pinto Coelho não alistasse antes nesse grupo de rapazes novos de ideias generosas e liberares», e, depois, forçando a voz e chalaceando o gesto, terminou por nos ler este arranço de desespero do Dr. Vilhena, que elle copiara com cuidado para prova mais ao vivo — «Sr. Pinto

Coelho, direito velho, selvagem, é tudo quanto evoca a sua these; e o sr. não me parece um homem do seculo XX, mas um espírito dos decemviroes!»

Positivamente, somos fracos, deante de tanto argumento, calamos, ficámos frios.

Mas, e agora a nossa fazenda, voltadas horas, quizemo-nos convencer de que o candidato nem sempre conservaria essas ideias. Sim, oíça-nos amigo, elle está a entrar na vida seria, o tempo é bom conselheiro, e o progresso... manda mudar.

Nós contamos.

Houve, seguramente ha 35 annos, um celebre rapaz, inteligente, vivo, escrevinhador por vezes de versos bem feitos, com nome na rapaziada, e cheio de ideias liberares e revolucionarias.

Renegava da igreja, engracava pouco com padres e treiras, e nunca soubera o que fôra confessar-se.

Certo dia necessitou d'un attestado de confissão. Uma das demonios! Valdeu-lhe porem um padre amigo e íntimo que elle poupará. Mas, sem exemplo.

O padre amigo tentou começá-lo a converter. Qual historia, tudo baldado.

Outro dia chegou porem, que novo attestado era indispensavel. O padre amigo foi ainda abordado, mas agora a confissão era inevitável. Mudára o padre.

Num ultimo recurso o rapazote consentiu e ajoelhou-se-lhe aos pés.

— Diga-me os mandamentos da lei de Deus.

— !... Os mandamentos... não sei bem, mas... no primeiro pecc... no segundo não pecc... ,... pode ficar uma coisa pela outra; no terceiro pecc... no quarto não pecc... ,... tambem fica uma coisa pela outra; no quinto pecc... ,... assim chegou o rapazote até ao decimo.

A REVOLTA

CARTEIRA D'UM REBELDE

Ha já dias que na imprensa de mais circulação corre o boato da formação d'um novo bloco político em que dissidentes — o mais radical partido monárquico, tão radical que não vae longe o tempo em que elles, com os republicanos se ligaram para nas ruas da capital derrirem o pleito h' tanto existente entre nação e régimen — e regeneradores — o mais conservador partido da monarquia se unificam para entre si partilharem as supremas e embriagantes delícias do mandado.

Para aquelles, que ainda acreditasse na possibilidade d'uma monarquia liberal e em que se podessem acomodar as mais imprevisíveis exigências do espírito moderno e para quem a tragica memória da ultima experiência de João Franco não tenha sido prova concluente da irrealização d'esse milagre absolutamente inédito, esta ultima experiência, a verificarse como tudo leva a crer, deve ser com certeza o golpe mais cruel vibrado na ingenuidade das suas esperanças.

Não nos anima contra o Sr. Alpoim, cujo talento admiramos, nem contra os seus amigos políticos, na sinceridade de muitos dos quaes — diga-se de passagem — numa acreditamos, a menor sombra de má vontade que, por momentos sequer, escureça a imparcialidade da nossa apreciação.

O certo é, porém, que os factos parecem apostados em nos destruir uma a uma, todas as duvidas que porventura ainda no nosso espírito existissem, como o vento destas flores tenuissimas da espuma.

E não sabemos que estranho accaso que constantemente estimula a nossa descrença, agora nos sugeriu a lembrança dos primeiros tempos d'oposição do dictador maldito que tão miseravelmente falliu, num tarde tragica de Fevereiro...

Parece-nos ainda estar ouvindo o sucedaneante calor com elle defendera as liberdades públicas postergadas, e nos nossos ouvidos ecoam ainda os sentidos lamentos que elle carpia sobre o seu passado odioso para sempre sepulto — juraus-o elle pela sua honra — no eterno esquecimento dos sonhos maus, das halucinações momentâneas.

E o que elle foi, não nos parece necessariamente recordá-lo.

Isso está, com certeza bem impresso na memória de todos, como eternamente fica chumbado no tornozelo dos criminosos a cadeia infamante dos forçados,

Sabemos bem que nos poderão objectar que entre o Sr. Alpoim e o fatídico espetro que loi João Franco não existe paridade que justifique o vaticínio de que o chefe dos dissidentes venha a desempenhar na vida política da nação o mesmo papel que desempenhou o chefe dos regeneradores liberais. E nós friamente acreditamos também que as indomáveis energias do povo português ainda não desapareceram por completo depois de terem escrito na história com o seu proprio sangue as imperduráveis paginas do seu glorioso passado.

Mas o paralelo que facilmente se pôde agora estabelecer entre dois vultos da política portuguesa não são certamente de molde a atrair sobre o Sr. Alpoim o vento favorável das sympathias populares.

Quando João Franco foi elevarado ao fastigioso do poder, o seu primeiro acto foi ligar-se com os progressistas, sobre cujas cabeças tão duras, responsabilidades tinha leito acumular, — formando assim o bloco liberal sem o qual elle não poderia governar.

Agora o Sr. Alpoim que nos mais variados estilos tem cantado o hymno triumphal da liberdade, elle que abandonou os arraiaes do Sr. José Luciano, a sombra de cuja bandeira a sua indomável aspiração ao progresso e o seu intranquilo amor á democracia se não podiam acoitar, elle que, com a sua voz inspirada de tribuno tem azorragado impiedosamente os responsáveis da nossa precária situação, foi ligar-se para a escalada do poder, precisamente como o fizera João Franco, com aquelles a quem mais duramente retalhou as faces lividas de criminosos celebres o lato de justiçeiros da sua critica impiedosa.

Depois da coligação eleitoral do Porto, para dar batalha aos republicanos, esta ultima aliança é sobremodo sugestiva.

Ela representa, sem contestação possível, o repúdio completo do seu passado, a negação formal do seu programma, implosamente lançado aos quatro ventos pelos quatro cantos do paiz.

Ela deixa-nos augurar que, se, porventura, as circunstancias fossem as mes-

mas, o Sr. Alpoim não hesitaria em ser uma nova edição correcta e aumentada de João Franco.

Ela não é afinal mais do que, a sua filiação inegável nas fileiras d'esse rotativismo abandalhado que a seu odio fulminou.

Creou o Sr. Alpoim em volta do seu nome uma atmosfera de sympathy, precisamente, porque fez rasgadas afirmações liberais e principalmente porque acremente verberou aquelles aos quaes a sua insatisfeita vaidade e a sua insaciável vontade de governar, o fez alliar a.

Precisamente como João Franco e ate para maior similaridade nem o seu passado abona. Se alguém houve que de boa fé acreditasse na sinceridade das suas palavras, bem cruelmente deve estar desiludido; e se alguém ha que ainda acredite na possibilidade duma monarquia liberal onde se possam acomodar as mais imprevisíveis exigências do espírito moderno, que veja e que medite bem na facilidade com que os seus mais estrenos defensores aceitam e convivem com aquelles cujo programma é, a todo o custo e por todas as maneiras, conservar o passado com todos os seus erros e com todos os seus crimes.

Sherlock-Holmes.

TRIBUNA DOUTRINARIA

A metaphisica

A metaphisica tem sido a temerosa calamidade que no seu ingente e avassalador turbilhão tem empolgado a natureza humana e desorientado loucamente a razão que vacila e vacilará por muito tempo em busca do norte da verdade.

A palavra, sublime sintheze propulsora do progresso humano, exactamente porque é uma sintheze da experientia, tem servido para firmar bem profundamente em a nossa natureza o resultado da experientia insuficiente e erronea. Daqui decorre, evidentemente, que ella pode ser, e é muitas vezes, o mais colossal travão do progresso, contrapondo a sintheze que representa da experientia imperfeita do passado á experientia mais clara e perfeita do presente, verificada e exacta.

Os homens foram formulando pelos simbólos da linguagem a idéa que das coisas viêram adquirindo. Passado algum tempo, esquecidos de que a experientia originaria a idéia e de que esta fôra irradizada pela palavra, individualizaram esta, divinizaram-na até, e partiram della para a idéa e daqui para o facto! ..

Desde esse momento estava creada a metaphisica, e a razão, constrangida a ver-se apertada no anel de ferro duma pseudologia, perdida num labirinto interminável de preconceitos, elevados á categoria de juizes inde e tiveis, começou a divagar de palavra para palavra, gerando conceitos a que não correspondiam já realidade alguma nem modalidades objectivas.

E-te processo foi-se gravando na inímica natureza humana, foi consubstanciando-se no que nós chamámos espírito de homem, informou a educação das gerações, transmittiu-se hereditariamente: constituiu uma segunda natureza. As creações metaphisicas converteram-se em moldes onde os homens se tem visto forçados a lançar todos os seus conhecimentos.

Pelas conclusões metaphisicas o homem teve de afirir toda a propria experientia actual, em vez de conferir aquellas por esta.

Assim nós, hoje, dificilmente evitámos o processo da avaria lógica de raciocinar, não pelo que observámos, mas caíndo insensivelmente em considerar os phenomenos não pelo que elles exprimem e significam, senão pelo que perante elles os nossos longuinhos e ignorantes antepassados julgáram ser a realidade.

Ao alvorecer da humanidade, o homem, isolado e inexperiente, viu-se envolvido por um meio hostil e tenebroso. Por toda a parte surgiam perigos, em todos os phenomenos se lhe deparavam misterios insondáveis.

Em volta do homem os animaes e os outros homens executavam acções movendo-se: em tudo o que se movia elle começou a figurar uma vontade intima em ordem á operação: daqui a divinização de muitos seres, animaes e cousas, como a historia das religiões nos panteias.

Certos seres, animaes e vegetaes especialmente, surgiam á sua vista maravilhada sem que elle pudesse conhecer o

modo como se dava esse aparecimento: daqui a ideia da criação.

O homem, o animal, a planta morriam e, confiados á terra, desapareciam; a agua, que os invernos tinham estagnado no reconcavo dos rochedos, secava no estio; inventado o fogo, nelle se consumia a lenha ou as victimas dos sacrificios de tal modo que cousa alguma do que fôra restava em seguida á operação: o homem concluiu destes phenomenos que aquellas coisas se tinham aniquilado, e deste modo no seu cerebro se fixou a idéia do aniquilamento e do nado.

Por toda a parte, nesta experimentação incompleta e simplista, sem meios de correção, nem facultades de verificar, sem a suspeição, sequer, do contrario, a humanidade presenciau que aexecendo certas acções se seguiam determinados movimentos, e no seu ponto de vista restrito e imperfeito, atribuia a si ou a qualquer outro agente, considerado como um todo indivisível, como continuo no existir e modo de ser, toda a produção do phenomeno; julgava que operando fazia com que uma causa que não existia passasse á existencia!

Nesta concepção o homem sentiu-se criador, e convenceu-se de que havia causas ou acções iniudavelmente ligadas consigo simples e absolutamente: elaborou a idéia de causalidade.

Por sua vés as religiões, falando em nome da causa suprema, causa primaria de todas as causas, synthetizaram todas as conclusões a que a humanidade na sua observação incompleta e erronea a havia chegado, apresentou-as á humanidade docil como verdades emanadas dos deuses, verdades imutaveis e irreversíveis, portanto.

Desde então todos esses erros constituiram o triste patrimonio da humanidade desvairada.

A educação no erro elevado a dogma, veio, sem dúvida, a robustecer-se e criar raizes fundas na mente humana através de edades.

Foi o que sucedeu.

Hoje o Catholicismo define-se nos o mais completo manancial de preconceitos elevados a dogma uns, rotulados sob a marca de principios philosophicos outros, e todos conducentes a esmagar a verdade sob a empestada exalação cada vez do colosso do passado que, mesmo cadaver, ainda conserva um poderio consideravel sobre a mentalidade humana.

Veremos como.

Lucifer.

O Brazil moderno

VII

Clovis Beviláqua

Formado em direito, em 1882, na Faculdade de Direito do Recife (Pernambuco) foi Clovis Beviláqua, incontenivelmente, um dos mais distintos discípulos do notável jurisconsulto Tobias Barreto, individualidade que mereceu o estudo atento e profundo do nosso grande descriptor Sampaio Bruno.

Enfileirando ao lado de Sylvo Romero, Cyro Azevedo, João Vieira e Viveiros de Castro, como elles, em breves annos, conquistou uma justa nomeada, producto da sua devotada applicação e facultades privilegiadas.

Antes de se deixar influenciar pelos publicistas franceses, sobretudo Gabriel Tarde, foi elle um dos mais fervorosos sectários da Escola Anthropologica, cujas ideias, principalmente as de Lombroso, vulgarizou no seu paiz por meio de escriptos, que a critica severa e imparcial respeitou e enalteceu.

Foi em 1885, que a propósito do bimetallismo, publicou o seu primeiro trabalho intitulado *Uma lei natural no domínio da economia política* segundo-se lhe então outros que, pela ordem cronologica, em seguida apontamos: *Estudos de Direito e de Economia política*; *A hospitalidade no passado* (tradução de um dos opusclos de Ihering); *Resumo das lições de legislação comparada sobre o direito privado*; *Criminologia e Direito*, e *Os juristas philosophos*.

Este ultimo trabalho, publicado em 1897, foi seguido de um intervalo de cinco annos, durante os quaes, nenhuma obra apareceu a que ligasse o seu nome, fazendo assim prevêr que a fadiga tivesse entorpecido a sua energia cerebral, tantas vezes posta á prova em produções de tão elevado folego.

Mas assim não aconteceu, e o que é mais, é que passado esse breve período, a sua vasta mentalidade ia-se então afirmar, por um convite honroso e acertada

escolha, no monumental « *Projecto do Código Civil Brasileiro* », cuja execução, só por si, seria mais do que suficiente para firmar de vez a sua reputação.

Esse monumento jurídico, que só encontra similares na Alemanha e na Suissa, e está á altura do estado actual da scienzia, é, segundo os criticos mais competentes, uma obra clara, nitida, transparente, por muitos títulos superior aos projectos anteriormente elaborados pelos abalizados jurisconsultos Teixeira de Freitas, Cons.º Nabuco, Felicio dos Santos, Antonio Coelho Rodrigues, não faltando do projecto oferecido ao imperador D. Pedro II, pelo nosso Visconde de Seabra, que não tratava senão de um título preliminar e de uma primeira parte, e cujo autor, seja dito de passagem, para obviar ás objecções do amor proprio nacional, não teve dúvida em se declarar natural do Rio de Janeiro e cadete honrario do antigo regimento de cavalaria de linea de Minas Geraes.

Basado nos moldes modernos e suportado a uma orientação verdadeiramente criteriosa e profundamente científica, o *Projecto Beviláqua*, corresponde ás necessidades e condições de um povo livre, chegado á época de maior expansão das forças nacionais e em que necessita afirmar a sua soberania.

Essa ardua e patriótica tarefa levada a cabo, elevando o Brazil á categoria de um paiz verdadeiramente culto e francamente liberal, immortalisou tambem o nome de Clovis Beviláqua, emulo dos mais illustres apostolos do Direito.

A. R.

ENSAIOS DE CRÍTICA

• Virtuosismo

... esse animal pernicioso, pesadelo dos compositores, que se chama virtuoso.

R. Wagner

O mal nefasto do *virtuosismo* no canento que devia, durante mais de seculo e meio, matar o drama lirico italiano nasceu na Italia, em meados do seculo XVII com o apparecimento dor castrados soprano e contraltos que, sacrificados ao despotismo do prazer não tardaram a mudar o canto numa arte sem arte com prejuizo da expressão.

Desde o seculo XVI ate ao fim do XVIII os italianos tinham brilhado maravilhosamente; como se explica que estes musicos deixassem cair a opera seria tão baixo que não era senão uma serie insípida de arias, um a especie de arte ficticia, sem calor, sem paixão e sem estheticá? Bons musicos mas *dilettanti* sensuas antes de tudo os italianos deixaram-se encantar pela voz humana, a tal ponto que chegaram a esquecer a propria musica.

Espectaculo magnifico e sumptuoso, a opera reunia ao principio a poesia e a musica vocal e instrumental; tudo devia concorrer para a expressão musical dos sentimentos humanos; mas quando os *dilettanti* deixaram passar o cantor para o primeiro plano, todo esse explendor caiu. A orchestra teve de se calar e os coros de desaparecer; a harmonia foi simplificada ate que se tornou quasi nulla: a melodia, vasada em moldes imutaveis, deu ao executante um modelo sempre igual e feito de antemão: excluiam-se as vozes graves, primeiro os baixos, depois os barytonos e por fim quasi todos os tenores.

E assim, sobre as minas da opera, arte magnifica construida com tanto trabalho, se ergueu triunfante e absorvente o *virtuoso*, este ser perigoso para a arte e insípido para quem não for um *dilettante*.

A escola destes tende a desaparecer, o canto, não: a musica que tanto sofreu com o *virtuosismo* transforma-se e na sua conclusão ha-de transformar a arte do canto, matando o *virtuoso*. O *bel canto* perdeu já parte do seu brilho, mas em proveito da musica rica, expressiva e harmoniosa; esta despresa os *virtuosos*, quer grandes cantores e artistas consumados.

Entre nós teve e tem ainda o *virtuosismo* tanta influencia habituando o publico português a apreciar exclusivamente a voz sem cuidar da musica, que ha-de custar a radicar a ideia verdadeira de que a musica é tudo e a voz um simples instrumento. Este estado do publico português, derivado da audição de companhias quasi sempre italianas onde o *virtuosismo* predomina mostrava-se facilmente, sendo vulgar ouvir dizer que « já não ha garras », « já se não canta como ha vinte annos » etc. Mais significativo é ainda o que aconteceu com o celebre tenor Vítorias interpretando de Cohngrin.

Tendo viajado pela Alemanha e assistido a representações desta obra de Wagner, com o rigor musical com que são feitas naquele paiz, Vítorias dispôs a cantar Cohngrin como deve ser, em Lisboa. O publico ficou frio.

Em vista disto, na noite seguinte, Wítorias Italiano e Lohenbrin cantou mal portanto, reappareceu o *virtuoso*, e foi por isso delirantemente aplaudido.

Que grande surpresa deve ter o publico que assistiu á representação da tetralogia pela companhia alemã!

Triplus.

Cooperativa de pão A CONIMBRICENSE

A reunião da 2.ª assembleia geral ordinaria d'esta sociedade, será pela 1 hora da tarde, no dia 7 do corrente, no edificio da Cooperativa.

Se não comparecer o numero de socios exigido pelos nossos estatutos, fica desde já convocada para o dia 14.

ORDEM DO DIA: Eleições gerais.

Coimbra, 3 de março de 1909.

O Secretario,

Floro Henrques.

Conta de receita e despesa do Sarau Academico em beneficio das victimas sobreviventes do Sul da Italia em 23-1-909

RESUMO

Receita

Importância de bilhetes vendidos 650.480
Ofertas 23.000
673.480

Despesa

Importância de pagamentos conforme contas n.º 1 a 15 673.900
Saldo a favor Reis .. 605.090

A conta geral acha se patente na casa dos Sr. Gaitto & Cannas,

PARIS EM COIMBRA

High-life tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietário fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em depósito, só vendo se acredita.

Esta casa é a única que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu comércio.

Cachorros da Serra da Estrela

LEGITIMOS

A venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres meses, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fruta de diversas qualidades, secos e crystalizados.
Fabricam se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.
Variada pastelaria em todos os géneros, especializando os de jolhado.
Galantines diversas Tete d'Achar, Pâté de Liever e Foie.
Saucesses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo sistema de Margarida.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinícola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bólaças e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrysostomo dos Santos & C.º

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quais dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicílios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.



Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido prego, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a.	65
Ditas leijudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanelas d'algodão, metro	65
Ditas, cós lisas, muito largas, metro.	120
Córtex de ve-tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a.	30
Melton para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	15
Ferros a vapor, para engomar, a.	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a.	80
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	70
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Gobertores grandes, em flanelas, muito finas, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4000

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOSÉ, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarregue-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os géneros

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Occidental

Dão-se as senhas do bonus Luzitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typografia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

de
Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Colmeia

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pele, taria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

de José Correia Arns

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo. Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principais fabricas nacionais e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Médico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da boca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academico

N.º 15

COIMBRA — Sabbado, 13 de Março de 1909

Director e proprietario

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Oficinas de composição e impressão

Largo da feira, 29, a 37.

ANNO 1.º

PELA POLITICA

Quem, vindo do estrangeiro por onde ha muito andasse, fosse até o parlamento portuguez gosar de palanque uma sessão de qualquer das camaras, teria que concluir em face dos factos pela prosperidade desse povo risonho e feliz e concluiria tambem com a cançoneta francesa que

les portugais
sont toujours gais.

Efectivamente, reunidas as cōrtes ha perto de duas semanas, o tempo tem sido consumido em nomeações de commissões, em comemorar os mortos, em apertos de mão dados a correligionários, sem que uma só medida, uma só interpelação sobre politica ou administração tenham merecido ser levantadas, ouvidas e atendidas pelos ilustres representantes da nação.

A maioria — não composta de individuos agrupados sob uma bandeira de princípios avançados ou reacionarios, mas parecendo que apenas um interesse ali a tem reunida e compacta — a maioria não sabe, e não pode sustentar a minima discussão, romper através das oposições o caminho seguro por onde o gabinete possa marchar. Não sabe e não pode. A questão politica da genese do ministerio, nem essa mesma, que apenas a um partido poderia interessar, foi ainda levantada.

Por seu lado as oposições monárquicas esboçam apenas de tempo em tempo o inicio do seu tam anunciado oposicionismo intransigente, para logo e após uma votação governamental voltarem satisfeitas ás suas carteiras, desempenhando o pacifico papel a que Gladstone deu o nome de... oposição de S. Magestade.

Que importa á maioria saber que em Valpassos se seguiu o exemplo de Alijó, que no Alemtejo se morre de fome, que o comércio paralisa e a industria está por sepultar?

A minoria, como irá com consciencia abordar taes assuntos, se os seus homens pela passagem nos bancos ministeriaes lhe não garantem que alguém a não faça calar com uma revelação importuna?

E assim é o interesse proprio e o das instituições que defendem, sem homens novos que a aceitem e com os velhos todos comprometidos, é o medo de que tudo se saiba e mais coisas se descubram, é este medo guarda d'aquele interesse, que os faz calar e nada resolver.

D'aqui a aparente serenidade das sessões parlamentares.

E para quem nos visite fica a convicção da nossa riqueza, do nosso feliz viver!

Les portugais sont toujours gais...

Os republicanos, completamente sós no ataque, reduzidos em numero, não seram esses que vam ajudar a oposição d'agora a ser governo amanhã, envolvendo-se num obstrucionismo, que muitos olhariam

com satisfação e complacencia, mas que não surtiria efeitos d'alcance para o Paiz e para a Republica.

Se o fizessem, fariam talvez o jogo do governo, que os teme na liquidação da grande questão moral dos adeantamentos e grande gaudio dariam á oposição monárquica, desejosa apenas de escalar o poder.

E nem uma nem outra coisa é evidentemente a sua missão.

Esta situação não poderá manter-se já agora por muitos dias; alguma coisa surgirá que a todos nos confirme na opinião que se vem tornando no publico de que o medo que «guarda a vinha» da maioria é o mesmo que «guarda as uvas» da oposição. Se pode vir tudo a saber-se!

Quando a questão de moralidade de surgir clara, e atingindo figuras de todos os lados das camaras, não tenham então duvidas: os republicanos através de tudo e apesar de tudo faram não o jogo dum contra outro grupo, mas a defesa do paiz contra a monarquia.

Expulse-nos nesse momento — a sua missão parlamentar está cumprida.

Até lá, apesar das muitas lagrimas, pense embora o visitante incerto que

les portugais
sont toujours gais.

Depois nem tudo seriam alegrias. Nem todos teram vontade de rir.

Completar-se-á a cançoneta:

Vivent les portugais!

P. J.

Factos e Commentarios

Resposta

A' ultima hora, já quando o nosso jornal estava composto e a falta d'espaco, com o gesto imperioso de quem não admite replicas, nos impunha o silencio, recebemos nesta redacção um artigo do sr. J. Alpoim N. Manuel que os nossos leitores hoje terão occasião d'apreciar.

No proximo numero, porem, entramos na liga, para, com tão esforçado contendor quebrarmos algumas lanças. — *Sherlock Holmes, Carneiro Franco.*

Carta de conselho

Parece que o sr. dr. Marnoco aceitou a carta de conselho.

Não o felicitamos.

Decerto S. Ex.^a se orgulhará muito mais com o seu titulo de doutor que obteve pelo seu trabalho, e com a sua obra de presidente da camara, que ainda a atestam os seus merecimentos, do que com esta graça regia.

Por isso para nós continuará sempre a ser «o sr. doutor»...

Um bemaventurado

Ha no «Portugal» um senhor Ruy chronicista portuense que escreve coisas e dizes com uma limpeza e um desarranjo symptomatico de quem tem coisa na tola.

Senão repare-se:

... «A oratoria, esta coisa poderosa e dominadora que entra pelos olhos e pelos ouvidos, pelos olhos com os gestos, e pelos ouvidos com a voz...»

Pelos olhos com os gestos e pelos ouvidos com a voz?

Marrocos!

Colgaduras

Notámos que, apesar de a commissão dos festejos a Adelino Veiga ter pedido aos moradores das ruas onde passava o cortejo que ornamentassem as janelas com colgaduras, poucos o fizeram.

Achamos estranho o caso.

Sempre julgámos que um filho illustre da terra merecesse dos seus conterraneos pelo menos a mesma consideração que o senhor D. Manuel ou o senhor dos Passos.

Infelizmente estavamos enganados.

Registamos apenas o facto que, de resto, pouca importancia tem, pois não diminui a imponencia e o valor da manifestação.

Maluquinho.

E' um homem muito dado a devocões e a insomnias o tal sr. Ruy das chronicas para o Portugal.

Assim apesar de numa destas noites ter «cançado a imaginação á espera do Sonno» e de ter sofrido «o vento furioso que vinha insolentemente em repelões brutaes, de assalto á mão armada, bater de encontro aos vidros da janela do meu quarto» lá foi no dia seguinte papar a sua missinha e ouvir o competente sermão.

«Fundo o sermão, disse adeus a Nossa Senhora das Dóres e retirei-me mais instruido, mais edificado, melhor.»

O leitor quere-o assim ou com mais malho?

Defendendo-se

Do sr. Dr. Luiz de Sousa Napolis recebemos um folheto — carta ao reitor do lyceu central de Lisboa —, queixando-se de varias irregularidades praticadas pelo professor interino da lingua inglesa, da 3.^a classe, sr. Jorge da Rocha Peixoto, em prejuizo do alumno filho do queixoso, e em geral em prejuizo do ensino e da ordem.

E' um trabalho simples mas cuidadoso, cheio de afirmações graves e acusações violentas, devidamente fundamentadas.

Agradecemos o folheto, desejando justiça e a reparação que o caso requer.

Mas... a justiça já está mal vista entre nós. Passou de moda.

E quanto a irregularidades... lá como cá.

Na tuna

A tuna inaugurou ha dias o retrato do seu presidente honorario.

Dizem-nos que o retrato está muito parecido, representando S. Ex.^a a tocar pandeireira.

Achamos bem.

Boa ideia

Lembra a Palavra:

«Iniciemos nós, os católicos, a verdadeira luta pela prosperidade da nação a ver se a libertamos da crise geral que nos ameaça a todos.»

Quem é que está para ahí a dizer chiça? como diria o Sr. Silva Pinto,

Erratas

Decididamente as gralhas não nos largam a porta. O ultimo numero então foi uma desgraça. No artigo «Ensaios de Crítica» em vez de Lohengrin saiu Cohengrin e Soenguiu e não sabemos que mais.

Que o nosso estimável colaborador *Triplus* nos desculpe.

Ridendo

— Afinal o Papa não morreu. Os rapazes não apanharam aquelles feridos...

O Conde:

— Nem apanharão. Estas pessoas da Igreja morrem sempre em ferias. Já o proprio Christo morreu nas ferias da Paschoa...

CELEBRES... DE BORLA



Calcanhar d'Achilles

Vossencia, orador grandioso,
Parlamentar dos maiores,
Jurista sabio e famoso,
Foi cahir entre os doutores
Das leis no feudo manhosso.

E se na praça domina
O povo que o ouve attento,
Logo muda a boa sina
Se Vossencia num momento,
Enverga a negra batina.

E' igual aos mais como lente,
Feitas certas excepções,
P'ra não ser irreverente
Nem fazer contradições,
Que ha muitos que não são gente.

Dr. Loria

MIUDEZAS...

Meia noite! — a hora mysteriosa dos espetros, dos «sabáts» phantasticos nas encruzilhadas, das escaladas nocturnas aos balcões das Margaridas românticas!

Meia noite! — a hora em que o burguez ressona entre os lençóis e o vagabundo se escoa, como sombra fugitiva, nas viellas de prostituição e de crime.

... E era tambem á meia noite que o brutamontes do marido, que tinha continuados serões na repartição, saia de casa rogando pragas «á porca da vida», para só voltar ás 6 horas da manhã.

Que noite fria, gelada de dezembro, que era aquella! — E como o bom do Silverio, — arriado dentro do seu

«ulster», cosido com a parede, de gola levantada, furtando-se á luz dos lampões da rua que o vento fazia silvar e torcer-se — antegosava já o conforato da alcovinha discreta e tepida onde ella o esperava.

Que rica coisa é estar commoda-mente reclinado num leito óptimo, junto d'uma linda creatura que nos ama, e nada nos custa, ouvindo uivar, gemer lá fóra a invernaria brava e a chuva fustigando os vidros das janelas!...

Felizardo, o breçiríssimo Silverio! Um assobio em frente d'uma casa de boa apparença, uma luz que apparece a uma janela do primeiro andar, uma esuada que se sobe apressadamente, outra portinha que se abre e... — Vens gelado, filho... — O barbaças? — Vem ás sete...

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

E agora façamos o mesmo que se faz nos theatros — corramos uma nebulosa sobre a scena.

O poema dos ninhos confortaveis! ó delicia da vida e do amor! «Eterna sub sole» — é a traição das Evas e a figura triste dos maridos infelizes, segundo a historia imparcial refere d'esde Sansão a quem Dalila cortou a guedelha até ao «barbaças do nosso conto. E eterna tambem é a manha do Inimigo que se compras em fazer partidas aos mortaes!

— Duas horas e... subito batem à porta.

— Jesus! que é elle... Esconde-te!

Que balburdia! que incrivel confusão! A roupa atirada para debaixo dum sofá a «trouxe-mouxe» — e eis que o Silverio ensa, em fralda, para a cosinha, — escuta como uma caverna tenebrosa. Iacteando, encontra o poial do pote. Instinctivamente sobe lá para cima, e encolhido, a tiritar, alli fica sentindo o frio do barro molhado enregelar-lhe as carnes.

— Então não tiveste que fazer... — pergunta a pobresinha, ao barbaças tenebroso, tremelizante de susto.

— Não... O chefe mandou-nos sair... Estou gelado...

— Catapuz! um estrondo dos diabos lá dentro — o pote, o maldito pote que o Silverio desequilibrou e que vem a estilhaçar-se com um fragor de trovoadas no ladrilho!

— Que raio é aquillo! — grita o «barbaças», correndo precipitadamente, com uma vela na mão a inquirir do tremendo barulho, sem ouvir os gritos da mulher, debatendo-se n'uma crise hysterica.

E agora estão os snrs. a vér a scena! Um, em fralda, encharcado, morto de susto, parecendo querer meter-se pela parede dentro e o outro, de vela na mão, varado d'assombro, a boca escancarada de pavor e com a cara... — com a cara que qualquer de nós teria em caso identico.

Uma pausa e depois pergunta o barbaças, gago d'espanto:

— Que está o sr. a fazer ahí nessa figura?!

— E que... murmurou o Silverio — é que... estava aqui mais fresco!

«Rideau!»

D. Faas

MAIS UM

Segunda e terça lá temos mais um a defender theses para a entrada na confraria.

Este d'agora é uma ave exotica que dos palmares indianos veio parar a este jardim da Europa.

E que ave!

Fez escala por Africa onde tarimbou como advogado de provisão.

Tem a escola toda.

E' o tal que no dia 8 de abril de 1907, o dia em que abriram as aulas depois da publicação do venerando accordão dos não menos venerandos de canos, que expulsava da Universidade sete estudantes, chegou á porta ferrea trazendo debaixo da capa, escondida, a sua pasta de quintanista.

Estava combinada a greve, sem que elle protestasse, mas elle vinha de pasta, a vér em que paravam as modas.

A greve manteve-se e elle não teve a coragem de a furar naquelle momento, arrostando com a irritação da academia então cheia de brios... por causa dos feriados. Não que elle jogava pelo seguro!

Se ninguem entrasse elle ficava de fora como bom camarada; se a greve fosse furada sacava a pasta para fora e com a sua pose de rajah pataqueiro entrava para a aula.

Eis o cavalheiro que agora vae entrar na facultade, ser um dos seus ornamentos.

Pois que vā ocupar o seu lugar nos doutoraeas, mas que fique aqui archivada esta nota da sua biography.

Este caso da pasta, que é um dos mais nojentos da celebre questão academic, é o bastante para se avaliar o homem.

A Universidade julga o valor dos homens pela maior ou menor quantidade de coisas que elles possam dizer de cõr.

... é o aniquilamento do espírito critico da reflexão, da iniciativa, do raciocínio

... o resultado é a ignorância final... o processo é mnemônico.

Psychologia da Educação, — Gustave le Bon.

Meu caro

Como você me tem dito muitas vezes e eu abundantemente concordo, nós somos um povo a quem hoje, falta em absoluto, a originalidade. É' possivel que já tivessemos leito civilização por nossa conta, n'outros tempos. Hoje, meu caro fazemo-lá «por conta do lavrador» mas adulteramo-lá, misturamos-lhe agua, traduzimo-lá pessimamente, em calão. Nós não temos hoje, nada, genuinamente nosso, que possa ser considerado contemporaneo da actual civilização europeia. As poucas coisas nacionaes que existem, como as prossissões as pégas de toiros, os laus perennes, e a carta constitucional — são todas lamentavelmente atraçadas.

Tem não ha duvida, cunho proprio cunho portuguez, mas são coevas do snr. D. João V ou de qualquer outro cavalheiro por igual passado e distante do seculo.

Se em Portugal existe, em varias coisas, e varios homens, uma physionomia moderna, se você reparar bem, as coisas estão em travesti e os homens tem caraça.

Sob o disfarce dos factos, está toda a epocha do snr. D. Miguel e por baixo da mascara não custará a descobrir o «portuguezinho valente» faduncheiro e não te rales tendo a dynamisar-lhe o trabalho das circumvoluções cerebrais, a pesada e sombria herança histórica de tres seculos de marasmo á sombra da arvore brigantina e de oitenta e tres annos de «dança da Bica» constitucional.

Em resumo — a civilização contemporânea está-nos comprida nas mangas e faz-nos pregas nas costas como um casaco do snr. Alpoim no corpo do snr. Julio de Vilhena.

Tendo nós, no entanto que importar a pouca, a apparencia de civilização que possuimos é para a França, para a extraordinaria França tão imbecilmente escoucinhada hoje, na boca de todos os borbottas que entre nós, presumem de sabios — que nos voltamos, implorativamente.

De lá vêm-nos tudo: — a scienzia, a literatura, as opiniões e os artigos de modas. Justamente nos podíamos chamar — pobre raça mal educada e estragada que somos! — os macacos da França».

Os processos d'ensino, como o resto, desde a escola primaria, passando pelo lyceu, até ao ensino superior, da França vieram, porque lá os foram buscar os nossos habeis pedagogos. Dirá você que o celebre Jayme Moniz, o da reforma de instrucao secundaria, foi á Alemanha buscar o mostrengos. Não me parece. Eu desconfio muito que o homem saiba alle-mão — e, se alguma coisa sabe, á certa, que não traduz sem dicionario. Mas natural é, que nós, não podendo, por varias e longas razões facilmente comprehensíveis, crear-nos instrumentos proprios de alta cultura, como sejam as escolas d'ensino superior, ás grandes nações, affins da nossa pela raça, os vamos buscar. Outro tanto — e em parenthesis — me parece que não sucede com o ensino primario

cujas bases, nós não precisamos ir procurar lá fora tendo a obra definitiva, nacional e originalissima que é a «Cartilha Maternal de João de Deus» — que está em relaçao para com a escola primaria portugueza, na mesma situação de Pestalozzi e do Padre Girard para com a escola primaria da Suissa, a primeira nação do mundo sob o ponto de vista pedagogico.

Mas, voltando ao assumpto; natural é, repito que a nossa escola superior é ainda o nosso ensino lyceal, segiu o modelo estrangeiro. Principalmente a alta cultura não é, nem pode ser na esencia, particularista e restricta a nações. A verdade scientifica é a mesma em toda a parte — em França, na Alemanha e até aqui em Coimbra. Só os methodos d'ensino podem variar, — mas esse coiffiente de variação só é apreciavel de

povo para povo quando fundas divergenias ethnicas os separem. Tal o caso os latinos e dos anglosaxonicos — sobre cuja disparidade e profundas diferenças ha toda uma modernissima bibliographia, dia a dia, enriquecida por novas obras.

Ora, copiando nós do estrangeiro, tres casos, vê já V. que se podem dar: copiar exactamente, copiar melhor, ou copiar peior que o original. Nenhum destes tres casos — parece-lhe tolice? — se é comosco. E não se dá por esta simplicissima razão de nós copiarmos pessimamente! Dirá V. — é ainda copiar.

Pois sim! — Mas é copiar tão mal, tão mal, acrescentar por tal forma os defeitos já grandes d'origem, não lhe juntar as qualidades proprias nem as nossas e, antes, a dicionando-lhe, por cima, tudo que temos de mau — que, meu caro! a copia não é já um desenho mal calcado é uma caricatura detestavel, insuportavel e ridicula a mais não poder. V. conhece certamente o livro de Gustave le Bon, sobre a Psychologia da Educação. Pois, hoje de manhã, quando me lembrei de que tinha de lhe escrever esta carta eu lembrei-me igualmente d'esse livro que em tempos lera e não possuia aqui em Coimbra.

Fui pedi-lo á Biblioteca da Universidade, onde amabilissimamente m'ocerderam — para poder pôr ao serviço do que eu penso, a expressão lucida, synthetica e brillante do eminente pensador frances. Tudo quanto alli se diz, á cerca do ensino universitario em França é applicavel e, em doses maximas, á nossa Universidade. E agora lembre-se V. que os professores da Sorbonne e das outras Universidades francesas, estão para os nossos cathedraticos d'aqui — que S. Ex.** me perdoem que não vae n'isto intuito de os melindrar — na mesma relação...

Eu não concluo, porque não é preciso, não acha? Basta notar que esses homens são «os que fazem a Scienzia», as suas opiniões correm mundo, os seus livros são traduzidos em todas as linguas, atravessam todas as fronteiras, enchem as estantes dos nossos scientistas como manancial unico de toda a sua sabedoria! E' por intermedio das obras d'elles que nós estudamos tudo e é com os seus nomes, as suas opiniões e os seus pontos de vista que eu apinho quotididianamente em cima da cebola, com uma profusão d'estarrecer — jogados do alto das cathedras universitarias e caido automaticamente da boca, para o caso apenas phonographica, dos meus lentes. Eu não sei se, igualmente, as opiniões, os pontos de vista e os nomes de s. ex. as vão, por uma lei de compensações, para lá das fronteiras, ser arremessados, por igual, á cabeça d'outros desgraçados como eu...

E' possivel — e, nesse caso são os estudantes estrangeiros mais felizes do que eu, porque conhecem a opinião dos meus mestres que, de mim, systematicamente, a occultam por uma exagerada modestia ou o que será mais provavel, por não me acharem digno de a ouvir.

Ora e como esta vae longa e massada, eu deixo ficar para a seguinte, a aplicação das opiniões de Gustave le Bon á nossa Universidade e para amenisar, vou contar-lhe uma anecdota, absolutamente authentica, que V. talvez ache interessante.

Passou-se a scena no meu 2.º anno, na aula de Economia Politica-regida pelo snr. dr. Marnoço e Souza, por quem eu e todos os meus collegas temos uma justa consideração, pelas razões, que eu a seu tempo lhe direi:

Tratava-se d'uma Escola Economica — ó a tremenda e extensa lista d'escolas, cada escola, com dez autores, cada autor com dez livros, que ninguem leu! — Era a Escola Austríaca que V. não conhece naturalmente e com que eu, já agora lhe não farei travar conhecimento. Havia n'essa escola — e ainda deve haver se os não levou o diabo para não escreverem mais livros de que, os meus collegas que frequentarem a cadeira, terão que gramar as lombadas — dois figurões — que pelo nome não percam — chamados, respectivamente, Karl Menger e Böhm-Bawerk. Estava a dar lição um honesto rapaz, creio que da Beira, alumno obscuro, forte, entroncado, plethorico de sangue na face bochechuda e com mais x no fallar que o João Franco. Emissim — era o que, por cá se chama, «o vacão».

A certa altura ouço eu esta pergunta: — Ora diga-me o snr. quais são os principaes escriptores da Escola Austríaca?

— Karl Menger e (engulidela em seco, que o raio do nome é arrevezado!) e... Böhm-Bawerk.

— Diz muito bem... diz muito bem... ora diga-me... diga-me... qual d'estes dois escriptores prefere o senhor?

— Como?

— Qual d'elles prefere?

— Eu?!

Eu queria que você visse a cara do rapaz! Qual d'elles preferia! Por um momento pensei que elle ia dar um murro na mesa e perguntar a lente se aquilo era «chuchadeira!» O pobre parecia ter um marmello crú atravessado na guela!

Qual d'elles preferia! Elle que vinha da Beira, forte e rude, com os seus interesses literarios e scientificos, preenchidos, em absoluto, pelo «Seculo!»

Olhou para o mestre, olhou para o curso, olhou para si e... depois lá disse a medo:

— Böhm-Bawerk...

E logo o lente, sinceramente contrariado:

— Não senhor! não! O senhor não prefere Böhm-Bawerk, não pode preferir... O snr. prefere Karl Menger... Karl Menger é que é o genio d'essa escola...

— Xim xenhor...

Se os nomes estão trocados e V. sabe, na verdade, qual é o genio da escola austriaca, pede-lhe que lhe desculpe o lapso o todo seu:

Todo seu

Ramada Curto

Um dissidente na REVOLTA

Do sr. José d'Alpoim Napolis Manuel, sobrinho do conselheiro Alpoim, chefe da dissidencia progressista, recebemos o seguinte artigo, em resposta a dois artigos insertos no ultimo numero da *Revolta*, assinados respectivamente pelos srs Carneiro Franco e Sherlock-Holmes

Porque o aspecto d'uma sincera convicção politica, e duma não menos respeitável dedicação de familia, nos é sobremeneira agradavel, inserimos este artigo.

Os senhores Carneiro Franco e Sherlock-Holmes (?) teem o direito de fazer o que entenderem, travando ou não polemica com o sr. Alpoim.

A nós, por um dever de lealdade para com adversarios, competia-nos abrir a liça.

R. C.

DOIS ARTIGOS

O BLOCO por Carneiro Franco e a CARTEIRA DUM REBELDE pelo pseudonimo Sherlock-Holmes

O Bloco se intitulava um artigo apreciado ha pouco na *Revolta*.

Assigna-o o sr. Carneiro Franco que volteja desconhecido na orbita do sr. S. H., e que, agora pretende, sem o talento do seu astro, analysar o accordo parlamentar entre o sr. Alpoim e os partidários do sr. Vilhena.

Os dissidentes não se ligaram com o partido regenerador; os dissidentes ligaram-se com os partidários do sr. Vilhena e ninguém pode negar que depois da reunião da Ega, não contenha este partido na sua bandeira principios que sempre os republicanos se orgulharam de ter na sua!

O partido regenerador, aquelle que os srs., os republicanos, fustigam, esse acolheu-se á sombra do transfuga Campos Henrques que não tem a honra lhe a scisão um principio como aquelle que honrou a scisão do sr. Alpoim, nem um programma como aquelle que agora o sr. Vilhena formulou. Tornada possivel uma aproximação pela declaraçao do sr. Vilhena na reunião da Ega, não se pode ver nella uma renegação do passado pois entre dois partidos que nos seus programas tem principios que se tocam concebe-se um accordo, ou para a applicação desses principios, ou para a sua defesa. Vê na politica actual do sr. Alpoim uma renegação dos principios que durante tres longos annos de luta, ardenteamente proclamou e um motivo

para fazer um paralelo entre este e o sr. João Franco, é não conhecer a vida politica destes dois homens sr. S. H.!

Nas duas vezes que ocupou os conselhos da coroa nunca o sr. Alpoim apresentou uma medida menos liberal, nem defendeu um principio reacionario por leve que elle fosse.

Rasgada uma vez com brilho imenso a sua pasta de ministro para não colocar o seu nome por baixo do nefasto contracto, o sr. Alpoim viu-se, no tremendo duello que provára com os seus escrúpulos de ardente patriota, absolutamente só, não tendo ao principio a causa que advogava mais do que o appoio hesitante dos proprios republicanos.

Derrubado o sr. José Luciano pelo accordo da opiniao publica, consequencia da mais honrosa scisão na historia dos modernos partidos portugueses, caminhou sempre o sr. Alpoim e os seus partidários, que ao sr. S. H. pouca consideração, como diz merecem, no trilho que uma intelligencia lucida servida por coração amantissimo da patria lhe indicava, trilho esse que era o da liberdade e da altivez patriota.

Caiu o sr. Hintze Ribeiro e subiu o sr. João Franco, caiu este e subiu o sr. Amaral e o sr. Alpoim a defender sempre com o mesmo vigor e a mesma paixão a liberdade, não se podendo querer os seus unicos aliados possíveis de então do menor acto de fraqueza ou de desanimo.

E' possivel ver, depois do que expuz, no sr. Alpoim uma encarnação do sr. João Franco?

Como ministro o sr. João Franco fez a lei de 96 e como presidente de conselho renegou a liberdade que prometera. De conferencia, em conferencia, sempre apregoando a liberdade, o sr. João Franco passou a mandar acutilar o povo.

A liberdade prometida synthetisou-se na lei de impresa. A administração económica reuniu-se no decreto dos adiantamentos.

A REVOLTA

A sessão... só para homens, era no fim das outras, ás dez horas da noite, e logo por entrada e experiência, prometia ter uma encheite.

Os leitores estão adivinhando já o interesse que ella devia despertar. O nosso meio címbrio constituído em enormíssima parte pela academia, rapaziada nova, longe das famílias, muito à vontade, e sempre apreciadora d'um esandaloso, prestava-se bellamente a essa sessão... só para homens.

Ha tempos, tinhamos dado a capital notícia de que, n'uma das suas igrejas melhor concorridas, um celebre orador sagrado faria uma série de tres sermões, de noite, e também... só para homens.

O caso era curioso. N'uma igreja, sermões só para homens... Que misterio!

Mas, era verdade, e lá estivemos, gostámos e não extranhamos. Demais, qualquer sem distinção de sexo, devidamente bem orientado, e melhor fundamentado, poderia ter assistido aos tres sermões. Lá vimos a Virgem que a todos assistiu, e... não côrrou.

Mas, em Coimbra, n'um animatographo, uma sessão á socapa,... só para homens, não restava a menor dúvida, era fatalmente escandalosa. O programma entre outros numeros trazia até alguns com frades e freiras á volta; positivamente e sem hesitação, d'esta vez a Virgem se assistisse... talvez côrassse, devia côrass. Não assistiu.

Não podemos no entanto ir ocupar a nossa cadeirinha. Tinhamos os pés mandado para aquí para estudar, e religiosamente, ao toque da sineta, forçávamos a porta da caza e abancavamos á meza, de sebenta em punho. Depois eram dez horas e lembráramos a oitava da *aza* esquerda. Ficámos com pena. Valeram-nos porém quatro páginas que já estavam digeridas, e a esperança, que os cabulas dizem ingenuas, de um valor o mais ao fim do anno.

Em todo o caso tivemos occasião de matutar no *pratinho*. Demais na noite anterior tinhamos topado palmeirando a mèdo varias travessas e becos da Alta, tres raparigas, descalças, talvez entre doze a desseis annos, cobertas de trapos apodrecidos, tirando com frio, de carnes magras e olhar doentio, seguindo este e aquele estudante, n'uma aancia desesperada de, á porfia, ganharem uns patacos ao dobrar da esquina, no recanto escuro, em plena rua ou n'um quarto, sem a mais elementar decencia, alugando o corpo e a honra, n'um costume já facil e antigo... e os patacos corriam realmente e muitos das mãos da Academia...

O espírito começou então a revoltar-se-nos.

Lembrou-nos ao mesmo tempo o tal padre dos tres sermões, e, a *historia* já não nos agrada. Chegámos antes a ter pena da Academia.

Realmente era de mais... e a auctoridade, as auctoridades... Que desafôro!

Prometemos fazer barulho com o caso, appellámos para o Espírito Santo, e descançámos emfin. A *aza* contaria.

A noite passou, e já estávamos outra vez com a *aza* ao lado.

— Então? Que me diz você? Conta lá isso.

— Ora homem! Isto é gente do diabo. Já estava de papinho feito e afinal, tudo escangalhado. A brincadeira foi descoberta a tempo e tudo prohibido. Batatas!

— Hein?

— Mas deixe você isso. Então lá temos uns feriaditos?

Positivamente, pensámos, a *aza* andava a caçar comoscos. Achava-nos com cara de engulir umas galgas... alem a sessão, que afinal falhou, aqui uns feriaditos de chofre...

— Morreu o papa.

— O papa? Essa agora!

— Ou morreu ou está quasi morto.

E' que lhe digo.

E a *aza* esfregava as mãos de contente, inquietava-se no banco, fantasiava a doença, mostrava-nos um jornal com a noticia referente ao caso, assegurava nos umas ferias grandes, quinze dias ao menos, palavrão endiabradamente, sem algum sentimento piedoso e pungido, antes trocando do pobre papa.

Sorriram-nos os feriaditos, verdade seja, e o jornal referia... Podia ser.

O papa, era certo, não podia viver sempre; já o meu vizinho antigo cantava que « o papa, a morte o rápa, não se escapa, também morre como a gente ».

Coitado, que a terra lhe fosse leve!

Aula acabada, duas voltas dadas, e a *aza* chega a nós de novo, agora muito desalentada.

— Logo vi. Ora bolas. E' falso,

está outra vez vivo, e, peor do que isso, parece que já não morre.

Foi lhe a terra leve de mais, pensámos nós.

A *aza* ia-se-nos tornando antipathica.

Em summa o tempo, passou e confirmou-se na verdade a falsidade do boato. Um desastre, diria a *aza*! Tinha-nos enganado mais uma vez.

Não sabemos como a antipathia aumentou. Chegámos até a não querer olhar para a esquerda. Emburrámos!

Voltámos ao nosso estudo paciente, o espírito sozinho e prometemos não ouvir mais.

Passa um dia e eis-nos de novo sentados, liçãos bem estudada, um tanto difícil, mas bem segura e decorada. Não olhámos nem cumprimentámos a *aza*.

Notámos em todo o caso certa extranheza e impaciencia. Parecia que queria começar novamente, dizer qualquer cousa.

Não se conteve e estoirou — centâo lá se foi Lourenço Marques, lá venderam Lourenço Marques.

E cortámos definitivamente as relações.

frequentemente do resultado da experiência do passado, quando os meios d'observação tão deficientes eram que causa alguma se observava que della não ficasse uma idéa erronea ou muito incompleta.

Por isso elles na sua philosophia comegam sempre agitando bem, para as resuscitar, idéas atavicas, dando vida e fortalecendo todos os preconceitos que da incipiente Humanidade nos vieram por hereditariade ou por tradição.

Todo o seu criterio consiste na razão, dizem elles.

Todavia não se julgue que elles, que tanto se arrogam servirem-se exclusivamente da razão, a considerem tal qual ella de facto é; de forma alguma. Para elles a razão é um ser metaphisico, é uma facultade da alma que por sua vez é uma força extrinha ao individuo e só actuando n'elle por um modo transitório, informando-o e defendendo-o toda dia.

Assim elles consideram certos conceitos racionaes como tendo sido inculcados ou insulfados á razão por um agente metaphisico — por Deus!

Fingem assim não compreender que o individuo, seja elle de que especie for, em qualquer momento, é uma resultante de todas as condições que circundaram toda a sua linhagem e a esse proprio individuo até ao momento considerado; e que, desse modo, aquillo que chamamos a sua alma nada mais é do que a synthese de todas essas influencias anteriores e proprias.

Do mesmo modo lançam ás feras a scencia moderna quando esta lhes definem a razão como una synthese que o individuo atraves da serie dos antepassados até ao momento considerado veio fazendo das conclusões da sua experienca.

Os decantados principios immediatos da razão em nada são diferentes das de mais conclusões racionaes do que pele antiguidade e maior oportunidade a exercicio. Se a Humanidade ainda vive tempo suficiente, tempo virá que certos conceitos que hoje ainda carecem de demonstração venham a tornar-se tão evidentes como o principio de identidade, o de contradicção ou qualquer outro simeilhante.

E' a educação que vai gravando em a nossa natureza essas conclusões da experienca, carecendo, ao principio, de serem meditadas e acabando por se tornarem inconscientes. Chegados a estes momento revestem evidencia. Depois de saber, por exemplo, andar de bicicleta, parece-nos impossível que haja alguém que não saiba capaz de se equilibrar como nós. Sucedé mesmo que uma vez feita a aprendizagem e apoiada bastante tempo de exercicio, nos encontramos incapazes de cair ainda que o queiram, a ponto de algumas vezes um homem nesse estado correndo para um precipicio donde se poderia livrar deixando-se cair, o não faz pela simples razão que não sabe. E' que aquelle equilibrio tornou-se irrefletido, inconsciente, encarnou na harmonia de todo o seu ser: a sua educação está feita naquela desporto.

A nossa razão é imprescindivel, mas depois de aferida pelos resultados da experienca actual, porque ella synthetiza resultados da experienca ancestral em que os meios de observação eram impecabilmente e insuficientissimos.

Lucifer

Agencia Commercial

O Sr. João Villaça da Silva, antigo empregado da casa Alípio Augusto dos Santos acaba de estabelecer em sociedade com o Sr. Fausto da Paula e Silva uma agencia commercial de comissões, e consignações, com sede provisória na rua dos Coutinhos — 11 a 13.

Esta agencia encarrega-se de todos os serviços commerciaes tais como: escripturação por todos os sistemas, concordatas, compras, vendas etc.: trata também de arrendamentos, plantas e orçamentos para edificações, esperando inaugurar em breve aulas de escripturação e contabilidade para empregados do commercio.

O carácter e reputação dos proprietários são garantia segura do escrupulo e seriedade com que todos os negócios serão tratados.

A nova agencia deseja muitas prosperidades.

Paris em Coimbra

Aos nossos leitores recommendamos a leitura do annuncio, que inserimos na secção respectiva referente a esta importante casa. Confirmando os créditos de que vem gozando, o seu proprietário e nosso amigo J. M. de Vasconcellos contractou habeis contramestres para todo o gênero d'obras tanto de cavalheiro como de senhora.

Adelino Velga

Realisou-se no domingo passado a homenagem a Adelino Velga, a que no ultimo numero nos referimos.

Já os jornais deram notícia circunstanciada do que foi a festa e por isso não o faremos nós.

Diremos apenas que os festejos foram cheios de entusiasmo. Tanto no cortejo cívico que foi imponente, como na sessão solene que foi concorridissima, falando varios operários e outros oradores, se viu bem como era sentida e sincera a homenagem.

Na antiga rua das Solas foram desceradas pelo sr. dr. Marnoco e Sousa as lapides com o nome de Adelino Velga.

Nessa occasião o ilustre presidente da camara proferiu um brilhante discurso em que mais uma vez mostrou as suas idéias rasgadamente liberaes.

Foi uma consagração digna do grande vulto a quem era feita e digna do operariado de Coimbra que a promoveu.

Sinceramente felicitamos todos os que contribuiram para esta festa cívica e em especial a comissão organizadora pelo bom resultado dos seus esforços. E a nós proprios nos felicitamos porque nós é sempre grato ver que os nosos concidadãos pagam uma divida de justiça e de gratidão á memoria d'aqueles que, como Adelino Velga, empregaram toda a sua vida, toda a sua actividade, combatendo pela emancipação das classes oprimidas.

Mercem por isso toda a nossa gratidão que é um dever.

E o operariado de Coimbra cumpriu esse dever.

O Brazil moderno

VIII

Olavo Bilac

(DA ACADEMIA BRAZILEIRA)
Quasi no fim do curso, abandonou ha annos a scienza medica dedicando-se, devotadamente á cultura da poesia, cujos primeiros ensaios já deixavam anteviser o grande e genial artista. Bem conhecido é já o nome de Olavo Bilac, (o poeta das Estrelas), e por consequencia esculpido todo o nosso esforço em salientarmos todo o seu valor, que por si só se impõe.

Poeta de raça, incontestavelmente o mais lídimo poeta da America Latina, os seus primorosos versos reflectem vivamente o esplendor do seu talento, a grandesa da sua alma, as scintilações do seu espirito e a sensibilidade do seu coração, d'esse coração onde se aninharam delicadissimos sentimentos, e onde se albergam nobilissimas qualidades.

A sua vasta producção litteraria quer compilada em livros, quer esparsa em diversos periodicos, as funcções honrosas que tem desempenhado no seu paiz, e o modo por que tem, como litterato, representado no estrangeiro, são preciosos titulos que, de sobrejo, o recomendam á merecida admiração, que lhe tributada, e justificam o subido apreço em que é tido, por toda a parte.

Lisboa, que já teve a lealdade de, ha tempos, o acolher em seu seio, recorda ainda com saudade esses ligeiros dias que o poeta ali passou e tem ainda bem gravada a carinhosa impressão da sua palavrão fluente, suggestivo, vi-rando todas as notas da arte e deferindo todos os accordes do Bello. Noticias mais ou menos fidedignas, dizem-nos que Olavo Bilac, de regresso de Paris, e acompanhado do illustre Baptista Coelho (João Phoca) que, ha pouco, esteve entre nós, deve aqui chegar ainda esta semana, onde, após ligeira demora, segue destino de Lisboa.

Se assim for, Coimbra, que a despeito de tudo, gosa ainda no Brazil gloriosas tradições, tem o dever de, ao menos por um momento, sahir da apatia em que se encontra, recebendo condignamente tão illustre visitante que, no seu paiz, já não perde o ensejo de, publicamente enaltecer e salientar os brios e glórias de Portugal, de cujo tacto tantas vezes fômos testemunha.

Por mais simples e modesta que seja essa manifestação, logo que seja profunda mente sincera, significará um movimento de gratidão que lhe é devida e uma homenagem que incumbe prestar-lhe qualquer povo que se diga culto.

Sobra-nos a vontade mas falta-nos hoje o espaço e o tempo, para dizermos mais alguma cousa sobre esse vulto que sobremaneira honra a litteratura brasileira, glorificando assim também as lettras portuguezas.

Resta-nos porém a certeza de que, a propósito d'esta individualidade, bastaria apenas citar o nome, de tal modo é reconhecer unanimemente o seu alto me-

rito, sendo pois até redundancia encarecer-lo.

Que seja pois verdadeira a noticia da sua proxima chegada a esta cidade, é o que sinceramente desejamos, afim de, embora por pouco tempo, gozarmos o prazer do convívio de tão illustre e notável homem de letras.

A. S.

A CRISE DO DOURO

CARTA ABERTA

Às senhoras portuguezas

III. mas Ex. mas Senhoras

A V. Ex. se dirige no cumprimento d'um dever d'humanidade, um grupo de mulheres irasmontanas, condoidas da situação afflictiva do operariado agrícola da sua região a que tudo falta — o trabalho, o pão, o aguado e até a esperança d'um dia melhor.

E como se forá pequena desgraça a angustiosa tristeza n'este quadro, que põe medo e sofrimento ao coração mais preparado para as lutas da vida e para a escuridão tenebrosa das misérias sociaes, ten os entre nós, n'uma freguesia visinha — Sediollos — 98 creanças a quem falta, em consequencia d'uma epidemia de tipo, o braço que lhes ganhava o pão de cada dia, muitas d'ellas sem ninguém, n'uma orphandade horrrosa que não tem comparação com nenhuma das desventuras humanas, miséria unica que não pode exprimir-se por nenhuma im-

agem.

Ser orphão! Não ter o carinho d'uma mãe, não ter am afago, quem lhe ensine a primeira oração, quem lhe ampare os primeiros passos, só, sempre só, caminhar sempre no escuro, sem a luz d'uma caricia, sem o calor d'um peito amigo, arremessado ao vacuo, na eterna noite da sua desventura, ser orphão é ser medianos que o pô dos caminhos e que as origens das terras incutas!

E' preciso que a caridade, senhoras, ponha no caminho d'estes desventurados um oasis que lhes minora as agruras do deserto a que o acaso da sorte os condenou: é preciso que o coração de nós todas as portuguezas faça das suas milhazas um pão para estes pequenos seres sem pai e sem protecção e que um pouco da nossa bondade lhes sirva de sol e lhes lembre a mãe que perderam.

A vos nos dirigimos, senhoras, certas de que nos ouvirá o vosso coração para que appelamos.

Pouco nos basta, o mais pequeno obulho nos contenta, ficando certas de que virão cooperar comosco todas as senhoras a quem por esta forma nos dirigimos.

E bastaria que cada senhora que nos leste desse um testão para obra tão meritória, para estar assegurado o futuro d'estes desgraçados cuja sorte interessa a nós todas.

Seria como que um ninho de caridade construído pelos sentimentos piedosos das mulhers portuguezas.

Allai-vos, pois comosco e fazei comosco a protecção d'estes orphãoisimos — a obra bendita da nossa ternura, da nossa caridade e do nosso dever.

Com a mais subida consideração de V. Ex. Cr. mt. alt. e ven.

Regoa, 7 de Março de 1909

PARIS EM COIMBRA

High-life tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietário fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em depósito, só vendo se acredita.

Esta casa é a única que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu comércio.

Cachorros da Serra da Estrela

LEGITIMOS

A venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BRGE S — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente, montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fruta de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os géneros, especializando os de jolhado.

Galantines diversas Tete d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saneisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margarida.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinícola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontello e dos produtos da Fábrica de Bichas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

É o remédio mais eficaz para a expulsão de lombrigas, tanto em criança, como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remédio e centenas as crianças salvas com ele.

O **Vermifugo Faria**, é

diferente dos que existem do mesmo género e duma eficácia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode afirmar que os não tem.

O **Vermifugo Faria** limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quais forem, destroem as fermentações putridas e anormais, cura as infecções intestinais e as dysenterias infecções, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O **Vermifugo Faria** não tem depósito no fundo do frasquinho e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasquinho em água quente. Preço do frasquinho em todo o reino, incluindo o selo, 250 réis. 12 fiasquinhas, incluindo o selo, 2\$280 réis.

Depósitos: PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.º, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.º, Rua Ferreira Borges.



O mais eficaz até hoje conhecido.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto à Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido prego, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CREER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a .	65
Ditas feijadas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, cós lisos, muito largas, metro	120
Córtex de vestido com 7 metros, de pura lã e lã	120
e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Pinhas para homem, a .	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	200
Meias para crença, desde	51
Ferrros a vapor, para engomar, a .	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a .	50
Chitas, grande novidade	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a .	80
Chales grandes, que eram de 1\$200, a .	70
Armures d'algodão, que eram de 200, a .	500
Chales grandes, seu valor 2.500, a .	100
Cobertores grandes, em flanelas, muito finos, seu	1\$200
valor 1\$000 réis, a .	550

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, gênero tailleur

Artigos de faneiro, retrozeiro, estofado, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Briades!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo-brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35-39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarregam-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os géneros

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelo

laria estrangeira, e garante ao fregues

calçado do seu fabrico, especializando o

de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir,

explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

CLINICA CIRURGICA

• Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher & &

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 251

Herculano de Garvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã

as 4 da tarde

Doenças da boca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras,

camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-

sóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEADAS

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedais de luxo.

Sortido completo em pomadas de cós e

cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualida-

des.

Todas as fazendas são recebidas dire-

ctamente das principais fábricas na-

cionais e estrangeiras.

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico



Director e proprietario

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Oficinas de composição e impressão

Largo da feira, 29, a 37.

N.º 16

COIMBRA — Quarta feira, 17 de Março de 1909

ANNO 1.º

Espregueira

Não é já um nome — é um símbolo. Ha homens, em certos períodos da História, que são síntese. Espregueira é a síntese do régimen. Melhor do que ninguém representa hoje em Portugal, a monarquia, os seus processos, a sua crápula, a sua impenitência. Ha nomes que evocam um mundo de factos — e o nome d'este homem é um d'esses nomes privilegiados. Falla-se n'ele e recorda-se a «porcaria dos sobrescriptos» toda essa inqualificável montureira que se revolveu diante do paiz aberto, a quando da questão dos tabacos! Cítalo é chamar á tela da discussão a estranha e inédita infamia dos adiantamentos. Tem-lhe chamado tudo, tem-lhe dito tudo. As oposições gritam-lhe: o sr. roubou! — e elle ri-se! A imprensa acusa-o; o sr. fez trapaga! — e elle, encolhe os hombros, pisca o olho fruscalho e ri-se! No parlamento, na imprensa, por toda a parte onde se falla, onde se discute, sobre a sua personalidade recaem as suspeções mais infamantes, os epithets mais ultrajosos, as acusações mais tremendas! Pittorescamente, a forma das agressões varia. O insulto simples não deu resultado? Tenta-se, portanto, o insulto requintado, trabalhado cuidadosamente, como uma filigrana dourada. Chamam-lhe por todas as formas, «ladrão» — mas faz-se esforço para lh' o chamar e, elle, de cada vez que lh' o chamam novamente, repara apenas entristecido, que já não ha originalidade possível! No dia em que possem em música a palavra «gatuno» e lhe cantassem, com tal letra, um coral em sua honra, esfregava as mãos satisfeita, e ia cumprimentar, sorrindo, o compositor. D'uma vez disseram-lhe que o seu logar não era nas cadeiras de ministro, mas na Penitenciaria. Foi dos dias mais felizes da sua vida: jantou melhor! Deseja a Imortalidade, a consagração dos vindouros. Falla para a História, como elle próprio declara, — corajosamente! Não diz para que História falla, por modestia, mas toda a gente lhe vê logo a aspiração e o desejo.

Nós, não lhe dizemos qual seja, — porque lhe não queremos ser agradáveis. O chefe confia n'elle, esconde-se por traz da sua couraça impenetrável de indiferença. O anno passado houve uma história d'uma carta do chefe — um assalto ao tesouro público, ordenado, como a coisa mais natural d'este mundo, n'um simples bilhete, não sabemos se a lápis. Criaturas pessimistas e azedas chamaram a isto um roubo, uma pouca vergonha inqualificável e preparavam-se para cair a fundo sobre o seu principal auctor. Mas o auctor não apareceu, porque conhecia Espregueira e contava, com elle, em absoluto. Chamou-o e encarregou-o de ir á Câmara, receber, por elle, o chuveiro dos insultos.

Espregueira, aceitou, jubiloso! — Mas olha que te vão insultar... ponderou-lhe o chefe.

— Que tem isso? — tornou elle, sorridente.

— Ficas a descoberto, sózinho...

Dizem-te as últimas...

— Não faz diferença...

— Não podes defender-te.

— I so sei eu...

— E talvez te batam...

— Melhor!... — e sorria.

E por um pouco não lhe bateu o que, naturalmente, o contraria por elle já contar com isso!

E' unico!

A monarquia tem tido grandes vultos no gênero, — mas tão completo, nenhum. E', desconfiamos nós, um discípulo do barão de Sade — que só atingia o maximo do prazer sensorial, vendo cair cabeças ensanguentadas no cadasalto da Revolução francesa ou quando calcado aos pés e azorragado pelas temíveis megeras, que faziam meia, á porta da grande Convenção.

Gostava de ver sofrer e de sofrer — este aristocrata curioso. Gostava com a dôr alheia e com a própria.

Espregueira, é o mesmo.

Tem cavado a ruina financeira da Patria — para se comprovar com a sua tortura. Agora mesmo acaba elle de lhe dar nova facada — arrancando mais uma vez, um punhado de doiro, á sua miseria e á sua fome, para o dar de mão beijada, a financeiros.

E escolheu a occasião mais azada para a satisfação da sua degenerescencia de sádico. A dois dias da abertura do parlamento elle sabia o que, certo, lhe ia acontecer.

Pois não hesitou! Sabendo que ia ser julgado por juizes que não podia pensar em corromper, elle praticou o acto incriminado, propulsivamente, antegosando o azorague!...

Extrana criatura!

Se um dia o paiz inteiro, a elle, como a outros pediu contas, Espregueira, estará sereno no pretorio, á espera da sentença... E se ella fôr para que o fuzilem, como é de esperar, Espregueira sorriá, pedirá encarecidamente que o garrotém — para que a sensação e o prazer, sejam mais demorados.

E como a doentes é justo que se façam as vontades, o tribunal deve deferir-lhe o requerimento...

Factos e Commentarios

Nos srs. dos Correios:

— Estas coisas portuguesas! As reclamações chevem na nossa Redacção. Ha assignantes que recebem o nosso jornal alternadamente, ao capricho dos sr. distribuidores dos correios. Outros ha que nunca os recebem e ainda outros que os recebem juntos, aos dois e aos tres!

O serviço de cobranças então é phantastico! Serão por acaso os distribuidores e os empregados dos correios todos *thalassas* que façam isto por odio ao periódico? Estamos inclinados a acreditar-o.

Vamos a ver se feito este aviso, as coisas melhoram um pouco...

Mais infantes

Ao que parece, D. Miguel renunciou ao trono português e, revogada a lei que o exolou do paiz e á famili, virá viver para Portugal com os seus 8 filhos — todos Braganças e todos infantes!

O guarda:

Florilegio

Como é que retribuirei
ao meu senhor
meu Amo e Rei
o perdão dos meus peccados
e inefáveis benefícios
do seu Amor?

Padre Silva Gonçalves.

O sr. o que precisa, Padre, é dum aman.

Peccados... perdão... inefáveis benefícios... Amor...
Mas que diabo terá o homensinho feito ao pequeno?

Grammatica real

Palavras do sr. D. Manuel:
«E se ha sentimento que mais se consubstancia com o da nação, a cujos destinos me sinto verdadeiramente feliz de presidir...»

Ora se S. M. se sente feliz de presidir aos destinos da nação, porque não começa por falar correctamente a língua nacional?

Anthropophago

R. M. diz na *Palavra* que chegou a Bruxelas com um appetite de anthropophago.

Parece-nos que errou o itinerario.
Com tal appetite devia antes ir para Nápoles, faltar-se de macarroni.

Um poeta

Padre Silva Gonçalves bota poesia na *Palavra*.

Aqui damos um bocadinho aos nossos leitores:

«Fazendo escravo
do nosso amor
ao odio mais fundo e bravo.
Nosso Senhor
livrará-nos de inimigos,
de ingratidões:
— Os mais ferinos leões
veem a ser nossos amigos...»

E Nossa Senhor não livrará nos d'estes poetas?

Plada forte

O *Correio da Noite*, em polémica amigavel com o *Ilustrado*, diz que o genio se anichou todo na redacção do orgão franquista.

Esta do genio deve ser com o Ambrosio.

E' boa, mas forte de mais.

Deixem lá em paz o pobre diabo...

MIUDEZAS...

Era um rapaz muito talentoso e de muito bom coração — dizia-se.

Fez o seu curso de Direito com muito brilho e os senhores professores, olhando-o através da luneta que «as cunhas» lhes colocaram deante dos olhos, acharam logo que sim, que o rapazinho poderia entrar para a «companhia».

— Muito talentoso, muito! — afirmavam todos.

E os actos do afamado academico foram sempre coroados de elevadas classificações como era da mais elematar justiça. Era necessário recompensar o trabalho e render as homenagens devidas ás fulgorantes irradiações daquele cérebro poderoso, daquella iluminada cabeça.

Acabado o curso, o triunfante bacharel começou a trabalhar — não era necessário muito. O seu talento

na ENCRUZICHADE



tornava-lhe facetas e evidentes todas as coisas — para subir os ultimos degraus que o separavam ainda da catedra — o que é o mesmo que dizer do Olympo da scuencia onde o esperavam aquelles que tinham sido seus mestres e passaram a colegas, a simples colegas seus.

Não julguem que o talento do bachelar seja uma «blague».

Não! O amor de pae é que o cejava naquelle momento e o fazia descobrir aquela aterradora intelligencia no pobre monosinho de tres dias que berrava desalmadamente.

A catedra! A cathedral!

Triplus.

A tesoura

Do *Notícias de Lisboa*:

O sr. ministro da Fazenda que falou com a maior energia explicando clara, cabal e categoricamente o assunto, foi novamente apoiado por toda a maioria, produzindo as suas palavras, sem sombra de habilidade, mas simples e claras como a verdade, a melhor impressão.

Estamos a ver.
A singeleza, a simplicidade, a verdade do sr. Espregueira!

Mas que descaramento!

Da *Palavra*:

O sr. Vilhena, se ficasse na Universidade, seria indiscutivelmente o nosso primeiro professor.

Discordamos. Não contestamos o talento do sr. Vilhena, mas acima de todos o Mestre!

Do *Correio da Noite*:

No entanto e, apesar disso, na vasta sala do 1.º andar da Liga, no largo do Quintella, tem-se reunido nestas duas primeiras reuniões uma multidão compacta e entusiástica, escu-

A REVOLTA

tando a palavra dos oradores com uma crescente e comunicativa agitação.

Animação crescente devia ter sido com o discurso do sr. Gallis...

Do Portugal:

Vae fazer-se uma peregrinação a Roma. Alaudimol-a. Teem-se feito outras já. Lourdes também ha recebido o concurso dos católicos portugueses.

Pois bem. Empreenda-se igualmente a visita ao Santo Sepulcro.

Poi emprehendam, emprehendam.

Mas cautela com as relíquias, srs. portugueses!

Não lhes aconteça como ao Rapaz...

Lavra o incendio

Decididamente isto já não pára.

Não é apenas a população dos grandes centros que é abalada e torturada por este mal-estar que em tudo se denuncia e a todos sobressalta.

Vai mais fundo: já as últimas camadas, a pobre multidão campeza começa a revolucionar-se.

Para nós, é verdade, isto tem um aspecto intelectual e mais de princípios. É uma situação d'espírito, toda raciocinada e deduzida.

Para aquelles a questão é de facto, o argumento não se faz no cérebro — é elaborado no estomago.

Se alguma vez passasse pelo nosso espírito a dúvida sobre a necessidade de sermos sempre revolucionários por princípio, podia ela em qualquer momento fazer-nos vacilar, suspeitar da verdade das teorias que professamos, mas não conseguia deter-nos na situação actual e perante os factos presentes.

E que estes sáms tam prementes e decisivos que já nos não deixam livre o pensamento.

Esmagam-nos com a realidade. Sam uma tese que não comporta discussão.

Quando nós, os que não comemos e nem queremos comer á custa de qualquer forma de governo, sentímos e dizemos que não era possível sustentar este debache por mais tempo, os amigos do regime sorriam, uns com convicção, outros amalandradamente, como a querer significar-nos que éramos maus profetas e tudo isto ia ném mar de rasa... Mudam porém os tempos.

O sr. Teixeira de Sousa, conspicio protetor da região mais devastada hoje pela fome, não é decerto suspeito á monarquia; pois foi o sr. conselheiro, ameaçando retirar a sua proteção ao Douro, quando se deu o primeiro incendio, o de Alijó, quem com esse simples facto veio fazer a confissão de que efetivamente as coisas p'ra lá do Marão eram de grande e indiscutível gravidade.

Não é de crér que s. ex.^o fosse arriscar numa cartada o respeito que julga merecido pelas suas qualidades, se o momento não fosse dos taes que não admitem hesitações.

Valpaços foi talvez uma resposta. Os acontecimentos de Murça sam quasi uma ameaça.

Hoje que o grande influente regedor se sente ba'ido e desprezado por esse bom povo que o ajudou a subir poder ter já outra opinião. Mas os factos é que começam a não deixar duvidas possíveis nos espíritos dos mais otimistas. Aquilo que no Douro se está a passar é mais alguma coisa do que poderíamos supor vir a dar-se.

E a Revolução da fome, a unica que o lucido espírito d'Anthero antevia «como capaz de mudar a face das coisas neste desgraçado paiz».

Já não ha quem a detenha.

O povo emancipou-se dos influentes locaes, d'aqueles celebres *ajambarcadores* que realizaram fortunas, deprecando os vinhos para os vender depois por altos e fantaticos preços.

O sr. conselheiro deve entender-nos...

Bem podem agora prometer-lhe o Credito agrícola, não o iludem a esse povo de miseráveis e de famintos.

O dinheiro a juros modicos só iria parar a mão de infames e gananciosos, que o saberiam depois colocar entre os desgraçados a 15 e 20 p.c.

Nada deterá já agora a marcha dos acontecimentos.

Tudo o indica e assim é justo esperar.

Conselhos não os damos, que nem feito temos para isso, nem os mortos de fome tem ouvidos para nos escutarem e entenderem.

D'aqui apenas lhes testemunhamos a nossa simpatia e solidariedade.

D'hoje para o futuro os povos do Douro não sam apenas nossos compatrio-

tas, sam nossos irmãos d'armas a caminho já na grande jornada da Revolução.

E agora, que todos aquelles que tem uma mais larga e mais ampla conceção da Vida, do que a que se resume na palavra Ordem, cumpram serena e impenetravelmente o seu dever.

S'bre o rescaldo dos papéis do fisco fica espaço bastante para reconstruir a fortuna e a felicidade dum povo inteiro.

Para cá do Marão, mandem os que cá estão.

Que em Portugal mandem emfim os portugueses!

P. J.

NA BRECHA

PADRES MATTOS

A opinião publica tem azorragado o padre Mattos, o já agora celebre político de sacrifício. Nada mais desastrado. Nada mais injusto. O padre Mattos é uma instituição não é um homem, e uma instituição antiga, classica mesmo. As instituições, sejam elas de que carácter forem, só caem quando a sociedade as abandona, ou quando as deita abaixo mesmo por suas próprias mãos. O padre Mattos não é abandonado, não cae assim ás primeiras, porque se não tem como a hydra de Lerma sete cabeças, tem a faculdade de se identificar como o próprio Deus, estando em toda a parte.

Os padres Mattos borbulham por ahi a cada canto. Não é só aquelle que dirige o «Portugal» e é confessor de *canastras*.

Não! Padres Mattos são todos esses que famílias piedosas recebem em suas casas para directores espirituais dos filhos.

São todos aquelles que, pela mentira, pela hipocrisia, e com modos astutos e seraphicos entram na casa alheia com Deus na boca e um punhal escondido na sotaina.

E, isso, que é antigo, todavia parece que só agora dá signal de si.

Com efeito assim é dever ser.

No actual momento histórico, esse padre Mattos, era fatal.

Não p dia faltar de modo algum.

E a nota discordante e necessaria é o cínico do drama. E' o Satanaz da magia. O desmacha prazeres, o mal emfim.

A historia da Russia revolucionaria tem um tyrano, e os granduques reaccionarios, ao mesmo tempo que tem Grik e Gapon.

A malograda revolta de 31 de Janeiro teve um traidor, como a historia de Jesus teve um Judas.

Sem este não se comprehenderia a prisão do Christo e o triunfo do christianismo.

Os padres Mattos são os pseudo-carrascos das ideias novas e redemptoras, eternamente afiando o cutillo para um victimaria que nunca chegam a immolar. São o canto do cysne, o esterior dos principios caducos dando o signal de si na hora extrema.

Nunca nada morreu sem um grito, sem um gemido, sem um esgar ao menos. O pinheiro colossal e bravo que uma lufada faz baquear tem gritos de colera e dor no estrelar os seus braços que partem e das suas raizes que se desarraigam da terra mãe.

Tambem 8 seculos que se desmoronam há de lazez ouvir o seu esterior.

Nada mais simples. Nada mais natural.

No seio das famílias os padres Mattos são o reflexo do grande, do celebre padre Mattos, desta sociedade que se vae pouco a pouco amortecendo.

E, nada mais phantastico do que um rapagão de bigodes á Kaiser tocado e regido por um padre. Mas palavra d'honra que os ha.

Elles representam na familia o papel d's redes de arame sobre um prato de carne. Livram das moscas. Elles curam de tudo. Da conservação do corpo e da saúde da alma, subretudo no que diz respeito ao sexto mandamento.

São uma especie de preservativos do mal, como um bentinho ao pescoco ou uma ferradura a traz da porta.

A traz da porta... que mau lugar. Purificam a alma pela piedade de christã, e salvam o corpo das tentações da carne, e das ciladas do demônio.

Quando um pupillo sae das suas mãos vem branquinho, lavado de toda a culpa, mais casto e virginal de corpo e alma do que a mãe Eva antes da maroteira da serpente.

São uma segunda agua lustral, que

em vez de laval-os uma vez, os acompanha durante a adolescência, pingando sobre elles o piedoso leitor pelas coisas de Deus. Acompanham o educando a toda a parte, para que não caia em pecado, para que não se anseie sol, para que se não sente em pedra fria, nem durma sobre o coração, porque ha posições prejudiciais ao fígado, aos rins e outras miudezas.

E, sendo assim, ainda ha quem se admire de haver um padre Mattos alto e poderoso, quando elle não é mais do que um comparsa obrigado n'esta grande comédia dolorosa mais tragicaria do que heroíca.

Ah! Cambrone, diz uma palavra!

A. F.

IMPRESSOES

Quem nos ultimos tempos tiver tido a madureza e a paciencia de, como nós, ir a par e passo observando o ridículo do agonizar da Igreja portuguesa, nos episódios curiosissimos que ella nos oferece a todo o intante, certamente deverá estar contente e não julgar perdi'as as suas horas. A eses pois, os parabéns.

Aos outros, não os felicitando, vamos contar alguma cousa a tal respeito.

Os períodos mais interessantes por que passam as festas religiosas é sem dúvida o da Quaresma dos uns dos primeiros. Ma caminham *in initio* uma turba de ovinhos podres e tremocada, e *in fine* uma barriada de amendoas e confeitos. E' a lei das compensações aplicada ao pobre corpo. Mas porque o periodo é grande em geral estas barrigadas, que são fartas de maf, dão sempre maus resultados durante uns dias.

Deixemos isso.

Os leitores devem saber a vida atrabiliada que o Christo passou durante esse periodo. A velhota da casa com certeza lhes contou tudo isso quando eram mocinhos. Pois bem.

Referem os livros e dizem os entendidos que os tempos mudaram muito de então para cá. E é verdade.

O Christo morreu, uma ou duas vezes, o certo é que morreu. Fabricaram-se então uns christos novos, uns de pau, outros de pele, alguns mais de marfim, christos de toda a massa e feito. E' a lei de distribuir os pelo mundo fóra.

Chegou certa altura porém que os christos eram tantos que a Igreja viu-se obrigada a pô-los uns vários nomes. Appareceu então um, muito grande, semi-ajoadado, muito pesado e de cruz ás costas. Coitado! Daburras dos tempos!

Mas, e ainda aqui a compensação, vestiram-no decentemente, aliviaram-lhe o peso da cruz, montaram-lhe vários palacios, entregaram-lhe uma fortuna invejável, e resolveram... lavar-lhe os pés todos os annos.

Ficou-se chamando o Senhor dos Passos. Melhor lhe chama iam o Senhor da Cruz, ou o Senhor dos pés lavados... Isso é com elles.

Ora d'ase o caso de este Senhor ter de sair todos os annos á rua, em procissão, de charola.

Contam os fieis ser a procissão do Senhor dos Passos.

O que é facto é que, terrasinha que tenha lá o seu Senhor, chegada a Quaresma, em dia determinado leva-o a tomar um pouco d'ar. E faz bem.

Assim é que o pápa, por intermedio do bispo competente, engracando pouco com o Senhor da cidade do Porto, tais manhas e complicações arranjou aquella gentinha que a procissão se não realizou este anno ali, e a estas horas deve aquelle Senhor estar fortemente asfixiado, se não já morto, e... de pés sujos.

Em Coimbra identico caso se deu, por outros motivos confuso. Saíra o Senhor quarta feira de Cinzas, e a multidão, julgando que era o Carnaval que se prolongava ainda, riu, riu muito, riu tanto, que o Senhor resolreu, por prudencia, não voltar á rua. Também fez bem. Que imbecilidade de gente!

Em muitas outras partes porém se salvou a situação. Os leitores vão ver.

Em Condeixa, por exemplo, o Senhor saiu e em procissão imponente. Tanto assim que o Senhor em paga resolvera fazer milagres, e cremos que fez.

Lá vimos, quando ele passava, em frente d'um regato que atravessa a terra, muito povo mettendo-se á agua, que era santa n'aquelle momento, lavando os pés, as pernas, a cara, só os olhos, só os ouvidos ou o nariz, emfim lavando e trazendo até em panelas, bilhas e tachos agua d'aquelle, agua santa, tirada na occasião. E tal era o entusiasmo na lavagem, o desejo e na passagem do

Senhor, que os rebates da sua chegada eram dados a cada instante, n'uma voraz ensurdecedora: — «agua, agua, agua...» «ainda não, ainda não...» «agora, agora!»

E o Senhor lhes fez o milagre de os lavar, quem sabe? uma vez ao menos durante o anno.

Que o Senhor não é só hygienista, mas um hygienista milagroso! E' bom Senhor.

Em Montemor-o-Velho, se não era mos, faz-se mais. Sae o Senhor e a Virgem, cada um de sua vez e sur parte, havendo o encontro n'uma praça larga, onde se ouve então o sermão do encontro.

Lá está um cixote grande que faz de pulito, e o orador pré-ando — «vêde irmãos... lá vem a mãe do filho... lá vem o filho da mãe». Podia-lhe tambem chamar — o filho da Virgem — mas, para não haver confusões...

Em Baixa ainda temos a mesma imponencia d' encontro e do sermão. Ali porem, o pulpito é, ou era pelo menos, uma dorna grande com areia do mar até mejo.

O padre, diziam, era religioso e bom bebericador e assim conciliava tudo. Não se lhe leva a mal. Peor andou o malvado que uma vez lhe tirou o baton da dorna, a areia foi caindo, o padre abaixando, a ponto de só deixar ver os braços e parte da cabeça. Herejes!

Em Miranda do Douro igual sermão de encontro. Não sabemos se aqui se em Sernache dos Alhos, a festa atinge ainda maior brilho.

O cortejo são feitos a cavalo em burros e burras; burras e só burras do lado da Virgem, burros e só burros do lado do Senhor. E' um esp ctaculo deslumbrante e commovente!

Burros d'um lado chegam, burras do outro também, e há então uma zurraria burriscosa grandiosa, que marca o inicio do sermão. E o padre falls. Algumas vezes tem que intrromper, porque um ou outro burro quer fallar também, mas em nada perde a sublimidade do acto.

Bem diziamos nós que a situação se tinha salvado!

N.

Pelas superfícies sondagens, que nesta tribuna tenho feito ao arcebispado da Egreja, se patenteia mafisante acentuado como bôas as conclusões iniludíveis da ciencia a respeito da circulação da matéria em transmigrações continuas de uns para outros individuos, neste cambio constante e indiferente da substancia, em que a vida se desenvolve á custa da morte; e supõem agora perante estas conclusões científicas, que já não carecem de demonstração, a Egreja a braços com a explicação duma parte do seu credo...

Nestes ultimos tempos os argutos jesuítas, entre os quais se tornou recentemente notável o padre Wasmann, tem congregado apaixonada e eruditamente todo o seu esforço ingente em rebocar o velho casarão do dogma para lhe d'ar um tom *modern-style*... Era insidioso o processo e colheria os resultados desejados porque o numero dos nescios ainda é indifinido.

A manha viriam dizer que a Egreja não é contraria á ciencia nas suas conclusões verificadas, antes, pelo contrario, todas as vezes que a Scienzia atinge a certeza em qualquer ramo de saber humano, lá se verifica imediatamente que essa doutrina era já expandida na Biblia ou nos ensinamentos da Egreja, simplesmente se lhe não dera com a interpretação, ou não houvera necessidade de a fazer, porque a Egreja não tem como munus ensinar a ciencia profana ás suas ovelhas!...

As tolices da Biblia e os crimes cometidos pela Egreja á sombra dessas tolices, não são nem tolices umas nem crimes outras.

E' tudo questão de interpretação!

A Biblia perfilhou e expendeu claramente, exuberantemente, o erro geocentrico e anthropocentrico; a Egreja por sua vez torturou os homens cu

QUESTÃO ABERTA

Um dissidente n'A Revolta.

LEVES CONSIDERAÇÕES

CARTEIRA D'UM REBELDE

Ao ver o senhor Alpoim Manoel com aquelle ar de Topsius e conselheiro que passou a ter depois da sua viagem ao Egypcio e da qual diga-se de passagem conta apenas ter trazido na mala umas pessimas garrafas de vinho, com que estragou o estomago dos amigos, alem do vazio na cabeça com que já para lá partira — mal diríamos nós que e. Ex. tosse capaz de escrever as palavras mal criadas que nos dirigiu no ultimo numero deste jornal.

Francamente não percebemos quais os motivos que levaram o sr. Alpoim Manoel a ser tam agressivo para conosco que toda a vida o tratamos com a consideração que se tem por aquellas pessoas que nos sam completamente diferentes.

Lemos e relemos o pseudo artigo do sr. Alpoim Manoel e nada encontramos que viesse destruir ou pelo menos contradizer as despretenciosas linhas que havíamos escrito, dias antes, criticando o *Bloco Dissidente-Vilhenista* e que contra nós lançaram as iras implacáveis do sr. Alpoim Manoel... Juízibus.

As poucas linhas que escreveu referem-se apenas ao artigo do muito ilustre colaborador da *«Revolta»* Sherlock Holmes (?), por cuja inteligencia temos a maxima admiração e nisto foi o senhor Alpoim Manoel absolutamente justo.

Pelo que diz respeito à nossa pessoa o senhor Alpoim Manoel foi unica e sim plamente malcreado, o contrario do que era de esperar das suas pretensões fidalgas. E termos-hiamos conservado silenciosos, tendo apenas o desprezo como resposta, se o sr. Alpoim Manoel nã tivesse feito uma afirmação que poz em dúvida a sinceridade que podia haver nas suas afirmações.

«Somos nós os dissidentes renegados etc.» diz o sr. Manoel.

Nós os dissidentes!

O senhor Alpoim Manoel dissidente! E à nossa memoria acudiu a lembrança duma celebre assembleia geral da academia em que o senhor Alpoim Manoel fizera a sua profissão de fé republicana.

Fora quando andava mais acesa a questão dos tabacos e quando o sr. José d'Alpoim — o tio — acabava de separar-se do seu antigo chefe.

A questão interessou também a academia e, sem se saber de quem vinha a ideia, começou a dizer-se que ha eri uma assembleia geral naquelle dia.

Para lá fomos. Constituiu-se a mesa, e como ninguem aparecia a dizer os motivos d'aquella convocação anónima dispunhamo-nos já para retirarmos em paz quando o senhor Alpoim Manoel surgiu sumido e enfiado a dizer de sua justiça.

Era já conhecida a orientação dos estudantes republicanos que na vespera haviam reunido e deliberado não fazer o jogo dos partidos monarchicos nem dos estudantes que desejavam feriados.

O senhor Alpoim Manoel sabendo isso começou por dizer que era tambem republicano, não d' s que andavam pelos comiclos e jornaes, mas republicano de gabinete. — Já nesse tempo o senhor Alpoim Manoel aspirava a sabio!

E logo a seguir traçou o caminho a seguir pela academia de Coimbra que vinha a resumir-se em levar o senhor Alpoim, tio, ao poder.

Foi por isso que nos admirou a sua profissão de fé dissidente e nos leva a não concordar com as amaveis palavras do director deste jornal que viu no artigo do sr. Alpoim Manoel o fructo duma convicção política sincera. A não ser que quando o sr. Alpoim Manoel se dissesse republicano na dita assembleia geral da academia, quizesse apenas arrastar consigo os estudantes republicanos e satisfazer assim os seus designios: ajudar a subida do tio ao poder e alcançar meia duzia de feriados. De resto a atitude do sr. Alpoim na greve academica parece levá-nos a acreditar que os feriados sam coisas que lhe agradam e que foi por causa delles que elle se fez *grevista*.

Mas já dissemos demais e já gastamos muito tempo com o senhor Alpoim Manoel, e já agora queremos tomar o seu conselho: escrever o menos possível... a seu respeito.

Carneiro Franco

No ultimo numero d'A Revolta — devem os nossos leitores estar lembrados — o sr. José d'Alpoim Napoles Manuel poz sobre os homens a pesada cota d'armas dos cavalheiros do Tavola Redondo, firmou-se bem no arção da sella, deixou cair a vizzira, e da lança em riste, no fogos corcel da sua indignação, contra nós arremeteu por sua dama que é, no presente caso, o seu Excellentissimo e rotundissimo tio.

Começou o sr. Manuel por umas referencias ao autor d'estas linhas, que nem por serem amaveis e immercidas, nos captivam ou perñoram. Nós não somos o astro que o sr. Manuel imagina e a estreita órbita em que giramos é tão nua e vazia de satellites como são nuas as paredes do nosso humilde quarto de estudante.

Não lhe agradecemos as palavras amaveis que nos dirige; ellas produziram-nos antes uma triste e dolorosa impressão, porque suspeitamos bastante que o motivo que as dictou, não foi o sentimento da justica devida mesmo aos mais irreductíveis inimigos.

O sr. Manuel imaginou dirigir-las a quem, pelas suas excepcionaes qualidades já tantas vezes provadas, a elles tinha exclusivamente direito e o Sherlock Holmes que subscreve a secção «Carteira d'um rebelde», é um republicano convicto mas humilde — tão humilde que receia muito sinceramente descobrir o seu nome, não vá o sr. Manuel desalojarlo das alturas a que, por um lamentavel descuido o elevou, e donde os astros irradiam a luz suavissima que inspira os poetas e faz estremecer o peito innocent de ás virgens solitarias nas perfumadas noites de hysterico luar.

Dictas estas palavras, que repulhamos d'imprescindivel necessidade para desfazer o lamentavel engano do sr. Manuel (tratamos assim o sr. José d'Alpoim para evitar tambem a lamentavel confusão com seu tio, cujo talento, como dissemos, admiramos) vamos entrar propriamente no campo a que o repto do sr. Manuel nos chamou.

A existencia d'uma monarchia liberal, em que, como dissemos, se possam accommodar as mais impreteráveis exigencias do espírito moderno, é para nós agora um milagre absolutamente irresistivel. Quando a memoria da ultima experiencia tragica de João Franco não fosse prova concludente, iniludivel, bastava lançar os olhos para o estado actual da sociedade portuguesa para inevitavelmente sermos arrastados a essa conclusão.

O que ampara e assegura estabilidade a um regimen politico é a força da opinião sobre que assenta, os principios que o escorram e a directa correspondencia entre o espírito da epoca e sua realização por parte do regimen.

Ora, não é, certamente, precisa uma grande demonstração para provar que nem a força da opinião é pela monarchia, nem a excellêcia dos principios é apanhio do regimen e muito menos que elle corresponda ao espírito e as exigencias da epoca.

Isto deu occasião a que a vida politica da nação se fragmentasse em dois campos perfeitamente distintos e absolutamente incompatíveis: d'um lado, «o progresso, a civilisação, o futuro» — e a republica; do outro, o passado, a estagnação, a inercia — é a monarchia com todos os seus erros e com todos os seus crimes.

Quiz o sr. Alpoim, como o quizera João Franco, quando dizia que «caçava no mesmo terreno que os republicanos» — associar duas coisas, pela sua propria natureza, irreductíveis e d'aqui o facto d'acompanhar o sr. Alpoim ainda um numero mais reduzido d'incertos do que aquelle que acompanhou João Franco.

Sendo assim, visto que o sr. Alpoim não tem a valorizar o seu programma,

a força da opiniao que o eleve ao poder e lá o mantenha, se quizer um dia ser governo, o sr. Alpoim só dois caminhos encontra abertos: ou declarar-se franca mente republicano e com os republicanos collaborar na obra de radical transformação politica, como já uma vez tentou, quando toda a gente supunha a republica transformada de vaga e generosa aspiração n'uma realidade palpavel e certa, ou ir buscar a força e o appoio, que lhe faltam os outros partidos da monarchia que o sr. Alpoim tão dura e justissimamente tem fustigado e d'um dos quaes s. ex.* desertou porque n'elle não cabiam a sua indomavel aspiração ao progresso e o seu entranhado amor à democracia.

Adoptou o sr. Alpoim o segundo e não o felicitamos por isso.

Talvez porque ainda visse longe a implantação da republica (deixe me o sr. Manuel aventure esta hypótese que n'ella não vae injuria para seu tio) a sua insaciavel vontade de governar fez-o ir buscar appoio ao grupo do sr. Vilhena.

Mas o sr. Vilhena é aquelle mesmo sr. Vilhena que em plena cámara dos pares não hesitava não só em defender os adeantamentos e os adeantadores como igualmente declarava — não sabem-se com uma inconsciencia que é para lamentar num chefe de partido, se com uma desfaçatez que causa arrepios — que adeantamentos faria tambem se lh'os pedissem.

Mas no grupo do sr. Vilhena está o sr. Teixeira de Souza, adeantador confessado, está o sr. Pimentel Pinto, reconhecido reaccionario e católico, estão muitos d'aqueles que já sentiram o peso esmagador da sua palavra candente e fulgida e nos quaes o paiz interior tem os olhos fixos, apontando-os num gesto cheio de coleras santas, ao tribunal incorruptivel da historia.

«Mas as declarações do sr. Vilhena no palacio de Ega? — clama-nos o sr. Manuel.

Ahi a eterna bretoje que ataca a pelle mimosa dos nossos politicos d'officio quando o pontapé do dono lhes tira da frente a larta gamela do poder... Como isso nos faria rir, se nós não sentissemos no coração, cruéis como punhas, os gemidos lancinantes d'uma patria estremecida e infeliz na agonia indizivel de quem se sente morrer irremediavelmente, inevitavelmente se lhe não accidirem de prompto, e muito está apegada á vida como os lichenes aos rolos velhos, como as heras ás pedras dos muros!

E aqui tem o sr. Manuel muito resumidamente expostas as razões porque nós julgamos d'impossivel realização a monarchia liberal do sr. Alpoim e porque estabelecemos o paralelo entre s. ex.* e o dictador maldito de tão tragica memoria, nos primeiros tempos d'oposição.

E para terminar rogamos-lhe a fineza de, quando tiver que se nos dirigir, não nos chamar astro, porque nós, com franqueza, sempre nos supozemos um rato apresentavel e muito nos custa se alguém imagina que temos cara de lha cheia que é como quem diz, cara de parvo ou alguma caranca de meter medo como a do charafaz do Sol... ao Rato.

Sherlock-Holmes.

DE LISBOA

Pedem-me voces uma carta semanal para «A Revolta» que seja, como dizem, uma resenha dos factos predominantes da semana, annotados por mim. Ora, meus caros, a tarefa é espinhosa. Em Lisboa, como em todo o paiz, passam-se, dia a dia, immensas coisas, uma infinidade de pequeninas coisas, para a notação simples das quaes, não basta um depoimento de testemunha e é preciso mais — a fita d'um animatographio, por exemplo.

Mas o que voces querem de mim, não é a minucia e o detalhe. Justamente deixam essa tarefa ao noticiario dos grandes quotidiano — esses prolixos documentos para a futura reconstituição da vida social contemporanea, que anotam tudo, commentam tudo, d'esle a ultima proeza dos gatunos de mosco, até ao emprestimo realizado pelo ministro da fazenda.

Querem só «os grandes factos» «as coisas de volume e de peso» — como pittorescamente dizem. E aqui estou eu seriamente embaraçado! Fian assim da minha incompetencia e da minha visão imperfeita, o papel de julgar, d'entre tantas coisas «de volume e de peso» que eu vejo passar ante meus olhos, quaes as «sufficientemente volu-

mosas e pesadas» para merecerem o meu e o vosso interesse. Eu não sei que lhes diga...

Agora mesmo, em frente á porta do café, a uma mesa do qual, esta lhes escrevo — passou o sr. Alpoim e, mais atraç, o conhecido actor Chaby Pinheiro. E, logo ao meu espírito ocorreu que estes dois homens eram suficientemente «volumosos e pesados» para merecerem que eu notasse a sua passagem...

Como seja a politica a preocupação absorvente da actual sociedade portuguesa, e o sr. Alpoim, seja um politico, a sua passagem sugeriu-me a ideia de preencher esta minha primeira carta, com a narrativa ou, por outra, com o relato da impressão que em mim tem deixado as sessões parlamentares a que tenho assistido estes dias, por simples curiosidade, que eu — como voces sabem e pelo que asperamente me censuram — não sou «politico». As razões por que o não sou, são simplesmente estas: por um lado, julgo-me absolutamente incapaz de ajudar com utilidade apreciavel, á salvação da Patria e, por outro, sou suficientemente limpo para não querer contribuir para a sua ruina.

Não me elevei ainda «à superior comprehenção dos interesses colectivos» — como já ouvi dizer não sei a quem. Estas coisas, meu caro, nascem com a pessoa.

Não sou «politico» pela mesma razão que não sou loiro. No entanto vou ao Parlamento. E, sabem por que eu lá vou?

Porque ando empenhado na resolução d'este problema: saber se aquelles homens que eu vejo, cá de cima das galerias, agitarem-se na sala, dizer coisas, fazer barulho, indignarem-se, gritarem, estão a fazer aquillo a serio ou a brincar! A serio não pode ser! Eu não concho que seja a serio!

Então é ou não verdade que o paiz atravessa uma crise afflictiva, medonha, que parece o «começo do fim»? E verdade. Sobre isso não tenho eu duvidas. Que a situação é desesperada estão a atestá-lo no Norte, com uma evidencia de estarrecer, estes factos: em pouco menos de tres meses vão pelos ares os papeis de tres repartições publicas faz-se uma fogueira com os documentos publicos que garantem a propriedade individual e representam as bases sobre que o Estado lança o imposto de que vive. E a subversão da ordem social, é o desespero, é a anarchia!

Pois muito bem. Em tal caso o que os representantes da Nação tem feito é isto: por um lado as oposições dizem d'um homem, — o ministro da fazenda — as coisas mais graves que existem e, — ao que me tem querido parecer, provam-n'os; e, por outro lado, a maioria, solidarisa-se com esse homem, que se não defende, ou pelo menos, se defende com tão subtils argumentos, que eu não atinjo, não percebo. Não saberia mesmo que quizesse, reproduzi-l'os! Isto não se entende, não tem, pelo menos, logica! Nem as oposições a têm — desculpem-me voces, a franqueza. Se esses factos são verdadeiros o papel das oposições não é lá dent' o é — onde a accção seja decisiva, definitiva, como o momento me parece requerer.

Pois se se ha fome — e se roubam o taminto, o paiz! Que esperam os seus, defensores? Que acabem com elle?

Dizem-me que ha quem pense o contrario e que entenda que mais do que nunca, é necessário «prudencia e prposito».

Talvez seja por eu não estar no segredo da Politica, que vejo as coisas assim. Voces dirão...

Mas agora reparo, que felizmente para os leitores de «Revolta» já enchi os linguados de papel que voces de mim exigiram e por isso, até á seguinte.

Timido.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1.^o

COIMBRA

A «REVOLTA»

Encontra-se à venda em Lisboa na «TABAARIA MONARQO». Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

ENSAIOS DE CRÍTICA

Formas de composição

1

A expressão em musica faz-se por meio de periodos representativos de imagens, ou motivos destinados a despertar no ouvinte uma associação de ideias tal que a imaginação deste, colaborando com a do autor, reconstrua o conjunto e seja impressionada e sinta o que a musica descreve ou exprime.

Durante o classicismo os modos de variar e suceder estes periodos por inversão, transposição, repetição e imitação, fixaram um certo numero de formas que os musicos da epoca, adstritos ás regras existentes, só com relutancia alteravam.

Dentre essas formas de composição os que se destacam como mais importantes são o canon, a fuga, a variação, a suite, o rondó, a sonatina e a sonata.

O canon é a forma em que a melodia, pelo seu desdobramento, se acompanha a si mesma.

E de notar que o numero de canons, que com uma só melodia se podem organizar, é grande, visto que aquella melodia podia ser alterada por transposição, modificada no movimento (direção do desenho melódico), no compasso, no valor das notas, no rythmo, no numero de partes, etc., obtendo-se assim canones por movimento semelhante ou contrario; por augmento, diminuição e contra-tempo; em unisono, em segundas, em tercimas, em quartas etc.

Aqui está em poucas palavras a forma musical que tanta influencia exerceu pelo seu desenvolvimento e aplicação, sobretudo na musica religiosa, onde ainda hoje se encontra largamente.

Apresenta-se como episodio na fuga, raramente na symphonia e mesmo na musica dramatica vocal. Ainda assim alguns exemplos se poderiam citar, como duas passagens de *Les voitures vives* de Boieldieu, trio do *Mahomet* de Rossini, o canon a 5 vozes de *Nabuchodonosor* de Verdi e a abertura do *Carnaval Romain* de Berlioz.

Nenhum destes trechos tem contudo a forma rigorosa do canon; são antes entradas em forma de canon, de que Wagner mesmo se serviu, por vezes, para os instrumentos.

O mais celebre dos canones dramaticos é o quarteto vocal do *Fidelio* de Beethoven. Modernamente V. d'Indy tem um canon a 4 vozes — *Chant de la cloche*.

O desenvolvimento do canon modificado e sujeito a novas regras produziu a fuga que consiste essencialmente num desenvolvimento, por imitação e combinação, de um thema ou assumpto, segundo leis precisas.

O thema base da fuga ou antecedente é apresentado com ou sem acompanhamento e, ordinariamente, seguido logo duma outra parte da resposta ou consequente tirado do primeiro, segundo regras fixas para a correspondencias das notas. Quando a resposta não segue imediatamente o thema, as notas que medeiam constituem a *coda*.

Pode também haver um contra-thema que, reduzido ao seu papel minimo, não é senão uma figura acampanhante do assumpto ou da resposta. Mas, se é tratado de uma maneira igual

PARIS EM COIMBRA

High-life tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietário fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em depósito, só vendo se acredita.

Esta casa é a única que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu comércio.

Cachorros da Serra da Estrela

LEGITIMOS

A venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BRGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fruta de diversas qualidades, secos e cristalizados.
Fabricam se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.
Variada pastelaria em todos os géneros, especializando os de jolhado.
Galantines diversas. Tête d'Achar. Pâté de Liever e Foie.
Sauces Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de lo, pelo sistema de Margarida.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinícola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontelo e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

É o remedio mais eficaz para a expulsão de lombrigas, tanto em crianças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as crianças salvadas com elle.

O Vermifugo Faria, é diferente dos que existem do mesmo género e duma eficácia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode afirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quais forem, destroem as fermentações putridas e anormais, cura as infecções intestinais e as dysenterias infeciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem depósito no fundo do frasquinho e quando o tenha, este diss. lve-se de repente mettendo o frasquinho em agua quente. Preço do frasquinho em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frasquinhos, incluindo o sello, 2\$200 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C^o, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C^o, Rua Ferreira Borges.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.



Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a .	65
Ditas seladas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanelas d'algodão, metro	60
Ditas, cós lisas, muito largas, metro	120
Cótes de tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a .	65
Plugas para homem, a .	30
Meitos para casaco, muito bons, desde	700
Meias para criança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a .	320
Colchas brancas .	540
Flanelas lisas, lavradas, a .	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a .	80
Lenços de percal, a .	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a .	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a .	100
Chales grandes, seu valor a 500, a .	1\$200
Cobertores grandes, em flanelas, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a .	550

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verídear

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, género tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

BRINDES! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 e 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos prontos a vestir desde 4\$00

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Enquadrado de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os géneros

Abilio Lagoas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typografia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

de

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Colmeia

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pãoaria estrangeira, e garante ao freguezes o calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODO

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEADAS

DE José Correia Armando

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabeadas de luxo. Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principais fábricas nacionais e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher & &

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da boca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

BIBLIOTECA MUNICIPAL
COIMBRA

Director e proprietário

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Oficinas de composição e impressão

Largo da feira, 29, a 37.

N.º 17

COIMBRA — Sabbado, 20 de Março de 1909

ANNO 1.º

EXPEDIENTE

«A Revolta» tem sido rasonavelmente recebida. Feito o balanço verificamos que havia salido e, nessa conformidade, resolvemos visto não querermos capitalistas, fazer-lá sair duas vezes por semana, sempre que possa ser. A cobrança das assinaturas far-se-ha por serie de numeros, d'aqui por diante.

Que os republicanos portugueses, que são os nossos únicos auxiliares, continuem a julgar que servimos, modesta mas honradamente, a causa commun é o que desejaremos — por unico premio do nosso esforço.

UNHAS ADUNCAS

Havia no paiz uma especie de gente que, não se atrevendo a negar e achando-se impotente para attenuar, levemente sequer, os crimes odiosos contra a liberdade e contra o Direito, praticados pelo dictador, de tragica memoria, uma coisa invocabam sempre como sua unica defesa: a honestidade de João Franco e dos seus sequazes.

João Franco, não era mau porque não roubava — num paiz, onde, á saciedade, está demonstrado que, «homem d'Estado» é quasi sempre synonimo de gatuno. Todos os outros repugnantes feitos do politico e do homem, desapareciam diante d'este facto: — não era um ladrão.

O decreto dos adiantamentos, pretendendo saldar um saque de milhares de contos, feito ao thesouro publico, duma forma ignobil, por uma trapaça indecorosa, não era, para esses franquistas attenuados um roubo declarado e confessado, com a agravante de ser feito á má cara — calcando as regalias nacionaes, amordaçando a opinião, perseguindo, deportando, fuzilando o povo nas ruas!

Essa monstruosa liquidação dum roubo, era, para essas honestidades e essas mentalidades de via-reduzida, uma maneira de pôr ponto final na ininterrupta serie de peculatos e concussões que tem sido, entre nós, a gerencia dos dinheiros publicos! Mas, liquidadas as culpas antigas, entrava-se no caminho da mais escrupulosa honestidade. Não mais adiantamentos, não mais desfalques, não mais unhas aduncas sobre a fortuna publica, — diziam esses. Por isso lá estava a honestidade de João Franco, que respondia cabalmente ás suspeções! Com um roubo a mais punha-se ponto final na serie monstruosa e d'ahi por diante, a vida nova começaria, entrava-se no verdadeiro regimen da *virtude triunphante*.

Pois bem: nem isto, que é pouco, que não é nada, que só pode ser invocado como attenuante por caracteres mais que duvidosos e por intelligencias menos que elementares, nem isto mesmo é — ao que parece e, em breve, o paiz minuciosamente, conhecerá — nem sequer isto, é verdadeiro!

«Ralham as c'm dres, descobrem-se a verda les» — diz o dictador. Aqui, foi o antigo *comadre* do franquismo, a velha raposa da poli-

tica monarchica, José Luciano, — quem ralhou — e logo uma verdade surgiu, ao cimo d'agua: o honesto franquismo, cravou, como todos os bando monarchicos «unhas aduncas» nos cofres publicos!

Quer dizer: á lista interminavel dos heroicos feitos, praticados pela virtude rotativa com que, pelo decreto dos adiantamentos, João Franco, se solidarisava, ha a accrescentar os feitos proprios da sua purilana virtude. São os *comadres*, os *cumplies* que o dizem: elle é tão bom como nós; se menos fez em quantidade as suas unhas nada ficam a dever ás nossas!

Mas, — e é o mais curioso! — ao mesmo tempo que se faz a denuncia, saída talvez da pena dos escritos do «Corcio da Noite» por uma inadvertencia, invoca-se cynicamente, para occultar do paiz a verdade, esta coisa monstruosa: o interesse das Instituições!

Não bastam já — que o povo, o pobre povo resignado, o saiba! — as monstruosidades que a monarchia, não poude occultar e são hoje do domínio publico! Ha mais — quantas mais! — mas não se devem dizer, não se devem punir, no «interesse das Instituições»!

A solidariedade de todos evidencia-se, mais do que nunca completa. O que se sabe era já mais que suficiente para que um grande e nobre movimento de colera e de justiça, tivesse, de ha muito, varrido do solo sagrado da patria a cholera estercoraria.

Mas os franquistas dizem:

— Nós temos provas! temos documentos! se nós quisessemos...

Respondem os outros:

— Vocês que fallam são tão bons como nós...

E uns resolvem calar-se, conchar-se no mais criminoso dos silencios p' r esta coisa: os interesses do Regimen, que é como quem diz, a unica garantia de que a *bambochata*, o *baixo imperio*, o escandalo, continuem!

E isto quando a Nação agonisa! Quando se está rodeado de mil perigos! Quando o dia d'amanhã para a Patria, mãe-commun é incerto e tenebroso! Quando ha fome, quando o desespero invade as almas e dos olhos dos que, no Douro, soffrem as mais negras torturas, fogem as lagrimas da supplicia para dar logar ao lampejo das allucinações e das iras supremas.

Isto, este horror, no momento em que a crise nacional tem estas duas unicas valvulas de segurança: a emigração ou a morte — mas a morte lenta, a morte vagarosa, sem esperança de remedio!

Chega a não se acreditar como tal possa acontecer, como isto se pode estar passando, n'esta apparenre quietação em que se vive! O que sairá de tudo isto? Que dias historicos ineditos iremos nós, os homens d'hoje, atravessar em breve?

Sejam quaes forem, — faltaria a logica á Historia, se o castigo, se a punição tremenda de tautos e tão repetidos crimes, não fosse, como elles tambem formidavel e tragica!

COISAS & COISOS

Intelleetuaes

Todos os dias surgem livros no mercado litterario de Coimbra, que são lamentavelmente uma porcaria.

E' uma especie de febre infeciosa a contaminar uma geração, que pretende vincular o seu nome a uma grande aureola de imbecilidade. E' essa *literatura da cordel* que apparece sempre nas grandes phases de decadencia moral, a revelar o pulso d'um paiz. Que tristeza! Não se aproveita um traço, uma phrase, um verso!

O prosadór de Coimbra, embebeda-se primeiro com o Eça, mastiga-lhe as ironias, tritura-lhe as phrases, e cóspe depois numa duzia de paginas todo o producto d'esse trabalho intestinal. Por isso o leitor, ás vezes, começa a desenterrar d'um livro, atulhada de cebó e de estupidez, a figura do Eça reduzida a cacos.

As descripções enfatiam, chateiam como planicies extensissimas e áridas onde a terra é ingrata. O detalhe é comprido, arrevezado, sem essa leveza adoravel e torneada que illumina instantaneamente o espirito e prende os olhos de quem lê.

Palavras, muitas palavras, para dizer sempre *des reis de mel coado*.

Pois estes carpinteiros litterarios, tem sempre uma corte que os adula e lhes enche a cabeca de minhoca.

E' nessa corte que os portas medram e se reproduzem.

Recebem a galladela do *pontífice* e põem um livro, tal como a gallinha põe um ovo.

E' o França Amado quem aguenta o parto, e expõe os ovos na vitrine. Faz-se um reclame immenso. Nas esquinas os placards anunciam o feliz successo — o sr. F... pôz — e o França Amado sempre que alguém se abeira do balcão, vem sollicitamente transmittir-lhe a nova — antão, já save? — o sr. Fulano pôz, é coisa vila!!! E' tão bom homem este França Amado!!

O livro não se vende, é claro, porque os versos são intoleraveis. Imitações mal feitas do Cezario Verde ou do Antonio Nobre. A'quelle copiam-lhe a cór, a a plasticá, a imagem. A este, a tristeza genial do seu temperamento. Mas como a imitação requer talento, e o auctor é tâco, o livro é sempre uma miseria.

D'ahi, o vêr-se um burro a lamentar tristezas, e um tolo a desenhar imagens, num soneto embutido a martelão capaz de resistir a um tremor de terra. Os jornaes agradecem sempre a offerta do livrinha em termos lisongeiros, incitando o auctor a novas calamidades e perdas de tempo.

Alguns dos nossos escriptores, menos escrupulosos, enviam os seus cartões a trasbordar de *hypocrisia*. Tudo falso, tudo mentira, mas o auctor que é burro, incha nesta consagração até rebentar com um novo original.

Neste segundo livro é costume transcrever todas as barbaridades que os jornaes disseram do primeiro, e isto para a gente *cahir* em o comprar. Já não é portanto uma simples tentativa litteraria, é uma burla com auctor e cumplices.

Um dos nossos grandes poetas, dizia uma vez a propósito d'um *primeiro* livro que recebêra — *acho melhor callar-me, porque o auctor precisa do meu elogio, apenas para enganar o publico*.

E assim é. Que immoralidade litteraria! Que tremendissimo chiqueiro!

Comprende-se.

Coimbra é um meio ingrato para crear artistas, porque se tem retrocedido muito em grandeza moral e em criterio.

Respira-se o ar viciado d'uma politica gorda, envelhecida, réles, que atrofia to' a nossa vida e não deixa vingar a nossa mocidade.

Artistas em Coimbra! Arte, para educação, é coisa que não há. O intellectual, estarrece-se ao Domingo com a musica do 23, e assombra-se em frente

CELEBRES...

DE BORLA



LÉVESINHO...

Parece de celuloide

Tão mignon e tão franzino
Que duvida toda a gente
Que seja já um doutor!

— Até nem mesmo é decente,
Sendo assim inda menino,
Que seja lente, Senhor!

Deixe crescer o bigode
E faça-se um homensinho
Depois então é que é...

— Que em quanto for «rapadinho»,
Parece mais um actor,
Ou foi sacrificado da Sé
Ou é... toureiro amador!

Foi com elle ou com o irmão,

— Com quem é muito parecido —

Que se passou a tal historia
Que eu estou farto de contar,

Da *cathedratica gloria*,

Indo-lhe um d'elles fallar,

Dizer « — Não sei, não decido,

Se estou certo, se m'engano,

Se acabo de o encontrar,

Ou ao mano!

Dr. Watson.

do Leão da porta-ferrada. Come arroz com a fáca, e nunca toma banho. A meio da leitura d'um soneto, arróta, e sublinha a grosseria com um *peço desculpa* muito natural. Limita-se a ter pôse, a uzar luvas, e a mudar de ceroulas ao Domingo.

Conheci um, em tempos, que escrevia peças para o theatro, e dizia — *eu nunca sei o que vou fazer; vou escrevendo, escrevendo, escrevendo, e no ultimo acto... zás, ento lhe a these... e bumba*.

Pois este kázado, teve uma peça premiada n'um concurso!!!

Felizmente que o publico, na *prémi-*

ére

rei, foi ouvindo, ouvindo, ouvindo, e no ultimo acto... zás, apresentou-lhe as armas de S. Francisco... e bumba.

Ah! que se não fossem estas sinceridades do nosso povo, ninguem suportava a vida em Portugal.

Eu, por mim, quando vejo um intellectual dos que não toman banho, não tenho hesitações, curvo o braço direito e... bumba. Pode ser duro, mas é bastante confortavel. E' confortavel e é sincero.

MIUDEZAS...

O célebre dr. Potenzien, sabio especialista de doenças nervosas, fôr chamado á corte do grão-duque que lentamente se definhava, se consumia, torturado por algum mal occulto e arrastando os seus melancólicos dias pelas grandes salas do palacio, como uma sombra, — sem cor nas faces e sem firmeza nas pernas.

O illustre especialista requisitaria para suas ajudantes, cinco enfermeiras que elle proprio fôr escolher entre as formosas damas da corte, — que a isso gostosamente se prestaram na esperança de contribuirem com o seu esforço para as melhorias do illustre enfermo.

E todas tinham entrado para a alcova ducal, — enquanto, cá fôra, na antecâmara, a vistosa camarilha, esperava ansiosamente que o dr. voltasse a dizer a sua ultima palavra sobre o mal mysterioso que, lentamente, consumia o jovem grão-duque, — fazendo-o andar como uma sombra pelas altas salas do palacio, sem cor nas faces e sem firmeza nas pernas.

Dentro, subito, ouviram-se gritos doente. A camarilha, sobressaltada, anciosa, escutava.

— Coitadinho! Que lhe estarão fazendo? — murmuravam umas ás outras, lindas fidalgas, compadecidas.

E um moço loiro e fêmuino, revirando o bogalho do olho languido, suspirou:

— Aíl não ser comigo...

— Schiul! — fez um general, severamente, impondo silêncio.

Porque, n'esse momento, através do pesado reposteiro de velludo vermelho armoriado a ouro, como um reposteiro d'egreja em dia de «lauspreme», ouviam-se mais distintamente os gritos do enfermo, o reboligo que ia na alcova.

Percebiam-se até phrases soltas:

— Deixem-me... Furias! — Que rem perder-me a alma... Mamã... Padre...

— Que horror! — murmuravam damas edosas, aterradas, pondo as mãos.

E a scena dentro prolongava-se, parecia eternizar-se.

Decididamente, Potenzien, o sabio especialista esgolava os ultimos cartuchos.

O pesado reposteiro de velludo afastou-se e o medico apareceu, correcto e loiro, como um verdadeiro sabio da sabia Alemanha.

O seu fino olhar azulclaro, fuscava, através dos oculos com malícia. Atraz vinham as cinco enfermeiras, com o ar despeitado e triste, e umas rosetas nas faces, indicadoras de cansaço e de fadiga...

— Então, dr.? — perguntou-lhe um ministro.

— E' impossivel! declarou o sabio com a sua pronuncia gutural de allemano, pausadamente.

E elucidou:

— Fez-se tudo. Todo o possivel e nada... Molestia grave, molestia de raiz... Enfermeiras de rara dedicação.

Leda a camarilha se entreolhou um momento, desolada.

E o ministro interrogou de novo o dotor,

— E agora? Que aconselha?

— Agora — respondeu gravemente o sabio — agora mandem chamar os primos todos!... E' a forma...

Cumprimentou e saiu — deixando a camarilha boquiaberta.

D. Fuas

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

São os methodos, os professores, e não os programas, que seria preciso reformar. Todos os programas são bons, quando nos sabemos servir d'elles.

— os alunos limitam-se a decorar subtilezas dissertações sobre assuntos que nunca leram.

Psychologia da Educação.

Gustave Le Bon.

Meu caro

A Universidade é a representante actual do espirito, dos methodos, da mentalidade jesuítica. E' com esta afirmação que Le Bon inicia o seu trabalho de critica ao ensino que o Estado ministra em França. Claro, que ninguem irá tomar esta afirmação, n'um sentido ab soluto. Nem lá nem cá é muito menos lá — os professores são todos reaccionarios, arredados do seu tempo, imbuídos de dialectica Thomista e acreditando na infalibilidade pontifícia! Não, senhor! Para a França ocioso será dizer que Le Bon não pensou tal, ao formular a sua these e para Portugal, sabe você tão bem como eu, que a quasi unanimidade do nosso professorado é louvavelmente livre pensadora e nem por sombras acreditada por exemplo — no dogma da Immaculada.

Mas... Leu você a oração de Sapientia pronunciada na sala dos Capelos, este anno pelo lente da Mathematica, dr. Sidonio Paes?

Pois se a leu, ficou você sabendo, se ainda o ignorava que na nossa tradicional Universidade, hoje, n'estes nossos tempos de analyse e de critica, com a «hypothese de Deus», relegada para o logar de curiosidade historica, — toia a vida científica do professor e do estudiante está em constantes e cordeiríssimas relações, com a Divina Providencia, com Maria Virgem, com o Espírito Santo e varias outras personalidades illustres da religião.

A Universidade, é como o Estado fidelíssimo, católico.

O estudiante, ao abrir matricula no 1.º anno, jura, de joelhos sobre uma almofada, e com a mão sobre a Biblia, inúmeras coisas.

Antes dos actos invoca-se n'um mau latim, a protecção da corte celestial. Os graus são dados igualmente em latim e com o candidato de joelhos. Os de licenciado e doutor, confere-os o reitor, solemnemente, na capella, depois de uma confortativa e reparadora missa, com hysopos, aspersão d'água benta e um jumento da parte do candidato, que é segundo creio, de artipiar os cabellos...

Na abertura das aulas ha a competente missa do Espírito Santo e o discurso solene feito na cathedra da sala nobre é a «Oração de Sapientia». Em resumo, o latim, que ninguém aqui sabe, a não ser os theologos e os lentes prehistoricós que n'essa lingua ainda defenderam as suas theses, é a lingua oficial e solemne da casa. Dirá V.º e com razão que isto não prova e eu concordo, porque se por exemplo, eu amanhã hei de encadernar como um missal antigo, fradescamente, um livro de Haeccl, nem por isso o conteúdo do livro se modifica.

Mas, por outro lado, não acha V.º que isto dá atmosphera, cria ambiente? Talvez não... e talvez sim. Isto é, pelo menos symptomático. Vamos agora a ver se a casca corresponde ao miolo.

No tempo em que estas, hoje sobreviventes formulas extensas, estavam em plena florescencia, qual era, o processo de ensino, o methodo da nossa Universidade e dos estabelecimentos congenentes, nella Europa fôra?

Era o processo dogmatico, que o esfato do espirito humano contemporâneo e o limitado âmbito da scienzia d'então plenamente justificava. As facultades de critica, de exame, de iniciativa intelectual dos estudantes, eram exclusivamente aplicadas á exegese das obras, das theorias metaphysicas, de tudo em fim, quanto anteriormente se pensara e se escrevera.

A inovação, o progresso científico — se assim lhe podemos chamar — podia darse, mas num âmbito muito limitado, porque, de contrario, seria revolucionismo, heresia — e a esse tempo não se brincava com tais coisas. Era emfim a época do «problema dos Universaes, das escholasticas, das humanidades puras». A Medicina era Galeno e Hypocrates; o Direito, Ulpianus e as Pandectas.

Ora bolas, sr. Banco de Pé... dra!

Bamada Curto

Factos e Commentarios

Resumo

Parece-nos que a benta Palavra anda propositadamente a desconsiderar o Mes-

tro dia era o sr. Vilhena que, se tivesse ficado na Universidade, seria o seu primeiro professor; agora é o sr. Espreguiça que é muito considerado lá para pelo seu saber financeiro.

E o Mestre nem palavra!

Aqui fica o nosso protesto contra essa pena do silêncio.

Nacionalices

De uma conferencia do senhor Dr. Pinheiro Torres paladino do nacionalismo:

«E, pelo amor que devemos restaurar a Pátria, é pelo amor que resolvemos o momentoso problema social, dizendo aos ricos: — amae os pobres: — dize aos pobres: — amae os ricos.»

E prompto! Tres palavras da parte dos pobres, outras tantas da parte dos ricos com seus possinhos de perlimpimpim ali do senhor Pinheiro Torres e...

Ora bolas!

Engano

Um collaborador de Palavra depois de nos dizer que 300 annos A. C. já havia distribuidores automaticos que mediante uma moeda forneciam ao publico medicamentos, diz que agora esses distribuidores só nos dão bonbons, cígaros, lumes e outras coisas inuteis.

Com que então o articulista acha que os lumes ou phosphoros são coisas inuteis?

Pois engana-se.

E, se duvidar, pergunta aos povos de Alijô, Valpaços e Murça...

Não é, não senhor...

A propósito da Liga Monarchica affirma a Palavra que Lisboa não é republicana.

Mas por que artes de berliques e berlóquies descobriria ella isto!

Querem ver que é bruxa?

Sóme te cousa má...

T'arrengue masarico.

Maus figados

Atira-se o Portugal desenfradiamente ao pobre Makavenko como Santiago aos Mouros por causa de no final do seu discurso ter metido aquella tirada em que oferecia o seu gario aos elementos liberaes p'ra luta contra o pastelão reaccionario.

Que maus figados!

Até nem o pobre Makavenko escapa. Sabe que mais Portugal amigo, — pergue-se, pergue-se.

Zacando

No seu discurso ha dias na Liga monarchica o conselheiro Jacintho Candido defendendo o conservantismo, objectou que «— combatte os processos revolucionarios, que tudo destroem sem crearem nada de util»...

Logo vimos que o sr. conselheiro não tomava a Liga a serio. Fazemos-lhe a justica de o crer suficientemente erudito e inteligente para só falar assim... a cacoar.

Um dissidente na «Revolta»

Do sr. José d'Alpoim Napolis Manuel recebemos dois artigos em resposta aos srs. Sherlock Holmes e Carneiro Franco que por terem chegado ás nossas mãos já quando o jornal estava quasi composto, só no proximo numero de 4.º feira inseriremos.

Capelos

Domingo lá vão receber as insignias doutorais os dois últimos candidatos.

A festa promete ser de espavento. Até a charrella mette peça nova que já está ensaiando ha dias.

E aquelle que por ahí se cantou ha dois annos, conhecida por Hymno da greve.

Além disso o sr. Gayo, em traje de bailadeira Indiana, fará o seu pé de dança em homenagem a um dos doutorandos.

Nenhum brioso recitará.

Já veem que não pode ser melhor o programma,

Lá estamos cahidos!

Boa Logica

Na Palavra um collaborador que assigna Banco de Pé conta uma linda historieta em que ha dois cavaleiros que num restaurante não comem carne, um por conselho de medicos e o outro por ser menino de muita religião.

Até aqui nada de notável.

O que é de primeira ordem é a conclusão que o homem tira.

Ahi vai:

«Tinham recusado dois... um em nome da scienzia... outro da religião!...»

Mais uma vez as duas antagonistas... estavam de accordo...

Ora bolas, sr. Banco de Pé... dra!

S. Jose

A Egreja festejou hontem com a devida pompa este symbolo. As canastras devem ter feito novena cheias de gratidão pelo bello exemplo de tolerancia que aquelle ancião dera. É uma tocante consagração postuma ao humilde carpinteiro de Nazareth que, velho e alquebrado ao peso do duro e ingrato trabalho, asseado pela mizeria, teve por fim de sua vida a suprema consolação de ser brindado com um lindo menino que a sua jovem e formosa esposa de collaboração com... o Espírito Santo lhe apresentou, enternecido...

Ora bolas!

Coitado!...

NA BRECHA

II

D. MIGUEL

Vejo nos jornais a noticia da renuncia do sr. D. Miguel de Bragança aos seus direitos á coroa portuguesa.

Muita gente vê grave perigo n'essa renuncia o no regresso a Portugal do proscrito.

Aventa-se mesmo a hypothese duma tragedia, ou da esterilidade do senhor D. Manuel como causas da falta de sucessor legitimo a que poderia concorrer o sr. D. Miguel trahindo a sua renuncia.

Mas que nos importa a nós o nome do monarca? Que variação de cambios pôde haver pelo facto d'uma coroa mudar de cabeça? Fundamentalmente, é tudo o mesmo.

A coroa não dará pela mudança de dono. Quando muito só se sentiriam as cabeças.

De resto, tudo o mesmo.

O sr. D. Manuel não é um rei completamente constitucional, como o sr. D. Miguel não teria a louca pretensão de ser um rei completamente absoluto.

Seriam sempre egaues um ao outro, para o que pouco teria de transigir o sr. D. Miguel.

O sr. D. Manuel, constitucional, tem desido tanto até ao absolutismo, pelas circunstâncias e por hereditariedade como o sr. D. Miguel teria de subir até ao constitucionalism.

Assim, estando um onde está, e suindo o outro quasi nada identificar seiam completamente.

Ha apenas um papel a mais ou a menos: a Carta.

Mas o mais importante da renuncia é a sua significação politica e social.

O sr. D. Miguel, proscrito e eterno pretendente, nunca abdicaria dos seus direitos se no seu espírito coubesse a ideia do seu triunfo num futuro mais ou menos longinqu.

Um trono não se dá a um amigo por sympathy, ainda que esse amigo seja um primo de radiosa mocidade, loiro e formoso como Apollo. Um sceptro não é uma bengala que se aborreça e se dâ ao primeiro amigo que aparece.

Uma coroa não é um chapéu que passou de moda e se atira generosamente á cabeça d'um valet de chambre.

Um trono, mesmo hypotheticamente d'amanhã horas e regalias que deve satisfazer mais a vaidade do que um logar de director geral, porque o sr. D. Miguel declarando não querer ser incluído na lista civil, deixa-nos o direito de suppor que enfileira no orçamento pelo menos como simples burócrata.

Nada disso.

E' que o sr. D. Miguel sentiu a paixão da saudade da terra dos seus maiores, esta coisa flagrante e palpável — que a monarquia loi terra que deu vinha é vinha que saltadeiros astuciosamente roubaram.

O acto do sr. D. Miguel não é o gesto sympathetic dum absolutista que abre os olhos á luz e os braços á liberdade. E' muito mais. E' o salto gigantesco d'um legitimista que se passa para a Republica, que outra coisa não é o reconhecimento tacito da fallencia da monarquia velha, a que uma sonhada monarquia nova queria dar um saco tão forte que as prostrou a ambas.

CARTEIRA D'UM REBELDE

Há pouco mais d'um anno, numa tarde tragic de Fevereiro, dois heroicos filhos do povo, com o seu rubro sangue de plebeus, amantes até aos ultimos sacrificios, do seu paiz, na historia d'esta infeliz patria escreveram uma pagina que não mais se devera apagar da memoria dos homens como amarga lição e salutar exemplo.

Um tiro de carabina, por mão certeira disparado, no mesmo leito sangrento prostrou um rei e um príncipe; e como se a morte — a grande mestra da vida! — mais uma vez quizesse provar que o seu gelado e funebre beijo tanto poisa sobre os aristocraticos labios reaes como sobre as lividas faces dos desherdados e dos pârias, ali mesmo tambem, sobre os olhos para sempre parados dos dois martyres, desceu o sonmo eterno da eterna noite.

Não foi um assassinio vulgar, esse que ensopou de sangue o chão do Terreiro do Paço. Os tiros que quebraram o pezado silencio d'essa tragica tarde não foram senão o echo do grito affilictivo e estridulo que sahia do peito opriido d'uma patria anteira; e as balas que victimaram D. Carlos e o príncipe real foram feitas com as lagrimas crystallizadas que olhos soffredores choraram por longas e latidicas noites, vendo partir para as terras distantes do exilio os parentes e os amigos, sem esperanca talvez de os tornar a apertar nos braços carinhosos, presentindo-lhes o sofrimento, a tortura infinita de aprofecerem lentamente na immundicis das enxovias, ou cahirem, para sempre vencidos das febres dos climas ardentes, sem uma unica mão amiga que os olhos lhes fessechasse no ultimo momento...

Ah! não foi um assassinio vulgar, esse que ensopou de sangue o chão do Terreiro do Paço.

Por isso essa tragica data nunca se devera apagar da memoria dos homens como amarga lição e salutar exemplo.

Há pouco mais d'um anno que D. Manoel é rei. Sobre a sua cabeca, mais acostumada aos devaneios e ás doiradas fantasias das creanças, pesa agora uma coroa com sete seculos d'existencia e nas suas inexperientes e inhaibes mãos, mais acostumadas a manejear soldados de chumbo, está agora collocado o destino de cinco milhões d'almas.

Ah! o dificil officio de reinar...

Em torno da sua mocidade e em torno da sua radiosa belleza pretende-se crear uma atmosphera de piedosa symphathia, d'amorosa cumplicidade mesmo, e meninas hystericas, em calidas noites de perfumado luar, quanta vez não sonharam apertar no vivo marfim dos seus braços o seu busto gentil, sorvendo na rubra flor da sua boca real o beijo infinito e soffregido do seu primeiro amor.

Conselheiros graves e circumspectos, cuja cabeça encaneceu na ardua tarefa da politica, conhecendo a indoe facilmente sugestionavel do povo português, andaram em viagem triumphal — diziam — expoendo pelos quatro cantos do paiz, como — à a comparação sem intuictos offensivos — como os bandoz dos ciganos andam pelas feiras mostrando, ante o pavido olhar dos laponios, ursos domescicados e macacos que fazem habilidades.

Reinado novo, com um rei novo e gentil... ah! decididamente o paiz pode confiar!... E suas Excellencias por toda a parte tocavam a campainha d'este reclamo, como certos figurões que impingem, nas praças publicas, a troco d'alguns cobres, drogas avuladas, boas para tirar callos e arrancar dentes sem dor...

sigue-se

Há pouco mais d'um anno que o Sra. D. Manoel é rei.

E contudo, no curto espaço d'um anno os acontecimentos teem se sucedido com a rapidez d'um quadro d'animatographo, destruindo uma a uma tantas promessas risonhas como o vento destas os flócos tenuissimos da espuma.

E o augmento da lista civil, são os emprestimos ruinosos, é o esbajamento das ultimas migalhas do nosso patrimonio, é o nosso descredito no estrangeiro, são as Espregueirices é a vergonha d'uma infima politica de compadres, e sobre tudo isto a fome, uivando o seu longo e funebre gemido nos desolados lares do Douro, das Beiras, do Alemtejo, de toda a parte emfim.

Reinado novo com um rei novo e gentil... ah! decididamente o paiz pode confiar!... E o Sra. D. Manoel, para bem servir a seu povo, cerca-se de padres, reza todas as noites um comprido terço para afugentar os espíritos mali-

gnos, confia á Divina Providencia a resolução dos mais graves negocios publicos, de tal maneira que o Paço se pode dizer transformado num convento e a monarchia encarnada no padre Mattos.

Talvez uma unica vez na sua vida, D. Carlos viu o seu povo vitoria lo sinceramente.

Foi quando elle se declarou abertamente contra a reacção clerical.

Pois nem essa lição se aproveitou e a monarchia do Sra. D. Manoel, com pouco mais d'um anno d'existencia, entregou se francamente, sem o mais pequeno rebuço nos braços da mais feroz e intolerante reacção religiosa, reconhecidamente o mais irredutivel inimigo da luz e do progresso, porque das trevas e da estagnação moral e intellectual tira a razão unica da sua existencia.

Sherlock-Holmes.

A' tesoura

Da Palavra:

Cousa notavel: o sr Espregueira é o ministro da fazenda mais combatido no nosso paiz, aquelle que uma grande parte da opinio repulsa e nocivo aos interesses publicos; e, ao mesmo tempo, o ministro em que o estrangeiro tem mais confiança.

Poderá Pois se o estrangeiro o vê trabalhar com tão boa vontade para lhe entregar o bolo!

E' claro que tem nelle toda a confiança...

Do Portugal:

Eis ah os fructos d'essas doutrinas que diariamente vemos ahí a pregadas em toda a parte.

Eis ah o fructo da educação sem Deus.

Isto diz Padre Mattos depois de noticiar que na Lourinhã uma fera matou o proprio pae e feriu outro individuo.

Os culpados é claro que são os republicanos, pois a elles se refere o bocadinho que recordamos.

E são estes os processos de combate daquelle jornal!

A infamia seria revoltante se não fizesse tir pelo disparate e pela estupidez.

Do Notícias de Lisboa:

Não pode dizer-se que seja mercedor de cumprimentos e felicitacões o alvorecer d'uma carreira, em que um rapaz de 28 annos coloca um velho de 75 na necessidade de se bater com elle.

E' claro. O que merece cumprimentos e felicitacões é o finalizar d'uma carreira em que um velho de 75 annos se coloca na situação de leiloar o que ainda ha de valor no paiz de que é ministro.

Ou o homem, para arruinar a nação, não tem 75 annos?

Talvez seja só para duello...

Da Nação:

Nas horas em que o sentar-se no throno ou simplesmente acercar-se d'elle podia parecer uma regalia, o exilio era nobremente suportado.

Mas, agora, o caso é radicalmente outro.

Viver no estrangeiro é a segurança, a quieto.

Acerca-se do throno é correr para o foco do perigo.

Trata-se, é claro, de D. Miguel.

Eis explicada a razão da sua vinda para Portugal.

Vem para o foco do perigo.

Mas que amor ao perigo...

Que tesnral

DE LISBOA

A questão culminante d'estes ultimos dias, loi, sem duvida alguma, o duello entre Caeiro da Matta e Espregueira. A esta hora já todo o paiz sabe o desenlace da pendencia.

As balas das pistolas não furaram o chapéu alto de nenhum dos padrinhos e foram, bondosamente, perder-se no espaço. Ainda bem. Somos avessos ás soluções violentas, quando inuteis, e repugna-nos a effusão de sangue humano.

Nunca fomos capazes de vê matar uma gallinha. E' uma questão de feito que não carece de ser justificada pois que «cada um é como Deus o fez».

Mas, este duello sugere-nos umas ligeiras considerações que vamos fazer, despretenciosamente.

O sr. Caeiro da Matta, num inflamado discurso e em gesto tribunicio, em plena camara, na presença dos seus collegas que enchiam o hemicyclo, das galerias apinhadas de gente e, pôde dizer-se, do paiz inteiro que, no dia seguinte, teria conhecimento das suas palavras pela imprensa, accusou o sr. ministro da fazenda de reu confessó do crime de burla, em face do Código Penal.

Agora temos outro espectaculo: o duello! Annuncia-se a hora e o local,

Para o sr. Caeiro o sr. Espregueira era, nem mais nem menos do que — um burlão.

O sr. Caeiro é um homem de bem, incapaz por consequencia de chamar tal coisa o ningum sem estar, da sua veracidade, absolutamente convencido. Alem de tudo, o sr. Caeiro fallava no assumpto com mais auctoridade do que qualquer outro, pois que é professor de Direito Penal, ahi em Coimbra, na unica Faculdade de Direito que nós temos e por consequencia a primeira «competencia oficial» do nosso paiz, para apreciar taes questões. Convidado pelo sr. presidente a retractar-se, o ilustre deputado manteve, nobremente e indefectivelmente, a sua accusação.

Para o sr. Caeiro, o ministro fôra, era e continuava a ser — um burlão.

Eu não tenho a honra de ser jurista mas creio que esta coisa de burlas é uma coisa séria, que aggravada no caso presente, pela excepcional situação do accusado, não se traduziu, positivamente, na offerta por parte da Nação ao sr. Espregueira, d'um rebuço d'ovos, no caso de vir um dia a tornar-se efectiva a grande responsabilidade em que elle incorreria perante a lei penal. Mas isto é o menos.

O mais, é a questão moral pois que, se por vezes a responsabilidade jurídica se pode separar da responsabilidade moral, n'este caso d'um ministro, d'um homem culto, que, propositada e criminosamente, desvia dinheiros confiados pelo paiz á sua guarda, para servir interesses inconfessaveis, proprios e de terceiros — as duas responsabilidades formam um todo de tal ordem, que tornam a creatura absolutamente incompativel com qualquer homem de bem.

Isto é, parece-nos, indestructivelmente assim. Nos chamados codigos d'honor pôde a questão vir regulada byzantinamente. Mas, o bom senso, ou, pelo menos, o meu bom senso, e a minha consciencia — de que eu não abdico porque não quero — não o podem entender d'outra forma.

Portanto, se eu como o sr. Caeiro tivesse a convicção de que o sr. Espregueira era um criminoso — e d'outra forma eu não admito que tal se affirme — eu, depois de solemnemente o ter declarado — não me batia com o sr. Espregueira.

Quando muito, batia-lhe — o que é diferente. «Pendencia d'honor» com um homem que eu solemnemente afirmaria que commettera um acto deshonroso! De modo nenhum!

Esse homem só podia ter pendencias com a polícia!

O seu campo d'honra era o Limoeiro.

Dir-me-hão podiam chamar á minha recusa, covardia. Isso não é razão. Positivamente, se eu amanhã vir na rua um gatuno «picar» uma carteira, e o increpar com a violencia requerida, eu mesmo que o gatuno se susceptibilise e me mande desafiar, não accepto — porque não troco a minha vida pela do meliante.

O que fuço é avisar as testemunhas do sujeito, se essa consideração me recerem, por julgalo illudido, de que o seu constituinte é um cavalheiro que eu «vi picar uma carteira». E se elas «repontarem» eu mando as sahir para que me não incomodem.

Se por esse facto alguem me sahir ao encontro no meio da rua, defendendo-me conforme as circumstancias e as «minhas posses», primeiramente a murro, depois a chitote, e por ultimo a tiro, — tendo previdamente o cuidado de abotoar o casaco, não vá ficar na refrega, — sem carteira tambem. Depois chamo a polícia e mando prender os que me atacaram. Isto é que é logico — alien de que o duello, quando é possível, não resolve nada.

O sr. Caeiro não se retractou e guardou a sua convicção, o ministro ficou como d'antes, e depois d'isto — vae cada um dos contendores jantar para sua casa, tranquilamente, tendo corrido um risco que nada justifica.

Mas... seré eu que penso mal?

Ha outra coisa que eu não percebo e gostava que me explicassem.

O duello é ou não é prohibido por lei e severamente punido?

— E'.

Quem, mais do que ninguem, deve fazer respeitar as leis?

Os representantes da auctoridade, creada exactamente para que ella se cumpra.

Pois, meus amigos: nós tinhamos as touradas, os theatros, os animatographos, as corridas de velocipedes, todas os espectaculos emfim, annunciantos com hora e logar marcados.

Agora temos outro espectaculo: o duello! Annuncia-se a hora e o local,

previamente, nos jornaes. Vae para lá tanta gente como para os toiros.

— O' coisa onde vae tu?

—Vou ao duello...

— Quem se bate hoje?

— E' um ministro e um deputado, que vão para o campo da honra, porque um chamou ladrido ao outro...

— Ah!

E ainda havemos de ouvir aqui no Rio, contractadores gritarem:

— Cá estão bilhetes para o duello. Cadeiras numeradas para palanque... Sol ou sombra ou quem vende algum bilhete...

Timido

O Brazil moderno

IX

Dr. Francisco Pereira Passos

Enumerando as diversas individualidades que, com o seu esforço, têm poderosamente concorrido para o extraordinario movimento evolutivo que ultimamente se tem accentuado no Brazil, não podíamos de forma alguma, deixar de traçar o perfil deste notavel engenheiro civil e importante industrial, a quem a sua patria deve inestimaveis serviços.

A sua não pequena permanencia no cargo de director da Estrada de Ferro Central do Brazil, onde desenvolveu uma intelligente actividade, reconstruindo a estação principal, inauguroando novas vias, augmentando o material rodante, reduzindo tarifas, disciplinando o pessoal, regularizando o serviço, tendo sempre em vista a commodidade do publico, seria bastante para evidenciar não só as suas raras qualidades de administrador como ainda a sua admiravel orientação tecnica e profissionais.

Quando eleito para supremo magistrado do paiz o dr. Rodrigues Alves, acertadamente andou este, escolhendo o dr. Passos para prefeito do Districto Federal, onde então se lhe oferecia um vasto campo em que, como em nenhum outro, poderia desenvolver toda a sua actividade prodigiosa. Essa previsão não falhou.

Encontrando seguro e eficaz apoio no governo central e interpretando o sentir geral da populacão, concebeu o gigantesco e colossal empreendimento de reconstruir a cidade do Rio de Janeiro, pleno este que, aos olhos de tantos, parecia irrealisavel, tal a somma de obstaculos que se antolhavam.

Sem hesitações, e visando apenas o fim que na sua mente delineara com firmeza, deu inicio á primeira phase do seu plano, mandando proceder ao arranque de morros, e ordenando, depois das devidas e justas indemnizações, a derrubada de centenas de casas e edificios, para o que poz em jogo as forças de milhares de operarios que, revezando-se, trabalhavam dia e noite ininterruptamente.

Dentro de pouco tempo, parecia que uma grande parte da cidade, fortemente abalada e atingida por um grande cataclismo, se desmoronara, deixando a se pulta sob as suas proprias ruinas.

Feito o desenrolho e realisada a reação, começaram então os trabalhos de medição, alinhamento e reconstrucción, que atacados com o mesmo vigor e dirigidos por mão de mestre, accentuavam-se dia a dia, de sorte a causar admiração áquelles mesmos que, como nós, alinhiam a sua residencia fixa, sendo por tanto continua a sua observação.

No fim de um anno apenas, era inaugurado o eixo da Avenida Central, larga e extensa arteria ao centro da cidade baixa, batida pelo sol e varrida pelo ar do Oceano, e que se substituiu ás antigas viellas, onde pardieiros e vestuas mordidas ainda dos tempos coloniaes, alimentavam em antinham inumeros focos de imundicidio e infecção que tornavam do Rio de Janeiro uma cidade inhabitavel, apesar das suas admiraveis condições de salubridade.

Mas os trabalhos foram progredindo. Novas ruas e avenidas amplas foram rasgadas; soberbos edificios obedecendo todos á arquitectura moderna e os estilos diferentes, foram construidos; largas praças e lindos

PARIS EM COIMBRA

High-life tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietário fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em depósito, só vendo se acredita.

Esta casa é a única que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu comércio.

Cachorros da Serra da Estrela

LEGITIMOS

A venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fruta de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os géneros, especializando os de jolhado.

Galantines diversas. Tete d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saneisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margarida.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empresa Vinícola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontelo e dos produtos da Fábrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remédio mais eficaz para a expulsão de **lombrigas**, tanto em crianças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remédio e centenas as crianças salvadas com ele.

O **Vermifugo Faria**, é diferente dos que existem do mesmo género e duma eficácia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode afirmar que os não tem.



Mais eficaz até hoje conhecido.

O **Vermifugo Faria** limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quais forem, destróe as fermentações putridas e anormais, cura as infecções intestinais e as dysenterias infeciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O **Vermifugo Faria** não tem depósito no fundo do frasquinho e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasquinho em água quente. Preço do frasquinho em todo o reino, incluindo o selo, 250 réis. 12 frasquinhos, incluindo o selo, 2\$200 réis.

Depósitos: PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.º, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.º, Rua Ferreira Borges.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanelas d'algodão, metro	60
Ditas, cós lisos, muito largas, metro	120
Córtex de ve-tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Pingas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	51
Ferrões a vapor, para engomar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a	80
Lencos de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanelas, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que no a vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, género tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofo, molas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35, 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depara-se com arrependimento, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarregue-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os géneros

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCERIA

por junto e a retalho

32, Praça do Comércio, 33

COIMBRA

Vendem se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonito Luzitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empresa Automobilista Portugueza, ou na Typografia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

RUA do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Colmbra

Lista casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao fregueses calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardas-sóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEADAS

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabeadas de luxo.

Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado. Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principais fábricas nacionais e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

a Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Médico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da boca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

Director e proprietario
Ramada Curto
Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6
Oficinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, 1.º

N.º 18

COIMBRA — Quarta feira, 24 de Março de 1909

ANNO 1.º

D. MIGUEL

A vinda de D. Miguel para Portugal é um expediente da *clericalha* dominante, reforçando as hostes e tomando posições, com o fim de garantir o exito final da luta em que anda empenhada contra a Liberdade e contra a Nação. Agora já não pôde haver duvidas, pois a Reacção desmascara uma das suas baterias.

Depois da morte de D. Carlos os arbitros dos destinos do paiz são, incontestavelmente, os jesuítas. O perigo não está no Padre Mattos, porque esse é um desbocado e repugnante bananoba que tem um público imbecil e impotente de beatas, padres sertanejos e lanzzados, e alguns androgynos de cerebro estreito e alma de lacaio, com a monomania fidalga. Estamos mesmo convencidos que, se a imprensa ultramontana é essa coisa reles e tópica que para aí está escrita por collaristas e matoídes, isso obedece exactamente a uma tática habil de quem, por traz e na sombra, meche os cordelinhos do drama. O espírito liberal do paiz não se assusta, não se previne, não reage, porque não vê um perigo n'aquela miseria, n'aquela baixeza que enoja e faz rir. As gentes, ostensivamente ultramontanas em Portugal, não fazem presumir que por traz d'ellas esteja um grande exército, superiormente disciplinado, intelligentemente dirigido, tenaz, persistente, habilissimo, aguardando pacientemente um descuido do adversario, para saltar sobre elle e dominá-lo definitivamente. Os da "Palavra", o Mattos, o homem das "Folhas Solitas", quando muito se fazem suppor alguma coisa é que sejam a vanguarda d'uma manada d'onagros, vomitando baboseiras e aos coices.

Mas não é o caso. Por traz d'este rebotelho human oestá — é indubitable! — o jesuíta. Sim, meus senhores, o jesuíta. Até ha pouco tempo o jesuíta era para toda a gente que usa gravata ao pescoço e presume ter duas ideias na cabeça uma figura de rhetorica boa para os palurdios ou um producto de confeitaria.

Havia quem se risse d'alguns pobres diabos que tinham a mania do "jasuista", e, por toda a parte, estavam a descobrir, agachado na sombra e pronto ao salto, o "jasuista" temeroso. Como alguns d'esses pobres, tinham, na sua inconsciencia, profundamente razão! Foi assim pela indiferença e osepticismo de todos e com a cumplicidade da monarchia, representada para o caso por Amelia d'Orleans, que a Reacção espalhou a sua rede pelo paiz, minou-o d'um formigueiro de congregações, apoderou-se sob todas as formas da educação da mocidade, em collegios explendidos que atrahiam a frequencia dos filhos da burguezia pretendente liberal que respondia a quem a censurava de metter os filhos n'esses coios que "tudo isso são historias, e educam-n'os bem e depois as caraminholas das rezas

desaparecem cá fóra sem custar! Desaparecem?

Nós aqui em Coimbra sabemos o quanto isso é falso em face dos productos que nos vêm de S. Fiel e de Campolide, annualmente.

Querem um pequenino facto!

Pois ahi vai: a poucos dias um do outro, enlouqueceram este mes dois infelizes rapazes com a monomania religiosa perfeitamente caracterizada n'um dos desgraçados. Ha mais. Existem aqui, matriculados na Universidade, alguns estudantes, — não é um nem dois — que se ciliciam, andam de corda de nós amarrada a cintura, atiram-se a rebolar do alto de escadas, dormem no soalho, não consentem que as serventes lhes entrem nos quartos e consomem longas e interminaveis horas a mastigar resas sobre resas!

Mas nem só estes *tipos extremos* são symptomáticos. Uma parte mesmo, dos estudantes que frequentam a Universidade são — porque não dize-l'o? — reaccionarios, os que o não são em religião, são-n'os em politica, são-n'os por qualquer outra forma! E d'anno para anno a percentagem aumenta. Nós aqui não fazemos, por programma, política academicia e podemos falar desassombroadamente como sempre.

Ha aqui criaturas que defendem o poder pessoal, o despotismo, a tyrania e o arbitrio e para quem as conquistas do espírito humano, na luta pela sua emancipação, são frivolidades irrissorias. Ha na nossa Universidade, entre rapazes de vinte annos, *estudantes franguitas*, estudantes que aplaudem o *dictador*! Isto é extraordinario, mas é assim! Quem escreve estas linhas tem o intimo receio de que, se a obra da Reacção, na conquista das gerações futuras, pôde proseguiu sem obstáculo, em dez annos, teremos mudado a maneira de ser e a mentalidade da classe que exerce as profissões liberares.

Ora quem faz esta obra?

Quem tem dirigido o extranho trabalho de *sapa* do Ultramontanismo em Portugal? O padre Mattos?

O irrissorio estupor, coitado! São criaturas intelligentes, astutas, habilissimas, que em Portugal estão hoje governando, manobrando na sombra. São os jesuítas. E, por exemplo, o director de Campolide, — o padre Gonzaga Cabral — e outros mais.

Ora essa gente precisa da monarchia para completar a sua obra. Se a monarchia lhes foge, basta que se volte à execução das leis d'Aguiar, revogadas pelo reaccionario Hintze, para que elles fiquem perdidos.

Mas a Republica, faria inicialmente e sem esforço, muito mais, — separando, por exemplo, a Egreja do Estado, garantindo a igualdade de cultos perante a lei, a liberdade de manifestação religiosa, — sem a qual a "liberdade de consciencia", da Carta é uma burla, — laicizando o ensino, e, sobretudo, contrapondo

á obra clerical, a obra de instrução, de educação, de liberdade, que só é possível dentro das formulas politicas democraticas. Ora isso era a morte do clericalismo e por isso *elles* odeiam a Republica e como a sucessão monarchica seja apenas hoje uma probabilidade fallivel, que venha D. Miguel, — que não renuncia mas apenas se abstêm dos seus *direitos à coroa* — para prevenir qualquer hypothese e ser, ao mesmo tempo, o nucleo, o fulcro, o centro d'acção do Ultramontanismo!

O que farão os monarchicos liberares do paiz? Deixarão reconstituir-se, com uma tolerancia criminosa, aquella sociedade que, pelo menos, perdeu o poder, com a convenção d'Evora-Monte, e a que só o constitucionalismo burlão e fradesco dos Braganças reinantes, tem emprestado força e deixado medrar, — ou, percebendo a cilada, defenderão a Liberdade ameaçada e o que resta da obra dos nossos ingenuos mas bem intencionados avós? As prisões d'Almeida, a força, Telles Jordão, o exilio, o confisco de bens, os assassinatos covardissimos praticados contra os liberaes, tudo isso se desvaneceu, tudo esqueceu?

Receamos bem que elles, os politicos da Monarchia, o tenham, esquecido, mas o povo é já outro, o tempo outro é tambem e, com um e outro, nós contamos.

João Fernandes Costa

Ante-hontem, pelas quatro horas da tarde, fomos dolorosamente surprehendidos pela notícia de que este nosso querido camarada e amigo, fôra vítima dum desastre, na occasião em que, ao que parece, examinava um revolver que se disparou indo a bala alojar-se-lhe no crânio. No primeiro momento, no entanto, não calculámos a gravidade pavorosa do facto e tratámos de nos informar.

Era infelizmente verdade. João Fernandes Costa, fôra transportado de sua casa para o hospital afim de se tentar uma intervenção cirúrgica melindrosissima e os amigos communs a quem nos dirigimos tiraram-nos logo toda a esperança que nos restava. O nosso desgraçado amigo estava irremediavelmente perdido e na madrugada d'hontem exalava o ultimo suspiro, deixando a sua alma extremosissima presa da mais cruentante das dores humanas, e os seus camaradas consternados e aflitos.

João Fernandes Costa, era um rapaz extremamente sympathetico, physionomia expressiva e insinuante que captivava todos que, de perto, o conheciam. Dotado d'uma bondade enorme tinha inumeros amigos entre os seus camaradas de estudo. Pode afirmar-se que o malogrado moço só contava dedicações e sympathias — e a vivacidade, a espontaneidade da sua inteligencia, a comunicativa sugestão do seu espírito, davam o direito de suppor a quem com elle privava que estava ali uma promessa radiosa de futuro. E tudo isto foi brutalmente, barbaramente ceifado por uma fatalidade inesperada! Pobre amigo! Desgraçado camarada! Pela nossa magoa profundissima, pela desolação em que nós todos ficámos, podemos nós avaliar a angustia inenarrável, a dor immensa que a palavra humana se nega a traduzir, que neste momento deve esmagar o coração de seus pais e de seus irmãos.

Todas as palavras de conforto que nós d'aqui, lhes podessemos dirigir nada poderiam significar e em nada attenuariam a enormidade d'aquella aflição.

OPERA BUFFA



O maestro e o ponto

Lá fomos hontem em piedosa romagem, acompanhar o cadáver do desditoso moço, até ao cemiterio de Santo António dos Olivaeas. A grande quantidade d'estudantes que se incorporaram no imponente prestígio provaram, á saciedade o que acima escrevemos — que o nosso amigo gosava entre os seus camaradas d'uma privilegiada situação de sympathy.

E lá o deixamos no seu jazigo, a um fim de tarde, já tocado da graca e do encanto da primavera nascente, aquella outra primavera que tão tragicamente se extinguiu.

O Centro Republicano Academico, de que o falecido era socio, depôz sobre o feretro uma coroa e grande numero de estudantes n'ele inscriptos acompanharam o cadáver até ao cemiterio. Outras corôas da Comissão Municipal e Comissões Parochiaes Republicanas, do Centro Fernandes Costa e de todos os cursos do lyceu, cobriram a' carreta que transportava o corpo.

A "Revolta", lez-se representar por toda a sua redacção — e, a familia enlutada envia a sincera expressão do seu profundiissimo pesar.

Factos e Commentarios

Registo

Do Ex.º Sr. Manoel Marques Ferreira recebemos um folheto em prosa e verso intitulado *Grito de Revolta*.

São 16 paginas de verdadeiro e justo ataque á actual situação politica do paiz, cuja unica solução é a inadivel proclamação da Republica.

Vende-se ao preço de 60 reis e todos os pedidos devem ser feitos ao sr. Armando Magalhães, Rua de Serralves 566 — Porto.

Ao sr. Marques Ferreira agradecemos o exemplar que teve a gentileza de nos oferecer.

Horrivel crime

• A misera, ao desatino
N'aquella scena de horrores,
Fustiga o vil assassino
Co' ramo gentil de flores!

Logo apoz, olhos de assombro
Erguendo a vêr o que seja,
Vê d'arma fincada ao hombro
Monstro que os filhos lhe alveja,
— «Oh! Não! Não! Que atroz maldade!»
• Se já matastes o Pae! ..
• Os Filhos, por caridade,
• Meus Filhos, orphãos, poupaes.

O troar de arma de fogo
Responde ás vozes da Mãe,
E tomba um dos Filhos logo,
Espachelado tambem! »

Está o leitor a pensar que isto é um bocadinho d'uma d'essas historias rimadas de *horriveis crimes* que por ahi se vendem ao povo das aldeias, não é verdade?

Pois fique sabendo que é obra de um oficial de engenharia a quem deu para prantear em verso o dia 1 de fevereiro, como diz o *Portugal*, d'onde recorramos a preciosidade.

Emfim, a lagrima é livre e a asneira tambem...

As canastras

Conta-se que as canastras de Lisboa já estão sendo ensaiadas pelo rusião de Mattos, do tal, para irem para a Torre de S. Julião, cantar o hymno patriótico de D. Miguel, mal chegue á barra o vapor que o conduz.

Para as canastras que desejarem assistir á chegada e não possam comparecer aos ensaios, aqui lhe damos a quadra do hymno:

D. Miguel chegou á barra,
Padre Mattos lhe deu a mão.
Anda cá filho da... minh'alma,
Filho do meu coração!
P. Mattos

Educação Religiosa

Dois factos da maior gravidade tiveram lugar a semana passada, e para os quais julgamos absolutamente necessário chamar a atenção daqueles homens que, não desiludidos ainda da salvação desta pobre patria portuguesa, à custa de tudo procuram conquistar-lhe um futuro cheio de felicidade que a faça esquecer das desgraças presentes e dos crimes passados.

Acabam de endoidecer nesta cidade de Coimbra dois estudantes, e o caso seria banal, embora para lamentar, se ambos elles não tivessem como causa fundamental da sua desgraça a educação religiosa.

Ambos elles, haviam sido educados em collegios de jesuítas, e depois da sua vinda para Coimbra, tinham continuado assiduamente as suas práticas religiosas.

Um estudava o 7.º anno dos lycées, o outro o 2.º anno de medicina.

Um e outro nos momentos agudos da sua desgraçada doença, sam vitimas ainda de alucinações misticas e é contra supostos inimigos da egreja catholica que se voltam as suas mãos críspadas pela dor.

Eis os factos em toda a sua singeleza.

Temos ainda nos ouvidos os gritos lancinantes saídos da garganta enrouquecida de um deles, o do lycée, que altas horas da noite nos acordou do nosso sonmo tranquillo para nos comunicar a sua amargura imensa.

As suas palavras desordenadas, os seus insultos, as suas suplicas, saindo dum boca que se julgava inspirada e fortalecida por Deus, jamais se apagarão da nossa memoria.

Nunca, como nessa noite, nos sentimos tam revoltados contra aquelles homens que tinham educado aquela pobre creança e tinham lançado a agitação e a angustia no cerebro daquelle desgraçado!

Ah! como nessa noite o nosso odio contra a reação religiosa aumentou de intensidade e como o nosso desejo fora esmaga-la rudemente, brutalmente, sem piedade, o riso nos labios!

E olhamos em roda, e vimos toda uma mocidade trilhando o mesmo caminho d'aqueles duas victimas da educação clerical, bem pronto, talvez, indo muitos d'elles ser seus companheiros d'infortunio e os outros, os mais felizes, encontrar na morte o repouso desejado.

Mas não vá o leitor julgar que estamos dando largas á nossa fantasia. Esta é infelizmente a verdade. Sim, porque neste anno que vae correndo, o anno de 1909, muitos annos volvidos depois da Revolução Franceza e das descobertas de Lavoisier, ha em Coimbra rapazes com menos de 25 annos, estudantes de sciencias sociaes, naturaes e medicas, que passam as melhores horas do seu dia a cíliciarem-se e a rezar o terço!

Não acredita o leitor! Pois é simplesmente a verdade.

E os males que d' aqui resultam são maiores do que á primeira vista parece.

Este estranho misticismo, signal evidente de degenerescencia mental, é quasi sempre acompanhado do horror pela mulher e pela familia, e do consequente onanismo.

Conhecemos ah! muitos rapazes em cujos quartos não entrou jamais um risco de mulher e se alguma de sangue mais quente tenta aproximar-se d'elles, atraida talvez pela tristeza dos seus olhos cavados, logo elles tratam de as afastar rudemente, ameaçadoras.

Aos vinte annos que tristeza!

Dum sabemos nós que não consente que a mãe ou a irmã o beijem, quando vae a casa nas ferias, porque nos beijos d'ella elle vê apenas lubricidade, o calhalha!

E ao ve-los passar, envoltos nas suas capas negras, muito pallidos e muito tristes, os olhos fundos, parados e sem brilho, sem um gesto de alegria ou de vida que trai a sua edade juvenil em que é costume viver cantando e amando, nós lemos nas suas frontes caídas a marca da casa que os educou e lhes tirou a vontade e a alegria.

Aos vinte annos e já velhos!

Pobres victimas! Atirados de pequenos para o collegio, ac chegarem á edade em que um vago desejo da mulher os perturba, e o seu espírito deseja abrir-se francamente ao sonho, não encontram para a sua satisfação, mais do que os vícios repugnantes que os próprios professores lhe inoculam, e a adoração mística da Virgem.

Vindos para Coimbra, vigiados de perto pelos representantes dos seus pri-

meiros educadores e encontrando organizações dentro da academia as forças cléricas, hade ser difícil que um d'elles consiga escapar-se-lhes da rede e libertar-se, para sempre, das suas garras esmagadoras.

Ah! mas é preciso que se oponha um dique invencível a esta corrente de desvario.

Não se deve continuar a permitir que se mutilem inteligencias e se aniquilem vontades nas fábricas de loucos e de monstros que sam essas casas de ensino religioso, sob pena de não podermos evitar a derrocada que se avisinha para a nossa pobre raça e para o nosso desgraçado paiz.

E' um apelo angustiado que neste momento dirigimos aos liberaes portugueses para que pousem os olhos no que vae por esses collegios, para que neste momento, em que se desenha uma lucta contra a reação religiosa e politica, não se esqueçam dessas pobres criaturas que a ignorancia e a cumplicidade de muitos pais atiram para dentro desses antros de morte e de desgraça.

Francino Coraré

A' tesoura

Do Portugal:

As circunstancias justificam muita vez as resoluções desesperadas.

D'accordo. Diga sempre d'essas, que vae bem, amigo Ruy!

Mas, para ser coerente, applique o seu dito a todos os casos em que as circunstancias... etc.

Do Notícias de Lisboa:

Seguiu-se-lhe o illustre deputado o sr. Alexandre Albuquerque que falou muitíssimo bem, revelando-se um estudioso e um pensador de primeira ordem.

Pensador, o Xandre?!

Ora adeus...

Não lhe chamem essas coisas, que acabam de estragar!

Do mesmo:

Na colecção Antonio Maria Pereira, appareceu agora um livro de Alberto Pimentel *Fitas de animatographo*, de que damos em *Livros novos*, um gracioso capítulo que se refere ao piano, instituição universal, tão nossa como estrangeira.

Notem bem que é tão nossa como estrangeira a tal instituição universal.

Não haja enganos

E' tão explícito que até parece do Mestre!

GAZETILHA

P'ra pagar certos favores,
E por mandado divino,
Carregaram de louvóres
E metteram um menino
Na assembleia dos doutores.

Era justo dar-lhe entrada
A elle que bem mostrou
Por maneira assignalada
Que a estorços se não poupou
Para a greve ser furada.

Para as folhas predilectas,
Com suprema gravidade
Fez cartas com muitas tretas,
Elle que estava na idade
De apenas fazer... gazetas.

Tambem outros apanhavam
A devida recompensa
Por aquelles que chamaram.
Os mestres deram licença
E os chumbos lá se acabaram.

E agora ao vê-lo rosado
Como a maçã camoeza
E de capello envergado,
Volto os olhos com tristeza
Pra um collega desprezado.

Pois é bem extraordinario
Que ao desgraçado cabreiro
Que teve o triste fadario
De pôr a cabra em berreiro
Nem o façam secretario.

Dr. Loria

Dr. Fausto de Quadros

Abriu escriptorio de advogado na rua da Sophia 57, o nosso illustre corregionario Dr. Fausto de Quadros.

Desejamos-lhe muita e boa clientela.

QUESTÃO FECHADA

Um dissidente n'«A Revolta»

Palavras perdidas

Palavras perdidas são estas para uma alma pequena. Sensação de espanco, de dó e de magua, mas de sabor agradável e cruel, me causou o seu artigo sr. Carneiro Franco! Pequeno, mesquinho alcance o daquelle que agora me responde desabidamente, com o rancor a saltar de cada palavra, como o faria o mais intransigente, o mais feroz nacionalista. Não responde assim uma intelligencia lucida, não devia responder assim um republicano! Empregar na defesa os mesmos meios que empregam os nacionalistas — repare que ponho nesta palavra o mais baixo conceito — é descer da dignidade que o partido republicano sempre gosta de vêr nos seus membros, e prego sempre que todos possuem.

Que sentimento enorme de piedade se apoderou de mim quando agora descoi que aquelle rapaz meu condiscípulo que faz a entrada na aula abanando a sua *uba — symbolo das suas ideias* — um grande gesto de independencia escolar, esse rapaz que nós vemos querer descobrir em si a veia oratoria nos comicos republicanos, não contem no fundo mais do que o odio proprio dos reacionarios por todos aquelles que o atacam.

Descobriu-se no sr. Carneiro Franco uma synthese do Padre Mattos!

O Padre Mattos é a concretisação do odio dos reacionarios; o sr. Carneiro Franco quer ser a concretisação do odio do seu partido. Se o conhecido Padre é considerado por todo o português digno da sua patria com uma alma..., como quer eu o considerar a si, sr. C. Franco?

Sr. Ramada Curto cautela! não consinta que desabroche nessa redacção o cacto maldito! Por piedade sr. Carneiro Franco, corra para o partido nacionalista, ofereça-lhe os seus serviços porque aquelles qualidades que agora evidenciam levantar entre si e o nefando Padre uma rivalidade só util, ao passo que a sua permanencia no partido que pretende honrar cobriria de vergonha aquelles que agora, tam illudidamente, o consideram como collega. Sentirei nesse dia um grande prazer: uma amputação necessaria no partido republicano, e uma vergonha robusta e prometedora no covil do Padre Mattos. Não devia responder-me assim, sr. Carneiro Franco. Como se compreende que o tenha magnificado a sua afirmação de que não assimila a luz que lhe lança S. H.? Não diz o sr. no seu artigo, que muito o considera? Considerar-se ofendido indica nada menos do que a sua falta absoluta de sinceridade. Quando nós, os sinceros, consideramos alguém, orgulho sentimos sempre em ouvir uma afirmação como a minha, pois é mais um preito de homenagem aquelles que estimamos. O simples facto da nossa consideração por alguém abrange, como consequencia, o reconhecimento pela nossa parte de merecimentos nesse individuo superior aos nossos, pois não nasce a consideração por aquelles que julgamos inferiores e os egueas passam-nos desaperecidos.

Que falta de coherencia a sua, sr. Carneiro Franco! Magoa-sr com esta afirmação e com o conselho com que termino o meu pseudo, diz o sr. Carneiro Franco, artigo, confessou que é uma levianidade! *O outro, sim, o outro, — o S. H.* — não se magou e, á parte umas ironias leves que o sr. Carneiro Franco não pode conceber, o seu artigo é bem digno delle e não uma copia do breviario do Padre Mattos. Não temos pretensões a fidalgos, alguém dos meus aqui bem alto o disse ha pouco, mas mesmo que eu ativesse, como o sr. C. Franco o diz, nunca insultaria ninguem porque o insulto é a arma dos fracos, é a arma das inteligencias curtas, é a arma dos... nacionistas.

Escrevo debaixo da desillusão profunda que, sobre o seu caracter, as palavras que escreveu me causaram. A minha profissão de fé dissidente não é uma renegação da afirmação de «republicano de gabinete» que o sr. C. Franco pretende ter-me ouvido.

Nunca até hoje fiz a mais leve afirmação publica de princípios partidários, e o que eu disse nessa reunião da academia pode bem saber lo quem quizer ler a correspondencia de Coimbra para o «Diário de Notícias» de 12 de fevereiro de 1906. Vá ler esse numero com attenção, e diga-me depois, arrancando a volta e despidendo a batina, se não é falsa a afir-

mação que faz. Não horam nada o seu caracter, sr. C. F., os meios com que me combate, e eu sinto-me *triste, muito triste, muitíssimo triste* em ter inconscientemente concordado para fazer cahir a mascara que agora com certeza ha-de pretender esconder, pois lhe falta o cynismo necessário para, perante aquelles mesmos que a viram cahir, a afivelar novamente. Agora um conselho se o permite, sr. C. F.: Não esereva, falle antes em comicos porque pode ser mais util do que tentando insultar: o insulto é a espada dos cobardes. Lembre-se de que o seu partido nunca se serve desses meios, e o rancor que os reacionarios lhe mostram responde serenamente, imperturbavel, como um forte.

Neste artigo sereno não queira vêr uma fraqueza: a primeira condição da vitoria é a serenidade.

Tenha mão nos seus nervos sr. C. F., poupe-me ás suas iras e acredite que, se para isso precisar de algumas gotas do meu vinho que do Egypto unicamente trouxe nas *minhas bagagens* lhas offereço de boa vontade: dar de beber a quem tem sede é uma obra de misericordia.

Homem ao mar! Homem ao mar!
Timoneiro lança-lhe a boia, o breviario do padre Mattos.

Considerações uteis

Não me admira, sr. S. Holmes, ter lido no seu artigo as considerações que faz e, deixe-me dizer-lhe, que elas o honram como republicano pois confessar ser possível uma monarchia com os partidos liberaes e os dissidentes constituem todos esses partidos — equivaleria a admitir uma salvação com a monarchia e isso foi sempre um principio com o qual os srs. nunca poderam concordar. Combater os srs. com denodado esforço, e têm-nos nesse ponto absolutamente a seu lado, os velhos erros da monarchia e aquelles que ainda hoje os velhos partidos historicos vam cynicamente comettendo cegos aos ensinamentos do passado, e surdos ao renascer de energias temperadas no bem que, com igual intensidade, os erros feitos fazem nascer nas varias camadas da nossa desgraçada população. Bem sei: foram grandes os erros deve ser enorme a expiação!

Todos nós, portugueses, temos a obrigação, tam querida como a mais querida, de obri-gação familiar, de conjugar os nossos esforços para minorarmos os sofrimentos da nossa patria, isto é, os nossos proprios sofrimentos que mais tarde haviam de ser os espinhos de nossos filhos.

Compete-nos fazer isto rapidamente, energicamente, sem estícões violentos, numa evolução constante mas serena para conseguir que um dia o povo português possa concordar com os pulsos livres, apto a travar com o mundo um combate tremendo que lhe traga como recompensa o logar que as prodigalidades das regias e a ganância dos fidalgos lhes fizeram perder vae para trezentos annos!

O somo que o povo português dorme é tam profundo que por cima delle se têm dançado as quadrilhas mais macabras sem que o menor acto de consciencia se manifeste, e a bestialidade em que elle o fêz cahir é tam característica que todo aquelle que o quer concordar, ou para a sua salvação, ou para assistir á sua morte, é derrubado em impetos de furor. Quizeram os republicanos accordar-lo para o salvar; quiz João Franco accordar-lo para o matar, e ambos foram vencidos sem distinguir o salvador do carrasco! Os primeiros tiveram a derrota do Porto; o segundo teve o drama do Terreiro do Paço.

E' por isto, sr. S. Holmes, que eu entendo necessário, util e possivel uma monarchia liberal. Para isso devem-se exigir duas condições: afastamento dos culpados, afastamento dos reacionarios.

Os velhos partidos, aquelles que em Portugal durante tantos e tam infastos annos espalharam a corrupção no nosso povo, esses sam inaproveitaveis; os seus membros só podem e devem entrar num ministerio verdadeiramente liberal liquidados perante as camaras e perante a opiniao publica a responsabilidade que tiveram nos erros do passado.

A monarchia liberal é possivel assim, e é assim que os dissidentes a querem

realizar. Ligaram-se agora com os partidários do sr. Vilhena como outrora com os srs., os republicanos, estiveram ligados, e a concordancia de muitos principios que então claramente se mostrou ainda nesta sessão não foi negada. Realizada a monarchia liberal duas hipóteses se apresentam aos srs.: ou essa monarchia é viável, ou cahe levando consigo aquelles que a fundaram. No primeiro caso realizaram os srs. sem revoluções e sem sangue a quasi totalidade do seu programma; no segundo alcançaram o poder espontaneamente serenos, com a convicção absoluta de que tinha chegado esse momento. A monarchia liberal é possivel nas condições que indica o povo não torna a adormecer. Narcoticos já os não quer, e desgraçada della se os tenta um dia empregar! O povo já não se adormece e mesmo tentar embala-lo um louco o pensaria. Hoje não é a opiniao publica dirigida pelos partidos conservadores, mas sim pela imprensa liberal e republicana não sendo o ministerio que indica ao povo como deve pensar, mas sim o povo que indica ao ministerio como deve sentir. Falla-se ao governo como os deputados dissidentes estam falando ao ministro Espregueira.

Cahiram os ministérios José Luciano, Hintze Ribeiro e João Franco porque quizeram amordaçar o povo e, se o ministerio Amaral cahiu por combinações de camarilha politica, repare-se como a reacção está dando e como o povo e as camaras fiscalizaram os actos do seu sucessor. A monarchia liberal constituida e cumprida a missão do governo a quem ella se entregou, faz dar ao paiz um passo para o bem de todos e os srs., os republicanos, devem felicitar se porque tanto como nós o bem da patria querem. De fondo a organisação assim duma monarchia liberal pois para ella se constituir não é preciso abrir os quartéis e lançar ca para fôra, no mesmo impeto sanguinario, soldados e officiaias de alma tam baixa que consideram de suprema ventura mergulhar a espada até aos copos no corpo doentio do nosso povo, não lhes impedindo os salpicos quentes de sangue de abraçar a esposa que não teme, que se não indigna. Acredite sr. S. Holmes que eu, se entendesse precisar da monarchia liberal um momento, um minuto que fosse, ao auxilio destes officiaias e soldados deshonrados não viria fazer as afirmações que leu mas sim colar-me-his no seu partido abertamente. Diz muito bem que se não governa por detrás dum reneque de bayonetas, que se não governa com o *knout* na mão; chincotear o povo é chincotear a nossa familia, é chincotear o nosso sangue e só um canalha, um canalha maldito, tem coragem para rasgar a carne já tam martyrisada do nosso pobre e querido povo, sentindo prazer em se salpicar de sangue. O amor da patria é o amor do português pelo português, e arrancar do coração essa ilôr com as bayonetas dos soldados é, sr. S. Holmes, — concorde plenamente — a maior prova que os dirigentes nos podem dar do seu desejo sincero de aniquilação. Constituida algum dia comosco a monarchia liberal nunca, sr. S. Holmes, o sangue português manchará as bayonetas — não é a força que deve impor-se, é o direito que deve vencer. — A monarchia absoluta teve já a sua época e não é agora,

A REVOLTA

existe na Itália e na Inglaterra uma opinião pública mais avançada e consciente do que a nossa e resistem com honra, sem a menor violência, essas monarquias? Os dissidentes põem mais alto a sua honra do que o sr. Espregueira, e já mais consentiriam a seu lado alguém a quem a multidão numa só voz chama—ladrão. Deixe-me terminar, sr. S. Holmes, dizendo que lastimó não poder conhecer o seu nome pois me permitiria, se não fosse possível ter relações pessoais, ficar conhecendo alguém com o qual realmente, de viseira calhada como o sr. diz, nos é possível combater.

Agrada-me sempre encontrar um adversário que, com serenidade e com firmeza continua defendendo as ideias que uma vez expos, e que a liça abrira, não a largando para obrigar a penas a traçar um perfil como agora o sr. C. Franco de si próprio traçou.

Jose d'Alpoim Napolis Manuel

Meu caro Ramada

Ahi vai o artigo do sr. Alpoim Manoel que tiveste a amabilidade de me mandar para eu ler, perguntando-me ao mesmo tempo se elle deve ser publicado visto o seu auctor tentar apenas fazer um ataque á minha pessoa, o que em nada pode interessar os leitores de *A Revolta*. Publica-o, peço-te. Elle é a minha melhor defesa e a prova de tudo quanto eu disse a respeito das qualidades do sr. Alpoim Manoel no meu ultimo artigo.

E' por isso que eu não tomo a serio as insinuações que elle pretende fazer ao meu carácter que até hoje não me deixa ficar mal em parte alguma, e seria absolutamente incoerente dando-lhe a honra de o tomar a serio, eu que dei xe de lhe fallar depois da questão académica por o julgar indigno da minha consideração.

A questão tomou um carácter pesoso e está já fora da insole de *A Revolta*. Por isso te não quero roubar mais espace.

Teu

Carneiro Franco

Meu caro Ramada

O Sr. José d'Alpoim Napolis Manuel de novo descarregou sobre mim o peso do golpe da acha d'armas da sua prosa.

Embora muito agradável me fosse continuar uma discussão sobre todos os pontos de vista interessante e até necessária, visto ser essa discussão que, como já uma vez disse, em dois campos perfeitamente distintos divide a actual sociedade portuguesa e a dynamiza, o certo é que o Sr. Manuel não me oferece campo para terçar armas.

Julgá o Sr. M. Manuel possível uma monarquia liberal, pela fantástica razão de que a monarquia tem sido até agora má e porque as monarquias inglesa e italiana se têm mantido dentro dos limites dos seus programas liberais.

Pondo de parte, para a realização do seu ideal, os velhos partidos históricos que Sr. Manuel confessa os principais responsáveis da nossa miséria que precaria situação, e com um dos quais, para a escala do poder, o Sr. Alpoim se aliou agora, esquece-se o Sr. Manuel lamentavelmente de que nem os dissidentes tem força própria para dentro da monarquia efectivar o seu programma, nem o meio português em coisa alguma se pode equiparar ao inglês e italiano.

Assim, nada mais me resta do que penhorado agradecer-te a promptidão com que, como director, puzeste as columnas do nosso modesto mas querido jornal ao dispor da minha desataviada prosa.

E visto o Sr. Manuel parecer te interessar em me conhecer podés dizer que o Sherlock-Holmes que subscreve a secção «Carteira d'um Rebelde» é o Teu velho e dedicado amigo

João Garrato

Abrimos a liça, compete-nos fechá-la. A questão, pelas cartas de Scherlok Holmes e de Carneiro Franco está, *ipso facto* liquidada, visto estes nossos camaradas desistirem do pleito. Como h' spede acolhemos o sr. Alpoim, como acolheremos qualquer que se nos dirija — lealmente. Relativamente ao nosso camarada Carneiro Franco revestiu a controversia um ar de agressão pessoal e de hostilidade que, absolutamente nos collocava o abrigado da suspeita de parcialismo, se, n'esse pé, lhe tivessemos recusado seguimentos ou mesmo inicio.

Mas enfim... *tout est bien qui finit bien!*

E o sr. Alpoim, nosso adversário, saiu da contenda, pelo visto, com todas as horas da guerra.

— Arauto! abra a liça! Toquem trombetas!... Tá tá ti tá... tá tá ti tá... tá tá ti tá tá...

R. C.

Annel da Nibelung

Nas vespas da representação da *Tetralogia*, que tão grande interesse tem despertado, achamos de utilidade publicar o capítulo «Para a intelligencia do poema de Wagner», do esplêndido livro de critica de Hans voe Wolzogen.

Inserimos hoje a primeira parte desse capítulo que no proximo numero concluirá.

A's mães cuidadosas recomendamos o *Vermífugo Faria*, infallível na expulsão de lombrigas.

O Brazil moderno

X

Dr. Ruy Barbosa

Com este perfil que modestamente vamos traçar, terminamos a serie de artigos que nos propussemos fazer sem a menor pretensão e com o fim unico de, como no primeiro accentuámos, tão sómente vulgarizarmos alguns conhecimentos ácerca do Brazil actual.

A modestia de estylo, a simplicidade da forma, a exposição synthetica e resumida, a imparcialidade na apreciação, e a escolha de alguns assuntos principaes, foram tambem o objectivo que tivemos em vista, para que, os que nenhuns conhecimentos possuem d'esse admirável paiz ou d'elle têm uma falsa idéa, podessem, embora superficialmente, adquirir uma ligeira mas verdadeira noção do progresso sempre crescente d'essa nacionaldade, progresso esse que, sem dúvida alguma, começou a accentuar-se depois de implantado ali o regimen republicano.

Não é isto uma simples afirmativa que encontra a sua origem no nosso espírito de partidarismo, mas pura e simplesmente um facto genuinamente verdadeiro, que resulta das paginas da historia contemporânea, facto palpável e frisantíssimo que, pela sua concretiscação, destróie, aniquila e pulveriza por completo, qualquer argumento sophistico, que se proponha contraria-lo.

Os proprios monarchicos brasileiros, reduzidos hoje a um numero limitadíssimo, não ousam de modo algum contestar a marcha evolutiva do seu paiz, feita a passos agigantados, determinada e produzida pela orientação do novo regimen, com quanto o seu estabelecimento date ainda de epocha tão recente.

Até lá, o paiz, embora naturalmente riquíssimo, achava-se mergulhado n'uma apatia propria dos povos latinos submetidos ao regimen ilógico da monarquia, onde a iniciativa não existe, os maiores estímulos falecem, e onde só e sempre vingam, predominam e se effectivam as ruinosas aspirações das classes privilegiadas, fatais vampiros que sómente cuidam e tratam de se encher á custa do Erário publico, alimentado pelo ouro que se escorre das mãos calosas e doridas pelo trabalho, do povo tyrannizado e embrutecido.

E esse estado de coisas, tão propicio e agradável era à classe dos conservadores que estes, na sua cegueira de ambiciosos, no seu carrancismo de obsecados, e na sua basofia de anoritários, estavam perfeitamente convencidos de que o maná jamais se lhes acabaria, por quanto o povo suficientemente entorpecido e fortemente subjugado, nunca se animaria a reagir.

Basta lembrar as palavras proferidas pouco tempo antes da Proclamação da Republica, pelo então presidente do conselho Visconde de Ouro Preto, quando se apresentou à Camara dos Deputados e se referiu aos republicanos: «*Onde estão? Crescam e appareçam*».

Felizmente porém, *appareceram* pouco tempo depois, e com mão firme e animo decidido, expurgaram e extirparam do paiz o cancro que o minava e corroia, sugando-lhe as forças vivas, anemizando e corrompendo-o.

Foi proeminentemente n'esse glorioso e memorável movimento, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, a cabeça organizadora da revolução, notável matemático, illustre tenente-coronel do exercito e abalizado lente da Escola Militar, tendo como braço executor o marechal

Manoel Deodoro da Fonseca, um dos heróis da celebre campanha do Paraguai.

Este ultimo, constituído então o *governo provisório*, foi nomeado seu chefe, fazendo parte do referido governo, entre outros, como ministro da fazenda, — Ruy Barbosa, — o illustre bahiano, com justiça denominado: — *A primeira cabeça da America do Sul*, — com cujo esboço rapido, pretendemos fechar o presente artigo.

Republicano historico, sabio jurisconsulto, publicista de pulso, e possuindo uma cerebração maravilhosamente organizada, Ruy Barbosa contribuiu alta e poderosamente para o advento do regimen democratico, em cuja propaganda evidenciou tambem todo o seu elevado patriotismo.

Desde então e mais do que nunca, a sua acção na politica, quer ella se exercesse no Senado Federal, onde já ocupou uma cadeira como representante do Estado da Bahia, quer na imprensa, quer em qualquer outro campo em que a sua actividade intellectual se possa manifestar, tem demonstrado exuberantemente todo o seu extraordinario valor e toda a sua incontestável competencia.

Ainda não ha muito que, escolhido e convidado pelo governo actual, para ir desempenhar o pesado encargo e honrosa missão de representar o seu paiz no ultimo Congresso de Haya, ali patenteou, como ninguem, uma solida orientação e na tino politico, associados a uma vastíssima e descommunal erudição, predados estes que, em tão selecto meio, o colocaram em plano superior.

Foi como que o astro-rei, lucentíssimo sol, no meio d' aquela constelação de eruidos e doutos.

As scintilações do seu espírito e as fulgurações do seu talento, jamais deixaram de sobresair intensamente no meio de tanto brilho irradiado d'aquela apuradíssima assembléa, que, salvo rarissimas excepções, não era mais do que a expressão synthetica das maiores sumidades dos diferentes paizes, que ali se fizeram representar.

Vultos d'uma tal grandeza, nobilitaram e honraram uma patria.

Quando ministro da fazenda, cuja pasta ocupou, como dissemos, no *governo provisório*, em 1889, alem da intelligente direcção que soube imprimir aos negócios que lhe estavam affetos, revelou igualmente uma probidade a toda a prova, incompativel com os pequenos *esterqueiros* que, no tempo da monarquia, também por lá medravam, e que a saneadora pá da democracia, varreu para o lixo das coisas desprezíveis.

Ruy Barbosa, que hoje é um vulto universalmente conhecido, tem sido devidamente apreciado e cuidadosamente estudado por uma grande parte da imprensa estrangeira, encarando-o já como estadista, jurisconsulto e publicista, já como carácter inconscusso, de modo a não ser levado a conta de excesso, o que tão imparcialmente vimos affirmando.

Ainda ha pouco que o illustre democrata e nosso patrício dr. Cunha e Costa, que, também como nós, permaneceu durante alguns annos no Rio de Janeiro, e que trabalhou por algum tempo no jornal — *A Imprensa* — propriedade de Ruy Barbosa, cujo convívio demorado e habitualmente suficientemente a ter d'elle um conhecimento sólido, ainda ha pouco temos dizendo, que, n'um dos periodicos da nossa capital, publicou um interessantíssimo e succinto artigo em que, servindo-se de valiosos elementos, analysava proficuentemente esse vulto, salientando vigorosamente todo o seu indubitable mérito.

Não será mesmo para estranhar que, numa das proximas legislaturas, ity Barbosa seja ainda elevado à suprema cathegoria de primeiro magistrado do seu paiz, como revela o facio do seu nome já haver sido apontado para o desempenho de tal função, e ninguem poder negar-lhe, competencia e aptidão para o exercicio de tão nobre e trabalhoso cargo.

A. S.

Na sala dos Capelos

No nosso numero de sabbado publicaremos algumas impressões sobre o acto de doutoramento sr. Luiz Gonçalves, que que se realizou na passada semana na sala dos Capelos.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1º.

COIMBRA

ANNEL DO NIBLUNG

Para a intelligencia do poema de Wagner

Puro de qualquer desejo, o Ouro dormia outr'ora, na sua inteira beleza, no fundo do Rhen. Em volta delle, brincando, nadam as graciosas *Filhas do Rhen*, descuidosas guias do thesouro que dormita. Mas um Nibelung lascivo, da raça tenebrosa dos anões, o perfido Alberich, sae das entradas da terra e abre caminho através das ondas. De repente, resplandecendo aos raios do sol que nasce, o Ouro do Rhen, o *Rheingold*, desperta-lhe a attenção. As Nixes, que o escarnecem, revelam-lhe a rir, taregando, a significação maldita do metal que conquistaria o mundo se quem o obtivesse renunciasse ao Amor: porque o Amor deve ceder o logar quando o Ouro se torna omnipotente. O Nibelung, vendo apenas o esplendor do ouro que lhe promete o poder, esquece os encantos das *Filhas do Rhen*, amaldiçõa então o Amor que só significa, para elle, o gosto sensual, e, violentamente, arranca o tesouro ao rochedo. Sobre o abysmo innocente, uma noite eterna se estende.

— Entretanto, no cume das montanhas, aos raios claros do sol, brilha o novo castello de *Wotan*, o rei dos Deuses. Também a elle, perdido o prazer do amor dos annos juvenis, chegou o desejo da riqueza e do poder. Foi por isso que elle obriou, por tratados, a robusta raça dos gigantes a construir-lhe aquelle castello; em troca, exigiram elles o que é desejo de todos os seres: o Amor cheio de luz representado pela deusa da juventude e da beleza, a suave *Freia* cuja presença devia aquecer o seu frio reino. Veem agora os dois irmãos formidaveis, os gigantes *Fasolt* e *Fafner*, reclamar o preço combinado; mas *Loge*, o astucioso companheiro de Wotan, Deus das chamas e da mentira, cerca os, e excita nelles a ambição, que é a sua união não é apenas fraternal. A guarda das leis do casamento, *Fricka*, esposa de Wotan, irrita-se e mostra ao rei dos deuses o seu erro. Este vê-s: por isso obrigado a retirar a sua protecção ao heroe culpado; o unico objecto do seu desejo é agora «o fim»: na mais terrível das maldições, abençoa *Hagen*, o filho de Alberich, gerado por este sem amor, com uma mulher que o ouro comprou, esposa do rei *Gibich*; e proclama este heroe dos Nibelungen herdeiro e exterminador do mundo. E *Brünhilde*, que recebeu a confidencia da desgraça dos deuses é encarregada de anunciar a morte a Siegmund. Mas quando o vê fugindo, perseguido por Hunding, com a mulher que tão apaixonadamente ama, extenuada e desesperada, o seu nobre coração sente uma emoção poderosa. O combate com Hunding começa, *Brünhilde* protege o Wälsung, mas Wotan, colérico, estende a sua lança celeste entre os combatentes; nesta lança se quebra a espada divina de Siegmund que cae com o golpe vibrado por Hunding. — A *Walkyria* auxilia a fuga de Sieglinde e dá-lhe os pedaços da espada de Siegmund; depois oferece-se ao castigo que a colera de Wotan promulga. O deus, que não é livre, é obrigado a adormecer a sua mais querida filha num rochedo até que um homem a encontre no seu caminho, a deserte e a conquiste. As lagrimas da virgem apenas obtem um favor do pae que a castiga: cercará o logar do seu sonho com um vasto circulo de chamas devoradoras, para que aquelle que despertar *Brünhilde* de possa ser um heroe sem medo, e a virgem espera que esse heroe seja *Siegfried* — Eis o assumpto da *Walkyria*.

duma alegria de creador, mas da desgraça sagrada dos deuses; chama «Walhall» (1) ao edificio celeste. — Tal é o assumpto do «Ouro do Rhen».

Wotan gerou com a propria Erda as *Walkyrias*, cavaleiras encarregadas de levar para o Walhall os heróes caídos nos campos de batalha da terra. Esses heróes deviam defender os deuses amaldiçoados de destruição pelo poder de Alberich, porque Alberich espreita sempre o Annel. Entre as *Walkyrias* está *Brünhilde*. Mas de que lhe servem todos os heróes, que só procedem segundo a vontade divina, se não crear aquelle, o unico, que, livre da maldição, independente de tudo, realizaria a obra da redempção pela conquista do Annel? Neste desejo gerou com uma mortal, os gêmeos *Siegmund* e *Sieglinde*. A rapariga foi raptada por Hunding, tendo crescido no meio de inimigos, fez-se um homem vigoroso. Mas quem, senão o proprio Wotan, foi autor da sua desgraça? Foi ainda Wotan quem cravou o gladio sagrado na arvore da casa de Hunding; gladio que só Siegmund pode arrancar do tronco. Mas Siegmund também não é o herói livre: também elle está ameaçado da maldição. Foge, com as armas quebradas, à multidão dos parentes de Hunding; e é na casa d'este que elle encontra a irmã perdida e o gladio prometido. Os dois Wälsungen, filhos do deus, unem-se para salvar a sua raça, e esta união não é apenas fraternal. A guarda das leis do casamento, *Fricka*, esposa de Wotan, irrita-se e mostra ao rei dos deuses o seu erro. Este vê-s: por isso obrigado a retirar a sua protecção ao heroe culpado; o unico objecto do seu desejo é agora «o fim»: na mais terrível das maldições, abençoa *Hagen*, o filho de Alberich, gerado por este sem amor, com uma mulher que o ouro comprou, esposa do rei *Gibich*; e proclama este heroe dos Nibelungen herdeiro e exterminador do mundo. E *Brünhilde*, que recebeu a confidencia da desgraça dos deuses é encarregada de anunciar a morte a Siegmund. Mas quando o vê fugindo, perseguido por Hunding, com a mulher que tão apaixonadamente ama, extenuada e desesperada, o seu nobre coração sente uma emoção poderosa. O combate com Hunding começa, *Brünhilde* protege o Wälsung, mas Wotan, colérico, estende a sua lança celeste entre os combatentes; nesta lança se quebra a espada divina de Siegmund que cae com o golpe vibrado por Hunding. — A *Walkyria* auxilia a fuga de Sieglinde e dá-lhe os pedaços da espada de Siegmund; depois oferece-se ao castigo que a colera de Wotan promulga. O deus, que não é livre, é obrigado a adormecer a sua mais querida filha num rochedo até que um homem a encontre no seu caminho, a deserte e a conquiste. As lagrimas da virgem apenas obtem um favor do pae que a castiga: cercará o logar do seu sonho com um vasto circulo de chamas devoradoras, para que aquelle que despertar *Brünhilde* de possa ser um heroe sem medo, e a virgem espera que esse heroe seja *Siegfried* — Eis o assumpto da *Walkyria*.

(Conclue no proximo numero).

Amendoas

Na *Casa Innocencia* rua de Ferreira Borges, 91 a 97 encontra-se grande sortido de amendoas e confetos, estes desde 300 a 300 réis e aquellas desde 340 a 650 réis o kilo. São ao todo 43 qualidades todas fabricadas nesta *Casa* já bem conhecida do publico e premiada nas exposições a que tem concorrido.

Os compradores de 5 kilos ou mais tem desconto de 20 réis em kilo; e alem disso, os que compram de 15 kilos para cima, tem bonus de 2 p. c. a 5 p

PARIS EM COIMBRA

High-life tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietário fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em depósito, só vendo se acredita.

Esta casa é a única que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu comércio.

Cachorros da Serra da Estrela

LEGITIMOS

A venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres meses, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fruta de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os géneros, especializando os de jolhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saneisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de lo, pelo sistema de Margarida.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinícola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontelo e dos productos da Fábrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

É o remedio mais eficaz para a expulsão de lombrigas, tanto em crianças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as crianças salvadas com elle.

O Vermifugo Faria, é

diferente dos que existem do mesmo género e duma eficacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode afirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quais forem, destroea as fermentações putridas e anormais, cura as infecções intestinais e as dysenterias infecções, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasquinho e quando o tenha, este diss. IVE-se de repente mettendo o frasquinho em agua quente. Preço do frasquinho em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 fiasquinhas, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C^o, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C^o, Rua Ferreira Borges s.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.



Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanelas d'algodão, metro	60
Ditas, cós lisas, muito largas, metro	120
Cortes de veitido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Meitos para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creanças, desde	51
Ferro vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a	80
Lencos de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanelas, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só visita se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapeus

Vestidos para senhora, género tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que ja se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque deles arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarregue-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os géneros

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCERIA

por junto e a retalho

32, Praça do Comércio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Luzitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

de Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Colmeia

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao fregueses calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEADAS

de José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabeadas de luxo.

Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principais fábricas nacionais e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

a Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Médico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da boca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

A crise...
do regimen

Qual virá a ser a solução da crise que o governo atravessa neste momento?

Em vão o procuramos descobrir por entre os contraditórios boatos que para ahi circulam e que, ora nos dam como certa a queda do gabinete Campos Henriques, ora nos afiançam como já assente e assignada a dissolução das camaras dos deputados.

Um e outro facto sam-nos absolutamente indiferentes a nós republicanos, porque quer dum quer do outro esperamos colher os melhores resultados para a grande obra de regeneração nacional em que andamos empenhados.

A queda do governo, provocada pela rejeição do inquerito aos actos do senhor Manuel Affonso Espregueira, trará como consequencia immediata e necessaria a aceitação desse inquerito por parte do futuro gabinete.

Ficará estabelecido o precedente, e como o sr. Espregueira não é o unico ministro que tem prejudicado e arruinado o paiz com as suas duvidosas operações... financeiras, é de esperar que novas propostas de inquerito appareçam e novos escândalos sejam revelados.

A seguir a um escândalo virá outro, como as cerejas, e será já tarde de mais para os occultar aos olhos do povo, abertos de pismo e colera ante tanta podridão e tanta ignomínia.

E o povo então cansado já de perdoar, procurará fazer justiça para que não se repitam tamanhos crimes e o socego e o bem estar voltem de novo a acalentar-lhe os sonhos e as justas ambições.

A monarquia, porem, que tem nesses criminosos os unicos detensores e aliados ha-de procurar por todos os meios impedir essa imprescindível obra de hygiene publica, e como ultimo recurso lançará mão da violencia, convencida de que pela força conseguirá esmagar a consciencia nacional, como se a tarde de 1 de fevereiro tivesse sido apenas um mau sonho e o sr. D. Carlos estivesse ainda governando a pioleira.

A monarquia não exitará em queimar os ultimos cartuchos em deteza do sr. Espregueira e colegas, porque defendendo-os defende-se a si propria.

Não o faz por gratidão, porque os Braganças jamais souberam ser gratos, mas porque os liga a cumplicidade criminosa da questão dos adeantamentos que a todo o custo se procura fazer esquecer, mas que cada dia aparece mais ameaçadora para o futuro da monarquia portuguesa. A questão mesmo do inquerito não é mais do que uma das variantes daquella melindrosíssima questão que foi o motivo principal da dictadura franquista e ha-de ser a razão da dictadura que se avisa.

Querendo desviar-se della os monarchicos não fazem senão provocá-la, ateando elles proprios a fogueira da revolução que os ha-de justiçar.

Admitamos, porem, que o senhor Campos Henriques, pelos favores dos reacionarios do Paço, consegue do senhor D. Manuel a dissolução da camara dos deputados.

Nesse caso os acontecimentos precipitam-se e o povo portuguez só tem um caminho digno a seguir.

A violencia do golpe de Estado, mais repugnante neste momento por tentar cobrir as indecorosas ladroeiras dum ministro, só se pode responder com a insurreição.

Não se pode ficar outra vez para ahi, de braços cruzados, á espera que nos ataquem para depois reagirmos como aconteceu durante a dictadura franquista, expostos a ser esmagados sem dô nem piedade.

Depois do que nos aconteceu temos obrigação de estar preparados para tudo, de modo a não haver surpresas que nos detenham um instante sequer na nossa marcha, e a não termos hesitações que ponham em perigo a nossa causa.

E se o não estivermos teremos praticado um grande crime contra a Patria que deixaremos ir a caminho da morte e da desonra sem lhe podermos valer, ou sem lhe havermos preparado ao menos um suicídio digno do seu passado glorioso.

O partido republicano tem mais que nenhum outro a obrigação de cumprir o seu dever, pois além do que deve ao seu paiz que reclama urgentemente o seu auxilio, tem tambem o seu passado cheio de dignidade e sacrificios que tem de respeitar e engrandecer.

Saberá cumprir-lo estamos certos.

Carneiro Franco

Factos e Commentarios

Uma Circular

Os inimigos da monarquia não querem compreender que haja progresso com ordem e liberdade com lei.

Isto diz uma circular sobre a fundação dum novo centro monarchico, que para ahi apareceu, assignada por um estudante, o sr. Prospero, e por mais dois cavalheiros.

O que parece, os homens tem da republica a mesma idéa que tem a nossa criada — uma casa desarrumada e onde todos mandam.

Para criterio de criada, vá, mas para estudante de Direito, parece-nos pouco.

Em todo o caso louvamos a sua actitude.

Sim senhor, muito activo!

Nunca esperámos...

Hve implume

O sr. Antonio Cabral declarou no parlamento ser uma ave implume que desfere os primeiros vôos.

Que frio que o pobre homem deve sentir por esta primavera borralhuda que vae correndo!

Mettam lá no orçamento uma verba para cobertores, que o nosso bom coração não pode ver estas coisas!

E quanto aos primeiros vôos... cautela com os trambulhões.

Elogio incompleto

O Portugal elogiando o novo doutorinho Pinto Coelho diz que elle tem dian-te de si um futuro dos mais brilhantes. E atras de si um passado dos mais furantes... da greve, é claro, que outra coisa não seria elle capaz de furar.

Fica assim completo o elogio.

D. Miguel

Afinal parece que o sr. D. Miguel já não chega á barra.

Quem está damnado é o Padre Matos que já estava a antegosar o prazer-sininho de vêr a fôrca a trabalhar.

Tenha paciencia, que ainda não é d'esta.

Mas não perca as esperanças...

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não podemos publicar alguns artigos em nosso poder bem como a carta de Lisboa, do que pedimos desculpa aos nossos estimáveis colaboradores.

Ridendo...

— O sr. Conde não leva o impermeavel?

— Não, que está chovendo muito; molhava-se todo!

MIUDEZAS...

— Amanhã, então?

— Sim... ás tres horas... Espero-o na rua, á esquina...

Até que emfin! A fortaleza rendia-se depois d'um porfiado cerco de tres mezes! E que « fortaleza », rapazes! Linda como os amores, requeseta, elegante, com uma reputação impecável e... casada!

Um adulterioso galante, com o atractivo do risco eminent, o misterio, a dificuldade das entrevistas...

Mas o terrivel conquistador, o irresistivel Pires, sentia-se seriamente embaraçado!

Onde demonio iria elle, no dia seguinte ocultar a sua felicidade? Aquella « sorte » encontrava-o desprevenido, sem « garçonnière », sem « ninho » — o lugar discreto dos dôces encontros entre juramentos e beijos!

Era uma seria « entalhado »!

Desistir isso nunca! Seria d'um riaicão atroz, as mulheres são caprichosas e a occasião, uma vez perdida, podia não se repetir!

— O Hotel? — lembrou-lhe.

Mas era o diabo, o hotel! O dono da casa podia não estar pelos ajustes, por dificuldades... E alem de tudo elle precisava da mais rigorosa descrição, do mais absoluto sigilo... Mas era o unico meio, a unica solução...

— Talvez, tentando, pelo creaço... Não ha outro meio... Vamos a ver...

E o Pires subiu a escada do Hotel pra fallar ao creaço.

— Olha la, ó Francisco...

A' laia de preambulo o irresistivel Pires foi-lhe metendo nas mãos algumas placas e, n'um recanto do corredor, murmurava-lhe ao ouvido o seu segredo...

— Não ha dúvida...

— Mas o patrão...

— Ora essa! Não ha dúvida...

— Palavra d'honra?

— Sim senhor... Não ha dúvida...

— Mas... que ninguem saiba, que ninguem suspeite!

CELEBRES...
DE BORLA

TRES PERGUNTAS

Doutor: falta-me só pr'a vir a ser
Um colonizador,

Tres unicos problemas resolver.

Só tres! Tres só, doutor!

Eu peço, humildemente, ao seu valôr,

E á sua erudição

Que me dê as respostas, por favor,

E int'resse da Nação!

A primeira pergunta ella ahi vae,

— Responda com cuidado! —

Do Gama, o muito illustre e feliz pae,

Era ou não vacinado? —

A segunda: — talvez que não responda,

Ou hesitante fique...

— Quantos macacos ha — conta redonda —

Em Angola e Môambique?

A terceira, qual é nem adivinha!

— Veja pois se s'engana...

— Quantos cabellos tem a carapinha

Do tio do Gungunhana?

Vê bem a importancia das questões!

E se as resolve agora,

Portugal brilhará entre as Nações

Como brilhou outr'ora!

Dr. Watson.

— Mas... que ninguem saiba, que ninguem suspeite!

— Pode ir descansado... As tres horas... Eu espero... Isto aqui é um poço... Ningum sabe-rá...

— No dia seguinte ao da entrevista, o Pires, radiante foi jantar ao hotel. O Francisco servia á mesa.

— Então Francisco... Ningum

a viu entrar...

— Ningum... fez o creaço, convicto.

— Era uma das diabos se viesse

a saber-se... Era caso para mortes, enredes?

E então o Francisco, com o ar mais natural d'este mundo, sem bajar a voz, na sala do Hotel cheia de gente, afirmou com entôno para socregar a alma inquieta do Pires:

— Pode estar descansado, senhor!

Também cá vem varias vezes o dr. Porphyrio e a senhora Carvalhosa e ningum sabe nada... Isto aqui é um poço...

O Pires fugiu, espavorido.

D. Fitas

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

Meu caro amigo:

Para provar as asserções da minha ultima carta vou hoje tratar d'um assunto que não deixa de ser destituído de interesse o qual vem a ser — o processo seguido aqui para o recrutamento do professorado universitário.

Para que a coisa seja mais clara, suponha você que acompanha na sua evolução d'esso o primeiro anno até á cathedra, o escolar que Minerva complacente destinou, d'es e o berço, aos fastigios científicos de professor da Universidade. Note você que eu ponho propositadamente de parte a melindrosa e rebarbativa dissertação sobre os factores extranhas á capacidade intellectual e aproveitamento científico do nosso sujeito e a correlativa e enorme influencia que tais factores possam ter na criação d'um futuro lente.

Por temperamento, por decôrro próprio e — porque não confessa-l-o? — pela minha situação d'aluno, ao qual uma excessiva franqueza podia ser tomada á conta de desacato digno das punições que eu já conheço por experiência própria — essas coisas estão todas fora do meu plano ao escrever estas despretenciosas e desvaliosas linhas.

Assim a carta d'emprego, os padrinhos, as influencias de toda ordem, as subserviências que agradam ao mestre, etc. — tudo isso, — deixo á sua perspicacia avaliar até que ponto influem na gênese e evolução do cathedralico.

Apenas lhe declaro, como opinião pessoal — que pode ser errada mas é sincera — que, na factura d'um lente, as coisas de que eu não fallo estão para aquelas de que lhe fallo — na vantajosa proporção de... meio por meio. Adiante.

Supponha você um rapaz da província — os professores aqui são, creio que na quasi totalidade, provincianos — terminado o seu curso do liceu, com muito aproveitamento, muita myopia, alguma caspa, e matriculado na Universidade, no 1.º anno. Você, conhece o specimen do estudante do liceu laureado, esperança da família, orgulho dos pais e futuro lúminar da terra que o vai nascer e mais tarde o ha-de enviar ás Camaras, já doutor a representa-l-a e defender-lhe os interesses. Qualquer d'esses rapazes é capaz de em Historia, lhe dizer de cõr, sem hesitações o nome de todos reis de França, por sua ordem, com a data das batalhas principaes que venceram ou em que foram vencidos! Em Geographia, se V. quizer dizer-lhe todos os rios e regatos da Ásia com afluentes e sub-afluentes! Em Mathematica — santo Deus! — enchem-lhe em quanto o diabo esfrega um olho, uma pedra dos mais complicados cálculos mas, — ai de você! — se substituir por quantidades positivas os symbols com que trabalham porque deixarão cair o giz, de prou assombro!

Sabem latim — o que é d'uma grande vantagem! — mas em recompensa não falam uma unica lingua, nem o francez, nem o alemão, nem o inglez — e a sua fallam-n'a e escrevem-n'a sem gosto, sem arte e... sem grammatica.

Fora do ambito estreito do que ouviram na aula e leram no livro de texto — não sabem mais nada. Não tem interesses literarios — porque a literatura sempre foi por elles considerada e com gosto aplauso da familia, como uma frivolidade que apenas serviria a distrahir os das obrigações escolares. Quando muito leram em pequenos o Julio Verne e, como maximo debache permitiram-se em férias «Os Trez Mosqueteiros» «o Monte Christo» e o Monasticon do patriarca Herculano. E sendo, assim, em relação ás coisas literarias, são em tudo o mais, perfeitamente similhantes. Não tem duas ideias, nitidas, proprias, claras, dentro do cerbo pejado de cisco, de serradura de scienza — petmita-me V. a phrase.

Desenvolvida apenas uma qualidade — a memoria — como o eruditio antigo, de aquelle falei na minha ultima carta e que era pelo menos viavel, no tempo em que, inda não havia o... Larousse. Este tipo é quanto a mim, o do «bom estudante» do liceu ao fim do curso. Eu, — e commigo o grande numero, — sai d'aquella machina de deformação intellectual por conta do Estado, d'uma ignorancia encyclopedica tendo consumido sete annos — sete longos annos! — a fingir que estudava, toda a casta de chineses inclusivé Philosophia e... da boa, do Boirac, o Alves de Souza da França, que

me provava, á saciedade a «existencia de Deus» «o livre arbitrio» e a «immortalidade da alma!» Pura edade d'ouro da Metaphysica! De sciencias naturaes, de corei e e-queci logo, classificações, descripção d'apparelos, formulas a que não ligava a minimia ideia — e, a respeito do que deve constituir a base da educação de todo o homem moderno, qualquer que seja o ramo especial d'estudos a que se destine, respeito de ideias geraes e certas sobre evolução, transformismo, hereditariade, etc... nada absolutamente nada! Felizmente o que não me conseguiram cansar foi a memoria e — louvado seja o Senhor! — não me emboraram a curiosidade de saber, de «procurar saber», pelo menos. Mas a disciplina mental, que me não deram tenho eu de adquiri-la por mim, e já não posso recuperar o tempo precioso que perdi. A maior parte, porém, sai do liceu já completamente estragada, sem curiosidades, sem interesses, — n'uma atonia absoluta de todas as facultades mentais.

O curso é uma especie de «tarimba» que tem de se cumprir durante uns annos, sabendo «cabular» para passar nos exames. Isto é horrivel, mas é assim!

É isto, que entra todos os annos na Universidade, para encontrar em grande escala, a mesma coisa que deixou no liceu e, para ao fim da formatura, sair encantado das mãos do Estado que o inutilisou e lhe deu, em todo o sentido, um «canudo» — das cartas e o de absoluta impossibilidade de vir a ser geralmente na vida mais do que... um bachelar, um pedantocrata, um vazio. Entre esta leva, cá vem, o nosso calor aproveitado, o estudante distinto do liceu, pr-paradissimo já para ser o «ursu» o «martelão», o «grande homem do curso!» Quasi sempre vem recomendado ao interesse do mestre. F... — dizem-se os professores uns aos outros — informou-me que está no 1.º anno um rapaz de merecimento, com um curso do liceu muito distinto... Vou ver o que ele dá...

E um dia chamam o rapaz. E agora, veja-o:

— Alli vai elle, pela coxia abaixada até á meixinha em frente do qual se senta. É macilento, tem olheiras d'onanista, espinhas carnaes na cara. A testa logo cheira, estreita e recuada, sob o cabello aspero e na sua physionomia não ha um traço vincado, que diga qualquer coisa que exprima ao menos, que elle é novo, tem vinte annos, pode ser embryo dalguma coisa de geito». Nadal nadal *Compostinho, arranjadinho* apagado e sórno, antro pomórphe e teio, duma fealdade chata que nada indica. Começa a fallar. A voz é aspera e rude, sem inflexões, como a d'um phonograph rouco. Em cima, o lente escuta, com ar de quem está a ouvir coisas profundas. A «sebenta», as dezasseis indigestas paginas da lição, são repetidas quasi textualmente pelo rapaz e profusamente intercaladas de nomes que lá não vem, de phrases d'escritores, de titulos de obras, para provar que o aluno estudo «leu por fóra», consultou «expositores». O curso olha-o, estarecido, espiando no rosto do lente a impressão. Nas bancadas commenta-se baixinho: «o coisa, parece que o gajo sabe d'isto!» E a qualquer tirada mais pomposa, honestos repetentes da coelheira, sublinham passados:

— Gaita!... A certa altura o lente interrompe. Ah! meu caro, o que então se passa é phantastico! Toda aquella tremebunda erudição do rapaz se despeja de chofre, em resposta ás objecções d'encomenda do lente, que por sua vez também, se entusiasma, cita, controverte, rebate as affirmações, falla para «a plateia», finge-se abrazado em puro ardor scientifico, deante do curso que olha para os dois, «como boi para palacio!»

O alumno nunca leu aquelles livros, respiugou-os apenas para n'elles colher phrases desconexas e de efeito e epater os condiscípulos.

Não leu porque lhe faltou materialmente o tempo, porque não tem preparação anterior que lho permita. Nenhuma das aquellas coisas lhe estão no subconsciente, não foram assimiliadas, não passaram, mediante uma longa e lenta elaboração mental que as corrigisse as criticasse, as analysasse, para o patrimonio intelectual do alumno.

Tudo aquilo é falso, é postigo, é óccio, é desonesto! O lente sabe-o — mas consente na desonestidade scientifica,

no ridiculo exibicionismo e contribue até para o realçar e fazer valer!

Fará isto involuntariamente, por habito, por que já lá vem de traz, — mas fa-lo, ajuda os acrobatismos irrisórios do parlataõ! No fim o archeiro vem abrir a porta, estudantes d'outros cursos atraídos pelo barulho, enchem a aula e então — então, meu caro! — é que é ver o berreiro em que nenhum já se entende e estorvar um homem «ad gnação ou de risota!» Depois sae da aula: «foi d'escacha, tu entupiste o gajo!»

— Olha lá, que raio de nome arrependido é que tu lá dissesse? aquilo era troça?

— E logo «o ursu» responde, serio e conspicuo:

— Não... Era *Fodére...* Pradier-Eodére... um escritor celebre...

No fim o rapaz tem uma nota elevadissima, que lhe dá o «accessit» no fim do anno. Depois, está lançado. Vae, pelos cinco annos do curso fora, sendo chamado «ás lições d'urso» que d'antemão já sabe quais são e repe indo a cena do 1.º anno. E' conspicuo, frequenta a *biblioteca*, visita os srs. professores a pedir livros e opiniões e forma-se, com uma informação final que lhe permite ir a *actos grandes*. E' a Faculdade que o convida.

Os actos, «grandes» e «pequenos» são a reprodução em ponto maior das scenas das aulas. Ha nos doutorais rajadas d'indignação contra o candidato que já d'antemão sabe que não tarda que tambem lá esteja a indignar-se por sua vez... O licenciado, o capello, o concurso e... aqui tem você, o estudante da vespera, com maia barba, com mais nomes na cabeça, a representar o mesmo papel na cathedra.

Espirito pedagogico, orientação própria capaz de ser transmitida a quem aprende — quem pensa n'isso? Elle é alli apenas, o julgador, d'interrogatorio desembainhado contra o alumno que não saiba a lição e prompto a inutilisar-lhe com um zero na caderneta um anno de curso ou a fazer com um 18... um futuro collega...

E... continuaremos.

Todo seu

Ramada Curto.

A' tesoura

Do Notícias de Lisboa:

Por motivo de pintura e outras obras a que se está procedendo no vasto salão e galeria da sede da Liga Monarchica.

Nas outras obras deve estar incluido a desinfecção.

Sempre é conveniente.

Por causa do Galliz.

Do Portugal:

Appeamos para os monarchicos; não vão mais uma vez fazer o jogo dos inimigos das instâncias, que são os inimigos da patria.

Já é velha, já foi dita aqui em Coimbra no anno passado, por uns idiotas que num maniesto nos tratavam de *inimigos internos*.

Como elles se parecem!

Do Notícias de Coimbra:

«Quando é que tudo será abolido para honra da academia de Coimbra.

Trata-se das varias maneiras por que se manifesta o espirito da briosa.

Mas que ingenuidade, collega!

A honra da academia!

Ella sabe lá o que isso é!

Do Notícias de Lisboa:

Ahi está o que foi esse espectaculo indecoroso, que as oposições dissidentes e teixel-vilhenistas, e só essas, representaram perante a galeria passada de assombro, no desemprego d'uma farça ha muito combinada.

Com que então, só essas?

Ora ainda bem.

O diabo não é tão feio como o pintam.

Da Palavra:

Vá o sr. Arroyo para os dissidentes; e creia que fica em muito boa companhia. Já lá está o sr. Affonso Costa.

O Sr. Affonso Costa nos dissidentes? A santinha parece que não anda boa da cabeça, ou antes parece que anda agorá peor!

Seria algum ar que lhe deu?

no ridiculo exibicionismo e contribue até para o realçar e fazer valer!

Fará isto involuntariamente, por habito, por que já lá vem de traz, — mas fa-lo, ajuda os acrobatismos irrisórios do parlataõ! No fim o archeiro vem abrir a porta, estudantes d'outros cursos atraídos pelo barulho, enchem a aula e então — então, meu caro! — é que é ver o berreiro em que nenhum já se entende e estorvar um homem «ad gnação ou de risota!» Depois sae da aula: «foi d'escacha, tu entupiste o gajo!»

— Olha lá, que raio de nome arrependido é que tu lá dissesse? aquilo era troça?

— E logo «o ursu» responde, serio e conspicuo:

— Não... Era *Fodére...* Pradier-Eodére... um escritor celebre...

No fim o rapaz tem uma nota elevadissima, que lhe dá o «accessit» no fim do anno. Depois, está lançado. Vae, pelos cinco annos do curso fora, sendo chamado «ás lições d'urso» que d'antemão já sabe quais são e repe indo a cena do 1.º anno. E' conspicuo, frequenta a *biblioteca*, visita os srs. professores a pedir livros e opiniões e forma-se, com uma informação final que lhe permite ir a *actos grandes*. E' a Faculdade que o convida.

— Olha lá, que raio de nome arrependido é que tu lá dissesse? aquilo era troça?

— E logo «o ursu» responde, serio e conspicuo:

— Não... Era *Fodére...* Pradier-Eodére... um escritor celebre...

No fim o rapaz tem uma nota elevadissima, que lhe dá o «accessit» no fim do anno. Depois, está lançado. Vae, pelos cinco annos do curso fora, sendo chamado «ás lições d'urso» que d'antemão já sabe quais são e repe indo a cena do 1.º anno. E' conspicuo, frequenta a *biblioteca*, visita os srs. professores a pedir livros e opiniões e forma-se, com uma informação final que lhe permite ir a *actos grandes*. E' a Faculdade que o convida.

— Olha lá, que raio de nome arrependido é que tu lá dissesse? aquilo era troça?

— E logo «o ursu» responde, serio e conspicuo:

— Não... Era *Fodére...* Pradier-Eodére... um escritor celebre...

No fim o rapaz tem uma nota elevadissima, que lhe dá o «accessit» no fim do anno. Depois, está lançado. Vae, pelos cinco annos do curso fora, sendo chamado «ás lições d'urso» que d'antemão já sabe quais são e repe indo a cena do 1.º anno. E' conspicuo, frequenta a *biblioteca*, visita os srs. professores a pedir livros e opiniões e forma-se, com uma informação final que lhe permite ir a *actos grandes*. E' a Faculdade que o convida.

— Olha lá, que raio de nome arrependido é que tu lá dissesse? aquilo era troça?

— E logo «o ursu» responde, serio e conspicuo:

— Não... Era *Fodére...* Pradier-Eodére... um escritor celebre...

No fim o rapaz tem uma nota elevadissima, que lhe dá o «accessit» no fim do anno. Depois, está lançado. Vae, pelos cinco annos do curso fora, sendo chamado «ás lições d'urso» que d'antemão já sabe quais são e repe indo a cena do 1.º anno. E' conspicuo, frequenta a *biblioteca*, visita os srs. professores a pedir livros e opiniões e forma-se, com uma informação final que lhe permite ir a *actos grandes*. E' a Faculdade que o convida.

— Olha lá, que raio de nome arrependido é que tu lá dissesse? aquilo era troça?

— E logo «o ursu» responde, serio e conspicuo:

— Não... Era *Fodére...* Pradier-Eodére... um escritor celebre...

No fim o rapaz tem uma nota elevadissima, que lhe dá o «accessit» no fim do anno. Depois, está lançado. Vae, pelos cinco annos do curso fora, sendo chamado «ás lições d'urso» que d'antemão já sabe quais são e repe indo a cena do 1.º anno. E' conspicuo, frequenta a *biblioteca*, visita os srs. professores a pedir livros e opiniões e forma-se, com uma informação final que lhe permite ir a *actos grandes*. E' a Faculdade que o convida.

— Olha lá, que raio de nome arrependido é que tu lá dissesse? aquilo era troça?

— E logo «o ursu» responde, serio e conspicuo:

— Não... Era *Fodére...* Pradier-Eodére... um escritor celebre...

No fim o rapaz tem uma nota elevadissima, que lhe dá o «accessit» no fim do anno. Depois, está lançado. Vae, pelos cinco annos do curso fora, sendo chamado «ás lições d'urso» que d'antemão já sabe quais são e repe indo a cena do 1.º anno. E' conspicuo, frequenta a *biblioteca*, visita os srs. professores a pedir livros e opiniões e forma-se, com uma informação final que lhe permite ir a *actos grandes*. E' a Faculdade que o convida.

— Olha lá, que raio de nome arrependido é que tu lá dissesse? aquilo era troça?

— E logo «o ursu» responde, serio e conspicuo:

e era justamente a sua qualidade de advogado provisório, homem de libellos e casos julgados, que o ligava ao seculo e lhe tirava em certo modo a vaga categoria de personagem épico, vagamente aparentado com navegadores.

A sua fama cresceu. E o que a sobre-dourou foi certo sorriso desdenhoso e superior, — a que os lentes não fôram insensíveis — e que pelas alturas do seu terceiro anno se lhe cavou mais, tornando-o autenticamente depreciativo do que ao seu redor se passava. Esse sorriso e a pose vagarosa e lenta com que elle seguia por essas ruas foram, talvez, o seu triunfo. Mas impuzeram-lhe pesadas responsabilidades.

Como se saiu o sr. Gonçalves do encargo? Victoriosamente? Todos quantos entraram na Salla dos Capellos o puderam verificar. Da eloquência, da inteligencia, da vivacidade, até mesmo da celebrada erudição, o sr. Gonçalves, dir-se-ia por modestia, se recusou a dar uma irreutável prova instantânea, scintillante, que em todos os espíritos ficasse, para amostra de seus méritos.

Absolutamente nada. Desde a dissertação escrita, que versava um problema de direito privado, o seu forte, em que o verdadeiramente o candidato não argumentou mas só o lente monologou, numa longa catilinaria, até à ultima these a — dir. Ito colonial, em que se sussurava

sua categoria de *charão*, capaz de Prelecionar ao professor, — o sr. Gonçalves limitou-se a articular meia dúzia de frases, sem recheio e sem trilho, que seriam o insucesso dum *músico afiado*, tirado à sorte do saco do bedel.

E facto curioso notado por muita gente que leu as théses affixadas na *via-latina* — o sr. Gonçalves teve o cuidado de enfeixar com outras já mais ou menos conhecidas certas théses, das chamadas avançadas, provavelmente por haver outras excessivamente retrogradas. Pensou de si para si que a Faculdade não lhes tocaria para que ninguém podesse *suppor* que a Universidade combacia affirmações avançadas Enganou-se. Lastimável imprevidencia! Ela explica porque tam fracamente fôram defendidos o direito à revolução (alias em contradição com a thése que preconisa a extração dos criminosos políticos) e a reorganização do regimen familiar, questões juridicas que há já alguns annos andam para ali tratadas em jornaes diários noticiosos.

Virá agora a propósito perguntar porque foi que a Faculdade de Direito corou com 17 — desase — valores o estenderete do candidato, que tantas censuras ora asperas, ora facetas, lhe mereceram.

Evidentemente, a hypothesis da *cunha*, instituição nacional com horas de cidade em Portugal e seus dominios, e em Coimbra com horas principescas, tem de ser posta de lado, visto como há já alguns lentes para quem ella não pega, e para os tradicionistas se tornava já hoje escusada a sua aplicação. Nem assim se explicaria a altitude dos lentes que no primeiro dia cairam a fundo sobre o candidato e saíram da Universidade com cara de caso.

O que se consegue, portanto, é que do príncipe para o segundo dia o bom senso de meia dúzia verificou que seria um desastre para a Faculdade de Direito, já não diremos reprovar o sr. Gonçalves longo disso! — mas baixar-lhe uns tantos valores na classificação.

Quer dizer: a Faculdade de Direito para se livrar das observações impertinentes que seria licito formular sobre aquelles tantos *accessits* e premios com que presenteou o sr. Gonçalves, transfigurou com a mediocridade das suas provas finais de doutoramento.

Quer dizer: a Faculdade de Direito dá ao sr. Gonçalves o direito de ir ao concurso para lente e o direito de ser aprovado.

Quer dizer: a Faculdade de Direito — sacode a agitação do capote! — o sr. Gonçalves que se arranje como puder quando lhe aparecerem na aula rapazes espertos que estam a acabar os preparatórios por esses lycens fôra, e os de bôas intenções, que tudo esperam do saber do lente, pôdem confiadamente entregar-se à sua sabia direcção, que nem por isso periga a sua formação intelectual, a sua educação jurídica.

Estará o sr. Gonçalves disposto a receber o favor da Faculdade?

Veremos, Esperemos os concursos.

Um lente de direito, a certa altura da argumentação, como o candidato teimasse (por monosyllabos) em afirmar que certa thése estava bem redigida baixou dos doutorões o olhar sobre o

auditorio e, com voz pastosa e solenne, invocou o testemunho do público para as suas afirmações erroneas.

Aqui fica, portanto, o depoimento da *Revolta* sobre o que foi o acto de doutoramento do sr. Luiz Gonçalves, e fa-lo com perfeita e serena imparcialidade.

J. O.

Cooperativa de Pão

O bem progride sobre a terra, ainda que isso these aos pessimistas que, na morbidez da sua degenerescencia, se não na hipocrisia dos seus fictícios terrores, proclamam imbecil e cegamente que só o mal vencerá.

A solidariedade humana na sua infancia embora, é bem evidente sob multiplices aspectos. Ainda não vai distante o caso da Calabria em que a infeliz terra d'Italia encontrou em todo o mundo a maxima generosidade, accorrendo todos e de todos os continentes á compita a endereçar-lhe palavras de simpathia e, o que muito era, enviando-lhe quantias, ás vezes avultadas para obviar aos prejuizos materiais.

Antigamente a guerra entre os povos era a regra; hoje a guerra é a exceção e as relações de confraternização são a regra, são o facto de todos os dias.

As cooperativas, começando, em geral, por um unico aspecto da questão social, e muita vez um pequeno capítulo, como sucede com esta cooperativa que, por ora está limitada ao pão, são as pequeninas escolas onde pelo actualmente mais visivel movel — o interesse a humanaidade se vê preparando para solidarizar um futuro mais ou menos proximo, mas que ha de vir, com certeza.

No domingo passado lá fui até á sede da cooperativa de pão — «A Conimbricense» para assistir á inauguração solene do seu edifício. Não perdi o meu tempo: posso, pelo que presenciei, congratular-me com esta cidade pela obra social que ali está realizando.

Naquela dia tomavam posse dos cargos para que haviam sido eleitos, os novos corpos sociaes.

Desde pela manhã que a Direcção cessante e os empregados incansavelmente, mas sem prejuizo dos deveres profissionaes, andavam azafamados engalanando o edifício e distribuindo pão e brôto a os necessitados que em muitas centenas ali acorriam.

Ao meio dia, perante uma assistencia numerosa, apesar do dia aborrecidamente chuvoso, era aberta a sessão pelo digno presidente da assembleia geral, o nosso amigo Dr. Fernandes Costa, alma diamantina, que toda a cidade conhece e reconhece, como o acaba de provar no trâneu afflictivo porque passou o seu coração delicado de pae amantissimo.

Num improviso eloquente e suggestivo, como sempre é a sua fluente palavra, o nosso amigo historiou succinctamente a vida daquella cooperativa, poz em relevo as suas vantagens, sublinhou os progressos incessantes, patenteou, com a clareza que tão peculiar lhe é, quanto o cooperativismo influe beneficamente na educação social; poz em destaque os homens que a lancaram base e os que trouxeram até este triunfo a cooperativa de pão, tornando d'ahi argumento para demonstrar quanto pode valer o esforço, pequeno embora, dum homem logo que sommado com o esforço dedicado de outros homens.

Tomada a posse pelos novos corpos sociaes seguiu-se um delicado *copo d'água* gentilmente oferecido pela direcção cessante aos novos eleitos e á Imprensa.

Entre vários e calorosos brindes aos progressos da cooperativa e áquelles que por ella tem trabalhado destaca nos os evantados ao nosso amigo Dr. Fernandes Costa pela imparcialidade, convicção e disciplina que sempre soube imprimir ás assembleias, ainda ás mais apaixonadas; ao nosso corregionario João Simões Fava, presidente da Direcção cessante pelas suas qualidades excepcionaes de administrador, pela sua comprovada tenacidade com que sempre trabalhou, pustergando os proprios interesses, quantas vezes, para se dedicar á obra, cuja vigilancia os seus consócios lhe haviam confiado; ao secretario da assembleia geral pela escrupulosa imparcialidade com que sempre redigiu as actas, posto que longas, durante o seu secretariado, pela impecável precisão com que sempre compareceu nas sessões com tudo o que delle dependia, elaborado e pronto.

Pelo secretario da assembleia geral foi levantado um brinde á Imprensa a quem elle agradecia ali, em nome da cooperativa, o auxilio que sempre n'ella encontrou para tudo o que á cooperativa importava.

Enquanto isto se passava um grande grupo de creanças maltrapilhos que tinham accorrido á cooperativa receber pão, enquanto devoravam com avidez este, fixavam os olhares sobre couas diversas.

Depressa foram notadas pela alma sensivel do nosso amigo Dr. Fernandes Costa que pediu á Direcção que distriuisse alguns bolos pelas pobres creancinhas. Insignificante acto este aos olhos superficiaes mas que dá a immediata comprehensão do quilate d'aquelle alma de eleição.

Tambem, mal significava o seu desejo logo varios membros da Direcção tomavam salvas que enchiham de bolos e distribuiam profusamente pelas creancinhas extasiadas.

Na sua simplicidade foi um acto de uma beleza adoravelmente tocante.

Preparada uma larga mesa onde ia ser servido aos empregados da panificação e venda um lauto jantar oferecido pela cooperativa, tomaram logo n'ella os funcionários, ouvindo de pé todos as notas repassadas de saudade e propulsoras das revindicações do Hymno 1º de Maio que uma philarmonica executou a pedido do nosso corregionario Antonio Francisco Mendes Alcantara.

Os membros da Direcção cessante em volta da mesa ministravam aos empregados que haviam trabalhado sob o seu consulado todos as iguarias enquanto os demais membros dos corpos sociaes assistiam ao jantar.

Foi esta uma outra nota que divisei nesta festa tão democratica, tão bela, tão cheia de agradável confraternização.

Aos vinhos finos levantou-se um dos empregados, Julio dos Santos que levantou a sua taça brindando pelos que saiam e saudando os que começavam naquel dia á frente da cooperativa; especializando o sr. Dr. Fernandes Costa, Cassiano Augusto Martins Ribeiro e João Simões Fava, não porque se quer pretendesse deixar no olvido os restantes, mas porque queria synthetizar nestes, como presidentes, todos os corpos sociaes que tão formidavel impulso haviam dado aquella cooperativa. Numa alocução cheia de franqueza e de sinceridade dirigiu-se aos seus companheiros para lhes dizer que no amor e dedicação como haviam visto todos aquelles homens trabalhar sem especie alguma de renumeração a não ser a calunia manejada uma outra vez contra os que mais trabalhavam, elle e os seus camaradas deveriam encontrar um incentivo a trabalhar na medida de suas forças e competencias em pro daquella cooperativa; que se lembressem como ainda naquela jantar se havia visto, que ali não tinham patrões, mas pessoas que, pelo mandato que lhes estava confiado, tinham o dever e o direito de dirigir e fiscalizar.

O seu brinde foi calorosamente correspondido pelos padeiros que se levantaram em aclamações, subresendo as acclamações ao Presidente que saia, o nosso corregionario Simões Fava.

O pessoal, findo o jantar, tirou um grupo.

Assim terminou a sympathica festa, a que não fôa commentarios, porque do seu relato fiel, posto que sucinto, se comprehende quanto foi o seu valor.

Reporter

Annel de Nibelung

Para a Intelligenzia do poema de Wagner

A partir deste momento, o deus renuncia a ação; erra como viajante pelo mundo fôra, que examina, numa superior contemplação, e vê realizar-se o que deseja. Na floresta do leste, onde fica a caverna do gigante Falmer, Siegfried cresce, Siegfried, que Sieglinde ao morrer deu á luz: é seu astucioso educador o Nibelung Mime, que quer, educando Siegfried, educar o matador de Falmer e o conquistador do Annel. Mas Siegfried odeia o repellente anão: educa-se a si mesmo, sózinho na livre floresta. Logo que a creaçao sabe que a espada cujos pedaços Mime não consegue soldar cuja pertence, executa elle mesma esse trabalho, e pede para matar o dragão com «Nothing», a sua nova arma. Mime prepara uma bebida envenenada para o vencedor, para que elle morra logo após a sua victoria sobre o dragão. — Siegfried realiza este grande feito, mas não comprehende o valor da pressa. Ora, como lhe espirrou para os labios algum sangue do dragão, isso faz que elle fique a compreender o que as aves cantam. A conselho delas, apodera-se do Annel e do Tarnhelm, e mata o traidor Mime. Agora,

é elle livre senhor do thesouro; mas o filho da floresta importa se pouco com o Ouro deslumbrante. Na tétrica solidão dos bosques, apodera-se delle o desejo sagrado do amor que elle ainda não conhece, e, cheio de alegria, segue a avesinha em direcção ao rochedo de Brñhilde. Wotan ainda uma vez embarga o caminho ao neto embragado de victoria. O que o deus deseja, o que elle quer, deve o heroe conquistá-lo pelo combate, pela desgraça e pela sua propria força. A espada, quebrada outrora pela lança divina, quebra-a agora por sua vez. Siegfried desperta a virgem. O heroe triunfa da ultima resistencia.

Brñhilde lança para longe de si a dor da eterna vergindade perdida, o receio sagrado do homem a quem deve pertencer: o amor celebra a sua mais brillante victoria. — Assim termina o segundo dia, Siegfried.

Mas o fim, a redenção do mundo amaldiçado, ainda não se attingiu: Alberich existe ainda; vive e espreita, e o mesmo acontece a Hagen, seu filho, que Wotan, desesperado, elegera para herdeiro do mundo. O Ouro ainda não repousa nas ondas do Reno. Siegfried possue ainda o Annel; é o drama do «Crepusculo dos Deuses». — Em busca de novas aventuras, o heroe separa-se de Brñhilde, deixando-lhe o Annel. Como poderia ella, completamente transformada em mulher amante, entregar ao Reno essa cara recordação d'amor, mesmo para salvar o mundo e os deuses? E também ella, na sua felicidade mentirosa, no seu orgulho d'amor, agora fica sujeita á maldição. — Entretanto chega Siegfried á côte de Gibich, onde já o espera Hagen, filho de Alberich e irmão uterino do rei Gunther. Hagen, com a sua perfidia de Nibelung, oferece a Siegfried a bebeda mágica: esquece o que lhe era caro e sagrado, e apenas deseja Gutrunne, nova visão da graça terrestre. Para a ter, promete elle tomar a figura de Gunther por meio do Tarnhelm, e conquistar Brñhilde para Gunther, que a deseja. Com o Tarnhelm na cabaça, domina-a, e arranca-lhe o Annel. — Desesperada por ser assim enganada, Brñhilde accusa-o abertamente de traição: não foi Gunther quem a conquistou porque elle não possue o Annel; foi Siegfried que foi seu esposo! Assim Gunther vê se no mesmo tempo desmascarado e obrigado a acusar Siegfried de o ter ultrajado. Brñhilde, Gunther e Hagen, juram a morte do heroe. E' na caza que Siegfried deve morrer. — As Filhas do Reno advertem-no no ultimo momento da maldição que pesa sobre o Annel, e pedem-lho. Mas o heroe sem despreza as suas ameaças e marcha assim, voluntariamente, para uma morte que era ainda evitável. A lança de Hagen fere-o, quando, ao descancar da caza, elle conta aos companheiros a sua vida, e, fôra da ação da fatal bebeda, descobria a sua união com Brñhilde, num desparte de todas as recordações. O heroe morre, exhalando um ultimo pensamento d'amor para Brñhilde; os corvos voam para Wotan a annunciar-lhe o Fim. Quando Hagen quer apoderar-se do Annel, Gunther dispara-lho: Hagen entam mata-o; mas Brñhilde, a quem as Filhas do Reno contaram tudo, e que agora percebe claramente a verdade e o erro, a falta e a expiação, tira o Annel d'ouro do dedo do heroe morto, enquanto os creados fazem uma fogueira funebre para elle e para o seu verdadeiro esposo. Lança o Annel ao Reno, para expiação e redenção eternas. Depois lança-se nas chamas, montada no seu cavalo Grane. As Filhas do Reno approximam-se nadando, as vagas inundam a margem, submergem a fogueira. Hagen espantado precipita-se para o rio, e, enlaçada pelos braços morticidas das Nixes, o filho do Nibelung é arrastado para o abismo. O Ouro é restituído á sua primitiva habitação, o fogo consome os Deuses libertados; ao longe aparece vagamente, numa flammejante vermelhidão d'aurora boreal, o fim dos Deuses, o fim do velho mundo. Mas o Amor que fôra outrora amaldiçado pelo conquista do Ouro, symbolo da sensualidade funesta, o Amor que, captivo no desgraçado mundo da inveja e do odio, supportava as consequencias trágicas desta maldição, no meio da falta e da expiação, esse Amor, depois que o Ouro symbolico foi engolido pelo innocent elemento original da natureza, sobe para o céu como o sol dum universo novo, puro fruto espiritual de toda a luta trágica, liberto e santificado.

Esta tragedia é o conflito do elemento *ideal* e do elemento *sensual*, tais como se reunem, funestamente, como duas almas, no peito do homem (Goethe). Pode representar-se mythicamente o es-

tado primitivo como uma unidade e igualdade absolutas, uma especie de imperio (tambem edéal) da *Natureza* inocente ou de ideias eternamente puras (as aguas primitivas ou o céu dos Deuses); mas é preciso sempre que um desejo, uma vontade de viver, desperte nello (isto é, lhe seja immanente); como tal, esta vontade de viver não pode existir senão pela contradicção, e traz assim, por si e para si, o fracionamento, a dispersão do ser primitivo no jogo enganador da individualização (Alberich, Loge). Ora, no individuo estes dois elementos existem: porque os individuos encontram-se na luta pela vida no estado de seres isolados, compostos de vontade e de intelligencia (os Deuses, os Albes, os Gigantes). As forças mais poderosas que animam tales compostos são ainda contrastes de principios: o *Amor* e o *Egoísmo* (symbolizados por Freia e pelo Ouro). O Amor é, na sua essencia, ideal, e por isso mesmo chamado a redenção; o Egoísmo, pelo contrario, é sensual e é por isso que é a verdadeira maldição do mundo. Mas o Amor sofre pelos sentidos, meios que emprega, na sua illusão, para chegar a uma realização terrestre da sua essencia ideal; o Egoísmo, inversamente, serve-se do espirito para realizar o seu desejo sensual; e assim se combatem já os dois principios da accão humana. Como Alberich amaldiçõa o Amor para ganhar o Annel, symbolo do seu desejo egoista para o poder de que os sentidos gozam, assim Brñhilde, a mais nobre incarnação do amor humano deve renunciar ao Annel para livrar o Amor da maldição do Egoísmo, quer dizer, da sensualidade que nello ha. Nella, a que ama mas que possue o Annel, esta ultima e supremamente representada a união terivel que liga estes dois elementos. Por causa desta posse a illusão de Brñhilde arrasta a perda de Siegfried: e esta renuncia ao goso sensual do Amor, a renuncia tragica, constragida, cheia de faltas traz sómente no fim a renuncia voluntaria, expiatoria, verdadeiramente moral, a restituição do Ouro as ondas de Reno. Esta renuncia significa, ao mesmo tempo que a morte terrestre de Brñhilde, a immortalidade do seu Amor, livre agora de todo o elemento terrestre, na eternidade de Brñhilde com Siegfried, isto é, a sua livre entrada no reino do ideal. E isto não é senão um tipo dramatico tomado como exemplo e figurando a redenção do mundo livre ao mesmo tempo da maldição do Egoísmo pelo poder renunciado do Amor em geral (o Crepusculo dos Deuses); e assim se reflecte no microcosmo do ser humano, a metaphisica do mundo. Tal é a significação ethica do drama.

ANNUNCIOS

EDITAL

(Copia)

O Doutor Antonio Pereira e Solla, Juiz presidente do Tribunal do commercio de Figueiró dos Vinhos.

Faço saber que no dia 5 de abril proximo por dez horas á porta do Tribunal do commercio da Cidade de Lisboa se hade proceder na venda e arrematação em hasta publica, a direito e acção que a massa fallida de João Alves Bebiano tem ás cinco sextas parte dos mobiliarios e immobiliarios da Fabrica de Escoubaes, em Castanheira de Pera, comarca de Figueiró dos Vinhos, que será posta em praça pela quantia de trinta contos de reis, sendo pelo presente citados quaequer credores incertos que se julgue com direito á dita fabrica para o declararem dentro do prazo da lei. E para constar se passe o presente que será affixado á porta do predio. Figueiró

PARIS EM COIMBRA

High-life tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietário fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em depósito, só vendo se acredita.

Esta casa é a única que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu comércio.

Cachorros da Serra da Estrela

LEGITIMOS

A venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um mês, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se à venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fruta de diversas qualidades, secos e cristalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.
Variada pastelaria em todos os géneros, especializando os de jolhado.
Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
Saneisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enteitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinícola de Salvaterra de Magos, da finíssima manteiga da Quinta de Fontelo e dos produtos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais eficaz para a expulsão de **lombrigas**, tanto em crianças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as crianças salvas com elle.

O **Vermifugo Faria**, é diferente dos que existem do mesmo género e duma eficácia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode afirmar que os não tem.

O **Vermifugo Faria** limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quais forem, destroem as fermentações putridas e anormais, cura as infecções intestinais e as dysenterias infecções, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O **Vermifugo Faria** não tem depósito no fundo do frasquinho e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasquinho em água quente. Preço do frasquinho em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frasquinhos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depósitos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.º, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.º, Rua Ferreira Borges.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto à Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os únicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a única casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao público a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanelas d'algodão, metro	60
Ditas, cós lisos, muito largas, metro	120
Córtex de vestido com 7 metros, de pura lã e lana	
e seda, a \$150, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meitons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para criança, desde	51
Ferrões a vapor, para engomar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a	80
Lencos de percal, a	70
Chales grandes, que eram de \$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanelas, muito finos, seu	
valor, 1\$000 réis,	

E um sem número de artigos que só à vista se podem verificar



Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, género tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estoafador, molas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos à venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque deles arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os géneros

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCERIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brasil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automóvel

Aluga-se o automóvel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

de

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Colmeira

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguês calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDEAIS

de José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabeadeis de luxo. Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades. Todas as fazendas são recebidas directamente das principais fábricas nacionais e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher &c &c

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã às 4 da tarde

Doenças da boca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico



Director e proprietario

Ramada Curto

Redação e administração

PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Oficinas de composição e impressão

Largo da feira, 29, a 37.

N.º 20

COIMBRA — Quarta feira, 31 de Março de 1909

ANNO 1º

O FÔRO ACADEMICO

Cinco estudantes processados! — A repetição da scena de ha dois annos — Mais alguma violencia?!

A Universidade é impenitente, não tem emenda possível! A esta hora estão processados academicamente cinco camaradas nossos, sob o irrisorio pretexto de «se terem salientado no barulho da sala dos Capellos e à Porta Ferrea, por occasião da solemnidade dos doutoramentos do dia 21 do corrente». E sempre a mesma coisa! Hoje como hontem a Universidade que não sabe impor-se ao respeito dos que a frequentam, a Universidade dogmatica, fradesca, mais do que mediocre, a Universidade que é, sem duvida, um dos maiores e dos mais perigosos cancos nacionaes, a Universidade sente-se desrespeitada e procura vingar-se «ás cegas» escondendo as suas victimas, dentre a massa anonymous? is obi capricho do seu odio e da sua furia demen-tada. Todos os estudantes que a frequentam tem de não as suas velharias, trocam da sua sciencia archeiros, do seu ritualismo cuja pompa re-corda a das operetas de feira — e são dois, tres, quatro, meia duzia, os responsaveis!

Victimas expiatorias, nesta nova Inquisição, não sabem de que os accusam, nem quaes os esplões que os indicam ás iras do tribunal que os julga!

Não podem, portanto, defender-se e quando a revoltante iniquidade duma pena cae sobre elles, têm apenas que «fazer a trouxa» e sair de Coimbra em 24 horas, com a carreira — quantas vezes! — absolutamente cortada. No dia 21, a pecegada do ceremonial provocou a costumada troça, a franca e irresistivel gargalhada de que tudo aquillo é merecedor!

Tudo riu, tudo trocou!

Os «responsaveis» são para a Universidade apenas cinco!

Veremos o que daqui estará para sair!

Mal auguramos da repetição da scena de ha dois annos! O tempo não vae para provocações e é preciso que esta situação insustentável acabe para honra de todos no estabelecimento que pomposamente se rotula de «primeiro estabelecimento scientifico do paiz»!

E até ver...

A situação

A propósito do inquerito aos ultimos actos do ministro da fazenda surgiu contra a monarquia mais uma questão de moralidade.

Como não bastavam os adeantamentos, roubos já de ha tempo denunciados ao paiz e ainda hoje por liquidar, o sr. Espregueira contra um emprestimo com varios agiotas deixando-lhes a todos as mãos untadas do melhor de mil e tantos contos. Foi este o pretexto para o inquerito exigido pelas opo-sições.

E' claro que aqueles que ainda ontém apoiavam todas as manigancas doministro não passaram a merecer-nos consideração com a attitudem que tomaram. Esta moralidade, esta honestidade de *põe e deixa*, não é recomendación que honre caracte-res.

Mas nós que ontém os combatemos por todos os seus erros e os desprezamos por todas as suas infamias temos o direito de, sem nos confundirmos, achar e dar razão á minoria obstrucionista que n'este momento desempenha um alto papel de moralização e de valor.

Os tumultos dos ultimos dias na camara dos deputados e a declaração de incompatibilidade feita pelo sr. Vilhena em nome do bloco, indicam bem ao governo, que os

seus dias dentro do parlamento e da constituição estão contados. Pôdem ser dissolvidas as camaras e ficar o governo, que nem por isso ganhará muito a monarquia. A confiança da corôa está já hoje na razão inversa da do paiz e a dissolução dada como manto para cobrir os hombros d'apache do sr. Espregueira e dos seus consocios havia de ser recebida por entre os ultimos preparativos d'insurreição.

Cae o governo, fica o parlamento? Não ganha nada a monarquia com a alternativa. O gabinete d'amanhã tinha que proceder criminalmente contra todos os *reus de burla* confessados e por confessar e o regimen sem gente nova, que o salve, veria sumirem-se nas cadeias e nos presídios um grande numero dos seus mais persistentes defensores.

A situação é, pois, esta: ou a ditadura de cruz e de espada tendo contra si os elementos liberaes que ainda restarem, ou a queda irremediável de varios amigos da monarquia insubstituiveis talvez nas suas funções de paternas adeantadoras.

Em qualquer dos casos ganhou o paiz, a verdade e a justiça.

A attitudem dos deputados republicanos não poderia ter sido mais cheia de tino politico, correção e até delicadeza. Tendo votado o inquerito abstiveram-se, até aqui, de

intervir na tumultuosa liquidação dos partidos e dos homens, deixando aos adversarios a sumaria e simplissima tarefa de se aniquilarem politica e mesmo moralmente.

Não tendo podido no parlamento manifestar ao partido que os elegeu e ao povo que representam tudo quando necessário era dizer-se no actual momento, dois delles e em nome de todos os outros seus collegas vieram até ao estrado das conferencias populares lavrar o seu protesto e aclarar ainda alguns pontos que permaneciam escuros e por explicar.

Para o partido republicano o incidente politico ficou assim liquido.

Agora a acção tem de ser toda revolucionaria, extra-parlamentar e extra-legal, como nos saudosos dias de janeiro contra a ditadura do rei Carlos e do seu *homme de caractère*.

Não somos nós dos «impacientes», mas ou «isto que ahi está» é rapidamente removido e atirado ao monturo, ou então decididamente andamos todos a jogar uma entrudada nas barbas do paiz que pouco nos importa salvar, perdendo tempo com o «amanhã» constante dos nossos revolucionarios...

Não é assim. Não pôde ser, nem será!

O povo tomou já sobre si o pezado encargo de se libertar «elle, por si», e é ainda e sempre no povo

NA ENERUZICHA



que estão as esperanças e a certeza de que alguma coisa se vai passar rapidamente, tão depressa que nos fica o receio de sermos colhidos de surpresa.

A situação é clara.

A politica passou ao segundo plano e vai aparecer — o Povo portuguez.

E ainda bem.

P. J.

NA BRECHA

IV

OS TEMPOS MUDAM

Ha cinquenta annos ainda não era facil ser-se republicano. Hoje, cinquenta annos volvidos, é facilimo ser-se anarquista.

São os tempos que mudam e com elles principios e doutrinas.

Ha cinquenta annos um republicano era excomungado, apodado de hereje e pedreiro-livre como designação insultante. Ao vêr um republicano, as beatas que edificavam capellas e pagavam procissões benziam-se aterradas, murmurando, unctuosamente.

— Credo! Cruzes! T'arrengue...

Os chefes de familia, aconselhando os filhos, prohibiam-lhes as más companhias e as camaradagens com elles, com os ateus, almas perdidas, instrumentos do diabo.

Mas, cinquenta annos se passaram e os tempos mudaram.

Hoje, ha republicanos, socialistas e anarquistas, á luz do sol, com associações e centros, fazendo propaganda na imprensa e na praça publica, como se nestes cinquenta annos se tivesse modificado a face da terra, e os homens tivessem esquecido todo o passado que a historia rememora.

O espirito moderno libertou-se de preconceitos moraes e religiosos.

A moral d'hoje é tão diferente da moral d'ontem que quasi lhe é opposta.

A civilisação avança intemperata.

O progresso científico é audaciosa-mente acompanhado pelo progresso social.

Deus recolheu-se quasi ao interior dos templos. Quem o quer e quem o ama vae lá adorá-lo.

Ha cinquenta annos era elle que ia a toda a parte impôr a adoração da sua divindade.

A França deu de mão á Egreja, prescindiu d'ella como d'uma coisa usada. Todavia, quem a quer e quem a ama pôde servir-se d'ella. A tolerancia religiosa deixa livre a passagem áquelles que vão a caminho do céo. Talvez Deus por sua parte, é que os não receba a todos, porque elle, conservador supremo, muito ha de estranhar que tamanhas modificações tenha sofrido a doutrina cuja implantação lhe custou o sangue e a vida.

São os tempos que mudam, dir-lhe-hão, e os homens que mudam com o tempo.

Isto é fatal! Não ha que discutir, porque não ha que discordar. A historia que o diga. As ideias avançam com mais ou menos lucta, conforme as resistências que encontram. As grandes doutrinas victimam quasi sempre os seus maiores apostolos. Assim, Christo e Copérnico, Savonorola e Prometeu.

Mas que importa o combatente que cae na liça se a doutrina se expande e fructifica fatalmente, se a ideia é grande generosa e redemptora.

As resistências que o passado oppôe pôdem impedir em parte a marcha gloriosa o caminho do futuro. Mas os tempos mudam, as doutrinas caducam e triunfa sempre aquillo que vem de novo com seiva e força para vencer. A seiva da justiça, a força da razão.

Isto é fatal.

O passado cheirando a agua benta e incenso, braçônado e de canhões de renda faz o que tinha a fazer. Resistir. E o presente deixa-o agonizar enquanto pôde, mas vibra-lhe por fim o derradeiro golpe. Acaba-lhe mais rapidamente e misericordiosamente a tortura do esterço e serve a hygiene porque ha corpos que ainda com vida se decompõem e cheiram mal.

E, não ha que discutir. São os tempos... Os tempos que mudam...

Pôde o passado resistir que a sua resistencia será como a do moribundo que resiste mais por desabafio do que com esperança de salvação. Pois se a morte é fatal...

O mesmo mal que hoje fulmina a velha monarchia constitucional derrubou já a sua antecessora monarchia absoluta, e o mesmo mal atacará um dia a republica que nasce.

Pois se os tempos mudam... e com os tempos os homens mudam também...

Ahi! A historia que não se calla!

A. F.

Partida

Partem hoje para férias os nossos camaradas de redacção João Garraio, José Guerreiro e o bacharel Mário Malheiros.

Que se divirtam.

COISAS & COISOS

Um caso typico

O sr. Campos Henriques por uma solicitude oficial de presidente de conselho, mandou que o secretario da sua pasta fosse a Espinho e verificasse os estragos feitos pelo mar.

Partiu o secretario. Na gare de Lisboa teve uma despedida affectuosa dos correlegionários.

Instalou-se no seu wagon-lit, recomendando ao *contrôleur* que nas alturas da Pampilhosa lhe mandasse servir um chocolate. Era a primeira vez que o secretario sahia em missão oficial. Ia brilhante com a sua *pélisse* de mil francos e as suas malhas de coiro inglez. E enquanto o *contrôleur* lhe preparava a camisa, elle passava aristocraticamente pelos olhos os jornais da noite, que noticiavam sua partida para Espinho em tempos lisonjeiros. Como era invejável a sua posição! O que diriam as Souzas, as Almeidas, em sabendo d'isto?

Pelas alturas de Villa Franca, o secretario empalideceu e teve um calafrio.

Encontrára n'um jornal da noite, um telegramma sinistro e pavoroso que o abalava. — Espinho. O povo exaltadíssimo pede imediatas providencias ao governo.

E d'um salto correu ao W. C. sem tirar os olhos da notícia. O coração batia-lhe apressadamente e no cerebro desenhavam-se-lhe duas ondas formidaveis

— uma de mar a engulir Espinho, e outra de povo a engulir-o a elle.

Que horror! que angustia, a d'aquelle pobre secretario com a sua *pélisse* de mil francos sentado no W. C! No Entroncamento levantou-se, e trémulo, nervoso, compoz a sua toilette como poude e foi abancar n'uma mesa do buffet. Tomou um chá preto, um chá fortíssimo que o acalmou um pouco e voltou para a cabine.

Deitou-se, mas só adormeceu pelas alturas de Coimbra.

O *contrôleur* ao chegar á Pampilhosa, abriu a porta da carruagem e pé ante-pé, com a chavena de chocolate a fumar, parou lhe á cabeceira.

Não se atreveu a acordá-lo.

O secretario dormia sofrigamente, com uma respiração agitadíssima, e exalava um cheiro desagradável. Fallava no mar, no povo, em Espinho, e gritava pelo maior Dias.

Dormiu até Aveiro. A manhã estava linda e isso reanimou-o ao despertar.

Accendeu um charuto e começou a passar pelo corredor.

Era preciso tomar uma resolução energica porque a sua pessoa corria muito perigo. Afrontar as iras do povo, era uma imprudencia,

Ahi estava salvo!

Pegou na sua bagagem e em Esmoriz trocou o seu reservado luxuoso por uma modesta segunda classe. Era conveniente não dar nas vistas.

Despiu a *pélisse*, levantou a gola do frak, e saltou em Espinho, atravessando a gare com os olhos no chão, livo, a tugir a umas dezenas de pessoas que procuravam o seu retario nos reservados.

Ao entrar no hotel inscreveu-se com este nome — *José Antunes, caixeteiro viajante*.

Pedi um quarto, mandou que lhe arranjassem n'uma chavena de chá bem forte com duas torradas, e fechou-se por dentro a consultar o horario do caminho de ferro. Sobre a janela do seu quarto, passavam grupos que tinham ido á estação esperar o secretario.

Increpava-se o governo e rugia-se. O secretario tivera a vida por um fio. Sentiu bater na porta do seu quarto e estremeceu.

— Quem é? — E o chá que o sr. pediu.

Abriu a porta, e enquanto o creado o servia, elle perguntava a medo — *Então isto está mauísto!*

— Se lhe parece senhor! Aqui a gente a morrer de fome e aquelles malandros de Lisboa... nada. Disiam que vinha hoje ahi um dos do governo, mas o ladrão não se atreveu.

Ficavam-lhe cá as tripas!

O secretario estava livo e ao ingreir a ultima chavena de chá, pediu ao creado que lhe fosse buscar a conta porque sahia no rapido para Lisboa e não tinha tempo a perder.

Pelas alturas do Entroncamento, o secretario, recostado n'uma poltrona, aconchegava a *pélisse* e digeria o almoço do rapido, com o seu charuto a fumar grandeza.

Estava outra vez imponente o secretario.

E em Lisboa, quando ao saltar na gare os amigos o interpellavam aniosos, elle respondia serenamente:

— Gostei de Espinho, é interessante, é pittresco, e vi aquillo bem.

B' facilmente evitar o perigo. Faz-se um paredão, mesmo dois paredões, ou tres

sendo preciso, e aquillo não é nada.

O presidente da camara recebeu-me principesamente.

Pois é verdade, um paredão ou dois é basta.

Para grandes males... grandes remedios!

Factos e Commentarios

Conferência

Continua a dizer-se por ahí que o numeroso deputado nacionalista, sr. Pinheiro Torres, vem a Coimbra fazer uma conferencia.

Se a coisa for publica lá iremos ouvir o sermão.

E — quem sabe? — talvez S. Ex.^a nos leve para o bom caminho.

Ou então a inspiração divina pouco vale...

As carteiras

As carteiras da camara continuam a ver uma bruxa com os ataques dos pais da patria que parece que em cada uma vêm um bocadinho de Espregueira.

Qualquer dia este tem de fazer um emprestimo para concerto das desgraças.

Mas porque não acabam com esse luxo?

Cá a rapaziada tambem é filha de Deus e alli nas aulas só aveza o banco puro e simples... e duro como pedra.

E cá se vae vivendo...

A ave implume

Diz uma gazeta que o sr. António Cabral, em matéria de propostas ultramarinas, vencerá o record de todos os seus antecessores.

E isto é sendo ave implume, como S. Ex.^a modestamente disse ha dias.

Se lhe chegam a crescer as penas ainda voltamos aos tempos aureos.

Lamentamos que o Dr. Ayer não tenha inventado o *Vigor da pena!*

Estava resolvida a questão colonial... com umas pinceladas da droga.

Mais uma vez!

Agora é uma dama que num jornal de Guimarães aparece a dizer que Alberto Costa se matou por não querer matar o rei.

Mas quando acabará esta infame exploração com a morte do desgraçado rapaz?

Agora até uma senhora se faz echo da torpeza.

E' triste.

Padre feroz

O tal jornal de Guimarães diz que os republicanos são feras a quem é preciso atirar á cabeça.

Convém dizer que o director da gazeta é um padre.

Mais curto, reverendo!

Já que quer atirar...

A Galanha

Recebemos do illustre publicista e nosso amigo Dr. Campos Lima o n.º 2 desta publicação semanal.

Continua sustentando o bom nome do seu autor, já hoje um panfletário de pulso.

Agradecemos.

De passagem

No club:

— Não sei como possa haver homens que consintam numa mutilação para conservar a pureza da voz. Deviam ser canonizados, sam uns verdadeiros martires...

O Conde: — Não. Está você enganado — aquillo vem já de paes p'ra filhos.

CARTEIRA D'UM REBELDE

Se o nosso juizo não erra, a Liga Monarchica fundou-se para, á propaganda e ao desenvolvimento das ideias republicanas, que vão de dia para dia, minando cada vez mais os alicerces d'este velho casarão de oito séculos até o fazer ruir, o que não tardará, com o estrondo dos cataclismos históricos, contrapor a propaganda e a deleza da monarchia.

Desta maneira na Liga Monarchica devem estar os melhores e os mais bem equilibrados cerebros da monarchia e o que das suas sessões constar ou da boca dos seus oradores sair, deve ter o cunho da infindável verdade e a força esmagadora dos argumentos indestrutíveis.

Ha por esse paiz fôra quem tenha a audacia de pensar que se não comprehende que um homem, pelo simples facto de ter sido gerado num ventre ebuneo de rainha, receba em herança uns milhões d'almas, como quem recebe d'un parente rico umas geiras de terra e umas varas de porcos... A liga desfará o lamentavel

engano e provará duma maneira que não admite replicas, que, assim como do calix mimoso da solitaria flor a abelha extrahe o mel doce e a cera que ilumina os altares, no beijo sofreo da mulher amante em cujo ventre se geram os princepes, se transmitem tambem as qualidades que fazem os homens superiores e lhe dão essa misteriosa uncão de sabios, de genios, d'heróes, de quantos adjetivos encomiasticos as historias batalhas costumam circumdar o nome dos reis.

Ha por esse paiz fôra bocas hianas de fome, labios contraihidos no rictus feroz das supremas maldições, braços erguidos num gesto de inenarrável dor e de formidável colera, contra quem os tem espoliado e escarnecidio, e do suor bêntido do seu trabalho tem feito o oiro para os adeantamentos, para os divertimentos regios, para quantas Espregueiras tem caracterizado a política portuguesa?

Insensatos! A liga lhes provará á saciedade, pela voz inspirada dos seus melhores oradores, que é justissimo que o paiz sofra para que o rei se divirta, que os seus desolados lares deve sair a ultima migalha envolta na ultima lagrima para assim se manter o decoro necessário a quem logo no berço foi tocado da graça divina, que a politica portuguesa tem sido para elles d'uma brandura mais que invejável, porque ainda lhes não tirou a pelle e finalmente que o Sr. Espregueira é o mais honrado de todos os homens publicos.

A liga monarchica fundou-se para a propaganda e defesa da monarchia. Assim os seus oradores fallam para o paiz, para que elle se convença da verdade indestrutivel das suas afirmações e para que elle não vá, numa hallucinação momentanea, destruir o que é base e a condição fundamental da sua felicidade e do seu progresso. E cada uma das suas palavras deverá ser um argumento e cada uma das suas frases uma promessa de bemaventurança eterna.

Não são elles que fallam, é a propria monarchia, personificada nos seus defensores, que desenrola ante o olhar espanhado da nação o extenso sol das suas virtudes.

Ainda ha poucos dias, um orador (não nos lembra quem; o nome para o caso pouco importa) dizia na sala da liga, por entre os aplausos que estrugiam de todos os lados, que a monarchia tem de ser fatalmente conservadora.</

A REVOLTA

Coisas da Universidade

As saídas das aulas

Entre as coisas curiosas que aparecem nesta universidade que, por mal dos nossos peccados, frequentamos, há uma que merece duas palavrinhas.

Trata-se da atitude dos diferentes lentes perante o caso tremendo de um aluno sahir da aula durante o exercício escolar.

Uns, apenaos o desgraçado acaba de sahir, tocam a campainha a chamar o bedel que chega e, implacável, marca a falta da ordem. Isto se o alumno, ouvindo o som, não entra antes do bedel, o que quasi sempre sucede.

Outros, ao levantar-se alguém para sahir, suspendem a voz e com a vista seguem o disco do ato à porta. E' claro que o alumno sae do mesmo modo e o lente, feita a cara de desgosto, volta a tomar o fio da preleção interrompida.

Ha até um que, mal o rapaz sae, rapa da planta da aula, levanta os oculos e levando o papel a menos de dois palmos adiante do nariz, verifica quem é o ausente e chama-o á ligão. E essa falta nem Santo Antonio a tira.

Outros, finalmente, não se importam ou fingem não se importar.

Mas de todos os casos do gênero que temos observado, o melhor foi o de ha dias.

Em certa aula levantou-se um alumno para sahir. Logo a seguir outro se levantou.

Immediatamente o mestre, dando um estalinho com os dedos, chama a capitulo o rapaz e diz coisas: que o regulamento não permite as saídas da aula, que *dura lex sed lex*, que elle, como o pretor, não applica a lei em todo o seu rigor, mas que o que não pode permitir é o abuso de sahirem dois estudantes ao mesmo tempo, etc.

E assim ficamos sabendo que tolerantemente se permite que uma pessoa saia porque essa pessoa pode ter necessidade d'isso.

Mas só uma. Duas é que não. E porque?

Porque é um abuso dois individuos terem simultaneamente a extravagancia de ter de satisfazer qualquer necessidade.

Ainda havemos de ver na universidade o sistema das aulas de meninos: — dá licença que vá lá

fora, sr. professor? — e o mestre responderá — agora não que está lá outro.

E assim deve ser para que os meninos não vão lá para fora brincar.

Decididamente o estabelecimento (o primeiro, etc.) está cada vez melhor.

E, se não fossem estas coisas, como havia a gente de supportar as aulas?

A tesoura

Do Notícias de Lisboa:

Braga, 25. — O dia de hoje em que a igreja católica commemora a Annunciação da Virgem, mãe de Deus e dos homens, bastantes solemnidades se tem efectuado, em suas diferentes templos d'esta cidade.

Mas que mania que tem estes homens de Braga de ser filhos da Virgem! Um já nós conhecemos, mas, ao que parece, tem por lá muitos manos.

Para que lhes havia de dar!

Do Portugal:

Oppõe-se ao bloco revolucionário o bloco conservador. Pode não estar em perigo a Monarquia e cremos que não está. Mas está em perigo a paz e o socorro do paiz. E' preciso tocar a unir. As afirmações platonicas de *Liga Monárquica* tem de ser substituídas por actos. Palavras já são de mais.

Agora o caso é serio... se elles tocam a unir.

Que vai ser de nós se elles passam aos actos?

Ai Jesus!

Do Portugal:

Quando é que o sr. Amaral se convencerá de que, n'este paiz, só pôde haver duas qualidades de ministérios: os ministérios como o que deixou fazer manifestações ao Buiça, ou ministérios de combate.

A ultima parte ficaria melhor assim: « ou ministérios como o que fez apparer o Buiça ».

Não acha, reverendo?

TRIBUNA DOUTRINARIA

Justiça divina

Batidas e postas em debandada as tropas de primeira linha que Roma nos oppunha, entreter-me-ei agora a metrâr um outro posto da reserva que eu descontino no campo do dogma ou da philosophia dualista.

Hoje falarei na justiça divina e suas relações com a bondade.

A justiça divina... como os nescios nella confiam!... Todavia elle é, como o juiz que a ministra, obra dos homens,

e como tal participa de todos os erros da justiça humana antiquada, como Deus participa de todos os vícios dos homens da civilização incipiente que o criaram á propria imagem e semelhança « Deus vult omnes homines salvos fieri » diz S. Paulo.

Sendo Deuses omnipotente e querendo elle que todos os homens se salvem, nenhum se perderia...

Mas então para que o inferno e o Purgatorio?

Santo Agostinho, bispo de Hipona, que viveu no seculo V poz essa questão em pratos limpos, solicitado pelas doutrinas de Pelagio e Celestus cujas proposições não eram destituídas de razão, claro está, dentro da crença christã.

Segundo aquelle grande doutor da Egreja, « o genero humano tornou-se numa espécie de massa de perdição sobre a qual Deus desconta préviamente uma parte da raça humana de que elle se compadece e destina para a salvação, enquanto que abandona a restante á reprobação!... »

Como préviamente havia a proposição de S. Paulo, Santo Agostinho não hesitou, explicando que quando o collega afirmara que Deus queria que todos os homens se salvasssem, se deveria entender todos os predestinados.

De forma que os homens salvam-se não em virtude das suas bôas obras e por causa delas, mas porque Deus lhes concedeu o unico meio pelo qual possam conseguiri o seu desiderado.

Ninguem se salva sem a graça, mas a graça é « um dom sobrenatural concedido gratuitamente á creature intelectual em ordem á salvação eterna ».

Eis ahi a que fica reduzida a decadada justiça divina: não recompensa ninguem segundo as suas obras mas ao sabor do proprio arbitrio.

Que culpa tem o homem de não crer, se o miserio não pode ter fé sem a graça? Como condemnar o homem porque não cumpriu, se a graça indispensavel lhe não foi conferida?...

E que importa mesmo que o homem crea e pratique a lei, se nem por isso a graça lhe é devida, e sem esta elle não pode tornar-se meritorio em ordem á salvação eterna?

Misera humanidade, se fossem verdadeiras todas essas tolices!... Não julguem que esta doutrina de Santo Agostinho é da responsabilidade particular do santo, e que portanto a Egreja possa repudial-a. Não senhor. E' doutrina aceita em varios concilios e é doutrina que o proprio Santo Agostinho afirmou no seu livro *Da Predestinatione Sanctorum*, c. 4, que ella lhe fôra inspirada por Deus.

E' bastante. Sendo elle sancto, não podia ludibriar a Egreja em uma afirmação de tal natureza, se ella não fosse verdadeira.

E' redundante, pois, que os Thomistas, Congruistas, Molinistas e outros andem a barafustar nesse indigesto pastelão.

Podem, meus caros leitores, desistir de pensar na salvação eterna: os seus esforços serão inuteis e baldados.

— Não estou, não! mas falemos de outras coisas.

— Vinho triste...

— Figos secos? Como é que uns simples figos podem faser lembrar coisas tão sérias? Não, agora tens de contar...

— Tem de contar! Tem de contar — disseram quasi a um tempo convenientes de que o amigo os estava mystificando.

— Para quê? Para quê? continuava elle.

— Para o que quiseres. Conta!

Instado desta forma, resolveu-se a falar.

Fez-se silencio; e os olhos embaceados de todos elles fitaram-se no engenheiro.

— Foi ha dez annos, meus amigos, naquelle tempo em que estive de serviço no Miudo. Eu era das relações do meu collega Alberto de Moraes. Um pobre diabo.

— Como tu sabes — dirigindo-se a um dos companheiros — é um homem sem energia para nada, com estraordinarias irregularidades de carácter, um inconsequente, uma creatura sem individualidade, feita de pedaços.

— Uma psychologia que nunca perci.

— Tinha casado, havia tres annos, com uma loirita muito engraçada que o detestava pelo seu desmaselo. Viviam os dois, num sitio retirado da cidade, numa esplendida casa cercada dum vasto jardim que se cobria de milhares de flores

Se aprovér á caturrice do Todo Poderoso elle lhes enviará um cheque sobre a Graça da Bemaventurança por meio do qual podem angariar qualquer logar no ceu, se não, não. Todo o producto do trabalho é esteril as tais obras, sem o tal cheque, são moéda desvalorizada!...

Pobres mistificados!...

Mas a justiça divina não fica por aqui, no conceito da Egreja Catholica.

Os meus amáveis e pacientes leitores tem ouvido falar nessa mina dos padres, nesse inexaurivel thezouro de Roma, — o Purgatorio?!

E' outra prova de que a justiça divina é calcada sobre a justiça humana e... sobre a justiça humana de peor especie.

Para o Purgatorio vão os que tendo cometido peccados veniaes não podem entrar no Ceu sem se purificarem dessas pequenas mäculas no temporario fogo do Purgatorio.

Até aqui está tudo muito bem.

Mas o velho e rabugento Padre Eterno demove-se facilmente e no seu Imperio de delicias receberá os denegridos peccadôres, antes de terem acabado de chamuscar toda essa multidão de mäculas que os conspurcam. Para isso é urgente ter... dinheiro para mandar dizer missas e celebrar outras especies de commendações!...

Tudo é venal, até o proprio Deus!...

Se um milionario vai para o outro mundo enlaçado em peccados veniaes, que levaram muitos seculos a lavar com a tal benzina com que os peccadores são esfregados no Purgatorio, pode muito bem nem sequer lá permanecer um minuto; basta que tenha deixado o testamento da sua colossal fortuna para que, acto continuo á sua morte, os padres de todo o orbe catholico digam cada um sua missa!...

E' otimo e engracadissimo!

E vão aos ares se não os tomâmos a sério!...

E' verdade que elles dizem que as missas, onde se sacrificia a divina victima (sic) tem os meritos de N. S. J. C. que são bastantes para anular toda pena temporal...

Pois sim, mas isso prova de mais e não explica tudo.

Se assim é, como a victimas de tales sacrificios é de méritos infinitos, infinitos são tambem os meritos que redundam desses sacrificios: desse modo será suficiente uma unica missa para libertar do Purgatorio quantos lá estejam e quantos lá tenham de estar.

Mas essa doutrina é que lhes não serve, porque então lá iria agua abaixo o manancial dos pingues provenitos.

Desinteressadas e santas criaturas, sobre tudo...

Lucifer

JULIA AUGUSTA MENDES

Rua Fernandes Thomaz — 59

COIMBRA

Acceita hospedes para casa, cama, roupa lavada e engomada, e tambem só para comer.

EDITAL

(Copia)

O Doutor Antonio Pereira e Solla, Juiz presidente do Tribunal do commercio de Figueirô dos Vinhos.

Faço saber que no dia 5 de abril proximo por dez horas á porta do Tribunal do commercio da Cidade de Lisboa se hade proceder na venda e arrematação em hasta publica, a direito e acção que a massa fallida de João Alves Bebiano tem ás cinco sextas parte dos mobiliarios e immobiliarios da Fabrica de Escoubaes, em Castanheira de Pera, comarca de Figueirô dos Vinhos, que será posta em praça pela quantia de trinta contos de reis, sendo pelo presente citados quæsquer credores Incertos que se julguem com direito á dita fabrica para o declararem dentro do prazo da lei.

E para constar se passa o presente que será affixado á porta do predio. Figueirô dos Vinhos, — vinte e tres de marçô de mil novecentos e nove.

Elycio Nunes de Carvalho com o Juiz Presidente — *Antonio Pereira e Solla*.

Amendoas

Na Casa Innocencia rua de Ferreira Borges, 91 a 97 encontra-se grande sortido de amendoas e confeitos, estes desde 300 a 360 réis e aquellas desde 340 e 650 réis o killo. São ao todo 43 qualidades todas fabricadas nesta Casa já bem conhecida do publico e premiada nas exposições a que tem concorrido.

Os compradores de 5 killos ou mais tem desconto de 20 réis em killo; e alem disso, os que compram de 15 killos para cima, tem bonus de 2 p. c. a 5 p. c. conforme as quantidades, pagando á vista.

Ha tambem doce sortido, rebuscados, marmellada, doces de fructas etc. etc: e todos os artigos de mercearia que vende por preços minimos.

A tabella de preços é a do anno passado, apesar do assucar e o miollo de amendoas, ter subido este anno muito.

Mandam-se tabellas a quem as requisiitar.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1º.

A REVOLTA

Encontra-se á venda em Lisboa na TABACARIA MONACO, Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

ver-vos todo esse amor impetuoso e ardente? Falar-vos dessas horas inolvidáveis de prazer, dos momentos de tristeza, dos desgostos, das alegrias?

— Para quê? Para quê?

— Basta que vos diga que foi a mulher que mais teve da minh'alma, que mais me impressionou, que mais me fez viver.

— Ora uma noite, quando estávamos, sós, no salão, docemente enlaçados no sofá, e eu lhe dizia, entre beijos requintados, palavras ternas que já milhezes de vezes repetira, ella, com grande surpresa minha, arrancou-se-me precipitadamente dos braços e caminhou para uma mesa proxima.

— Nesse mesmo instante o Moraes entra. Olhou-nos, cumprimentou seca mente, atravessou o salão a passos firmes e desapareceu por traz dum repositor.

— Maria — ficou branca varada de espanto e só pôde abrir os labios para dizer sumidamente:

— Foi buscar o rewolver!

— Dei umas voltas atoadas e fui colocar-me entre ella e a porta por onde o Moraes sahira.

— Nesses minutos terríveis odiei-o terrivelmente.

— Alberto tornou a atravessar o salão serenamente, com firmesa. Os seus passos ouviram-se na escadaria. A porta rangeu e a campainha teve uma leve tremura que nos irritou.

(Continua)

— Não estou, não! mas falemos de outras coisas.

— Vinho triste...

— Figos secos? Como é que uns simples figos podem faser lembrar coisas tão sérias? Não, agora tens de contar...

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietário fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em depósito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrela

LEGITIMOS

A venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no gênero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos, concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios. Doces de fruta de diversas qualidades, sécos e cristalizados. Fabricam se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os gêneros, especializando os de jolhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Sauisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margarida.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principais marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Depósito dos magníficos vinhos da Empreza Vinícola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiséptico intestinal

E o remedio mais eficaz para a expulsão de lombrigas, tanto em crianças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as crianças salvadas com elle.

O **Vermifugo Faria**, é diferente dos que existem do mesmo gênero e duma eficácia superior a todos sem exceção. O doente que não deitar vermes pode afirmar que os não tem.

O **Vermifugo Faria** limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quais forem, destroem as fermentações putridas e anormais, cura as infecções intestinais e as dysenterias infecções, e como é um grande antiséptico intestinal, os dentes melhoraram, mesmo que não deitem vermes.

O **Vermifugo Faria** não tem deposito no fundo do frasquinho e quando o tenha, este diss. lve-se de repente mettendo o frasquinho em agua quente. Preço do frasquinho em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frasquinhos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.º, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.º, Rua Ferreira Borges.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e fregueses que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanelas d'algodão, metro	60
Ditas, cós lisas, muito largas, metro	120
Córtex de vestido com 7 metros, de pura lã e lâ e seda, a 1\$50, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugs para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creaçā, desde	51
Ferrros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lencos d'algodão para a cabeça, a	80
Lengos de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanelas, muito finas, seu valor 1\$000 réis, a	

E um sem numero de artigos que só à vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, gênero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofoador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os fregueses, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o público.

Só anunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de anunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMARES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 e 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nos vendem bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500



JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os meses de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os gêneros

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCERIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e África Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typografia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

de

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Colmbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor peltaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecem impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida.

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

de José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedae de luxo.

Sortido completo em pomadas de cós e cremes para a conservação de calçado. Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principais fábricas nacionais e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da boca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA